This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

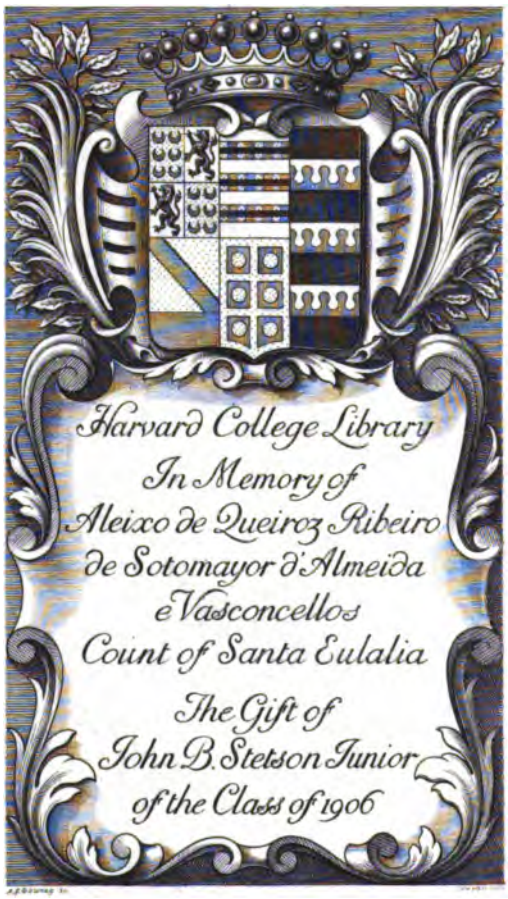
- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

Int 6285.3.35


Harvard College Library
In Memory of
Aleixo de Queiroz Ribeiro
de Sotomayor d'Almeida
e Vasconcellos
Count of Santa Eulalia
The Gift of
John B. Stetson Junior
of the Class of 1906

MISCELLANEA

HELLENICO-LITTERARIA

OFFERECIDA

AOS ESTUDANTES DA 2.ª CADEIRA

DO

CURSO SUPERIOR DE LETRAS

PELO PROFESSOR DA MESMA CADEIRA

ANTONIO JOSÉ VIALE

Do conselho de Sua Magestade

Socio effectivo da Academia Real das Sciencias

Ολιγη δοσις· αιθε φιλη γενοιτο!
Ex Hom.

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1868

MISCELLANEA

HELLENICO-LITTERARIA

MISCELLANEA

HELLENICO-LITTERARIA

OFFERECIDA

AOS ESTUDANTES DA 2.ª CADEIRA

DO

CURSO SUPERIOR DE LETRAS

PELO PROFESSOR DA MESMA CADEIRA

ANTONIO JOSÉ VIALE

Do Conselho de Sua Magestade

Socio effectivo da Academia Real das Sciencias

Ολιγη δοσις· ειθε φιλη γενοιτο!

Ex Hom.

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1868

Port 6255.3.35

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN B. STETSON, Jr.
MAY 28 1924

AO ILLUSTRISSIMO SENHOR

JOSÉ MARIA PEREIRA RODRIGUES

EM SIGNAL DE ESTIMA E GRATIDÃO

O. C. D.

O Auctor.

Loquuti sunt adversum me...
Tu laudem meam non *tacuisti.*

Ex Psalmo CVIII.

ANTELOQUIO

A creação do curso superior de letras foi um verdadeiro progresso na organisação da instrucção publica em Portugal. Na mente do esclarecido soberano a quem se deve a iniciativa d'esta instituição, o curso de letras era apenas o primeiro passo dado para o estabelecimento de uma escola superior com o numero de cadeiras de litteratura, philologia, historia e philosophia, correspondente á importancia e dignidade de uma faculdade universitaria. O pensamento do senhor D. Pedro V, de saudosa memoria, ainda não foi ampliado até ao seu completo desenvolvimento. Sê-lo-ha, sem duvida, em epocha mais ou menos proxima, segundo for mais ou menos vivo o zêlo d'aquelles a quem incumbe o cuidado de promover juntamente com os interesses materiaes do paiz os não menos attendiveis da solida instrucção em todos os seus graus e em todos os seus ramos.

Todavia algum fructo se tem já colhido da nova instituição. O publico tem tido occasião de admirar os conhecimentos e a facundia da maior parte dos professores, e alguns alumnos deram publicas provas de applicação e aproveitamento em dois ou tres generos de estudos entre nós até agora pouco ou nada cultivados.

O professor da 2.ª cadeira, conscio da inferioridade do seu

engenho, tem procurado compensa-la, de alguma maneira, abrindo espontanea e gratuitamente uma aula subsidiaria na bibliotheca nacional; forcejando por supprir, quanto está ao seu alcance, em proveito dos seus estudantes, a deficiencia que se nota em quasi todos elles pelo que diz respeito ao conhecimento das linguas grega e latina.

Com effeito, segundo a actual organisação dos estudos secundarios, a instrucção ministrada nos lyceus, por professores incontestavelmente muito doutos e muito habeis, é bastantemente ampla e variada, como preparação para a frequencia das faculdades superiores, que tem até estes ultimos tempos existido entre nós. Para cursar com aproveitamento estudos superiores propriamente litterarios, os preparatorios exigidos pelo regulamento vigente são fracos, incompletos, nimiamente superficiaes, n'uma palavra, insufficientes. Expressamente o reconheceu o augusto fundador do curso superior de letras na carta dirigida em 31 de outubro de 1858 ao então ministro da fazenda, hoje ministro do reino e presidente do conselho, o ex.mo sr. conde de Avila [1]. O remedio completo a este mal, só póde provir do alto, isto é, de providencias emanadas dos poderes publicos.

Outro inconveniente que difficulta entre nós o progresso nas disciplinas que constituem o curso de letras, é a escassez de livros subsidiarios, de que os alumnos possam prover-se para melhor aproveitarem a doutrinação oral de seus mestres. É de desejar que este obstaculo á propagação e progressos da instrucção historica, litteraria e philosophica, se vá desvanecendo mediante os esforços de escriptores zelosos e competentes.

[1] Publicada em appendice ao eloquente *Elogio historico do sr. D. Pedro V* recitado pelo sr. Rebello da Silva em 26 de abril de 1863, na sessão publica da Academia Real das sciencias, e impresso na typographia da mesma Academia.

O que sobre este ponto acaba de aqui se dizer, torna manifesto o fim a que se dirige a presente publicação, que será talvez seguida de outras com o mesmo intuito. Realmente, em nenhum outro ramo do ensino escolar se torna tão sensivel a falta de obras accommodadas ao uso dos alumnos, principalmente a de livros escriptos no idioma patrio.

Uma parte das differentes peças de que se compõe a presente *Miscellanea,* já estava publicada em diversos periodicos, outras vem a lume pela primeira vez. Para todas pede o auctor a indulgencia dos entendedores.

Relativamente ao *Manual historico da litteratura grega,* cumpre aqui advertir que as edições dos auctores classicos n'elle indicadas não são as reputadas melhores pelos bibliographos e pelos bibliophilos, mas sim as que se julgam bastantemente correctas, e de acquisição facil e economica.

Pelo que respeita ás versões de alguns cantos da *Divina Comedia* incluidas na *Miscellanea,* alem da importante obra auxiliar recommendada no logar competente, a paginas 159, cabe aqui mencionar, com o devido louvor, um breve, mas substancial escripto do sr. José Maria Pereira Rodrigues sobre o grande poeta florentino e sobre a sua trilogia. O sr. Pereira Rodrigues havia-o composto em 1861 para dar uma prova da sua applicação, quando frequentava a aula de litteratura moderna do curso superior de letras, então regida, não menos brilhante que desinteressada e generosamente, pelo sr. conselheiro Mendes Leal. Depois o incluiu no numero de outros opusculos e artigos, cuja collecção com o nome de *Ensaios litterarios,* saiu á luz em 1863, na typographia universal.

HOMERO E DANTE

Entre as duas epopeas de Homero e a *Divina Comedia* de Dante parece, á primeira vista, difficil achar ponto de comparação. Effectivamente, emquanto ao sujeito, á fabula, e ao plano geral, nada ha menos similhante entre si do que os poemas em que se canta a cholera de Achilles e os errores de Ulysses, e a trilogia do illustre Florentino. A unidade de acção que se observa na Iliada e na Odyssêa, a belleza e nexo de seus episodios (sem fallar da maravilhosa execução do mais bem delineado plano) fizeram que o grande mestre, não menos de litteratura que de philosophia, Aristoteles, apresentasse aquellas duas epopeas como typo perfeito e unico do mais difficil e sublime de todos os generos de poesia. Desde então até aos nossos dias, no longo decurso de vinte seculos, de quantos vates aspiraram ás supremas honras do Parnaso, poucos deixaram de propor-se imitar na traça de seus poemas heroicos o grande modelo preconisado, e quasi divinisado, pelo Estagyrista. Todavia alguns houve que, desprezada a trilha commum, se atreveram a perlustrar regiões ainda não devassadas pelos seus predecessores; e pela originalidade de suas concepções se emanciparam da estricta sujeição a regras, que talvez considerassem como arbitrarias, por isso que em si mesmos sentiam os impulsos de um estro que os arrebatava para alem da esphera ordinaria. No pequeno numero d'estes genios independentes e altivolos, mais feliz que todos no exito da empreza, exito applaudido concordemente pelos

litteratos de todos os paizes, avulta, como gigante, o proscripto Gibellino, Dante Alighieri. «Entre a creação do primeiro homem (diz um critico moderno) e as trevas do derradeiro juizo, ha a humanidade: entre o Genesis e o Apocalypse, um livro estava ainda por fazer: este livro é a *Divina Comedia*. O poema de Dante é uno e trino, á imitação de Deus. Divide-se em tres partes: o Inferno, o Purgatorio, o Paraizo —o castigo, a expiação, a recompensa.— A estas tres partes correspondem tres personagens —Dante, Virgilio, Beatriz— o homem, a rasão, a revelação».

N'este preambulo ao specimen que tenho a honra de apresentar á academia e ao publico, de minhas traducções dos dois vates, Grego e Toscano, não é meu proposito repetir pela millionesima vez os encomios, com que um e outro têem sido engrandecidos e exaltados por tantos e tantos escriptores, alguns dos quaes levaram o fervor do seu culto até aos excessos do fanatismo e da idolatria[1].

[1] É geralmente sabido que na antiguidade pagã alguns altares se consagraram a Homero e que d'elle cantou um poeta latino:

«Meruit Deus esse videri;
«Et fuit in tanto non parvum pectore numen.»

Mesmo entre christãos não faltou quem attribuisse ao principe dos epicos não sómente o conhecimento de todas as artes e sciencias, senão tambem o dom da prophecia. Pretendeu-se que os acontecimentos de maior importancia, politicos e religiosos de todos os povos e de todas as idades, se achavam mysteriosamente predictos nos seus poemas. Se assim fosse, pena seria, que tendo nós uma *Clavis Homerica* para a intelligencia do sentido litteral de seus versos, não possuissemos uma chave para a sublime exegese do sentido tropologico e prophetico dos mesmos versos! Pelo que respeita a Dante, é não menos notorio que os seus cantos foram lidos e interpretados a expensas publicas, por uma serie de expositores (começando por Bocacio) em varias cidades, e ás vezes no sagrado recinto dos templos. Por este modo a obra do proscripto de Florença, que até não houve difficuldade em se qualificar de *divina*, quasi que foi igualada em veneração, á categoria dos livros inspirados! Os curiosos de historia litteraria tambem não ignoram, que Cecco d'Ascoli (segundo affirmam alguns auctores) foi queimado vivo em Florença, por ter abocanhado a reputação de Dante, já então fallecido. Como contraste a este excesso de supersticiosa admiração, acaba de publicar-se em Paris um livro (escripto por M. Aroux) em que se pretende provar que Dante fôra herege, revolucionario e socialista!!! «*Ó cieca umana mente, Come i giudizj tuoi son vani e torti!!!*»

O que tenho em mira é tão sómente declarar o motivo que me levou a occupar-me na tentativa (cuja difficuldade não desconheço) de verter, successiva e alternadamente, alguns cantos dos poemas acima indicados, que ao primeiro aspecto parece não terem entre si a minima analogia. O motivo foi o seguinte. Não obstante essa nenhuma similhança, ou mesmo absoluta differença, entrevi (e julgo que os conhecedores das duas linguas concordarão commigo) uma notavel conformidade entre a singeleza e naturalidade dos dois estylos, homerico e dantesco. O pertencerem ambos os dois grandes poetas a epochas de civilisação ainda não adulta; sendo o primeiro d'elles, anterior ao seu completo desenvolvimento na Grecia; e o segundo, apenas precursor do renascimento das letras na Italia, explica sem duvida, ao menos em parte, a rasão d'esta singeleza de estylo, igualmente amena e deleitosa no cantor de Achilles e de Ulysses, e no amante de Beatriz. A alguem parecerá talvez um paradoxo caracterisar de singelo o estylo de Homero, que é geralmente havido como inexcedivel exemplar de magniloquencia. Eu me explicarei. Quando qualifico de singelo o estylo de Homero, não entendo fallar restrictamente do genero de elocução *simples*, que os rhetoricos contrapõem ao *temperado* e ao *sublime;* e que sendo proprio dos dialogos e discussões sobre assumptos de pouca monta, deve dominar nas cartas familiares, em grande parte das composições didacticas, nos apologos, nas comedias, etc. Se bem que Cicero falla sempre d'esta especie de estylo com certa complacencia e predilecção; e sem embargo de que todos os litteratos de um gosto apurado, se deliciam na leitura dos escriptos em que reina a concisão, e a pureza e propriedade de dicção, tres qualidades caracteristicas d'este genero de elocução; todavia, forçoso é confessar, que um poema epico, heroico, ou dramatico, em que dominasse exclusivamente um tal estylo, não poderia ser contado entre as obras primas de litteratura de nenhum seculo. A *singeleza* portanto no sentido em que a tomo aqui, attribuindo-a ás grandes epopeas homericas, e á sempre admirada e admiravel trilogia de Dante, consiste principalmente na naturalidade sempre constante da elocução,

e na carencia de ornatos demasiadamente brincados. Com effeito na Iliada e na Odyssêa, raros exemplos se encontram das muitas e variadas especies de figuras, de pensamentos e de palavras, de que os rhetoricos, e especialmente Quintiliano e Vossio, nos dão um quasi interminavel catalogo. As similhanças, comparações e imagens, as sentenças, e alguns tropos, taes como as metaphoras, synecdoches e metonymias, formam, conjunctamente com os epithetos e com a harmonia imitativa de alguns logares, o principal adorno do estylo homerico. O mesmo com pouca differença se póde affirmar ácerca da elocução do *altissimo* poeta Toscano. No banquete que aquelles dois principes da poesia offerecem aos seus leitores (seja-me permittido exprimir-me assim) elles, menos generosos que outros em iguarias adubadas e em golosinas, folgam em ministrar a todos um alimento substancial, saudavel, e grato ao paladar de convivas sobrios e de gosto delicado.

Debaixo d'este aspecto, isto é, sómente emquanto á parcimonia dos adornos, é que eu aqui considero os dois poetas, assimilhando-os n'este unico ponto, sem por maneira alguma tentar estender a mais longe a confrontação.

Só a leitura de seus divinos poemas, feita nas linguas originaes, com os necessarios subsidios philologicos, póde estabelecer a este respeito uma plena convicção. As traducções, sendo sufficientes (quando fieis) para darem a conhecer os originaes emquanto á traça geral, ao maravilhoso da fabula, ao nexo dos episodios com a acção, á propriedade e coherencia dos caracteres, á expressão dos affectos, as traducções, digo, (mesmo as melhores) são quasi sempre insufficientes, quando se trata de avaliar exactamente o estylo dos auctores trasladados para outro idioma. Sirva de exemplo a magnifica versão da Iliada e da Odyssêa por Pope; versão para a qual subscreveu tudo quanto havia mais illustre na Gran-Bretanha, e que grangeou merecidamente ao traductor um dos primeiros logares no Parnaso Inglez. A decantada, e com rasão decantada, versão de Pope, emquanto ao estylo não representa cabalmente o seu original, porque em centenares de passos substitue (para assim me explicar)

aos trajos simples, e algumas vezes desalinhados, dos antigos guerreiros gregos, as galas e louçainhas, usadas em epocha de requintada civilisação, e na côrte brilhante de Carlos II. O celebre poeta italiano, quasi nosso contemporaneo, Vicente Monti, na sua bellissima traducção da Iliada (que escureceu completamente a de Salvini, e quasi de todo a de *Cesarotti)* afastou-se muito menos que Pope da nobre singeleza de Homero; porém assim mesmo, em muitos logares, esmaltou com cores suas os quadros do grande pintor da natureza; quadros, cujas copias copiou, por estar fóra do seu alcance o original. Isto pondero eu (nem seria mister declaral-o) sem a minima intenção de desluzir, com quasi sacrilega ousadia, a fama de Pope e de Monti, que mesmo como traductores «*longe sequor et vestigia semper adoro*». Pretendo unicamente dizer que n'aquellas tão primorosas copias, os sabedores da lingua grega nem sempre reconhecem o colorido muitas vezes brilhante, mas algumas vezes sombrio, e nunca deslumbrante, do grande mestre, que em mais de uma occasião não se dedignou debuxar e colorir de *morte côr* algumas imagens.

Feliz culpa sem duvida, a de quem sabe tornar mais bello o que já de si mesmo era bello! Entretanto talvez possa dizer-se, que aos traductores cabe n'este ponto menos liberdade que aos artistas.

Apelles, Lysippo e Pyrgoteles foram applaudidos pelos contemporaneos e pela posteridade, por haverem engenhosamente encoberto ou disfarçado os defeitos do rosto e do pescoço de Alexandre. O nosso caso porém é differente. Não me refiro a haverem aquelles dois traductores encoberto imperfeições, mas sim a terem querido dar maior realce a perfeições existentes. Ora, alem da obrigação que o traductor tem de ser fiel, quanto for possivel; sempre que elle ousa ataviar com ornatos proprios as imagens alheias, arrisca-se a fazer-lhes perder parte do seu effeito artistico. A este perigo não me expuz eu por certo. De muito diversa, e até contraria natureza, é a censura que poderá ser feita a quem per si mesmo se reconhece «*De texto opimo interprete engoiado*».

Entretanto, talvez algum serviço haja prestado ás letras patrias.

se a publicação d'estas minhas traducções contribuir para se excitar em alguns dos nossos jovens litteratos de altissimo engenho, e de já reconhecido merecimento, um vivo ardor pelo estudo dos monumentos da litteratura classica. Sei que alguns d'esses mancebos, ricos de talento, e até aliás de não vulgar instrucção, mas ainda não iniciados nos mysterios da bella antiguidade, consideram como superstícioso todo o culto consagrado ás reliquias do antigo mundo grego, romano e da idade media. São *profanos e descrentes,* só talvez por um vago receio de haverem de luctar com graves difficuldades, antes de poderem saborear-se nas bellezas das antigas litteraturas. As difficuldades que se lhes antolham são-lhes exageradas pela imaginação juvenil. Para travarem amisade com o cisne da Meonia, lendo seus poemas no idioma das musas, não carecem preparar-se descendo ao antro de Trophonio; nem para se familiarisarem com a *Divina Comedia,* lendo-a na lingua em que foi escripta, hão mister de baixar primeiramente ao Purgatorio de S. Patricio. De todos os poetas gregos, Homero é o mais facil de entender; n'esta facilidade até faz vantagem á maior parte dos prosadores. É verdade que outro tanto não póde dizer-se, a respeito da dicção de Dante, comparando-a com a dos outros poetas italianos dos seculos posteriores. Com um bom diccionario porém, e com o auxilio de algum commentador, a *Divina Comedia,* poema composto em uma lingua tão similhante á nossa, não é, para um leitor instruido e perspicaz, um bosque tão emmaranhado e escuro, como a mysteriosa selva, em que o vate se achou embrenhado —*Em meio curso da terrestre vida.*

Voltaire, aliás sufficientemente versado na lingua italiana, não duvidára affirmar, que a trilogia do Dante nunca seria popular entre os litteratos da sua nação. Com o chiste que lhe era natural, disse, escrevendo ao Abbade Bettinelli, que mais de uma vez lhe haviam furtado algum volume de Ariosto; ao mesmo tempo que o seu Dante descansava seguro, inviolado, n'uma das mais accessiveis estantes da sua livraria. Comtudo, Voltaire enganou-se. Hoje a *Divina Comedia* é lida, relida, commentada, estudada em França, não

só pelos candidatos aos gráus superiores na faculdade de letras, como habilitação necessaria para os conseguir; mas tambem por todos, ou quasi todos os que se prezam de cultores das artes bellas. Muitas são as traducções que das obras de Dante se têem feito n'aquelle paiz, aliás tão opulento em producções proprias, pertencentes a todos os generos de litteratura. Lembra-me citar as versões de Grangier, conde de Estonville, Clairfous e Rivarol, Artaud, Fiorentino e Brizeux. Recentemente até houve quem se abalançasse a traduzir toda a *Divina Comedia* em tercetos rimados, empreza que attenta a indole pouco poetica do idioma francez, se teria julgado temeraria, se o auctor, M. de Ratisbonne, a não tivesse levado a cabo com quasi constante felicidade, na opinião de juizes competentes. Apesar da muita maior conformidade da nossa lingua com a do vate de Florença, grande foi o arrojo do meu commettimento. Dar-me-hei por satisfeito se o publico illustrado m'o não levar a mal, e se esta amostra de versões, uma em verso solto, outra em tercetos, for por elle acolhida com indulgencia.

É de desejar, para credito da nossa patria, que ao desenvolvimento que n'ella vae tendo, desde alguns annos, o estudo das sciencias, corresponda um igual progresso na cultura das amenas disciplinas. Ninguem ignora, que as sciencias e as letras são igualmente indispensaveis para o incremento da civilisação. Mal cabida seria n'este caso qualquer contestação sobre preferencias. Nada poderia concorrer tanto na nossa terra para cimentar uma firme, igual e proficua alliança, entre tão nobres potencias, como a creação de uma faculdade de letras; projecto já felizmente apresentado no parlamento por um dos nossos mais benemeritos consocios [1]. O estudo dos classicos gregos e latinos, debaixo de um ponto de vista elevado, e para assim o dizer esthetico, influiria, prompta e poderosamente, no gosto litterario dos nossos esperançosos mancebos.

Á singeleza encantadora, ao estylo *simplex munditiis,* isto é, ao

[1] Isto foi escripto em 1853, portanto seis annos antes da creação do curso superior de letras.

adorno viril e desaffectado, que se admira nos primeiros monumentos litterarios, dos gregos, latinos e italianos, succedeu, com o andar dos tempos, entre os mesmos povos, aquella elevação excessiva, aquelle quasi continuo emprego de imagens brincadas, de subtilezas, antitheses, emphases e allusões violentas, que Quintiliano qualificava de *doces vicios*, quando se referia ao estylo de Seneca, e de que com rasão tambem se queixam bons criticos italianos quando quilatam o merecimento dos seus escriptores seiscentistas. No nosso Portugal, depois da epocha brilhante em que um consideravel numero de escriptores em prosa e em verso (entre os quaes occupa o primeiro logar o immortal auctor dos Lusiadas) se distinguiu pela pureza da linguagem, e por um estylo fluente e desambicioso, seguiu-se uma longa epocha de decadencia e de degeneração do bom gosto; epocha que coincidiu quasi exactamente com a invasão do marinismo na Italia, e do gongorismo na Hespanha (para não fallar agora na França, que tambem não escapou ao quasi geral contagio). A restauração dos estudos entre nós, no reinado do senhor Rei D. José, veiu desterrar quasi totalmente da nossa litteratura os arguciosos conceitos e os afeminados adornos, que a desprimoravam. Contra a renovação de taes abusos do engenho, que aliás não deixam de ter certo attractivo seductor, servirá de preservativo a leitura attenta e reflectida das obras primas da antiguidade. Mediante essa leitura, os engenhos menos amadurecidos adquirirão pér si mesmos a convicção de que (como acertadamente diz um escriptor francez de grande auctoridade no assumpto [1]) muito se ganha quando se abre mão de todos os ornamentos superfluos; pois, para agradar áquelles a quem importa agradar, são bastantes as bellezas simples, faceis, claras e até, para assim dizer, apresentadas com um certo desalinho. Na eloquencia e na poesia, bem como na architectura, todas as partes ou peças devem constituir um ornato natural; todo o ornato porém, que é simplesmente ornato e nada mais, é de sobra; não contribue para o effeito, empece-lhe.

[1] Fénélon.

Escusado é dizer que o estylo singelo que predomina nos poemas de Homero e de Dante (o mesmo se póde affirmar do estylo de muitos dos livros sagrados dos dois Testamentos) não exclue por fórma alguma o sublime do *sentimento,* o sublime das *imagens,* e mesmo o sublime da *expressão,* que muitas vezes n'elles se encontram, e nos enlevam e arrebatam; e que são como outras tantas pedras preciosas do mais subido valor, engastadas em oiro finissimo. Póde asseverar-se sem receio de errar, que os grandes mestres, cujas obras convem tratar com mão diurna e nocturna, executaram constantemente o que de si prometteu o mais grandiloco de todos os poetas:

«Σμικρὸς ἐν σμικροῖς, μέγας ἐν μεγάλοις ἐσσομαι.» [1]

isto é, nunca perderam de vista o preceito dictado pelo bom gosto, e elegantemente inculcado por um dos nossos mais excellentes vates modernos:

«Co'a materia convem casar o estylo:
«Levante-se a expressão, se é grande a idéa,
«Se a idéa é negra, a locução negrege,
«E tenue sendo, se attenue a phrase.» [2]

[1] Pind., Pyth. III. v. 91.
[2] Bocage—Satyra a J. A. de Macedo.

O SEXTO CANTO DA ILIADA

TRADUZIDO DO ORIGINAL

Assim ás hostes Gregas, e ás Troianas,
No mais vivo calor da horrenda lide,
Falta a presença dos celestes Numes.
O bellico furor, já n'este ponto
Já n'aquelle, arde acceso, e entre os dois campos
Se cruzam de continuo os éneos dardos,
Do Símois e do Xanto entre as correntes.
O Telamonio Ajaz é quem primeiro
Rompe, feroz, a Dardana phalange,
E dá vigor aos seus, tirando a vida
Ao mais valente dos guerreiros Thraces,
D'Eussoro filho, intrepido Acamante:
Do elmo adornado de nutantes crinas
Sobre a viseira vibra horrendo golpe,
Tal que a ponta da lança lhe penetra
Dentro do osso da fronte, e ali se crava:
Em densa treva os olhos se lhe envolvem.
O bravo Dïomedes deu a morte
Ao Teuthranide Axýlo, que morava
Em Arisba alterosa, e que opulento,
Da humanidade amigo, a todos dava
Nos ricos lares seus, da estrada ao longo,
Com brandas mostras, gasalhoso hospicio;
Mas dos hospedes seus nenhum lhe acode,
Nem no lance fatal pôde salval-o!
Do filho de Tydeo ás mãos perece,

E com elle Calesio, o seu auriga;
Ambos descem a um ponto ao reino escuro.
Euryalo feroz a Dreso, a Opheltes,
Prostra, Pédaso assalta, assalta Esépo;
Ambos filhos da Naiade Abarbárea,
E de Bucolïon, que illustre prole
(Em annos o maior) de Laomedonte,
Á luz viera em clandestino parto:
Bucolïon, adulto, entre as ovelhas
Que guardava pastor, co'a bella Nympha
Se uniu, cedendo a amor: d'esses amores
Os dois gemeos são fructo, a quem agora
O Mycisteïde arranca a doce vida,
E as armas despe. Ao bravo Polypétes
Astyalo dá morte; o sabio Ulysses
A Pydite Percosio; ao nobre Etäon
O denodado Teucro; ao claro Abléro
O Nestoride Antílocho; e o supremo
Rei das hostes, Atride, ao forte Eláto,
Morador d'alta Pédaso, nas ribas
Do Satnois ameno. Embalde foge
O desditoso Phýlaco: succumbe
Do heroe Leïto ás mãos, que o segue, e doma;
Derriba e mata Eurýpylo a Melanthio.
O bravo Menelao captiva Adrasto,
A quem fugido tinham espantados,
Quebrada a lança ao carro, os seus ginetes.
De tamargueira um ramo os enleára
No rapido correr: dos fugitivos,
Da cidade em demanda, a trilha seguem.
Adrasto cae do carro, junto á roda,
Com a fronte no pó: vendo diante
O Atride Menelao, que a lança empunha,
Os joelhos lhe abraça, e humilde exclama:
«Salva-me a vida, valeroso Atride:
«Receberás esplendido resgate:

«Ricos thesouros guarda o lar paterno,
«Bronze, oiro, ferro com primor obrados:
«Meu genitor de tudo, em grande copia,
«Te dará, galardão d'infindo preço,
«Se vivo me souber na Grega frota.»
O vencedor condoe-se ouvindo o rogo,
E para as Gregas naus, a um servo entregue,
Vae remetter o incolume captivo;
Quando eis correndo chega, em ponto infausto,
Agamémnon, bradando enfurecido:
«Menelao, qual te move em prol dos Teucros
«Compaixão mal cabida? Em teus penates
«Bem se houveram por certo! Um só d'entre elles
«Não fuja ás nossas mãos; não fuja á morte
«Nem mesmo o infante no materno seio...
«Todos, todos, os d'Ilio, despareçam
«D'entre os viventes, e insepultos jazam.»
Do piedoso intento estas palavras
Demovem Menelao. De si repelle,
Tomando o sabio alvitre, o triste Adrasto:
Resupino este cae, ferido o lado
Pelo Atride maior, que o pé lhe finca
No peito, e da ferida arranca a lança.
Nestor brada, exhortando a gente Argiva:
«Eia, amigos, heroes, de Danao prole,
«Bravos ministros do cruento Marte,
«Nenhum de vós agora se detenha
«Em despojos buscar, com que regresse
«Para os baixeis onusto: aos inimigos
«Dêmos morte primeiro, e finda a pugna,
«Despojando os cadaveres no campo,
«Com vagar colhereis a rica presa.»
Assim fallando, no animo de todos
Tal vigor infundiu, que as hostes Teucras,
Cortadas de terror, então houveram
Nos muros d'Ilión buscado abrigo,

Se de Priamo o filho, o mais prestante
Dos agoureiros, Hêleno, não désse
Tal a Eneas e a Heitor, prudente aviso:
«Heitor e Eneas, sobre cujos hombros
«O mór peso recae d'esta defensa,
«(Que em conselho, e valor venceis a todos)
«Discorrei pelo campo, e pondo um termo
«Á derrota fatal, detende os nossos
«Lá das portas em frente, antes que fujam
«Té nos braços cairem das esposas,
«Feitos ludibrio do inimigo ovante;
«Mas depois que esforçado ambos houverdes
«Nossos soldados, firmes n'este ponto
«Pelejaremos nós (urgente é o lance)
«Com alento e vigor, contra os Achivos.»
«Tu, Heitor, á cidade os passos volve,
«E á tua, e minha mãe, isto aconselha:
«O que mais estimar, mais elegante,
«Maior, mais rico manto, que guardado
«Qual thesouro ella houver, escolha e tome,
«E rëunindo quantas venerandas
«Matronas Ilio encerra em seu recinto,
«Á cidadella suba, e descerradas
«Do templo de Minerva as altas portas,
«Humilde ponha aos pés da irada Deusa
«O manto precioso; e de immolar-lhe
«Doze novilhas vote, annejas, inda
«Nunca ao jugo sujeitas, se de Troia,
«Das esposas dos Teucros, e dos tenros
«Filhinhos seus, emfim tiver piedade;
«E se longe arrojar de nossos muros
«O filho de Tydeo, feroz guerreiro,
«Terror das hostes no tremendo encalço:
«Que dos Gregos reputo o mais valente,
«Pois nem de Achilles tanto medo houvemos,
«Bem que prole de Deusa o diga a fama:

«Hoje sanhá mais fera este respira,
«Nem resistir se póde a tanto arrojo.»
Assim fallou. Do irmão ao bom conselho
Docil mostrou-se Heitor, e do seu carro
Em terra, com as armas, baqueou-se;
Duas lanças vibrando, discorria
Pelas Teucras fileiras, accendendo
O nobre marcio ardor por toda a parte.
Renovou-se o combate; os fugitivos
Dos Gregos ao furor fizeram rosto;
Cessou do horrendo estrago a gente Argiva,
Julgando ao ver tão subita mudança,
Dos Teucros em auxilio haver baixado
Do estellifero polo algum dos Numes.
Heitor aos seus bradando, em altas vozes,
Exhortava á peleja: «Ó bravos Teucros,
«E vós, que vindos sois de longes terras
«A defender comnosco os muros d'Ilio,
«Varões vos amostrae: o valor vosso
«Todo, amigos, se empregue, em quanto a Troia
«Me vou, e aos anciãos de mór conselho
«Proponho, e ás nossas miseras esposas,
«Que dos Numes orando, o auxilio implorem,
«E promettam solemnes hecatombas.»
Isto dito, veloz, Heitor se parte,
Sobre os hombros lançando o ingente escudo,
Cuja borda, que entorno o cerca todo,
Ao caminhar, lhe açouta os pés e o collo.
N'este momento os filhos valerosos
De Hypólocho e Tydeo, Glauco e Diomedes,
Em o meio das hostes inimigas,
Com bellicoso ardor buscam peleja.
Já vae (proximos são) travar-se a lucta,
Quando o Tydide falla assim primeiro:
«Quem és tu, ó dos homens o mais bravo,
«Pois até aqui nos inclytos combates

«Não te hei visto jamais, e dás agora
«Prova cabal de indomito hardimento,
«Affrontando o furor da minha lança?
«São de infelices paes prole infelice
«Quantos ao meu valor ousam oppor-se.
«Mas se acaso és um Deus do céu descido.
«Do céu co'os Deuses pelejar não quero.
«De Dryas filho, o intrepido Lycurgo,
«Com os celestes Numes arrojou-se
«A decertar insano; porém caro
«Tal arrojo pagou: na florea idade
«Veiu a morte assaltal-o. Accommettêra
«A Baccho e as Nymphas suas, que no sacro
«Nysseio monte as órgias celebravam:
«Sacrilego as feriu com a aguilhada.
«Ellas todas, fugindo, incontinente
«Os thyrsos depozeram. Fugitivo
«Buscou no mar asylo o mesmo Baccho,
«Onde, assustado e tremulo, acolhido
«Foi de Thetis no candido regaço;
«Tanto os féros temeu do irado Dryas!
«Por causa tal contra este conceberam
«Atroz rancor os Deuses, que desfructam
«Ventura perennal. Da luz dos olhos
«Jove o privou. Do misero, odioso
«Aos Numes immortaes, foi curta a vida.
«Com tal exemplo pois, contra os celestes
«Combater não me apraz. Porém se acaso
«Um és tu dos mortaes que se alimentam
«Com os fructos da terra, te avizinha,
«Que cedo chegarás da vida ao termo.»

D'Hypólocho responde o claro filho:

«Porque perguntas pela estirpe minha,
«Magnanimo Tydide? Similhante
«É das folhas á sorte a sorte humana.
«Umas folhas o vento em terra esparge,

«Outras o bosque, germinando, cria,
«E as vês nascer na doce primavera.
«As gerações dos homens se succedem,
«Esta nascendo vem, fenece aquella.
«Mas se a minha linhagem assim mesmo
«Te agrada conhecer (bem conhecida
«Ella é por certo) praz-me contentar-te.
«Em um recesso d'Argos, abundosa
«Em rapidos corseis, está assentada
«A cidade de Ephýra. Ali reinava
«Sísypho, filho d'Éolo, o mais prudente
«De todos os mortaes. O nobre Glauco
«Foi de Sísypho prole, e pae ditoso
«Do assignalado heroe Bellerophonte.
«A este os Numes, prodigos, doaram
«Formosura, valor e úm genio affavel.
«Mas Préto, a cujo mando o summo Jove,
«Como a rei, sujeitára o povo Argivo,
«Anhelando do moço a perda, a morte,
«Da patria o desterrou, por trama infanda.
«Quiz a esposa de Préto, a nobre Antéa,
«C'o mancebo lograr, de affecto insana,
«Inconcesso prazer de amor furtivo:
«Mas seduzir não pôde o casto joven.
«A perfida, mentindo, então profere,
«Ao consorte fallando, estas palavras:
«A morrer te prepara, ou, justo, inflige
«A um scelerado réu supplicio extremo.
«Bellerophonte é o réu: de um torpe crime
«A mim ousou fazer proposta infame.
«Taes ditos escutando, acceso em ira
«O principe ficou; mas dar-lhe a morte
«Em seu lar não ousou, temendo os Numes.
«Para a injuria vingar, manda-o á Lycia,
«De noxias cifras portador infausto.
«Em dobrada tabella ao sogro envia.

«Do moço em damno, exiciaes mandados.
«Dos Numes protegido, elle partiu-se.
«Quando á Lycia chegou, do Xanto ás margens,
«Da vasta Lycia o rei, acolhimento
«Lhe fez amigo e lédo: em seu alcaçar
«Dias nove hospedou-o, e nove touros
«Em sua honra immolou; mas assomando
«A decima manhã no croceo polo,
«Emfim o interrogou, pedindo as cifras
«Que de seu genro Préto lhe trouxera.
«Como as houve entendido, em desempenho
«Dos dolosos, lethiferos mandados,
«Ao mancebo ordenou tirasse a vida
«Á Chimera feroz—horrendo monstro
«De raça divinal, que não de humana—
«Cabeça de leão, de drago a cauda—
«De cabra o ventre—da medonha bôca
«De fogo ardentes chammas exhalava.
«Elle, fiado em prosperos agouros,
«Morte lhe deu. Co'os inclytos Solýmos
«Pugnou logo depois, e das pelejas
«Sustentadas por elle em campo aberto,
«Por mais terrivel esta memorava.
«—Terceira lide emfim—prostrou vencidas
«As varonis guerreiras Amazonas.
«Voltava vencedor: novo perigo
«Elle houve de arrostar. Bravos mancebos—
«De toda a Lycia escol no marcio esforço—
«O rei dispoz, attentos, em cilada:
«Nem um só volver pôde a seus penates:
«Bellerophonte a todos deu a morte.
«De um Deus por prole então foi conhecido,
«Em seus paços ao rei prouve detel-o,
«E sua filha dar-lhe, e conferir-lhe
«Quinhão ao proprio igual no regio mando.
«Os mesmos Lycios, premio aos altos feitos,

«Um campo lhe doaram, separado,
«De todos o melhor, ameno e fertil
«Em lourejante mésse, em dons de Baccho.
«Triplice prole, entanto, da princeza
«Houve, Hypólocho, Isandro e Laodamía.
«Do Olympio Jove ao thalamo chamada
«Foi depois Laodamía, e Sarpedonte
«Deu á luz, em valor igual a um Nume:
«Mas, após, enojoso aos Deuses todos,
«Bellerophonte, em negro desalento
«Pela campina Aleia vagueava,
«Dos homens as pizadas evitando,
«Immerso todo em lugubre tristeza.
«A Isandro, filho seu, que pelejava
«Contra os Solýmos, Marte, insaciavel
«De sangue e de furor, privou da vida;
«E Dïana, que rege o argenteo carro,
«Morte deu subitanea a Laodamía:
«Hypólocho restava; este gerou-me;
«D'elle filho me digo. Aos Teucros muros
«O genitor mandou-me, e encarecidos
«Preceitos deu-me então: que em toda a lide
«Combatesse com animo esforçado,
«Nem jamais desluzisse a nobre estirpe
«De meus claros avós, os mais valentes
«De quantos produziu a illustre Ephýra,
«E a Lycia toda, intrepidos guerreiros.
«A linhagem tal é de que me ufano.»
Assim Glauco fallára. Attento e lédo
Dïomedes o ouviu, cravou na terra
A lança, e ao Lycio principe em resposta,
Blandiloquo, dirige estas palavras:
«Reconhecer em ti quanto me é grato
«Paterno hospede antigo! Enéo outr'ora
«Hospedando ao heröe Bellerophonte,
«Dias vinte o deteve em seu alvergue,

«E de affecto hospital bellos penhores
«Trocaram entre si. Talim purpureo
«Foi o brinde de Enéo: um aureo copo,
«De duas azas, deu-lhe o heroe de Ephýra;
«Rica prenda que guardo em meu alcaçar.
«Mas de Tydeo, meu pae, não hei lembrança,
«Que infante me deixou, tomando parte
«De Thebas na facção, fatal aos Gregos:
«Não se encontrem portanto as lanças nossas,
«Nem mesmo na refrega. Sobram Teucros,
«E auxiliares seus, a quem dê morte,
«Quantos aos tiros meus um Nume offreça,
«Ou no encalço eu alcance. Achívos sobram
«Para ti de igual sorte, a quem arranques,
«Se os podéres vencer, a doce vida.
«Agora as armas entre nós se troquem,
«Para que nóto seja ao campo inteiro,
«Que a santa lei do hospicio respeitâmos,
«Que entre si nossos paes ligara outr'ora.»
Isto dito, do carro ambos descendem,
E de eterna amizade, unindo as dextras,
Fazem jura solemne. Em tal instante
Offuscou Jove a mente ao nobre Glauco,
Que ao filho de Tydeo, com perda enorme,
Entregando o valor de uma hecatomba,
E o de só nove bois havendo em cambio,
Armas de ouro trocou por éneas armas!
Á torre n'este tempo, e ás portas Sceas,
Chegava o nobre Heitor, e em torno d'elle
Dos Teucros campeões se apinhoavam
As esposas, as filhas, perguntando
Novas dos filhos, dos irmãos e amigos,
E dos consortes caros. Em resposta
Sómente lhes tornou, que sem tardança
Aos Numes preces férvidas fizessem;
Atroz desdita a muitas impendia!

Eis de Priamo chega ao nobre alvergue,
De sumptuosos porticos ornado.
N'elle cincoenta camaras se viam,
De bem brunido marmore, dispostas
Todas no mesmo plaino; onde logravam
Do rei os filhos, cada qual ao lado
Da legitima esposa, o brando somno.
Em frente d'estas, no atrio magestoso,
Tambem marmoreas, outras doze estancias
Tinha o paço real; pousavam n'ellas
Do rei os genros, e as esposas d'elles.
Ali, por um acaso, Hecuba fôra
De Laodice em procura, a mais formosa
De quantas filhas déra ao rei longevo.
O filho encontra, corre, a mão lhe toma,
E n'estas expressões prorompe meiga:
«Que motivo a aqui vir te impelle, ó filho,
«E a peleja a deixar que ferve accesa?
«Acaso as Gregas execrandas hostes,
«Vencendo emfim a Teucra resistencia,
«Perto chegadas são de nossos muros;
«E á cidadella, em trance derradeiro,
«Vens erguer supplicante as mãos a Jove?
«Um pouco te detem: nectareo vinho
«Vou-me a buscar: a Jove e aos outros Numes
«Fazendo as libações, cumprido o rito,
«Restaurarás depois as lassas forças.
«Os fatigados membros refocilla
«Um licor generoso, e ora careces
«De vigor recobrar, que a força esgotas
«Em prol dos teus, sem folga, pelejando.»
«Amada genitriz, Heitor lhe volve,
«O licor de Lyeo não me offereças,
«Que em mim a força e esforço enervaria;
«Nem eu libar a Jupiter me atrevo,
«Inda impuras as mãos: que ninguem póde

«Immundo de suor, de pó, de sangue,
«Tributar grato culto ao rei dos Numes.
«Tu, ó mãe, de Minerva ao sacro templo,
«Juntando as nobres Dardanas matronas,
«Com süaves perfumes te endereça;
«E o mais rico, maior, mais refulgente,
«Manto que houveres, e te for mais caro,
«Da pulchrí-coma Diva aos pés depondo,
«No santuario seu doze novilhas
«Immolar-lhe promette, annejas, inda
«Não sujeitas ao jugo, se de Troia,
«Das esposas Troianas, e dos tenros
«Filhinhos seus emfim tiver piedade,
«E se d'Ilio sagrada afastar longe
«O filho de Tydeo, feroz guerreiro,
«Terror das hostes no tremendo encalço.
«Vae de Pallas portanto ao sacro templo;
«De Paris á mansão eu me dirijo,
«A ver se, docil, minha voz escuta,
«E deixa a inercia vil. Prouvera aos Deuses
«Que a terra, abrindo o seio, o devorasse!
«Grande desdita foi, que o Olympio Jove
«O fizesse crescer, funesto damno
«Ao rei, á regia estirpe, a toda Troia:
«Se eu de Dite á mansão baixar o visse,
«Teria em tanta dor algum conforto!»

Assim Heitor fallou. Foi-se a rainha
Aos aposentos seus, e os seus mandados
Ás servas intimou: juntaram prestes
De toda Troia as inclytas matronas.
Hecuba entanto á 'splendida, olorosa,
Recamera desceu, onde guardadas
Em copia tinha preciosas vestes,
De mui vario lavor, primores d'obra
Das filhas de Sidon, que outr'ora Paris
Sulcando o vasto mar, trouxe comsigo

Do Sidonio paiz, quando roubára
De Jupiter a filha, a bella Helena.
O manto tomou pois maior, mais bello,
Com mimo recamado a varias cores,
Que qual astro brilhava, e derradeiro
De todos encontrou, mais resguardado,
Em camiulfo se poz; e numerosas
A acompanhavam Dardanas matronas.
Como chegadas foram ao fastigio
Da cidadella, abriu-lhe as altas portas
Do templo de Minerva, a bella Theáno,
De Cisseo filha, de Antenor esposa,
A quem os Teucros conferido haviam
Da potente Minerva o sacerdocio.
Ellas todas á Deusa as mãos ergueram,
Em altos brados: a formosa Theáno,
Tomando o rico manto, de Minerva
Ante os pés o depoz, de Jove á filha
Taes dirigindo, humilde, instantes preces:
«Augusta Pallas, inclyta Patrona
«D'esta cidade, e a mais prestante Diva,
«De Diomedes quebra a rija lança,
«E em frente á porta Scea o precipita:
«Nós prestes n'este fano immolaremos,
«Gratas ao teu favor, doze novilhas,
«Annejas, inda ao jugo não sujeitas,
«Se houveres dó de Troia, e das Troianas
«Tristes esposas, e seus tenros filhos.»
Taes votos fez, orando, e as demais todas
Iguaes preces á Deusa endereçaram:
Irosa, a Diva não ouviu seus rogos!
De Paris, entretanto, Heitor demanda
O sumptuoso alvergue. O proprio Paris
Edificado o tinha, aos mais peritos
Artifices de Troia, commettendo
A nobre construcção das aureas salas,

Da nupcial estancia, e do alteroso
Vestibulo, vizinho ao regio alcaçar
De Priamo, e de Heitor, na cidadella.
Alli entrava Heitor, a Jove aceito,
Na mão levando a lança temerosa,
Onze covados longa, e cuja ponta,
De ferro acicalado, refulgia,
Com aureo annel no lenho bem firmada.
Paris logo encontrou, que as finas armas,
O broquel, a loriga, os curvos arcos,
Em brunir se occupava, e a Argiva Helena,
Que entre as damas sentada, repartia
Pelas servas lavor, qual mais mimoso.
Ao vel-o então, Heitor se não conteve,
E com taes o increpou pungentes ditos:
«Infeliz! Para ti grave desdouro
«É mostrar tal enojo em lance extremo!
«Entorno da cidade, e junto aos muros,
«Nossos soldados, combatendo, expiram:
«Tanto horror, tanto estrago, a ti se deve;
«E tu quedo aqui estás! tu que serias
«O primeiro a culpar qualquer guerreiro
«Que das mavorcias lides se esquivasse!
«Ora sus, corre ao campo antes que vejas
«Devorados do fogo os proprios lares.»
«São bem justos, Heitor, os teus reproches
«(Paris tornou-lhe) nem negar o quero.
«Mas ouve, attento e brando, a escusa minha.
«Não por enfado contra o Teucro povo
«Me detinha ocioso em meu alvergue;
«Mas sim por magoa que meu peito afflige.
«Porém agora mesmo a minha esposa,
«Com carinhosos ditos me exhortava
«A pelejar de novo, e eu proprio julgo
«Este alvitre o melhor, pois que a victoria
«Soe alternar, na guerra, os seus favores.

«Detem-te pois, emquanto as armas visto,
«Ou me antecede: seguirei teus passos.
«Não longa tem de ser minha demora.»
O valeroso Heitor a taes palavras
Resposta não volveu. A bella Helena
A Heitor se dirigiu, com branda falla:
«Prezado irmão, que nome injurioso
«Não mereço me dêem! Abominanda,
«Funesta causa eu sou de tantos males!
«Oxalá que um tufão de rijo vento,
«No meu infausto natalicio dia,
«Arrojado me houvesse a um monte inculto,
«Ou do alto mar ás fragorosas ondas;
«E eu n'ellas, submergida, perecesse!
«Tanto infortunio a tantos se poupára!
«Mas já que aprouve aos Deuses opprimir-nos
«Com desventuras taes, tivesse ao menos
«Por consorte um varão mais valeroso,
«E que ardesse, os motejos resentindo,
«De pundonor e de ira em nobre fogo:
«É frouxo: o animo seu não tem firmeza,
«Nem a terá jamais: e assim prevejo
«Que o fructo ha de colher de tanta insania!
«Tu porém entra, ó principe, e te assenta
«N'este escano: has mister algum repouso,
«Que a fadiga te opprime o corpo e a mente;
«E tudo (oh pejo! oh dor!) por culpa minha,
«E pelo crime do aleivoso Paris!
«Fomos assim por Jupiter fadados;
«Passarão nossos nomes e aventuras,
«Ludibriosa fabula, aos vindouros!»
Responde o bravo Heitor: «Gentil princeza,
«Aceitar não me é dado em taes momentos
«Teu convite cortez; porque no peito
«Sinto ferver desejo irresistivel
«De acudir, sem demora, aos meus Troianos,

«A quem pena, a quem damna, a ausencia minha.
«Por despertar em Paris tu forceja
«O marcio pundonor: elle se apresse
«E a mim se venha unir dentro dos muros:
«Á estancia minha entanto me dirijo,
«A ver do meu affecto as prendas caras,
«A estremecida esposa, o tenro infante;
«Pois não sei se outra vez me será dado
«A meus lares volver, tornar a vel-as;
«Ou se aos Numes apraz, que n'este dia
«A vida perca emfim ás mãos dos Gregos.»
Isto dito partiu-se em direitura
O valeroso Heitor ao proprio alvergue,
Onde prestes chegado, a cara esposa
Não achou. Com seu filho, acompanhada
De uma serva gentil, momentos antes,
Andrómacha, saira, e em celsa torre
Suspirava chorosa, á dor entregue.
Heitor não encontrando a esposa amada,
No limiar da porta se deteve,
E ás servas disse: «Respondei sinceras:
«Onde foi a princeza? Alguma acaso
«Das irmãs minhas visitar-lhe aprouve?
«De algum de meus irmãos talvez a esposa?
«Ou de Minerva ao templo dirigiu-se,
«Onde ora as outras Dardanas matronas
«Applacam o furor da irosa Diva?
«Pois que a verdade, só, saber te agrada,
«Nem de tuas irmãs foi a princeza
«Aos nobres aposentos, nem alguma
«Foi visitar das inclytas esposas
«De teus regios irmãos: tão pouco ao templo
«Da irosa Pallas dirigiu seus passos.
«Á excelsa torre d'Ilio encaminhou-se,
«Pois dos Teucros ouvira a grande affronta,
«E os estragos fataes da furia Achiva.

«Co'a ama, e o tenro infante, pressurosa,
«Ella partiu portanto, e quasi insana.»
A fiel despenseira assim responde.
Heitor sae apressado, e a mesma trilha
Que na vinda seguira, agora segue
Té que ao longo dos altos edificios,
Toda a vasta cidade atravessando,
Á Scea porta chega, onde se abria
A passagem ao campo. Eis ao encontro
Andrómacha lhe vem, a cara esposa—
Ricamente dotada—inclyta filha
Do intrepido Etión, que dos Cilicios
Monarcha fôra, na Hypoplacia Thebas:
A filha d'este heroe, então correndo
Vae o esposo encontrar, que armado parte;
E umá serva lhe leva no regaço
De Heitor o unico filho, o tenro infante,
Bello qual astro fulgido— Scamandro—
Heitor o appellidava: os demais Teucros—
Astyanax—de Troia o rei futuro—
Que era d'Ílion Heitor a só defensa.
Sem palavra soltar, ao ver seu filho,
Heitor sorriu-se. Andrómacha, chorando,
A mão lhe aperta, e diz: «Ó destemido,
«Ser-te-ha morte, sem falta, o teu denodo!
«Nem de teu filho infante has piedade,
«Nem de mim infeliz, que cedo deixas
«Em triste viuvez; pois antevejo,
«Que unida toda, e rabida, voltando
«Contra ti seu furor, a gente Achiva,
«Ha de cedo opprimir-te. Ah! menos duro
«Me seria eu morrer do que perder-te!
«Se te perco, ai de mim! que outro conforto
«Resta á minha orphandade, á minha magoa!
«Deu morte ao genitor o féro Achilles,
«Derribou dos Cilicios a cidade,

«A d'altas portas populosa Thebas;
«Mas ao forte Etión roubando a vida,
«Não ousou despojal-o, e o corpo, e as armas,
«D'arte primor, queimou na mesma pyra,
«E de terra lhe ergueu um monumento,
«Em de redor do qual, de Jove as filhas,
«Oréades gentis, olmos plantaram.
«Sete irmãos tive: todos sete foram
«Arrojados n'um dia ao reino escuro,
«Morrendo ás mãos do despiedoso Achilles,
«Que salteal-os foi, onde guardavam
«Os tardos bois, as candidas ovelhas.
«Restava minha mãe, antes rainha
«De Hypóplaco sylvosa—após, escrava
«No grego campo: fulgido thesouro
«Em premio recebendo, a liberdade
«Lhe dera o vencedor; mas cedo a triste,
«Alvo ás settas da Deusa caçadora,
«Perdeu a vida nos paternos lares.
«Hoje tu para mim, Heitor, és tudo,
«Pae, mãe, irmãos, o meu florente esposo.
«De mim pois te condoe, e n'esta torre
«Commigo fica, se não queres orphão
«Deixar o filho teu, viuva a esposa.
«Junto á figueira brava, ordena as hostes.
«Que por aqui mais facil á cidade
«A subida se mostra, e a menos custo
«Póde escalar os muros o inimigo.
«Já por aqui tres vezes o tentaram
«Os de esforço maior, os dois Atrides,
«O illustre Idomeneu, os dois Aiaces,
«E o filho de Tydeu; ou fosse sabio
«Conselho de agoureiro, ou fosse alvitre
«Que o proprio aviso seu lhes inspirasse.»
O invicto defensor dos Teucros muros
Volve em resposta: «A meu cuidado fica

«Quanto dito me tens, consorte amada;
«Mas arreceio do meu Teucro povo
«A justa exprobração: temo os motejos
«Das Troianas gentis, se qual cobarde,
«Evitar, retirado, as marcias lides.
«Taes não são de meu animo os impulsos:
«Sempre á frente dos meus, com nobre esforço,
«Constante pelejei, levando a mira
«No paterno fulgor, na minha gloria.
«Bem eu sei (inda mal) que virá dia
«Em que o sacro Ilión, e o seu monarcha,
«Que vibra a rija lança, e o povo Teucro,
«Perecerão: mas tanto me não pena
«A dor futura dos Troianos todos;
«A de Hécuba, a do rei, e a desventura
«De meus irmãos, que, tantos e tão bravos,
«No pó tem de exhalar o alento extremo,
«Quanto peno por ti, quando imagino,
«Que nos braços brutaes de algum dos Gregos
«Serás arrebatada, em vão chorosa,
«Perdido o doce bem da liberdade!
«Em Argos te verão, tecendo ás ordens
«De uma altiva estrangeira, ou, serva humilde,
«Ir á fonte Messeide, ou á Hypereia,
«Hydrias encher, com reluctancia summa:
«Porém será mister ceder ao fado!
«E alguem talvez dirá vendo o teu pranto:
«Eis a esposa de Heitor, que entre as phalanges
«Dos Teucros d'Ilio outr'ora defensores,
«A todos no valor levava a palma!
«Isto ouvindo, infeliz, dor mais profunda
«Teu peito ha de ferir; que a saüdade
«Em ti se avivará do amado esposo,
«Que podéra findar teu captiveiro.
«Mas antes cubra a terra o meu cadaver,
«Do que preza eu te saiba em mãos dos Gregos,

«Do que firam teus ais os meus ouvidos!»
Tendo fallado assim, as mãos estende
Heitor ao filho seu para afagal-o.
O infante volta o rosto e se conchega
Ao seio da ama, e grita espavorido,
Do pae temendo o marcial aspecto,
As éneas armas, e as equinas cristas,
Que do alto do elmo horridamente nutam.
Dos paes nos labios, repentino, assoma,
Em lance tão cruel, um doce riso.
Heitor subito tira o elmo luzente,
Sobre a terra o depõe; o seu querido
Filho beija, nos braços com carinho
Brandamente o meneia, e estas ferventes
Preces dirige a Jove, e aos outros Numes:
«Jove, e vós Deuses todos, concedei-me
«Que este meu filho seja entre os Troianos
«Tão illustre, como eu, tão valeroso,
«E em Ilio com vigor empunhe o sceptro!
«E inda alguem diga um dia: Este é mais forte
«Que o proprio Heitor seu pae; quando coberto
«De despojos o vir d'alta victoria,
«Domado e morto em campo o seu contrario;
«E a mãe de gosto exulte.» Assim dizendo,
Nos braços collocou da esposa amada
O menino gentil. Ella o recebe
No fragrante regaço, com sorriso
Misturado de pranto. Heitor ao vel-a
Da triste se condoe, e enternecido
Consolando-a, lhe diz com meigo afago:
«Amor meu, não te afflijas sem medida:
«Ninguem me dará morte prematura
«Do fado contra as leis: das leis do fado
«Nenhum dos homens que nascido tenha,
«Valente ou sem valor, póde esquivar-se.
«Volta portanto ao solito aposento,

«Na roca, no tear, nos teus lavores,
«Entende, e as servas ao trabalho obriga;
«Pertencem aos varões, filhos de Troia,
«E a mim mórmente, os bellicos cuidados.»
Isto assim dito, levantou da terra
Heitor o elmo de crinas emplumado:
Andrómacha partindo encaminhou-se
Á conjugal mansão, atraz volvendo
Mais de uma vez os olhos lacrimosos.
Chegada foi depressa á nobre estancia
Do magnanimo heroe, e n'ella muitas
Escravas encontrou: sentiram todas,
Ao vel-a, renascer no peito a magoa,
E o inda vivo Heitor, no seu alvergue,
Choravam já, presagas que do campo
Não tinha de volver, nem lhe era dado
Ao furor escapar das hostes Gregas.
Nos aposentos seus, Paris entanto
Sem tardança interpor, reveste as armas,
Ricas, de varia côr, varios lavores;
Pela cidade corre, e não receia
De Heitor não alcançar no fixo praso.
Qual fogoso corcel, por longo tempo
Bem farto no presepe, aos saltos corre,
Quebradas as prisões, pela campina:
Piza a terra com 'strepito, e a banhar-se
Affeito nos crystaes do rio ameno,
A cabeça ergue altivo, ondeiam densas
Das espaduas em torno as bellas crinas;
Conhece ufano a propria formosura,
E agil, lédo, veloz, o equino armento
Vae procurar nos solitos pascigos:
Tal de Priamo o filho, o gentil Paris,
Da cidadella vinha descendendo,
Todo alegre e loução, das finas armas
Despedindo qual sol vivos fulgores.

Apressado caminha, e em tempo breve
Encontra o nobre Heitor, que então deixára
O sitio onde fallára á cara esposa.
«Prezado irmão (a Heitor diz logo Paris)
«Talvez por culpa minha has reprimido
«O marcial teu impeto? Tão prestes
«Não vim, como ordenaste, a ti juntar-me?»
O valeroso Heitor, placido volve:
«Caro, ninguem que saiba os marcios feitos
«Exacto avaliar, no teu esforço
«Labéo poderá pôr: és denodado;
«Mas afrouxas de industria, a guerra evitas;
«E me pena escutar dicterios, queixas,
«Contra ti dos Troianos, que padecem
«Tantos males por ti. Porém partâmos:
«Congraçar-nos depois nos será grato
«Se a Jupiter prouver, que em nossos lares,
«Da liberdade a taça, agradecidos
«Aos sempiternos Deuses, empinemos,
«Quando de Troia os Gregos expulsarmos!

O PRIMEIRO CANTO DA ODYSSEA

TRADUZIDO DO ORIGINAL

Musa, os trabalhos a cantar me ensina
Do ardiloso varão, que longo tempo,
Agitado, vagou, depois que os muros
Da sagrada Ilión lançou por terra;
Que de distantes e mui varios povos
Viu as cidades, os costumes soube,
E magoas mil curtiu, a propria vida
Por salvar forcejando, e os companheiros
Reconduzir buscando ao patrio ninho;
Mas por salva-los se esforçou debalde!
Morte lhes foi seu proprio desatino.
Loucos! a fome, sofregos, fartaram
No, consagrado ao sol, bovino armento:
Do arrojo em punição, o irado nume
Negou-lhes do regresso o fausto dia.
Parte ao menos de tantas aventuras
Conta-me, ó filha do supremo Jove.

Já nos alvergues seus quantos a morte
Poupado tinha, lédos descansavam,
Salvos da guerra atroz, das ondas salvos:
Longe da patria, um só, longe da esposa,
Em solitaria gruta, era detido
Pela bella Calypso. Ardente affecto
Lhe consagrava a nympha, desejosa
De have-lo esposo: mas, volvendo os annos,

Chegado tinha o termino fadado
Em que Ulysses de novo entrar devia
Em Ithaca, seu reino, e em seu alvergue,
Onde, bem que entre amigos, aguardavam
Novos trabalhos o Ithaco guerreiro.
Tinham d'elle piedade os Numes todos,
Neptuno excepto, que com sanha atroce
Continuo o perseguiu, té que em seus lares
Entrou de novo o illustre peregrino.
Mas ás longinquas terras da Ethiopia,
(Paiz entre dois povos repartido,
Um no berço do sol, outro no occaso)
Neptuno fôra então, onde hecatomba
De cordeiros e bois lhe era immolada:
Folgava ali sentado a lauta mesa:
Do Olympio Jove, entanto, os outros Divos
Juntos estando na mansão celeste,
Entre elles a fallar foi o primeiro
Dos humanos o pae, o pae dos Numes,
Que, lembrado de Egistho a quem matára
O joven filho do mais velho Atride,
Taes palavras soltou: «Mal haja o sestro
Que a raça humana tem de sempre os deuses,
Injusta, criminar! A nós imputam
De seus males a culpa e, nescios, causa
Os homens são dos proprios infortunios.
Assim, sem que o forçasse a lei do fado,
Egistho ha pouco, com insano arrojo,
A esposa desposou do mór Atride,
E, quando este voltou, lhe deu a morte:
Se bem que sabedor do proprio exicio,
Que o Argicida explorador Mercurio,
Por nós mandado, lhe predisse: «O sangue
Não queiras espargir do illustre Atride,
Nem a manchar seu thoro te abalances;
Pois que de offensas taes seu filho Orestes

Ha de vingar-se, apenas lhe matize
Vello viril o rosto, e a mira volva
Á paternal herança.» Estes avisos
Que Mercurio levou, baldados foram,
E assim pagou n'um ponto os seus delictos.»
«Ó filho de Saturno, ó pae dos Numes,
Rei dos reis, lhe responde a augusta Pallas,
Bem justo foi que Egistho perecesse;
Quem taes obras fizer, tal fim encontre.
Mas eu me afflijo pelo forte Ulysses,
Que curte, ha tanto tempo, acerbas magoas,
Longe das caras prendas, na frondosa
Ilha que jaz do mar no central ponto,
Onde uma deusa habita, a filha bella
Do sabio velho Atlante, que os abysmos
Do mar todos conhece, e que sustenta
Do céu, da terra as solidas columnas.
Ella o varão saudoso, infortunado,
Com doces expressões detendo meiga,
Quer Ithaca riscar-lhe da memoria;
Porém debalde. Ulysses só deseja
Ver fumegar de longe os patrios tectos;
Dos céus ausente estando, anhela a morte.
D'elle a desdita não te pena, ó Jove?
Acaso Ulysses victimas outr'ora
A ti não immolou nos campos Teucros?
Contra elle que furor no peito aninhas?»
«Filha, queixumes taes soltar podeste,
(Responde o Deus que as nuvens amontoa),
Malquerer posso acaso ao nobre Ulysses,
Que em siso vence todos os humanos,
E aos immortaes do céu habitadores
Honrou sempre com victimas opimas?
Só Neptuno, que cerca a immensa terra,
Rancor atroz lhe tem, nunca esquecendo
Que, pelo arrojo e ardis do Ithaco nauta,

Em cegueira total penando vive
O mais potente dos Cyclópes todos,
O igual a um Deus, gigante Polyphemo,
Que elle gerára, em concava caverna
Com a nympha Thoosa, amada filha
Do rei marinho Phorco, havendo outr'ora
Logrado a furto férvidos amores.
Desde o caso fatal, do patrio solo,
Sem lhe a vida tirar, o afasta sempre.
Ora sus cogitemos como Ulysses
Haja emfim de voltar ao proprio alcaçar,
E os odios figadaes Neptuno abrande.
Lutará, só, contra os celestes todos?
Fôra, querendo tal, baldado o intento.»
«Ó pae dos Numes, de Saturno filho,
Rei dos reis, se de Ulysses o regresso,
Aos deuses todos praz, veloz Mercurio
Á ilha Ogygia mensageiro voe,
E á pulcra nympha intime o dos celestes
Unanime decreto em prol de Ulysses.
Eu a Íthaca irei; vigor, denodo
Infundir procurando ao joven regio,
Lhe inspirarei que intrepido convoque
Os petulantes procos a conselho,
E, resoluto, enfreie o bando iniquo,
Que os alheios haveres dissipando,
Devoram, sem cessar, do grosso armento,
E do miudo gado, as pingues rezes.
Farei depois que Esparta elle demande,
E Pylos arenosa: ali noticias
Inquira de seu pae, e a si grangeie,
Varias terras correndo, illustre fama.»
Isto dito, Minerva aos pés divinos
Os aureos borzeguins atou formosos,
Que sobre a terra e o mar leval-a soem,
Rapidamente, qual do vento os sopros:

Tomou depois a d'énea aguda ponta
Haste massiça, rigida, pesada,
Com que esquadrões belligeros derrota,
Quando irosa se mostra, em lide horrenda,
A de pae tão potente inclyta filha.
Pressurosa desceu do Olympo os cumes,
E em Ithaca parou, junto á portada
Do palacio de Ulysses, empunhando
A énea lança, a Mentes, nobre filho
Do Taphio povo, similhando em tudo.
No atrio encontra os procos insolentes,
Que em ocio, sobre as pelles assentados
Dos gordos bois que degolado haviam,
Seguem, jogando aos dados, seus folguedos.
Discorrem, entretanto, apressurados,
Aqui e ali, arautos e serventes;
Uns nas ornadas urnas temperando
O bacchico licor com pura lympha,
Uns com esponjas alimpando as mesas,
Outros pondo-as a geito ante os convivas,
Outros partindo as fumegantes carnes.
Entre os procos Telemacho assentado,
Em gentileza similhante a um Nume,
No espirito revolve, desalegre,
Serios cuidados, sempre na memoria
Tendo o caro seu pae, e imaginando
Como se elle volvesse, em breve espaço,
Postos em fuga os insolentes procos,
O seu throno e os seus bens recobraria.
N'estas cogitações todo embebido,
Minerva divisou. Soffrer não póde
Que á porta, sem que seja introduzido,
Espere longo tempo, hum forasteiro:
Sae a busca-lo, sem delonga, a dextra
Lhe offerece cortez, toma-lhe a lança,
E affavel lhe dirije estas palavras:

«Hospede *salve:* acolhimento amigo,
N'esta casa terás: o que desejas
Não duvides expor, depois que houveres
Em nossa refeição tomado parte:»
Isto dito, precede ao estrangeiro
(Que tal Minerva então se lhe figura)
Ambos entram no alvergue magestoso:
Telemacho na mão levando a lança,
A deposita em fulgida hasteria,
Junto a excelsa columna, onde outras muitas
Lanças estavam do valente Ulysses.
Depois a um nobre assento, acobertado
De rica pelle, conduziu a Diva,
Junto do qual um escabello estava,
Em que os pés repousasse; ornado banco
Perto d'ella achegou longe dos procos:
D'este geito o rumor de tal caterva
Molestia não causava ao forasteiro,
E d'elle o joven inquirir podia
Novas miudas de seu pae ausente.
Então de aureo gomil ás mãos lançava
Agua, sédula serva em vaso argenteo:
Após, lustrosa mesa ante os convivas
Já collocada, n'ella a despenseira
Pão e manjares põe em grande copia:
Pratos, logo depois, o cozinheiro
Trouxe com carnes de animaes diversos,
E taças de oiro, que o solerte arauto,
Cheias de vinho, presentava a todos.
Vem-se chegando os altaneiros procos;
Occupa cada qual o usado assento,
Os arautos ás mãos lhes lançam agua,
Pão em cestos os servos lhes ministram.
As iguarias avidos encetam
Os pretensores logo: os servos cr'oam
De licor generoso as cheias urnas:

Porém depois que n'elles o appetite
De comer, de beber foi satisfeito,
Buscam outro prazer, canções e dansas,
Que de lauto festim são ornamento.
Bella cithara então o arauto entrega
A Phemio, ao bom cantor, que, constrangido,
Entre o procace bando a voz soltava:
Mas, em quanto em preludios se entretinha,
O mancebo real, approximando
Ao semblante da Deusa o proprio rosto,
Para ser d'ella ouvido, e tão só d'ella,
Fallava assim: «A mal, hospede illustre,
Acaso levarás o que a dizer-te
O coração me impelle? Estes não curam
Senão de canto e citharas: é facil
Taes prazeres gosar: á custa folgam
De um varão, cujos ossos descarnados
Talvez, á chuva expostos, se apodrentem,
Ou, ludibrio do mar, rolem co'as ondas;
Porém se um dia aqui se lhes mostrasse,
Alfim voltando, mais que ricas vestes,
Mais que thesouros, ter desejariam
Rapidas azas nas ligeiras plantas:
Maś vãos desejos meus! Já não existe
O caro genitor! Mofino fado
M'o roubou para sempre... eu já não nutro
Esperança de o ver: do seu regresso
Ninguem me ouse fallar, que não o escuto.
Dize-me agora tu, verace, ingenuo,
Quem és? De que paiz? De que cidade?
De que familia? Que baixel te trouxe?
Com que nautas vieste? Não podias
Pedestre aqui chegar. Outra pergunta..
Novo chegas aqui, ou já n'outr'ora
Hospede foste de meu pae Ulysses?
Maravilha não fôra: elle em seus paços

A muitos gasalhava e, prazenteiro,
A todos inspirava affecto, estima.»
«Sem reserva (responde a augusta Pallas)
Tudo direi: é Mentes o meu nome,
De ser filho de Anchíalo me ufano,
Chefe dos Taphios sou, que de bom grado
Sulcam os mares. Com baixel veleiro
E remadores meus as ondas corto,
Demandando paiz de estranha lingua,
Buido ferro a Témesa levando,
De cobre em troca. Longe da cidade
Em o porto de Rhethro, na abrigada
Meu lenho é surto do frondoso Neio;
Vinculo antigo de hospitaes finezas
Me une a teu pae: verifica-lo podes
Ao visitar no campo o bom Laertes,
Pois, segundo se diz, já não costuma
Vir á cidade o quebrantado velho;
Mas vida passa solitaria e triste,
Em erma herdade, com annosa serva,
Que quando o vê voltar da fertil vinha,
Para onde roja a custo, lhe vigora
Com manjar e bebida as lassas forças.
Enganado aqui vim: rumor corrêra
Que a Ithaca teu pae chegado havia:
Vejo que tal ventura ainda não logra;
Mas não é morto o nobre peregrino:
Vive, sim, e o detem barbara gente,
A seu pezar, em insula remota.
Agora escuta a predicção que aos Numes
De me inspirar aprouve, e que cumprida
Julgo cedo ha de ser, bem que eu de vate
Ou de agoureiro não me arrogue as honras:
Longo tempo de Ulysses o desterro
Já não ha de durar: prendam-no embora
Grilhões de ferro; que grilhões não póde

Quebrar varão de tão agudo engenho?
Mas sincero responde ao que pergunto:
De Ulysses prole és tu? Por certo, ó joven,
Tu na cabeça, e no fulgor dos olhos,
Com elle és parecido. Ah! quantas vezes
Juntos passámos nós jocundas horas,
Antes que a frota demandando Troia,
Co'a flor da Grecia, desferisse as vélas!
Desde então não me viu, nem eu a elle.»
O discreto Telemacho responde:
«Ingenuo, e sem rebuço, ó forasteiro,
A verdade direi: de Ulysses filho
Me affirma a genitriz: Quem por si proprio
Póde o pae conhecer que o ser lhe ha dado?
Oh! antes eu tivera um pae inglorio,
Que em seus lares tranquillo envelhecesse!
Mas em vez de assim ser, dizem que filho
Sou do mais infeliz entre os humanos.»
Torna-lhe prestes a cerulea Diva:
«Se prouve aos Deuses que por mãe tivesses
A inclyta Penelope, teu nome
Claro será nos seculos mais longes.
Outra pergunta, e verdadeira espero
Ouvir resposta: Que folguedo é este?
Que turba em tal motim vejo agitar-se?
Que cuidado te occupa o pensamento?
É convite? São vodas? Não tem vizos
De festa ser por voluntario escote:
Parece-me festim tão descomposto,
Que quem acata as leis do siso e pejo
Mal póde ao vê-lo não bramir de raiva.»
Replica o moço: «Pois que assim te agrada
De minhas cousas ter noticia inteira,
Sabe que honrada, fulgida, opulenta,
Esta casa, qual foi, sempre seria,
Se ainda um tal varão comnosco fosse!

Outra cousa porém, aprouve aos Numes,
Que atrozes males contra mim urdiram,
Escondendo-o de nós, dos homens todos.
Chorára eu sim; mas temperado ao menos
Fôra de algum consolo o amargo pranto,
Se entre os consocios seus, nos Teucros campos,
Ou, finda a guerra, em braços dos amigos,
Elle houvesse exhalado o alento extremo.
Ao deplorado heroe os gregos povos
Um monumento houveram erigido,
A elle lustre, e a mim, entre os vindouros:
Não foi assim: roubaram-no as Harpyas,
E com inglorio fim... Finou-se o triste,
Não visto, não ouvido, a mim deixando
Só de magoas e lucto herança infausta.
Nem só vivo saudoso. Apraz aos Numes
Inda mais aggravar minha desdita:
Quantos nas ilhas de Dulichio e Same,
De Ithaca pedregosa, e da frondente
Zacyntho, empunham do commando o sceptro,
Todos da genitriz á dextra aspiram.
Ella nem póde refusar, nem ousa
Laço aceitar que ao coração repugna:
Com banquetes entanto a turba infrene,
Jogos e festas, meus haveres gasta,
E talvez já machine a minha morte.»
Apiedou-se Minerva, e «Oh quanto, disse,
Careces de teu pae, que aos impudentes
Procos lançando as mãos, taes crimes puna!
Assomasse elle, ao liminar da porta,
Com dois piques nas mãos, broquel e casco,
Qual eu primeiro o vi, no meu alvergue,
Quando á mesa hospital folgou sentado,
Ao regressar de Ephýra! (A Ephýra fôra
Pedir a Ilo, de Merméro filho,
Lethal veneno para ungir as settas:

Ilo não lh'o quiz dar, temendo os numes,
Mas houve-o de meu pae, que muito o amava)
Se tal qual era então, hoje entre os procos
Apparecesse, armado, encontrariam,
Em breve, certa a morte, em vez de vodas.
Mas se do bando iniquo, ao seu regresso,
Ha de vingar-se, ou não, sabem-no os deuses:
Entretanto eu te exhorto a buscar traça
Como hajas de expulsar do teu alcaçar
Caterva tão procaz. Ouve um conselho:
Na crastina manhã convoca os chefes
Da grega gente: destemido falla,
E intima aos procos, que a seus lares tornem.
Tua mãe, sè lhe agrada um novo enlace,
De seu illustre pae demande o alvergue.
Elle á filha querida apreste as vodas,
E rico dote qual convem lhe entregue.
Outro meu parecer tomar te agrada?
Um optimo baixel de vinte remos
Com habil chusma esquipa, os mares sulca,
Do ausente genitor buscando novas.
Talvez d'alguem as saibas positivas,
Ou ouças vaga voz, por onde Jove
Occultas cousas aos mortaes revela.
Volve primeiro a Pylos a derrota
A interrogar Nestor, o eximio velho;
Vae a Esparta depois: ali procura
O louro Menelao, que ao patrio solo
Chegou dos Gregos todos o postremo.
Se ouvires que teu pae existe e torna,
Se bem que afflicto, aguardarás um anno;
Se te constar ser morto, aqui regressa,
Um tumulo lhe erige, as mais pomposas,
Como é justo, lhe faze honras funereas,
E da querida mãe promove as nupcias.
Depois meio excogita como aos procos,

Ou com força, ou por manha, a vida arranques;
Pois já dos brincos infantis o tempo
Acabou para ti: mancebo és hoje.
Não ouves exaltar com tantos gabos
O illustre Orestes entre os homens todos,
Por haver dado a morte a Egistho, ao trédo,
Que ao inclyto seu pae roubára a vida?
Amigo, tu tambem (que em ti descubro
Signaes indubios d'indole esforçada)
Denodo mostra com que merques gloria.
Ao meu baixel me vou: meus companheiros
Talvez anoje já minha tardança.»
O sisudo Telemacho lhe volve:
«São conselhos de pae os teus conselhos,
Que nunca hei de esquecer: mas tão azinha,
Bem que apressado, de partir não cures,
Sem que em tepido banho antes te laves,
E confortado e lédo ao lenho voltes,
Levando um dom de preço e primoroso,
(Usança velha entre hospedes bemquistos)
Com que sempre de mim hajas memoria.»
«Não me detenhas, lhe replica a Deusa,
Urge partir: o dom que me destinas
M'o darás quando eu volva, e ser-me-ha grato
Leva-lo aos lares meus: de mutuo affecto
Te offertarei tambem condigna prova.»
Isto dito, Minerva em um momento
Desapparece, qual veloz se esconde
Aguia nas nuvens; ao mancebo egregio
Valor infunde, e no seu peito aviva
A de seu pae já vivida saudade:
Attonito elle então, e alvoroçado,
Suspeitou ser um Deus quem lhe fallara.
Entre os procos depois veiu sentar-se
O principe gentil. Elles, á mesa,
O eximio vate attentos escutavam.

A tornada difficil, trabalhosa
Que Minerva aos Achivos concedêra,
Cantava Phemio então. De Icario a filha,
A prudente Penelope, taes cantos
Ouviu, e prestes da mais alta estancia
Desceu do regio alcaçar: não sósinha,
Duas a seguem recatadas servas.
Chegada á porta da dedálea sala,
A matrona sem par, perante os procos,
Com fino véu cobrindo as bellas faces,
No meio das donzellas lacrimosa,
Ao divino cantor fallou d'est'arte:
«Phemio, não podes tantos outros themas
A teu canto escolher, subindo aos astros
Dos numes, dos heroes, os claros feitos,
De que soem resonar, melodïosas,
Grato acroáma, as citharas dos vates?
Esses reconta, os principes entanto
Ledos esgotem trasbordantes taças;
Mas cessa de soltar canção tão triste,
Que o coração afflicto me lacera,
Pois da sorte o rigor continuo eu choro,
Que me privou de esposo a mim tão caro,
E cuja gloria enchêra a Grecia inteira.»
«Deixa o doce cantar que nos enleva,
Telemacho então diz, ó mãe querida,
Livre seguir os intimos impulsos
Do estro que o transporta. Os doces carmes
Não são obra do vate: inspira-os Jove,
Que quaes lhe prazem suggeri-los soe.
E se Phemio memora infaustos casos,
Increpado ha de ser? Dão gosto aos homens
Mais que antigas canções, canções recentes.
Não recuses ouvir: suffoca a magoa;
Denegado não foi sómente a Ulysses
Voltar de Troia: ali quantos guerreiros

Deram, longe da patria, o extremo arranco?
Sobe de novo ao solito aposento,
Na roca, no tear, nos teus lavores
Entende, e ás servas as tarefas parte:
O discursar em publico pertence
Tamsómente aos varões, e n'esta casa
Mais que todos a mim, que n'ella impero.»
Taes palavras ouvindo, estupefacta
A princeza guardou no intimo peito
O que ao mancebo ouviu: Com as donzellas
De novo ascende logo á propria estancia;
Saudosa ali pranteia o caro esposo,
Té que Minerva infunde á dolorida,
Tregoas á magoa, um somno bemfazejo.
Mais incendidos entretanto os procos
No da rainha amor desatinado,
Na já sombria sala tumultuam.
Então assim Telemacho lhes falla:
«Da genitriz amantes insolentes,
Da mesa festival quedos vos praza
As delicias lograr: e o rumor cesse
Que impede o canto ouvir do egregio vate,
Igual aos immortaes na voz canora.
Na seguinte manhã juntos no fóro
Sejamos todos: intimar-vos quero,
Imperterrito emfim, que estes meus paços
Deixeis incontinente, e n'outra parte
Brodios busqueis, por turno convidando
Uns aos outros; que em summa, á propria custa
Sejam vossos festins, vossas folganças:
Que se haveis, tantos sendo, assim por força
Resolvido de um só viver a expensas,
Continüai; dos sempiternos Numes
Ajuda implorarei; quiçaes que Jove,
Taes affrontas vingando, inda disponha
Que n'este alcaçar mesmo acheis a morte.»

Um fallar tão afouto ouvindo os procos,
De pasmo e raiva os labios se morderam.
Eis lhe responde Antínoo, Eupíthea prole:
«Telemacho, por certo os mesmos numes
A orar, sublime e ousado, te ensinaram.
Não te conceda o filho de Saturno
Em Ithaca reinar; se bem que esta ilha
Como herança paterna a ti pertença.»
Telemacho replica: «Embora, Antinoo,
O meu fallar ingenuo te desgoste:
De bom grado aceitára o regio mando,
Se outorgar-m'o prouvesse ao summo Jove.
Julgas talvez que um sceptro é dom funesto?
Eu não por certo; nem lastimo a sorte
De quem sobe a tão alto entre os humanos.
Prestes possue riquezas, e acatado
Mais que os outros mortaes, a vida logra.
Mas Ithaca em seu seio encerra muitos
Principes jovens, principes provectos,
A quem póde caber tanta ventura,
Se jaz, presa da morte, o sabio Ulysses:
D'estes paços porém, d'estes escravos,
Para mim por Ulysses acquiridos,
Serei senhor e rei: rivaes não temo.»
Ergue-se então Eurýmacho, e lhe torna:
«Telemacho, quem seja o rei futuro
De Ithaca, os deuses só sabe-lo podem;
De tua casa o és: de teus haveres
Conserva a posse, que ninguem por certo
D'ella te ha de esbulhar, á viva força,
Emquanto houver em Ithaca habitantes.
Responde agora a uma pergunta minha,
Optimo joven: Quem, de que linhagem
É aquelle varão, e de que terra
Aqui chegou? Traz nova a ti jocunda
Da volta de teu pae? Ou vem antiga

Divida a repetir? A nós por certo
Occultar-se elle quiz: como ligeiro
Da vista emfim desappareceu n'um ponto!
De homem vil não o accusa o seu semblante.»
«Eurýmacho (responde o nobre moço)
Que Ulysses volte, não o quer o fado;
Embora cheguem novas; adivinhos
Embora minha mãe consulte e creia,
Taes predicções, taes novas não me illudem;
Meu hospede paterno é o forasteiro,
É Mentes o seu nome, e se gloria
De filho ser do bellicoso Anchíalo,
Governa os Taphios, afamados nautas.»
Assim fallou, mas conhecido tinha
A excelsa deusa que do céu baixára.
Os amantes entanto ao canto, ás dansas,
Lédos, voltam de novo, até que a noite
Estende o manto seu: vindas as trevas,
Cessam folguedos; cada qual demanda,
Para o somno lograr, o proprio alvergue.
Telemacho tambem á celsa estancia,
Erguida a um lado do atrio magestoso,
Onde soe repousar, ligeiro sobe,
Todo enlevado em serios pensamentos.
Com facho acceso ao moço acompanhava
D'Opis de Pisenor a honesta filha,
Eurycléa fiel, por quem Laertes,
Dos proprios seus haveres, não mesquinho,
Dera outr'ora o valor de vinte touros,
(Mal entrava ella então na flórea quadra),
Nem menos a prezou que a propria esposa;
Porém, temendo os conjugaes assanhos,
Jamais com ella não tratára amores.
Ella, do joven ama, ao regio infante
Mór carinho sagrou que as outras servas.
Ante elle então, levando o acceso facho,

A porta abriu da camara fulgente.
Sobre o leito Telemacho assentou-se,
E o tunica despiu: d'elle a recebe
A sédula nutriz, com geito a dobra
E, bem dobrada, subito a pendura
No cabide vizinho ao nobre leito.
Logo a saír apressa-se, tirando
A si a porta pelo annel d'argento;
O loro puxa, e co'o ferrolho a cerra.
De fina lã em colcha bem tecida
Telemacho se envolve, e na viagem
Que a sabia Pallas conselhado havia,
Toda a noite cogita e recogita.

INFERNO

POEMA DE DANTE

CANTO I

ARGUMENTO

Conta o poeta que, achando-se perdido em uma floresta, e querendo subir a um outeiro, tres feras lhe impediam a realisação do seu desejo; que então lhe appareceára Virgilio, o qual lhe prometteu mostrar-lhe as penas padecidas no Inferno pelos condemnados, e depois o Purgatorio; acrescentando que ao Paraizo o levaria Beatriz. Dante aceita a proposta, e segue as pisadas de Virgilio.

1

Em meio curso da terrena vida
Embrenhado me achei n'uma espessura,
Fóra da estrada recta e conhecida.

2

Seria negra e lugubre a pintura
D'esta selva tão densa e emmaranhada,
Que renova, ao lembrar, temor, tristura.

3

Póde á morte no horror ser comparada;
Mas como n'ella achei algum conforto,
Altas cousas que vi, dizer me agrada.

4

Como entrei no caminho errado e torto
Eu não posso contar, que em tal instante
O somno me vencêra, errava absorto.

5

Cheguei a uma collina não distante,
Do valle no limite derradeiro,
Que me enchêra de medo penetrante.

6

Os olhos êrgo: do vizinho oiteiro
Eis que a espalda doirava o grão planeta,
Que mostra a recta senda ao caminheiro.

7

Então em mim um tanto se aquieta
O susto que na noite me tomára,
Para mim de terrores tão repleta.

8

E como quem sem fôlego, da amara
Agua das ondas salvo, a praia alcança,
Os olhos volve ao mar de que escapára,

9

Tal meu animo atrás a vista lança
Para o limite que jamais, em vida,
Ninguem de trespassar teve pujança.

10

Após algum descanso á dura lida,
Eu pela encosta inhospital e féra
Alterno os passos, na fatal subida.

11

Já quasi ao cimo, emfim, chegado houvera,
Eis subito ante mim, veloz, ligeira,
De mosqueada pelle, uma panthera.

12

Sem arredar-se, põe-se-me fronteira,
Embarga o passo: eu quasi determino
Voltar, descendo a rispida ladeira.

13

Vinha rompendo o raio matutino,
Subia o sol, e as fulgidas estrellas,
Que com elle creára o Amor Divino

14

Quando moveu primeiro obras tão bellas:
Eu, ao ver da panthera as lédas cores,
Principio de esperança encontrei n'ellas,

15

Na estação meiga, em matinaes albores:
Mas eis fero leão me apparecia,
Que em mim veiu infundir novos terrores.

16

Ser d'elle presa, misero, temia,
Que o bruto, erguida a fronte, famulento,
Metter aos ares medo parecia.

17

Uma loba, tambem, voraz intento
Famelica mostrando, magra e brava
(Causa a muitos de luto e de tormento)

18

Tanto susto em meu animo causava,
Com o terror que em torno diffundia,
Que eu de ao cimo chegar desesperava.

19

E como quem grangeia noite e dia,
E depois tudo perde, não socega,
Todo envolto em mortal melancolia;

20

Tal minha alma se afflige, e á dor se entrega,
Que a fera me rechaça pouco a pouco,
Para o tetro logar: subir me nega.

21

Quando pois vou descendo, e mais me apouco,
Eis, subito, um varão diviso perto,
Que por longo calar pareceu rouco.

22

Quando o vi n'este horrifico deserto,
Alto clamei: «De mim tem piedade,
Homem ou sombra, n'este grande aperto.»

23

Respondeu: «Homem não; mas n'outra idade
Homem fui, e meus paes, em Lombardia,
Mantua tiveram por natal cidade.

24

Vi nos tempos de Julio a luz do dia:
Vivi quando imperava o bom Augusto
No mundo dado á cega idolatria.

25

Vate, Eneas cantei, o pio, o justo,
Que ás praias aportou da Ausonia terra,
Depois que Ilio infeliz jazeu combusto.

26

Mas tu voltas do bosque ao nojo, á guerra?
Porque não sobes ao ameno monte,
Que de todo o prazer principio encerra?»

27

«Virgilio és pois, de alta sciencia fonte,
De doce eloquio limpida torrente?
Eu lhe tornei com vergonhosa fronte,

28

«Ó dos vates brazão e luz ingente,
Valha-me o que eu votei vivo desvelo
O teu canto a estudar tão longamente.

29

Meu mestre és tu Virgilio, e meu modelo,
A ti sómente, ó vate, eu hei devido
O, que lustre me ha dado, estylo bello.

30

Olha a fera que fujo espavorido,
De seu furor me salva; ella me veda
O proseguir, e eu tremo esmorecido.»

31

«A ti convem tomar outra vereda,
Respondeu quando viu correr meu pranto,
Para a morte evitar, d'aqui te arreda;

32

Que esta fera que assim te causa espanto,
Não permitte a ninguem seguir a estrada,
E tira a vida a quem se atreve a tanto.

33

Indole tem tão barbara e malvada,
Que sempre em devorar põe o sentido,
Quanto mais devorou, mais esfaimada.

34

Com varios animaes se tem unido,
E com mais se ha de unir: por derradeiro
Um galgo a matará, tendo-a vencido.

35

Este, mais que poder, mais que dinheiro,
Ha de amar com ardor virtude e siso:
Será Lombardo o nobre cavalleiro.

36

Salvar a humilde Italia eu o diviso,
Por quem deram a vida audaz Camilla,
Euryalo infeliz, e Turno e Niso.

37

A fera ha de atacar, e persegui-la,
Té de novo a fechar no reino impuro,
D'onde Inveja a soltára, e assim puni-la.

38

Eu guia te serei, teu bem procuro;
Tu seguindo-me vem com peito forte:
Logar te mostrarei medonho e escuro,

39

Onde grita ouvirás de toda a sorte,
E os esp'ritos verás que atormentados
Invocam, sem cessar, segunda morte.

40

Outros verás nas chammas confortados,
Porque esperam gosar da eterna vida,
Após penar tão duro, afortunados.

41

Se aspiras a tão nobre, alta subida,
Alma virá do que eu mais nobre e pura,
Que seguirás na minha despedida:

42

Pois o supremo rei da empyrea altura,
Porque eu á sua lei não fui sujeito,
A mim de entrar no céu nega a ventura.

43

Exerce em toda a parte igual direito;
Mas ali tem a côrte, e augusta séde:
Feliz a lá morar quem foi eleito!»

44

Torno-lhe: «Ó vate, a graça me concede
(Pelo Deus de que idéa não tiveste,
E que este risco e os mais de mim arrede)

45

De levar-me onde agora me disseste,
A porta de S. Pedro a ver comtigo,
E os réus que pune a cholera celeste...»
Elle caminha então: seus passos sigo.

CANTO II

ARGUMENTO

N'este segundo canto, depois da invocação que os poetas costumam pôr no principio dos seus poemas, o grande vate Florentino diz-nos que, consultando as proprias forças, receava não ter valor bastante para commetter a jornada do Inferno, proposta por Virgilio; mas que este o animára; e assim, vigorado e resolvido, o vae seguindo como a seu guia e a seu mestre.

1

A treva que succede á luz do dia,
Pondo tregoa ao lidar, doce descanso
Aos lassos membros, placida trazia.

2

Eu sómente a affrontar então me avanço
A luta do caminho, e dó profundo,
Que a pintar, com verdade, me abalanço.

3

Musas, e engenho altivolo e facundo,
Me ajudai! O que eu vi guardaste, ó mente,
Quanto vales, aqui se mostre ao mundo.

4

«Vate, guia a meus passos complacente,
Disse eu então, valor terei bastante,
Para que empreza tal, ousado, tente?

5

Tu dizes que de Sylvio ao pae prestante,
Á mansão immortal descer foi dado,
Sujeito á morte, estranho viandante;

6

Mas de favor tão raro e assignalado
Causa eu posso entrever no grão destino,
Que o céu em prol dos seus tinha fadado.

7

Elle d'alta mercê não foi indino,
Que a Roma e ao seu imperio o fundamento
Lançou, por nuto do Poder divino.

8

E ella e elle origem e incremento
Tiveram, para ser o logar santo,
Do successor de Pedro illustre assento.

9

Por tal ida tão celebre em teu canto,
Cousas ouviu, origem da victoria
De então, e após, do pontificio manto.

10

Do vaso de eleição nos é notoria
A ida, novo alento á fé sagrada,
Que abre o caminho da celeste gloria.

11

A mim quem faz mercê tão sublimada?
Paulo acaso sou eu? Acaso Eneas?
Fôra, sabe-se, e o sei, mal empregada.

12

Se o favor aceitar, que me franqueias,
Por temerario hei medo de ser tido:
Penetras, perspicaz, minhas idéas.»

13

E como quem, perplexo e combatido,
Já desquer o que quiz; de novo pensa,
Nem pratica o que tinha resolvido,

14

Tal eu na encosta, incerto, fiz detença,
E meditando, desisti da empreza
Por mim tentada, com vontade intensa.

15

«Se teus ditos entendo com certeza,
Disse do vate eximio a sombra augusta,
De cobarde temor tua alma é preza.

16

O temor aos mortaes bem caro custa
Quando de nobre empreza os dissüade,
Como vã sombra que o ginete assusta.

17

Porque futil temor te não degrade,
Dir-te-hei por que vim, e o que hei ouvido,
Mal que do estado teu tive piedade.

18

Fui chamado, no limbo onde resido,
Por senhora celeste e mui formosa,
A cujo mando me mostrei rendido.

19

Era a luz dos seus olhos radiosa
Qual do sol o fulgor: tal voz dimana,
Angelical, da bôca officïosa:

20

«Ó alma, nobre e meiga, Mantuana
Cuja fama no mundo ind'hoje dura,
Durará quanto dure a raça humana,

21

O amigo meu, de mim, não da ventura,
Na erma encosta, a subitas, detido,
Atraz, por vão temor, volver procura:

22

Hei medo em risco tal vel-o perdido,
Se tarde chego já para salval-o,
Segundo o que no céu foi referido.

23

Vae, vigora-lhe o peito em tanto abalo,
Com teu süave eloquio, ornado e bello:
Será conforto meu poder salval-o.

24

Sou Beatriz: seu bem procuro e zêlo;
A valer-lhe em seu mal amor m'excita.
De sitio venho onde voltar anhélo.

25

Lá na eterna mansão, de Deus bemdita,
Perante elle por mim serás louvado.»
Volvo-lhe alegre por tamanha dita:

26

«Senhora, em quem reluz raio sagrado
De virtude, que os bens do mundo inteiro
Sobrereleva, em grau avantajado,

27

Obedecer-te apraz-me, e tão ligeiro,
Que já qualquer tardança me dá pena:
O que desejas sei, nem mais requeiro;

28

Mas dize: Da mansão vasta e serena
A que anhélas tornar, não receiaste
Descer ao centro da mansão terrena?»

29

Volveu-me: «A tal pergunta, e tanto baste,
Em resposta direi, singela e breve,
O porque não me enoja este contraste.

30

Aquillo, e nada mais, temer se deve
Que de damnar tem força; o que não damna,
Só dá susto a quem é cobarde ou leve.

31

Agora a mim, por graça soberana,
Não causa damno o fogo mais activo,
Nem sorte alguma de miseria humana.

32

Gentil dama ha no céu, que o dó mais vivo
Tem do trance em que luta esse infelice,
E o juiz severo torna compassivo.

33

A Lucía, em seu prol, cuidosa, disse:
«Com prompto auxilio acode ao teu amante,
Talvez em risco tal se nunca visse.»

34

Lucía, a quem fereza é repugnante,
Ergueu-se, e ao sitio veiu onde eu sentada
Estava, de Rachel pouco distante.

35

«Beatriz, exclamou, de Deus amada,
Perecer deixarás quem te amou tanto,
Que por ti deixar quiz do vulgo a estrada?

36

Não tens piedade do seu triste pranto;
Co'a morte o vês lutar junto á torrente
Que ao mar tributo nega, incute espanto?»

37

Ninguem correu jamais tão velozmente
Em seu prol, ou fugindo atroz perigo,
Como eu, isto ouvindo, em continente,

38

Deixando o escano meu vim ter comtigo,
Fiada em teu fallar honesto e brando,
Que a ti dá honra, e a quem o escuta amigo.»

39

A mim então, taes ditos terminando,
Volve os olhos, que o pranto humedecia,
E deu assim mór força ao doce mando.

40

Seu desejo cumpri, com alegria,
E fiz que se arredasse aquella fera
Que de subir o outeiro te impedia.

41

Que temor da tua alma se apodera?
Porque no peito aninhas tal receio?
Porque o vigor não tens que á mente impera?

42

Pois que tres damas taes (bemdito esteio)
Em teu favor se mostram desveladas,
E eu tal dita aqui te patenteio. »

43

Quaes as florinhas em botão, curvadas
Pelo gêlo da noite, erguem-se, logo
Que o sol as vem dourar, desabrochadas;

44

Tal eu cobro vigor, o medo afogo,
Após o frio susto e desalento,
E fallo assim, com pleno desafogo:

45

« Ella que teve dó do meu tormento,
E tu que assim cumpriste o seu mandado,
Bem hajaes, que vos devo alto portento.

46

Tu em mim tens de novo suscitado,
Com tua voz facunda, o grão desenho,
Que havia em minha mente antes formado.

47

Vae. É de ambos agora igual o empenho:
Tu meu guia serás, senhor e mestre. »
Disse. O passo tomou: não me detenho,
E o caminho commetto asp'ro e silvestre.

CANTO III

ARGUMENTO

Dante, seguindo a Virgilio, chega á porta do Inferno,e depois de haver lido às terriveis palavras escriptas no alto da mesma porta, entra, com o seu guia, n'aquella horrenda mansão. Este lhe declara que ali eram punidos os ignavos. Proseguindo em seu caminho, chegam ao rio chamado Acheronte, onde acham Charonte, que passa as almas para a outra margem. O poeta toscano, pouco depois de chegado, adormece profundamente.

1

«Por mim se vae á lugubre cidade,
«Por mim se vae á sempiterna dor,
«Por mim vae-se á mansão da iniquidade;

2

«Moveu justiça ao meu sublime auctor,
«Deu-me existencia a divinal possança,
«A summa sapiencia e o santo amor.

3

«Cousa mortal, creada, não alcança
«Vetustade maior; eterno, eu duro:
«Deponde, vós que entraes, toda a esperança.»

4

Este letreiro, pavoroso, e escuro,
Sobre uma porta eu li: «O seu sentido
(Disse ao meu guia) se me antolha duro.»

5

Elle, como varão esclarecido:
«Longe, (volveu) receios, cobardia;
Aqui todo o temor é mal cabido.

6

Chegámos onde, ha pouco, te dizia
Jazer a gente, misera e malvada,
Que a luz perdeu, que as almas alumia.»

7

Depois, com rosto ledo, e de mão dada,
Me alenta, e em meio de terrores taes,
Faz que penetre na infernal morada.

8

Suspiros, choros, doloridos ais,
Pelo ar, fusco e tetro, resonavam;
O pranto ali conter não pude mais.

9

Linguas varias, e horriveis, se fallavam;
Expressões d'ira e dor, mil roucas vozes,
Altas, o som das mãos acompanhavam.

10

Tudo fazia estrepitos atrozes,
Sempre n'aquella furna tenebrosa,
Quaes a areia os tufões volvem, ferozes.

11

Eu, com mente enredada e duvidosa,
«Mestre (digo), que escuto? e qual é a gente,
Que se mostra tão mésta e tão queixosa?»

12

Responde: —«Provam mágoa tão pungente
Aquelles cuja vida se ha passado
Sem louvor, sem infamia, inertemente.

13

De involta os vês c'o bando condemnado
Dos anjos, nem rebeldes ao Eterno,
Nem fieis, de si sós tendo cuidado.

14

Banira-os, qual desdouro, o céu superno;
Nem, como dignos do ultimo desprezo,
Quer recebel-os o profundo inferno.»

15

«Qual é, pergunto, o mal de tanto peso,
Que lhes arranca lastima tão forte?»
Volve: «A causa saber não te é defeso.

16

Esperança estes taes não tem de morte;
Tão vil é sua vida, e repugnante,
Que inveja tem de toda alheia sorte.

17

Fama não ha, que os lembre, ou morda, ou cante,
De clemencia, ou justiça, objecto indino, . . .
Fallar d'elles que val? Olha-os, e ávante.»

18

Ólho, e vejo com tanto desatino
Um estandarte, rapido, girando,
Que eu capaz de parar não o imagino.

19

E, após elle, tão longo e denso bando,
Que a tanta gente nunca houvera crido
Ter posto a morte o termo miserando.

20

Depois de haver alguns reconhecido,
D'aquelle eu vi a sombra desgraçada,
Que a grão renuncia fez, d'esmorecido.

21

Soube então ser aquella a desprezada
Turba, que, inerte, e nunca decidida,
A Deus, e aos seus imigos, desagrada

22

Aquelles réus, que nunca houveram vida,
Estavam todos nus; e a cara feia
Por vespas e tabões tinham ferida.

23

D'ella sangue corria, em larga veia,
Que a seus pés, com as lagrimas mesclada,
Era de vermes asquerosa preia.

24

Enxerguei, tendo os olhos alongado,
Gente ás margens do rio caudaloso:
«Mestre (eu disse), saber me será dado

25

Que bando é aquelle? Prestes desejoso
Porque está de passar, como diviso
Pelo ar, entre claro e tenebroso?»

26

«Firmarás n'este ponto o teu juizo
Volve, quando na lugubre ribeira
De Acheronte parar nos for preciso.»

27

Vergonha me tomou de tal maneira,
Que baixo a fronte, e de o turbar temendo,
Não fallo até chegar do rio á beira.

28

Eis n'um batel vem para nós, correndo,
Um velho encanecido. «Ai! ó precitos,
Ai de vós!» Exclamava em tom horrendo:

29

«De ver o céu nunca espereis, malditos:
Vou levar-vos, aonde eternamente
Fogo e gêlo achareis, trevas e gritos.

30

Tu, que fazes aqui, alma vivente?
Da turba dos finados te retira.»
Brada, vendo-me immoto e persistente:

31

«Outra senda, outro porto... Em vão aspira
Teu arrojo á passagem intentada:
A mais leve batel converte a mira.»

32

O meu guia então clama: «Ira baldada!
Quem póde quanto quer, o quer e manda;
Basta; nem ouses inquirir mais nada.»

33

Taes palavras ouvindo, a furia abranda
Do negro pégo o lívido barqueiro,
Que flammea vibra a vista formidanda.

34

Range os dentes, desmaia o bando inteiro
Das nuas, tristes almas, escutando
A exclamação do fulo bateleiro.

35

De Deus, e de seus paes, vão blasphemando;
A humana especie, o dia em que nasceram,
E a patria execram com furor infando.

36

Depois, todos unidos, se acolheram,
Em alto choro, á riba malditosa,
Que espera os que a Deus, impios, não temeram.

37

Olhos em brasa, á turba pavorosa
Charonte acena; apressa e açoita, irado,
Co'o remo, toda a sombra vagarosa.

38

Qual no outomno, do ramo frondeado
Folha após folha cae, até que á terra
Todo o despojo seu seja tornado;

39

Tal da 'stirpe de Adão, que ali se encerra,
Cada sombra aos acenos obedece,
Qual ave ao seu reclamo, e mais não erra.

40

Assim a barca as negras ondas desce;
E, antes que chegue á margem que demanda,
Outra turba áquem chega; aguarda e cresce.

41

«Filho (o meu guia diz com voz mui branda)
Aqui todos que morrem em peccado,
Vem de todo o paiz, de toda a banda.

42

Promptos passam o rio, e não maugrado,
Que a justiça divina os esporeia,
Tal que o medo em desejo é transmudado.

43

Não piza justo algum tão triste areia:
Se Charonte bradou tão cruamente,
A causa d'isso aqui se patenteia.»

44

Depois d'isto, em redor, tão rijamente,
A campina tremeu, que de espavento
Inda sinto o suor banhar-me a frente.

45

Da terra lacrimosa eis se ergue um vento,
Que, com vermelha luz, os ares fende:
Caio, perdido todo o sentimento,
Como o homem cae, a quem o somno rende.

CANTO IV

ARGUMENTO

O poeta acorda ao estrondo de um trovão, e continuando a andar com o seu guia desce ao limbo, que é o primeiro circulo do inferno, onde acha as almas d'aquelles que ainda que em vida haviam sido virtuosos, e não tinham de ser punidos de graves peccados, todavia, por que não tinham recebido o baptismo, não eram dignos de entrar no paraizo. D'ali, dirigido por Virgilio, vae descer ao segundo circulo.

1

Rompeu rijo trovão somno tão alto
Que sobre mim pesava; eis que desperto,
Qual quem por força acorda, em sobresalto.

2

Já repousado, a vista ao longe e ao perto
Em torno volvo, ancioso, procurando
Onde me achava descobrir ao certo.

3

Em a borda do valle eis senão quando
Achar-me vi do abysmo temeroso,
Onde o som de mil ais echôa infando.

4

Era profundo, escuro e nebuloso:
Debalde os olhos fito para o fundo,
Nada distinguo e fico duvidoso.

5

«Vamos descer agora ao tetro mundo,
Disse o vate, com rosto descórado,
Eu baixarei primeiro, e tu segundo.»

6

Ao ver que elle de côr tinha mudado,
«Como irei, lhe volvi, se tu receias,
Tu, que em todo o terror me has esforçado?»

7

«A angustia, respondeu, de que estão cheias
As infernaes mansões, em meu semblante
Pinta este dó, que tu temor nomeias.

8

Presto: é longo o caminho» —. Indo adiante,
Fez que eu entrasse o circulo primeiro
Que cerca o negro abysmo, e fui ávante.

9

Applico o ouvido: ouvi por derradeiro,
Pranto não, mas suspiros magoados,
De que tremia o ar com som ligeiro;

10

Pois penavam alì, não tormentados,
Com infantes, em numero crescido,
Mulheres e varões abalizados.

11

«Não te praz, diz o mestre, a mim volvido,
Quem estas almas são, saber agora?
Sabe, antes que mais hajas progredido,

12

Que peccados não tem: fossem embora
No porte bons; morreram sem baptismo,
Porta de fé de quem a Christo adora.

13

Não havia inda então o Christianismo,
Mas não deram a Deus culto devido;
Um d'elles eu, que corro o negro abysmo:

14

Por isso, e não por crime commettido,
Isentos de outra dor, somos damnados,
Sem esp'rança em anhelo malsoffrido.»

15

Penou-me ver no limbo os desgraçados,
Que muitos fui entre elles divisando,
Por engenho e valor famigerados.

16

Perguntei ao meu mestre, desejando
Ser mais e mais na fé fortalecido,
Que vence qualquer erro abominando:

17

«D'aqui alguem, por tel-o merecido,
Ou por merito alheio, foi tirado?»
Tendo o fim da pergunta conhecido,

18

Respondeu: «Era eu novo n'este estado,
Quando entrar aqui vi forte guerreiro,
Com signal de victoria coroado.

19

A alma levou do nosso pae primeiro,
Abel, Noé, Moisés, da recebida
Lei no Sinái ministro e pregoeiro:

20

Abraham e David, monarcha em vida,
Isaac com Jacob, e os d'este nados,
E Rachel, por quem houve a longa lida:

21

E muitos mais, e os fez afortunados
No seu reino immortal. Na mente grava,
Que antes nenhuns mortaes eram salvados.»

22

Não parámos emquanto assim fallava,
Proseguimos no bosque a estranha via,
Bosque, digo, que de almas se apinhava.

23

Do abysmo a entrada perto apparecia,
Quando, eis enxergo um lume rutilante,
Que hemispherio de trevas alumia.

24

Alguns passos estava inda distante,
Mas já de longe eu divisava, em parte,
Gente ali habitar nobre e prestante.

25

«Dize-me alto brazão de engenho e de arte,
Estes quem são, que gloria abalizada
Os separa dos mais, pondo-os á parte?»

26

Torna-me logo: «A illustre nomeada
Que em vossa vida d'elles se espalhára,
Mercê lhes grangeou tão sublimada.»

27

Uma voz entretanto ouvi mui clara:
«Honrae todos o altissimo poeta,
Eis sua sombra vem, que se ausentára.»

28

Depois que se calára a voz discreta,
Eis quatro sombras vem, cujo semblante,
Nem alegre nem triste se interpreta.

29

O meu guia me diz no mesmo instante;
«Vês aquelle que espada empunha ufano,
E aos tres, como senhor, precede ávante?

30

É o grande Homero, o vate soberano,
O satyrico Horacio o que após vem,
Ovidio o tercio, o ultimo é Lucano.

31

E porquanto comigo elles convem
No bello nome que tão claro sôa,
Honrar-me lhes apraz, e fazem bem.»

32

A escola assim eu vi, gloria e corôa,
Do auctor sublime do sublime canto,
Que mais alto, qual aguia, aos astros vôa.

33

Uns com outros fallavam entretanto,
Saudaram-me depois com brando cenho,
E o caro mestre meu sorriu-se um tanto.

34

Depois, honra maior d'elles obtenho,
Ao seu illustre côro me aggregaram,
Sexto entre vates de tão claro engenho!

35

Té ao clarão, que ditos se trocaram
Não cabe aqui narrar, com vão desvelo;
Bem cabidos então, nos deleitaram.

36

Chegámos junto a um senhoril castello,
De sete erguidos muros circumdado,
Riosinho o cercava ameno e bello.

37

Prestes este por nós foi vadeado,
Sete portas comigo elles entravam,
E assim chegámos a florido prado.

38

Sombras de grave porte ali se achavam,
De olhar tardio, auctorisado aspeito,
De espaço a espaço doce voz soltavam.

39

De um lado, para os ver buscámos geito
Em alto sitio aberto e luminoso,
E foi nosso desejo satisfeito.

40

No solo em frente, róscido e relvoso,
Sombras illustres vi, todo enlevado,
De havel-os visto sinto-me orgulhoso.

41

Electra eis vejo, e muitos a seu lado;
Eneas com Heitor; flammas fuzila
Do vulturino olhar, Cesar armado:

42

Penthesiléa vi, e vi Camilla,
E não na mesma parte o rei Latino,
Lavinia junto ao pae, meiga e tranquilla.

43

Lucrecia, Bruto que expulsou Tarquino,
Cornelia, Julia, Marcia, e separado
Dos mais, e solitario o Saladino.

44

Um pouco mais os olhos tendo alçado,
Vi dos sabios o mestre venerando
Entre grei philosophica assentado.

45

Todos com jus o admiram, acatando
Tal genio: entre elles Sócrates, Platão,
Com elle mais de perto praticando.

46

Democrito que nega a creação,
Anaxagoras, Diogenes, e Thales,
Empédocles, Heraclito e Zenão,

47

Dioscorides, que andou montes e valles
As plantas a estudar; vi Tullio, Orpheu,
Lino, Anneu, que define os bens e os males.

48

O gëometra Euclides, Ptolemeu,
Mauro Avicenna, Hippocrates, Galeno,
Averrhoes, que o grão texto esclareceu.

49

Outros muitos que vi não os aceno;
Amiudo, em tanto facto ali passado,
Escasseia o dizer, condigno e pleno.

50

Já dois dos seis nos hemos separado:
Por outra senda leva-me o meu guia:
Treme o ar antes brando: eis-me chegado
Onde de todo a luz nos fallecia.

CANTO V

ARGUMENTO

Chega Dante ao segundo circulo do abysmo, a cuja entrada encontra Minos, juiz do inferno, que o admoesta a considerar bem a difficuldade do seu commettimento. Vê que ali são castigados os luxuriosos, cuja pena consiste em serem continuamente atormentados por furiosissimos ventos, em sitio lobrego e tenebroso. Entre estes assim atormentados reconhece a Francisca de Rimini. Condoído da desventura d'aquella nobre dama, e da de Paulo, cunhado e amante da desgraçada, cae em terra desmaiado.

1

Assim desci do circulo primeiro
Ao segundo, que, menos dilatado,
É de mór pranto e dor atro viveiro.

2

Range os dentes, ali, Minos irado:
Na triste entrada as culpas examina:
Julga, e pune, a segundo cinge o lado.

3

Alma escrava do mal, do céu indina,
Ante Minos confessa os seus delictos:
Elle que os crimes vê, logar lhe assina

4

Qual merece, nos bárathros malditos;
A cauda tantas vezes enroscando,
Quantos graus quer que baixe entre os precitos.

5

Muitas se lhe estão sempre apresentando:
Cada qual por seu turno, são julgadas:
Dizem, ouvem, e o abysmo as vae tragando.

6

«O tu que vens ás lugubres moradas,
Grita Minos ao ver-me, interrompendo
As funcções de tal cargo sublimadas,

7

Vê bem o que te esforça aqui descendo,
Não te illuda a patente e larga entrada.»
«Que vál (meu guia diz) teu brado horrendo?

8

Ida não tolhas que lhe está fadada;
Quem póde quanto quer assim o ordena:
Basta; nem ouses inquirir mais nada.»

9

Eis flebil grita em luctüosa scena
Já começo de ouvir: já sou chegado
Á mansão infeliz do pranto e pena.

10

Tetro logar de toda luz privado,
Que brame, como em horrida procella,
Mar de ventos contrarios agitado.

11

Ruge a infernal tormenta, e são por ella
Os esp'ritos com furia arrebatados,
Que o tufão sem cessar volve e flagella.

12

Do precipicio á borda elles chegados,
Arrancam ais, soluços e lamentos,
Contra o summo poder blasphemos brados.

13

Soube então que padecem taes tormentos
Os que á rasão, lascivos, se não pejam
De prepor desregrados movimentos.

14

Quaes, de inverno, estorninhos avoejam,
Com largas azas, em cerrado bando:
Assim os maus espiritos adejam.

15

Acima, abaixo, o vento os vae levando,
Sem que esperança ao menos os conforte
De folga, ou de supplicio emfim mais brando.

16

E quaes cantam com voz dorida e forte,
Em ordem longa, os grous, fendendo os ares,
Tropel de sombras vi da mesma sorte,

17

Chorar, presa do vento, os seus dezares.
Digo: «Que turba vejo egra, infeliz,
De que o tufão faz horridos pezares?»

18

«A primeira que vês (elle então diz)
Dominou terra vasta e populosa,
De muitas linguas, celsa imperatriz.

19

Por lei (tanto em lascivia foi culposa)
Entre «*é licito e praz*» não distinguiu,
Para assim evitar mancha affrontosa.

20

Semiramis chamou-se: o poderio
Houve de Nino, de quem foi consorte:
Hoje ali do Soldão é o senhorio.

21

Falsa a outra a Sicheu, se ha dado a morte,
Após que do decoro as lei transgride:
Cleopátra é a tercia, de inhonesto porte.»

22

Helena vi, de tão sanguenta lide
Causa á grega nação e aos Teucros lares;
Victima emfim de amor, o grão Pelide.

23

Vi Paris, vi Tristão. Centos, milhares
De sombras me mostrou (seus nomes disse)
A quem matára amor com seus azares.

24

Tão cru não sou, que nomear ouvisse
Tantas damas e antigos cavalleiros,
Sem que dó de seus males me pungisse.

25

Fallar quizera (eu disse) aos dois parceiros
Que ali te aponto, ó vate: eu vir os vejo,
Leves ao vento turbido, ligeiros.

26

Volveu: De o conseguir terás ensejo.
Eis vem chegando: pelo amor lh'o pede
Que os conduz: cumprirão o teu desejo.

27

Eu, mal o vento a nós os volve e cede,
Clamo: «Fallae-nos, almas consternadas,
Se o celeste poder não vol-o impede.»

28

Quaes com as azas firmes, despregadas,
Saudosas pombas ao seu charo ninho
Pelo proprio querer vôam levadas,

29

Taes, d'entre o bando misero, e mesquinho,
Onde está Dido, a nós correm velozes:
Grato o brado lhes foi, grato o carinho.

30

«Ente que soltas meigo as doces vozes,
E n'esta solidão vens visitando
Nós victimas de morte e dor atrozes,

31

Se o rei da terra e céu nos fôra brando,
Ousaramos pedir te désse paz,
Pois que tens dó de nosso mal infando.

32

Do que ouvir e dizer te agora apraz,
Ouvir, dizer, tambem a nós agrada,
Em quanto o vento bonançoso jaz.

33

A terra em que eu nascêra é situada
Do mar nas praias, onde o Pó descende,
Por não ser do seu curso a paz turbada.

34

Amor, que prestes nobre peito accende,
A este captivou da formosura,
Que por guisa perdi que inda me offende.

35

Amor, que exige, em pago, amor, ternura,
Por elle me inspirou paixão tão forte,
Que, como vendo estás, inda hoje dura.

36

Amor foi causa aos dois da mesma morte:
Furna caïna, penas infinitas,
Esperam quem nos deu o extremo córte.»

37

Ouvindo as almas tetricas, afflictas,
Para o solo, pensoso, a frente inclino,
Té que o vate me esperta. «O que cogitas?»

38

Triste exclamei: Oh barbaro destino!
Quanto longo scismar, que imagens ternas,
Hão levado este par ao termo indino!

39

A elles me volvi: «Tu me consternas,
Francisca, ao recontar teu negro fado,
Que te faz padecer magoas eternas:

40

Mas dize, no de amor tempo dourado,
Como haveis conhecido o tão funesto
Anhelo dubio, vívido cuidado?»

41

Ella me torna: «Nada mais molesto
Que recordar, na dor, dita passada:
De teu mestre a sentença em prova attesto;

42

Mas se queres a origem malfadada
De nosso amor saber, e sorte impía,
Chorando a vou contar, e lastimada.

43

Por passatempo liamos um dia
De Lançarote, como a amor cedêra;
Eramos sós, e nada se temia.

44

Um crebro mutuo olhar em nós fizera,
Em tal leitura, pallido o semblante,
Mas um ponto deu auso á paixão fera.

45

Quando nós lemos que tão nobre amante
Em roseos labios déra um beijo ardente,
Este, de quem jamais serei distante,

46

Na bôca me beijou, todo tremente:
Rufião foi o auctor, e o seu escripto.
Não lemos n'elle então mais longamente...»

47

Em quanto assim fallava aquelle esp'rito,
Chorava o outro. Eu, subito, desmaio,
Tanto a dor me lacera o peito afflicto,
E, qual cae corpo morto, em terra caio.

EXCERPTO DO CANTO XXXIII

ARGUMENTO

Dante vê, no circulo em que são punidos os traidores, Ugolino, dos condes da Gerardesca, partidario da facção guelfa, o qual, por inveja e enredos do arcebispo Rogeiro, dos Ubaldinos, seu antigo socio e cumplice na expulsão de Nino, fôra derribado do poder que usurpára em Pisa, e encerrado em uma torre, juntamente com seus quatro filhos, onde todos morreram de fome, sendo o pae o ultimo que succumbiu depois de longo e horroroso penar.

1

O peccador cessou do fero pasto,
Os beiços aos cabellos alimpando
Da cabeça roïda em tal repasto.

2

Queres, disse depois, que renovando
Dor eu vá per si mesma tão pungente,
Contando o caso atroce e miserando?

3

Se o referil-o tem de ser semente
Que brote infamia ao trédo scelerado,
Escuta: eis narro e choro juntamente.

4

Não sei quem és, nem como aqui chegado
Tenhas; porém pareces Florentino
No modo de fallar, como hei notado.

5

O conde eu fui, miserrimo, Ugolino,
Este o arcebispo, perfido, Rogeiro:
Ouve a causa de tracto tão ferino.

6

Não hei mister contar o traiçoeiro
Seu hostil proceder, com que illudido
Eu preso e morto fui, por derradeiro.

7

Porém (isto não podes ter ouvido)
Direi quanto foi crua a minha morte:
Verás se fui, ou não, d'elle offendido.

8

Uma fresta na torre, escura e forte,
Da fome, após meu fim, intitulada,
Em que outros jazerão da mesma sorte,

9

Ver me deixára a lua apressurada,
Em mais de um curso, quando tive um sonho,
Nuncio da minha sina malfadada.

10

Qual amo e qual senhor vêr *este* eu sonho,
Que um lobo e seus cachorros acoçava
Para o São Julião, com ar medonho.

11

Cadellas magras, finas, açulava,
E os Gualandis, Sismondis e Lanfrancos,
Diante poz de si, quando caçava.

12

Em breve, filhos, pae, lassos e mancos
Se me affiguram, miseros: eu via
Canina sanha lacerar seus flancos.

13

Acordo antemanhã, e logo ouvia
Os filhos meus: em sonhos, a taes horas,
Pão cada qual, chorando, me pedia.

14

Tens coração bem crú, se não deploras,
Já pelo infausto annuncio, a magoa minha:
E de que soes chorar se aqui não choras?

15

Despertos são: a hora se avizinha
De parca refeição nos ser trazida:
Em susto um triste sonho a todos tinha.

16

Eis que a porta da lobrega guarida
Por baixo ouço cravar: sem dizer nada,
Volvo a meus filhos vista espavorida.

17

Não chorei: fiquei pedra, a dor calada:
Elles choravam todos: Anselminho,
«Assim nos olhas, pae! que tens?» me brada.

18

Não choro, não respondo — ais e carinho
Eu, dia e noite, concentrei no peito:
Repete o sol seu solito caminho:

19

Quando luziu, com brilho inda imperfeito,
Do carcere no horror, vejo exprimido
Em quatro aspeitos o meu proprio aspeito.

20

Mordi ambas as mãos, de horror tranzido:
Elles, julgando ver de fome antojo,
Erguem-se, e soltam brado dolorido:

21

«Ah! não prosigas n'esse infando arrojo,
De nós te nutre, ó pae: tu nos vestiste
D'esta carne; teu seja este despojo.»

22

Reprimi-me, evitei lance mais triste:
Por dias dois nós mudos estivemos.
Ah! dura terra, porque não te abriste?

23

O quarto dia emfim chegado vemos:
Gaddo cáe a meus pés... diz, expirando:
«Não me acodes, ó pae, n'estes extremos?»

24

Morreu: como és presente, ao termo infando
Dos tres, um após outro, eu fui presente,
Do quarto ao quinto dia: então, buscando

25

De rojo os fui, já cego, e em som plangente
Por elles, mortos já, chamei dois dias:
Depois, mais do que dor tão vehemente,
Força houveram da fome as agonias.»

BREVE ANALYSE

DOS

DOIS POEMAS HOMERICOS

E

SUMMARIOS DE CADA UM DOS SEUS CANTOS

BREVE ANALYSE

DOS

DOIS POEMAS HOMERICOS

E

SUMMARIOS DE CADA UM DOS SEUS CANTOS

Entre todos os personagens da antiguidade, e entre os mais famigerados das idades modernas, talvez não haja um só sobre quem mais se tenha escripto do que sobre Homero.

Desde o tempo de Pisistrato (500 annos antes da nossa era) até aos nossos dias, na Grecia, nos estados do imperio romano civilisados, nos que d'elle se desmembraram, todos quantos receberam uma educação liberal, e até muitos dos que não a receberam, ou viram e ouvem repetir o nome de Homero, e o pronunciaram e pronunciam, a maior parte d'elles, com um sentimento de quasi religiosa veneração. Os proprios detractores do grande vate desde Zoilo (no seculo IV antes da era christã), até Perrault e La Motte (no seculo XVII), até José Agostinho de Macedo (nos começos do seculo actual), não se abalançaram a querer desluzir totalmente o esplendor de tão preconisado genio. Se no Olympo da poesia não quizeram acatal-o como um dos consentes, não lhe contestaram hum distincto logar entre os deuses de segunda ordem, *quos æquus amavit Jupiter*. Porém, esse proprio nume, semi-deus ou heroe, objecto de um culto tão antigo e tão universal, tem sido (e é) tão pouco conhecido, que bem póde, de algum modo, ser assimilhado ao *ignoto deo*, cujo altar foi observado pelo Apostolo das Gentes em Athenas, e que subministrou assumpto ao exordio do inspirado discurso por elle pronunciado perante o Areopago (*Act. dos Apostolos*, cap. 17).

Não sómente são obscuros e duvidosos os factos relativos á vida do cantor de Achilles e de Ulysses (porque as suas mais antigas biographias attribuidas a Herodoto e a Plutarcho, está quasi demonstrado não serem genuinas), mas até a existencia pessoal do mesmo vate foi posta em duvida por alguns hypercriticos da recente eschola allemã; paradoxo em que estes tiveram por predecessores a Perrault, Wood, Vico, e que ainda hoje tem defensores na Allemanha e em França, sendo uns d'elles, rigidos sectarios de F. A. Wolf, taes como Dugas Montbel; moderados outros e syncretistas, taes como o douto escriptor francez contemporaneo, membro

do Instituto de França, o sr. Guigniaut, auctor do artigo *Homère* na *Encyclopédie des gens du monde*[1].

Porém, felizmente, a incerteza a respeito da patria de Homero, da data do seu nascimento, das aventuras e acontecimentos da sua vida, e as mesmas duvidas suscitadas, com fundamento ou sem elle, ácerca da sua existencia como individuo real e não mythico, nada influem no merecimento positivo das duas epopéas que trazem na frente o seu nome immortal. Vale mais, na minha humilde opinião, poder ler e avaliar, com criterio e gosto, uma só dos quarenta e oito rhapsodias ou cantos de que ellas se compõem, do que conhecer e poder repetir de cór todos os factos e todos os argumentos expostos e allegados no longo processo relativo a tão ventilada controversia. Não será mais proveitoso e mais agradavel ter franca entrada em um pomar abundante de optimas arvores fructiferas, em um jardim delicioso, podendo colher d'aquelle saborosos pomos, d'este mimosas flores, do que saber ao certo e com toda a individuação a historia da plantação do vergel, o nome do que dispoz as flores, do que traçou o risco da ornamentação do ameno jardim?

Ao dizer isto, bem longe estou de querer menoscabar os trabalhos da critica historica relativos á questão homerica; só entendo preferir-lhes as tentativas de analyse esthetica; assignar á erudição e ao gosto o logar que n'este genero de estudos me parece competir. Os meramente eruditos *haud invideo, miror magis,* sou-lhes agradecido: os criticos de apurado gosto, os traductores insignes dos grandes poetas, principalmente se se chamam Pope, Dryden, Bondi, Voss, Monti, Pindemonte, Gargallo, Bocage, Castilho, amo-os, applaudo-os, invejo-os—*a longe sequor et eorum vestigia semper adoro.* Em conclusão:

Dulces ante omnia Musae.

Acima eu disse que todos quantos não são vulgo profano na religião das letras, conhecem o nome de Homero. Agora devo acrescentar que, entre os proprios sacerdotes d'esta mesma religião, não são muitos os que d'elle conhecem alguma cousa mais do que o nome; rarissimos os que o tenham lido todo, já não digo no original, mas ainda simplesmente em traducção latina ou vulgar. Para os que estiverem n'este caso, e particularmente para os alumnos do Curso Superior de Letras, são des-

[1] Ácerca da questão *Wolfiana* ou antes *Homerica,* alem dos prolegomenos a *Homero* do mesmo Wolfio, publicados em Halle em 1795, e da refutação d'esta obra por Mr. de Ste Croix, impressa em 1798, consulte-se a *Historia das poesias homericas* por Dugas Montbel, Paris 1831, e finalmente a eruditissima nota de Mr. K. Hillbrand aos capitulos v e vi da *Historia da litteratura grega* de Otfried Muller, por elle traduzida em francez, Paris 1865, tom. II, pag. 609.

tinados os seguintes summarios de cada um dos cantos da Iliada e da Odysséa, precedidos de uma rapida analyse do assumpto e traça geral de cada um dos dois poemas [1]. Certamente estes summarios não podem supprir a leitura da Iliada e da Odysséa; mas dando, como dão, uma idéa do seu mais importante conteúdo, podem servir de estimulo ao estudo das duas obras monumentaes do maior genio poetico que jamais existiu, do grande pintor da natureza, do eximio moralista, a respeito de cujo merecimento não será aqui descabida a transcripção do seguinte juizo, feito por um dos mais abalisados mestres de eloquencia, e dos mais sensatos criticos da culta antiguidade.

«Ninguem (diz Quinctiliano [2]) excederá jamais a Homero, nem na sublimidade nas cousas grandes, nem em singeleza e propriedade nas cousas pequenas. Já florido, já conciso, já grave, já ameno, não é menos admiravel na sua elegancia, do que na sua concisão. Não sómente possue, no mais alto grau, todas as qualidades do poeta, mas reune tambem todas as do orador... Emfim nas expressões, nos pensamentos, nas figuras, como na traça geral da composição, excede a medida ordinaria do espirito humano a tal ponto, que é signal de um grande talento, não digo imitar as suas perfeições, porque isso me parece impossivel, mas comprehendel-as.»

---

[1] N'esta parte foi-me de não pequena utilidade a excellente introducção de T. Budé á sua edição da Iliada destinada para as aulas. Infelizmente não pude obter o segundo volume, o da Odysséa, e até ignoro se chegou a vir á luz.

[2] Instit. Orat. livro x, cap. i.

A ILIADA

O sujeito da Iliada é a colera de Achilles, os effeitos do seu resentimento, funestos aos gregos, junto aos muros de Troia ou Ilion, d'onde veiu o nome ao poema; até que, vencido e morto Heitor, o mais esforçado e temeroso dos defensores da cidade de Priamo, ella bem depressa tinha de succumbir aos esforços dos seus inimigos. Quando o poeta se propõe cantar a colera de Achilles, certamente não toma a colera como objecto digno de louvor, pelo contrario, ao annunciar desde logo as funestas consequencias d'aquella paixão, descobre aos intelligentes (como seculos depois disse Pindaro a respeito dos seus proprios carmes), o fito moralissimo da sua epopéa—tornar evidentes os tristes resultados das dissensões, principalmente entre os grandes e potentados; exhortando-os assim, de uma maneira indirecta, á moderação e á concordia.

Aindaque o nome de Achilles seja o primeiro a figurar na invocação, ou antes proposição do poema; e com quanto o filho de Thetis e de Peleo seja effectivamente o protagonista do drama iliaco, todavia bem póde dizer-se que o intuito de Homero foi mais encarecer a bravura militar dos gregos, e a superioridade moral da Grecia, ou antes da civilisação hellenica sobre a barbarie asiatica, do que glorificar um só caudilho, Achilles, embora a este caudilho elle dê a palma de esforço marcial, exaltando-o acima de todos os outros capitães, comprehendido n'este numero o proprio rei supremo de todas as hostes confederadas.

Depois de uma breve proposição, em que o vate revela a sua modestia e a sua piedade, invocando auxilio celeste no começo do seu commettimento, e reconhecendo a intervenção da divindade nos acontecimentos humanos, principia a sua interessante narração, não se remontando á origem da guerra troiana, mas contando um successo proximo ao seu termo final.

Os gregos estão nas planicies do territorio de Troia, perto do mar, desde cerca de nove annos. Suscita-se uma grave e violenta altercação entre Agamemnon e Achilles. Viera ao acampamento grego, Chryses, sa-

cerdote de Apollo, offerecendo ricos presentes, para resgatar sua filha Chryseide, que, havendo sido feita captiva na tomada e saque de Chrysa, sua cidade natal, coubera em sorte a Agamemnon. Este principe recusa dar a liberdade á donzella, e repelle brutalmente o sacerdote Chryses.

Tendo este invocado o nume de quem era ministro, Apollo manda o flagello da peste ao exercito grego: Achilles, primeiro, aconselha, depois intima, a Agamemnon que restitua a Chryses a filha, por elle pedida com tanta instancia. Agamemnon, ao principio, nega-se a entregal-a, depois resolve-se a isso; porém ameaça Achilles de ir arrancar do seu poder Briseide, captiva do principe thessalo. D'aqui procede uma desavença, acompanhada de mutuos e violentissimmos improperios. Achilles retira-se aos seus navios, e protesta e jura não continuar a tomar parte alguma na guerra. Jupiter, querendo, a instancias de Thetis, mãe de Achilles, punir a injuria feita a este principe, illude a Agamemnon com vãs esperanças. Desde então os gregos, até ali victoriosos, começam a experimentar revezes. Celebram-se umas tregoas entre os belligerantes. Findas as tregoas, tornando a travar-se a lucta, Heitor, á frente dos troianos, faz retroceder os gregos, e os persegue até aos fossos. Os achivos, desalentados, recorrem a Achilles, que permanece inexoravel. Entretanto, vendo que em um recontro ficam feridos os mais valentes entre os capitães gregos, resolve-se a enviar o seu amigo Patroclo perto do logar da acção, para examinar o estado das cousas. Heitor passa o fosso, e vae no encalço dos gregos até ás suas naus. Patroclo, cheio de indignação, e compadecido da sorte dos vencidos, pede a Achilles que lhe permitta levar ao combate os seus myrmidones. Achilles consente n'isso, e lhe empresta as proprias armas. Patroclo é morto por Heitor. Achilles entra em accessos de furor; solta um grito terrivel, que amedronta os troianos e todos os seus alliados. Depois, tendo-se congraçado com Agamemnon, revestido das armas que Vulcano para elle forjára a pedimento de Thetis, arremette, com temeroso furor, contra o inimigo. Começa então um encarniçado combate, ou antes uma horrorosa matança: a seus golpes succumbem quantos encontra, excepto unicamente Heitor, que bem depressa, surdo aos encarecidos rogos de sua esposa Andromacha, e insensivel ás graças infantis de seu filhinho Astyanaz, e ás maviosas supplicas de Priamo seu pae, oppõe-se denodadamente a Achilles, o qual desapiedadamente lhe arranca a vida, ancioso por vingar o seu querido Patroclo, a quem faz solemnissimo funeral, celebrando variados jogos. O cadaver de Heitor tinha sido indignamente ultrajado pelo seu enfurecido vencedor; porém este emfim, commovido pelo apparecimento de Priamo na sua tenda, e pelas patheticas deprecações do venerando ancião, entrega ao pae de seu inimigo os despojos mortaes do heroe vencido, cujas exequias são celebradas pelos troianos.

Calculou-se que todos estes acontecimentos succederam no breve espaço de quarenta e sete dias; mas o grande genio do poeta intercalou no quadro da sua narração muitos episodios, que estão mais ou menos estreitamente ligados com ella, e que lhe augmentam consideravelmente a amplitude e o interesse.

SUMMARIOS DOS CANTOS DA ILIADA[1]

CANTO I

O poeta invoca a Musa, para cantar os terriveis effeitos da colera de Achilles. Principio da narração: Chryses, sacerdote de Apollo, vem, com as insignias do seu sagrado ministerio, ao acampamento dos gregos, para resgatar sua filha Chryseide, que a sorte da guerra tornára captiva de Agamemnon.* Breve discurso de Chryses. Agamemnon, contra o parecer de todos os principes confederados, recusa entregar a donzella. Chryses, vendo-se desattendido, expulso do acampamento e ultrajado com desabrimento e com ameaças, implora vingança do deus a quem servia. Apollo manda uma terrivel doença, que faz horrendo estrago nas tropas gregas. Achilles convoca um conselho para, averiguada a causa do flagello, procurar os meios de apaziguar o deus irritado. Calchas, a quem Achilles promette a sua protecção, no caso que d'ella haja mister, declara ser absolutamente necessario, para desaggravar o numen irado, restituir Chryseide a seu pae. Agamemnon desavem-se com Achilles. Diz que a bem da salvação do exercito fará o sacrificio que se lhe exige; porém declara, em termos descomedidos e ameaçadores, que arrebatará a Achilles a sua captiva Briseide, que na repartição da presa fôra adjudicada ao heroe phthiota. Este, n'um accesso de furor, vae desembainhar a espada para matar o seu altivo adversario. Thetis o desarma. Achilles prorompe em mais violentos convicios contra Agamemnon.* Nestor procura abrandar a furia de ambos, com um discurso conciliador; porém não o consegue. Achilles resolve retirar-se á sua tenda, e intima esta resolução a Agamemnon, proferindo * um terrivel juramento. Chryseide é reconduzida a seu pae, com victimas expiatorias. Thetis, empenhada em desaffrontar seu filho, sobe ao Olympo, e Jupiter, a instancias suas,* consente em que os troianos fiquem vencedores, até que os gregos dêem con-

[1] Os logares mais bellos, ou mais dignos de observação, vão marcados com um asterisco.

gruente reparação a Achilles. Juno, sempre inimiga dos troianos, agasta-se contra Jupiter, que a insulta e ameaça. Esta desavença conjugal causa dissabor aos outros deuses; mas emfim Vulcano, ministrando o nectar, a coxear, excita uma geral * hilaridade entre os celestes convivas, e, tornando-se mediador n'aquella desavença, consegue congraçar os dois esposos.

Este canto tem 611 versos, e é o unico em que não se lê um só simile ou comparação. A scena final parece mais comica de que epica; e, segundo a opinião quasi geral dos criticos e dos commentadores, este primeiro canto é o menos bello dos vinte e quatro de que consta o poema.

CANTO II

Jupiter, querendo vingar a affronta de Achilles, como promettêra a Thetis, envia a Agamemnon um sonho malfazejo, por cujo meio lhe ordena que reuna o exercito todo, e que o leve á peleja contra os troianos. Agamemnon reune, ao romper do dia, os principaes caudilhos na tenda de Nestor, e consulta-os sobre o modo por que havia de pôr em execução a ordem que de Jupiter recebêra; mas, não conhecendo a fundo quaes eram os sentimentos dos soldados, determina sondal-os com um fingimento. Reune-se a assembléa[1]. O rei dos reis propõe a retirada. A multidão, não penetrando as dissimuladas intenções do seu chefe supremo, fatigada de tão grande luta, saudosa da patria e da familia, prepara-se com alvoroço para o reembarque. Tudo se põe em precipitado movimento. Ulysses, inspirado por Minerva, detem os fugitivos *, fallando com cortezia e brandura aos chefes, e reprehendendo asperamente o vulgo dos guerreiros. Reune-se novamente a assembléa.* Thersites, typo de insubordinacão e de maledicencia, tendo ousado levantar a voz ludibriosa contra Agamemnon, é severamente castigado por Ulysses, com applauso geral dos circumstantes.

[1] Nos primitivos estados da Grecia, o regimen era monarchico, mas temperado pela influencia theocratica dos adivinhos e agoureiros, e tambem por uma, aindaque pouco fixa, intervenção do conselho dos proceres βουλη, e pela das assembléas populares denominadas αγοραι, e em tempos posteriores εκκλησιαι. Esta mitigação do absolutismo real, aindaque mais consuetudinaria do que estabelecida por lei positiva e, como hoje disseramos, fundamental, era um dos carateres que distinguiam politicamente os povos gregos dos povos barbaros. Na Odysséa, para se designar o estado de barbárie em que viviam os Cyclopes, conta-se que não se reuniam em assembléas publicas deliberativas, nem tinham leis fixas (v. 112), e finalmente que não professavam religião alguma, não temendo os deuses, nem praticando acto algum de culto divino (v. 275).

Ulysses e Nestor exhortam os gregos á continuação de guerra.* Agamemnon, depois de haver disposto os animos para proximo combate, offerece um sacrificio a Jupiter, e convida a um banquete os capitães mais distinctos das hostes alliadas. Tambem as tropas tomam a sua refeição e, logo depois, saindo de suas tendas,* formam-se no campo sob o commando de seus respectivos caudilhos. Magnifica invocação do poeta ás Musas. Alardo dos gregos, e enumeração das naus, chefes e soldados que acompanharam Agamemnon ao cerco de Troia. Iris, mensageira de Jupiter, desce á assembléa dos troianos, para annunciar a approximação do inimigo. Heitor, com este aviso, dispõe os seus esquadrões em ordem de batalha. Resenha das tropas troianas e das auxiliares.

Este canto divide-se em duas partes. A primeira, que se compõe de 493 versos, finda com a invocação ás Musas, a quem o poeta recorre, não para lhes pedir inspiração propriamente tal, mas para que (como filhas de Jupiter e de Mnemosyne, isto é, da memoria) lhe recordem os nomes dos guerreiros e o numero das naus e dos soldados gregos, e o das tropas defensoras de Troia. A segunda parte, que se compõe de 384 versos, contém o recenseamento. Os diascevastas, isto é, os criticos que pozeram em ordem as rhapsodias ou cantos homericos, e os escholiastes que os commentaram, deram á segunda parte d'este segundo canto o nome de *Beocia,* tomando-o da primeira palavra pela qual começa. O final da primeira das duas partes é particularmente notavel pelos ornatos do estylo, e por um grande numero de similes, uns esplendidos e magnificos, outros, tirados de objectos pouco nobres, e que certamente serão reputados pouco poeticos, se houverem de ser avaliados em relação ao gosto moderno.

CANTO III

Os dois exercitos estão em frente um do outro. Paris desafia a singular combate os mais valentes de entre os gregos;* porém apenas vê diante de si a Menelau, foge. Tendo-lhe Heitor exprobrado a sua cobardia, concorda em pelejar com Menelau, com a condição que o vencedor ficará de posse de Helena e de seus thesouros.* Menelau aceita o duello; porém exije que o pacto seja sanccionado por Agamemnon. Os dois exercitos, depostas as armas, preparam-se para um sacrificio. Helena, por conselho de Iris, vem ver o certame do alto da torre da porta Scea, onde estava Priamo, em companhia de outros anciãos troianos.* Ella mostra ao sogro alguns dos principes gregos. Rito sagrado e estabelecimento das condições do certame singular, confirmadas com juramento por Agamemnon e por Priamo. Peleja. Paris, no instante, em que ia ser morto por Menelau, é ar-

rebatado do campo por Venus que, circumdando-o de um denso nevoeiro, o transporta aos seus aposentos nos paços do rei.* Helena, avisada pela mesma deusa, vem ter com elle, e lhe lança em rosto a sua ignavia. Os dois reconciliam-se. Menelau anda debalde em busca do seu adversario. Agamemnon declara vencedor seu irmão, e exige o cumprimento do concerto tão solemnemente celebrado.

Este canto, um dos mais breves de todo o poema, contém 461 versos. São n'elle dignos de particular attenção: 1.°, os ritos religiosos na celebração da convenção relativa ao duello entre Menelau e Paris; 2.°, a conversação entre Priamo e Helena, tão peregrinamente imitada por Torquato Tasso no 3.° canto, est. 58 a 63 da *Jerusalem libertada*.

CANTO IV

Vencido Paris, Helena devia ser entregue a Menelau. Concilio dos deuses no Olympo. Juno, sempre acerrima inimiga de Troia, procura induzir Jupiter a favorecer as suas miras, e o consegue. Minerva, não menos inimiga dos troianos, instigada por Juno, desce á terra e faz que Pandaro, arremessando aleivosamente uma setta, fira a Menelau. Assim ficam violadas as tregoas. A ferida de Menelau não é mortal; mas* Agamemnon assusta-se. É chamado o medico Machaon. Entretanto os troianos renovam o combate. Agamemnon, com a maior actividade, corre as fileiras do exercito, louva a bravura de alguns capitães, como a de Idomeneo, Ajaz, Nestor; e estimula os brios de outros que, como Menestheo,* Ulysses e Diomedes, não eram ainda sabedores da renovação das hostilidades. Trava-se novamente a peleja. Grande mortandade de parte a parte. Apollo e Marte favorecem os troianos, Minerva os gregos.

Tem 544 versos este canto. Entre outros trechos d'elle que merecem particular attenção, deve mencionar-se a objurgação feita por Agamemnon a Ulysses, a resentida resposta do ithacense, e a decorosa e ao mesmo tempo amigavel satisfação que lhe deu o caudilho supremo.

CANTO V

Encarniçada peleja entre os gregos e os troianos. Proezas quasi incriveis de Diomedes, protegido por Minerva. Este valente capitão é ferido por Pandaro com uma flecha. Minerva faz que recobre o vigor. Volta ao combate, dá a morte a muitos contrarios, e entre elles a Pandaro; fere a

Eneas no joelho, com uma enorme pedra. Venus acode a salvar seu filho, e o arrebata para fóra do campo de batalha: logo depois é ferida pelo filho de Tydeo. A deusa, transportada ao Olympo no carro de Marte guiado por Iris, é carinhosamente acolhida por Dione, sua mãe, e curada por Peon. Eneas, perseguido por Diomedes, é salvo por Apollo. Marte esforça os troianos, e Eneas, depois de alguns instantes de descanso, apparece novamente no campo, com o costumado denodo.* Sarpedonte mata a Tlepolemo, que se jactava desmedidamente. Pouco e pouco os gregos perdem terreno. Juno e Minerva acodem em seu auxilio.* Diomedes, instigado por Minerva, fere ao proprio Marte.* O deus, bramindo de dor, sobe ao céu e é reprehendido por Jupiter, e curado por Peon. Juno e Minerva voltam á celeste mansão.

Este canto, o mais longo de toda a Iliada, tem 909 versos.

N'elle brilha por certo o poeta na pintura das batalhas; mas o theologo talvez em nenhuma outra parte do poema dê tanto azo a uma severa critica. Venus e Marte, duas divindades de primeira ordem, feridas por um simples mortal, dão uma tristissima idéa da imperfeição do polytheismo como religião de um povo, embora na infancia da civilisação. Os partidarios das allegorias homericas não se mostram embaraçados em dar explicação de taes absurdos, para justificarem o grande vate. A mim parece-me que para o desculpar, ao menos em parte, basta reflectir que elle não era reformador, nem innovador nas crenças populares. Só seculos depois é que appareceram os philosophos, os quaes em parte depuraram, e em parte explicaram, com alguma plausibilidade, as lendas ou depravadas tradições antigas relativas á natureza e acções varias dos deuses celebrados pelos poetas, e admittidos pela persuasão commum. Assim mesmo os melhores d'esses preconisados amantes da sabedoria, taes como Socrates, Platão, Zeno e depois os Neo-platonicos, não ousaram explicar-se sobre taes pontos com a devida franqueza. Tendo conhecido pelas luzes da rasão a unidade de Deus, *não o glorificaram, confessando-o ás claras, nem se lhe mostraram agradecidos, mas antes em seus discursos se esvaeceram, e se entenebreceu o seu coração insensato, e attribuindo-se o nome de sabios, se tornaram estultos,* como diz o apostolo S. Paulo no capitulo 1.º da *epistola aos romanos.*

Não se deve portanto imputar a Homero o indecoro attribuido ás divindades do seu Olympo. A censura deve principalmente recaír não sobre o poeta, mas sim sobre a absurda theologia dominante no seu tempo, e ainda nem sequer purificada em parte, e em parte explicada, por uma philosophia posterior, embora tambem imperfeita e em muitos pontos erronea. Ácerca da theologia de Homero póde consultar-se uma obra de Nagelback que tem este titulo. publicada em Nuremberg, 1862.

CANTO VI

Retirados os deuses do campo da batalha, os gregos trucidam muitos guerreiros inimigos*. Heitor, por conselho do adivinho Heleno, seu irmão, vae á cidade, e faz que Hecuba, a rainha sua mãe, se dirija, com as matronas mais respeitaveis, ao templo de Minerva, offereça á deusa um riquissimo manto, e lhe prometta um sacrificio, se ella afastar do combate terrivel Diomedes.* Encontro e colloquio d'este heroe com Glauco. Tendo-se reconhecido hospedes, trocam entre si as proprias armas, e promettem-se perpetua e reciproca amisade.* Hecuba e as matronas que a acompanham imploram no templo de Minerva o auxilio da diva.* Heitor e Helena lançam acremente em rosto a Paris a sua inercia. Este se prepara para voltar á peleja.* Pathetico encontro de Heitor com Andromacha, e terno despedimento dos dois esposos.* Susto infantil de Astianaz. *Votos de Heitor a favor do seu querido filhinho.* Paris, revestido novamente de suas armas, reune-se a Heitor, e ambos sáem para o campo.

Tem 529 versos este canto, no qual são tantas as bellezas quantos os differentes quadros que n'elle se representam; ou antes em cada quadro ha mais de um pensamento, mais de uma expressão que ou deleita pela sua doçura, energia ou colorido, ou arrebata pela sua pathetica sublimidade. Quem ao lê-lo, principalmente no original, não se sentir encantado e commovido, tudo poderá ser menos um litterato, um alumno das Musas que presidem aos estudos amenos, e que elevam o espirito e humanisam o coração.

CANTO VII

Heitor e Paris repellem os gregos. Heleno, por inspiração de Apollo e de Minerva, aconselha a seu irmão Heitor que faça cessar a peleja, e que desafie a combate singular o mais valeroso dos gregos. Heitor adopta este alvitre. Feito o desafio no campo grego, todos se conservam calados. *Só Menelau se apresenta, aceitando a provocação troiana. Agamemnon oppõe-se a que seu irmão haja de pelejar só. *Nestor dirige acrimoniosa increpação aos guerreiros pouco pundonorosos, e recorda com ufania as proprias façanhas de antigos tempos. Estimulados pelas objurgações do venerando velho, nove guerreiros se offerecem a pelejar. Deitadas sortes, sáe a de Ajaz Telamonio. Descripção do duello. *Sobrevindo a noite, os combatentes são separados pelos arautos. Nestor dá de conselho aos gregos que enterrem os mortos, e que fortifiquem o campo. *Entre os troianos, Antenor é de parecer que se entregue Helena e suas riquezas, e que se con-

clua a paz; porém Paris nega-se a entregar Helena; mostrando-se prompto a restituir as riquezas roubadas e a acrescentar outras de seu proprio cabedal. No dia seguinte Priamo ordena que se leve ao campo grego esta proposta, e pede uma suspensão de armas, para que os troianos possam queimar os seus mortos. A proposta de Paris é rejeitada; a suspensão de armas é concedida. Os gregos cercam de um intrincheiramento os seus navios. Neptuno se indigna ao vêl-o. Festins nocturnos dos gregos e dos troianos. Horrorosa trovoada, presagio de proximos desastres.

São 483 os versos d'este canto. É muito notavel o despejo com que Paris recusa, no meio da *agora,* entregar Helena a seu legitimo esposo, e ainda mais estranhavel a frouxidão de Priamo, que a isso o não obriga. Todavia o caracter de Paris acha-se bem sustentado. Todos o conhecemos como um mancebo voluptuoso, presumido; certamente não justo, mas tenaz no seu immoral proposito de não sacrificar o proprio gosto pessoal ao interesse commum. Emquanto a Priamo, póde dizer-se que com verosimilhança podia ser representado condescendente em demasia, attendendo-se á ternura paternal, e mais que tudo á decrepita idade em que estava. A moralidade do poeta essa resalva-se bem, considerando-se o desfecho final d'aquella lide:

> Sed bene consuluit casto deus aequus amori;
> Versa est in cinerem, sospite, Troja, viro,

cantou o mesmo poeta latino que com tanta viveza e brilhante colorido soube pintar os caracteres dos dois personagens causadores de tantos infortunios, Paris e Helena, nas duas Heroides correspondentes.

CANTO VIII

Concilio dos deuses. Jupiter, depois de haver severamente prohibido toda a intervenção a favor de um ou de outro dos belligerantes, desce ao monte Ida, para presenciar a batalha. Ao principio, de ambas partes se peleja com igual fortuna.* Jupiter, tendo pesado em uma balança os destinos dos gregos e dos troianos, e prevalecendo o dos troianos, amedronta os gregos com um raio. Depois de varios feitos de armas, estes ultimos são desbaratados. Juno e Minerva, que haviam baixado do céu para os soccorrer, immediatamente são mandadas retirar do campo pelo rei dos deuses, por meio da mensageira Iris.* Jupiter increpa severamente sua esposa; esta lhe responde, e Jupiter replica, ameaçando de fazer desfechar no dia seguinte ainda maiores males sobre os gregos. *Falla de Heitor aos troianos. Findo o combate, por ter sobrevindo a noite, os troianos collocam um

grande numero de sentinellas no campo da batalha e, depois de se haverem banqueteado, velam armados, para estorvar que os gregos fujam, protegidos pelas trevas.

Este canto tem 565 versos. A continua intervenção dos deuses é um dos maiores defeitos da Iliada. Esta imperfeição torna-se, ainda mal! muito sensivel n'este canto. Sobre este ponto merece ser consultada a obra do sr. Bertrand: *Os Deuses protectores na Iliada,* Rennes, 1858.

CANTO IX

Consternação no campo grego.* Agamemnon convoca os chefes do exercito, e propõe-lhes o reembarque, aproveitando-se a escuridão da noite. *Diomedes e Nestor oppõem-se. Collocam-se sentinellas em frente dos entrincheiramentos. Agamemnon convida á sua mesa os mais idosos e os mais distinctos dos capitães.* Nestor aconselha que se forceje por applacar Achilles, por meio de rogos e de presentes. Achilles approva o arbitrio e, se aquelle principe se resolver a tomar de novo parte na luta, promette entregar Briseide, acompanhada dos mais magnificos donativos. Phenix, Ajaz Telamonio e Ulysses são escolhidos, por proposta de Nestor, para, como embaixadores ou deputados, irem á tenda de Achilles expor os desejos de todos os principes, e referirem as offertas e promessas de Agamemnon. Acompanhados de dois arautos, apresentam-se no pavilhão de Achilles.* Discurso pronunciado por cada um d'elles.* Recusa de Achilles, que detem, mas sem violencia, a Phenix, seu antigo aio. Ulysses e Ajaz voltam a dar conta do mallogro da sua embaixada.* Falla de Diomedes no conselho, ao saber-se a repulsa do inexoravel principe. Os capitães, descontentes pelo mau resultado d'aquella tentativa de conciliação, porém animados pelas corajosas palavras de Diomedes, recolhem-se ás suas tendas, para repousarem durante a noite.

Consta este canto de 709 versos. São n'elle principal objecto de estudo os discursos dos tres deputados, cada um d'elles verdadeiro modelo de eloquencia poetica no seu respectivo genero, bem como tambem o é a resposta de Achilles. Leia-se a excellente analyse que d'estas fallas fez Rollin no seu aureo *Tratado dos estudos.* Alem de tudo o mais, têem estes discursos o grande merecimento de uma inexcedivel naturalidade, não transparecendo n'elles o menor artificio. N'esta inimitavel singeleza levam elles vantagem aos aliás admiraveis discursos de Ajaz e de Ulysses no XIII livro das *Metamorphoses* de Ovidio; ao bem delineado e elegante de Alethes no II canto da *Jerusalem libertada* de Torquato Tasso; e ao de Ar-

mida no IV canto do mesmo poema. Com o do Ajaz homerico compete na concisão, vigor e desaffectada sobranceria o de D. Nuno Alvares Pereira, no canto IV dos *Lusiadas*.

CANTO X

Agamemnon, não podendo socegar durante a noite, agitado e inquieto, vae despertar Nestor, e reunidos em conselho os caudilhos de maior esforço e prudencia, resolvem mandar explorar o campo inimigo. São incumbidos d'este difficil encargo Diomedes e Ulysses. Tinham apenas dado alguns passos, quando lhes apparece uma ave voando, o que tomam por fausto presagio. A esse mesmo tempo, estimulado pelas promessas de Heitor, Dolon se havia posto a caminho para espiar os designios dos gregos, e se ia adiantando em direcção ás naus: assim vae caír nas mãos dos dois heroes, Com a esperança de que estes lhes conservassem a vida, revela-lhes o estado actual dos troianos e de seus alliados, e denuncia-lhes aonde estava acampado com a sua gente Rheso, rei dos thraces. Sem embargo d'esta importante revelação, o traidor Dolon é morto por Diomedes.* Este caudilho, juntamente com Ulysses, vae em direitura á tenda de Rheso, apodera-se de seus soberbos corseis, que Ulysses leva comsigo para fóra do acampamento; emquanto Diomedes tira a vida a Rheso e a doze de seus companheiros, que todos estavam submergidos em profundo somno. Minerva adverte aos dois guerreiros que não se demorem mais na facção nocturna pelo engodo dos despojos, podendo acontecer que Apollo acorde os thraces e os troianos.* Elles assim o fazem, e chegam ao ponto da partida, salvos e victoriosos.

O canto tem 579 versos. Este episodio da Iliada, chamado a *Dolonia*, era um dos trechos mais frequentes vezes recitados pelos rhapsodos, e segundo o paradoxo Wolfiano, uma das muitas peças da poesia dos Homerides, que com o andar dos tempos entraram na contextura de epopéa attribuida ao cisne Meonio. Alem do seu merecimento intrinseco, como modelo de narração, tem a Dolonia um não pequeno interesse dramatico, e deu o fundamento á tragedia *Rheso*, obra de Euripides, segundo a vulgar opinião. O acontecimento referido aqui por Homero, foi um dos que Virgilio figurou representados nas paredes do templo de Juno em Carthago. (*Eneida*, canto I, 469.)

CANTO XI

Agamemnon, logo ao amanhecer, leva as suas tropas ao combate. O mesmo faz Heitor. A bravura extraordinaria que Agamemnon então mostra,

assombra os troianos, que são vencidos. Heitor mesmo é repellido até perto dos muros da cidade; porém Jupiter quer que elle suste o impeto do seu temeroso inimigo, o qual,* havendo sido ferido, é constrangido a deixar o campo da batalha. Heitor aproveita-se d'esta circumstancia para reanimar o ardor dos seus. Gentilezas de valor obradas por Diomedes, Ajaz e Ulysses.* Diomedes, ferido por Paris, é levado para os seus navios. Ulysses, ferido tambem e cercado por todos os lados, é soccorrido por Ajaz e por Menelau. Paris, certeiro sagittario, fere a Menelau e a Eurypylo. *Achilles ordena a Patroclo que vá indagar o estado das cousas.* Nestor conta a Patroclo o infeliz exito da peleja; pede-lhe que implore o auxilio de Achilles, e que ao menos elle mesmo vista as armas do heroe, para assim intimidar os troianos. Patroclo, no seu regresso á tenda de Achilles,* encontra Eurypylo ferido e o manda transportar para a propria tenda, onde o trata com carinhoso desvelo.

Este canto, um dos mais longos, pois consta de 847 versos, encerra thesouros de poesia, no grande movimento da acção, na variedade dos similes, e até no pathetico dos sentimentos; principalmente no derradeiro incidente, o encontro de Eurypylo pelo sympathico Patroclo.

CANTO XII

Os gregos, repellidos dos seus entrincheiramentos, vêem ameaçada a sua frota pelos troianos. Estes*, aconselhados por Polydamante, apeando-se de seus carros, avançam denodadamente. Asio, que atacava uma das portas do muro que defendia o acampamento, é repellido por dois Lapithas. Polydamante, allegando um presagio infausto, tenta dissuadir Heitor de ir perseguindo o inimigo.* Memoravel resposta de Heitor, resistindo a um tal conselho. Os gregos,* e principalmente os dois Ajazes, defendem valorosamente os intrincheiramentos.* Sarpedonte e Glauco os atacam por outro lado. Menestheo lhes resiste, e chama em seu reforço Ajaz Telamonio e Teucro. Finalmente Sarpedonte derriba um lanço do muro.* Os Lycios estão a pique de passar alem; os gregos os repulsam com bravura; porém Heitor arromba uma das portas, e abre caminho aos seus para marcharem até ás naus.*

Tem este canto 471 versos, e, sendo tão curto, coube n'elle a narração de muitos e diversos factos, todos elles de não pequena importancia para o progresso da acção. Talvez aqui, como tambem em outras partes da Iliada, se possa censurar no poeta o ter feito sobresaír em demasia o merecimento de Heitor, que certamente inspira mais sympathia que nenhum

dos caudilhos gregos; embora Achilles excite maior admiração, pela indisputada superioridade do seu valor. A sentença de Heitor na sua resposta a Polydamante tem sido justamente celebrada, e tornou-se maxima proverbial na bôca de todos os briosos defensores da patria.

CANTO XIII

Os troianos, havendo passado para lá da muralha, trucidam os gregos. Neptuno, compadecendo-se d'estes, vem proteger a frota, a occultas de Jupiter, e, disfarçado, excita á resistencia os dois Ajazes e outros capitães. Estes conseguem afastar Heitor a alguma distancia das naus. Idomeneo, instigado por Neptuno, e coadjuvado por Meriones, soccorre a esquerda dos gregos. D'aqui procede um encarniçado combate, no qual Jupiter protege os troianos, e Neptuno os gregos. * Façanhas de Idomeneo. Tira a vida a Othryoneo, Asio, Alcathoo, e, ajudado por Meriones, Antilocho e Menelau, peleja com vantagem contra Eneas, Deiphobo, Heleno e Paris. Heitor acha-se em grande aperto, e vê que os seus principiam a retrogradar; porém, animado por Polydamante, reune as suas tropas, e as leva ao encontro do inimigo.* Ajaz envida todos os seus esforços, e dos dois lados se luta com o mais denodado valor.

Consta de 837 versos este canto. Todo elle respira bellico furor. Os versos 126 e seguintes, em que se descreve a firmeza da phalange troiana capitaneada por Heitor, foram imitados por Virgilio no canto X, v. 360 e seguinte da *Eneida*. Macrobio *(Saturn.*, lib. V, cap. 13) cita este logar entre aquelles em que Virgilio não igualou a magestade da poesia homerica. Da mesma opinião é Scaligero *(Poet.*, lib. V, cap. 3), apesar de ser pouco favoravel a Homero em quasi todas as ponderações que faz ácerca do merecimento comparativo dos dois epicos, grego e romano. Emquanto á concisão, propriedade e viveza de colorido dos alludidos versos de Homero e de Virgilio, não reputo inferiores dois logares que vou transcrever, um do nosso Camões, no episodio dos doze de Inglaterra, outro de Torquato Tasso no canto IX da *Jerusalem libertada*:

Dos cavallos o estrepito parece
Que faz que o chão debaixo todo treme,
O coração no peito, que estremece,
De quem os olha se alvoroça e teme:
Qual do cavallo vôa, que não dece;
Qual co'o cavallo em terra dando, geme;
Qual vermelhas as armas faz de brancas;
Qual co'os pennachos do elmo açouta as ancas.
(Lusiadas, canto VI, est. 64.)

Punge il destrier ciò detto, e là si volve
Ove di Soliman gl'incendi a scorti:
Va per mezzo del sangue e della polve,
E dei ferri, e dei rischi, e delle morti:
Con la spada e cogli urti apre e dissolve
Le vie piu chiuse e gli ordini piu forti,
E sossopra cadder fa' d'ambi i lati,
Cavallieri e cavalli, arme ed armati
(Gerusalemme Liberata, canto IX, est. 48.)

O illustre traductor portuguez da admiravel epopéa italiana, o sr. Ramos Coelho, verteu muito felizmente a referida oitava, da maneira seguinte:

Diz, e o cavallo rabido espicaça
Para onde Solimão peleja forte;
Vôa, por entre o pó e o sangue passa,
Desprezando o perigo, o ferro, a morte;
Pelas mais densas filas abre praça,
Vence-as, prostra-as co'o choque, e o igneo córte;
Faz por terra cair de ambos os lados
Cavalleiros, corceis, armas, soldados.

CANTO XIV

Nestor, ouvindo a grita dos combatentes, sáe da sua tenda onde refocillava a Machaon, e vae ver o que se passa. Encontra Agamemnon, Ulysses e Diomedes que, ainda não bem curados de suas feridas, haviam saído de suas tendas pelo mesmo motivo. Agamemnon, vendo a derrota dos seus, torna a fallar em reembarque. Ulysses desapprova similhante alvitre. Diomedes exhorta todos a que voltem ao campo da batalha, onde a sua presença alentará os gregos. Neptuno anima a Agamemnon e vigora o exercito. Para tambem auxiliar os gregos, Juno quer attrahir Jupiter ao monte Ida. * Ella pede emprestado a Venus o seu cinto para seduzir o esposo, e chama o somno em auxilio do seu designio. Neptuno aproveita-se, em favor dos gregos, d'esta conspiração contra o pae dos deuses. *Ajaz, arremessando uma pedra contra Heitor, o derriba e o inhibe de continuar a pelejar. Os gregos, recobrando vigor, fazem retirar de junto das naus os troianos, e Ajaz, filho de Oileo, vae no encalço d'elles.

Tem este canto 492 versos. Em nenhum outro se menoscaba tanto como n'este a magestade do pae dos deuses e dos homens. Como poderá o mais fanatico admirador de Homero justificar cabalmente o poeta em quanto ao episodio do Ida? Aqui tem cabimento, mais que em outro algum logar, a pergunta do Venusino:

Tu nihil in magno doctus reprendis Homero?

Todavia a graciosa ficção do cinto de Venus foi e será sempre admirada e applaudida. De todos os amantes da poesia é conhecida a imitação do Tasso no canto XVI da *Jerusalem*.

CANTO XV

Jupiter acorda: vê que os gregos, auxiliados por Neptuno, desbaratam os troianos. Agasta-se contra sua esposa. Resposta de Juno, e sua falla na assembléa dos deuses. Iris é mandada por Jupiter intimar a Neptuno que se retire da batalha.* O deus do mar ouve com impaciencia a ordem de seu irmão, solta expressões atrevidas; mas depois, docil ás ponderações da celeste mensageira, resigna-se e obedece. Apollo, por mandado do supremo nume, seu pae, desce ao campo para reanimar as forças de Heitor.* Este, voltando á peleja, alenta os troianos, põe em fugida os inimigos, e, sempre precedido por Apollo, os enche de terror, e abre aos troianos caminho para irem incendiar a frota.* Terrivel peleja em frente das naus. Ajaz, armado de um enorme harpéu, protege-a contra os esforços de Heitor, que, tendo nas mãos um facho acceso, ameaça o navio de Protesilao.

Tem este canto 706 versos. As indecorosas desavenças entre o rei e a rainha dos deuses, e a insubordinação de Neptuno, felizmente atalhada pelos bons conselhos de uma divindade subalterna, occupam uma parte consideravel d'este canto, na qual apenas os logares marcados com o asterisco * merecem uma attenção particular, sob dois aspectos, o mythologico e o moral. Na viveza e rapidez da narração dos combatès, admira-se a costumada mestria do grande poeta.

CANTO XVI

Achilles, movido pelas supplicas de Patroclo, permitte-lhe que vista a sua armadura, e que leve ao combate os Myrmidones.* Recommendação que lhe faz na despedida. Patroclo apparece diante dos troianos. Estes, ao vê-lo, julgando-o Achilles, lançam-se a fugir. Proezas do heroe Sarpedonte, o qual, depois de ter matado Pédaso, um dos cavallos de Achilles, perde a vida ás mãos de Patroclo. Acerrima peleja junto ao cadaver, que finalmente, por ordem de Jupiter, é milagrosamente transportado para a Lycia. Patroclo abalança-se a dar assalto aos muros de Troia. É estorvado por Apollo. Heitor accommette a Patroclo: este lhe resiste valorosamente, mata Cebrion, que guiava o carro do filho de Priamo, e fica se

nhor do cadaver. Immola depois muitos troianos, até que, desarmado invisivelmente por Apollo, e ferido por Euphorbo, é morto e insultado por Heitor.* Predicção do moribundo.

Este canto tem 867 versos. O interesse do drama, tão variado em incidentes na descripção de tantas batalhas, não diminue n'este canto; tanta é a fecundidade do genio de Homero. Em quanto ao desenlace da luta travada por Patroclo, o poeta tem sido censurado por alguns criticos, e altamente louvado por outros. Que gloria resulta a Heitor de haver dado a morte ao illustre voluntario, desarmado e ferido? dizem os censores. N'isto mesmo se patenteia o grande engenho do vate, dizem os seus encomiastas; porque, se por um lado elle faz cem vezes justiça á bravura de Heitor, nunca esquece, e menos n'este logar, que o seu fito é cantar as glorias nacionaes da Grecia, e aqui se propõe exaltar a Patroclo, embora infeliz, mas camarada e amigo predilecto do grande protagonista, de Achilles, o bravo dos bravos no exercito confederado contra barbaros, e demais a mais defensores de uma causa manifestamente injusta.

CANTO XVII

Menelau defende o cadaver de Patroclo, e mata Euphorbo, que forcejava por apoderar-se d'elle. Sobrevem os troianos, capitaneados por Heitor. Menelau retrocede, e Heitor se apodera das armas de Achilles, e d'ellas se reveste. Ao ver Ajaz diante de si, retira-se; mas, ouvidas as exprobrações de Glauco, avança novamente á frente dos troianos mais valerosos. Ao mesmo tempo, Menelau chama para junto de si os mais esforçados de entre os gregos.* Então se trava um horroroso combate: uns querem apoderar-se do corpo de Patroclo, outros defende-lo. Sobrevem um repentino e cerrado nevoeiro: os guerreiros pelejam quasi de todo ás escuras. Desfaz-se o novoeiro, por disposição de Jupiter,* a instancias de Ajaz. Menelau envia Antilocho á tenda de Ulysses, para lhe annunciar a morte de Patroclo.* Entretanto Menelau e Meriones, levantando do solo o cadaver do Meneciade, o transportam para a praia vizinha, protegidos pelos dois Ajazes. Eneas e Heitor, com outros troianos, perseguem os gregos postos em fugida.

Contém este canto 661 versos. N'elle é menos activa a intervenção dos deuses, e por isso mais verosimil e natural o progresso da acção. A exclamação de Ajaz ao pelejar na escuridão do nevoeiro, é objecto da justa admiração dos criticos de apurado gosto.

CANTO XVIII

Antilocho annuncia a Achilles a morte de Patroclo. Profundissima dor e sentidos queixumes do heroe. Thetis, acompanhada das Nereidas, sáe do mar e vem consola-lo. Elle quer correr ao campo para vingar sem demora o seu amigo. A mãe o aconselha a reprimir por algum tempo os impetos do seu furor, até que ella lhe traga uma nova armadura. Os gregos estão a ponto de deixar nas mãos do inimigo o corpo de Patroclo. Achilles, por conselho de Juno, que lhe envia Iris, mostra-se, desarmado, aos troianos, junto do fosso, e os troianos ficam penetrados de terror. O cadaver é posto em seguro. A noite põe termo á peleja. Os troianos, reunidos em conselho, resolvem não se recolher á cidade. * Lamentos de Achilles. Thetis apresenta-se a Vulcano, e lhe pede que haja de forjar uma completa armadura para Achilles.* Descripção do escudo. Thetis, descendo do Olympo, entrega ao seu filho as armas forjadas pelo deus de Lemnos.

Este canto tem 617 versos. O trecho capital é a descripção do escudo forjado por Vulcano. Varios artistas, e entre elles Boivin em França, e Flaxman, em Inglaterra, desenharam e fizeram gravar este escudo, encerrando em varios compartimentos todos os quatorze quadros parciaes que elle encerra. Este magnifico episodio foi imitado (mas com a liberdade de um genio creador) por Virgilio, no canto VIII da *Eneida;* por Silio Italico, no canto II do seu poema *sobre a segunda guerra Punica;* pelo Tasso, no canto XVII da *Jerusalem libertada,* e por outros poetas de grande nomeada.

Sobre o escudo homerico (com rasão reputado mais antigo que o hesiodeo) podem consultar-se as notas ás traducções de Homero por Dacier, Bitaubé e Pope; a dissertação de C. G. Heine, sobre o canto VIII da *Eneida,* que vem na sua edição das obras de Virgilio, Lipsia 1833; e a eruditissima obra do sr. Quatremère de Quincy, intitulada *Jupiter Olympien.* Com muito artificio, e quasi com o merecimento de originalidade, imitou Camões a Virgilio (não a Homero), ao representar pintados nas bandeiras da nau de Paulo da Gama alguns dos mais importantes factos da historia de Portugal *(Lusiadas,* canto VIII, est. 1 a 38).

CANTO XIX

*Achilles folga ao contemplar as armas que sua mãe lhe trouxera. Thetis exhorta seu filho a tomar novamente parte na luta contra os troianos,

e instilla no cadaver de Patroclo um balsamo divino, para o preservar da corrupção.

Reunida a assembléa dos gregos, * Achilles reconcilia-se com Agamemnon. *Este principe reconhece o proprio descomedimento, e offerece ao aggravado todos os presentes promettidos. Achilles só cuida por então em vingança, e exige immediata peleja. Cede todavia ao conselho de Ulysses, que mostra a necessidade de dar algum descanso ás tropas, e recebe em publico os dons de Agamemnon, os quaes lhe são entregues juntamente com Briseide, que fôra a causa da desavença.* Juramento do rei e solemne sacrificio. * Lamentos de Briseide ao ver o cadaver de Patroclo. Os gregos reunidos se banqueteiam. Achilles recusa toda a refeição. Minerva, por mandado de Jupiter, desce do céu, para refocillar o filho de Thetis, o qual sobe ao seu carro com Automedonte, e estimúla os cavallos, um dos quaes lhe prognostica morte proxima. *Resposta do heroe.

Este canto tem 419 versos, nem um só dos quaes póde dar azo a uma justa critica, nem por ocioso nem por inelegante. A scena de reconciliação, alem de interessante em si mesma, é eminentemente moral. Na falla de Agamemnon e na de Achilles, vêem-se admiravelmente conciliados, o decoro real, com a ingenua confissão de um erro commettido; os pundonores do aggravado, com a consideração devida á suprema auctoridade, uma vez que ella dera a condigna satisfação. Segundo S. Basilio, as obras de Homero podem chamar-se um continuado hymno em honra da virtude *(Discurso aos mancebos)*. Mas com especialidade a Iliada é uma quasi continua lição aos soberanos, e aos grandes principes. Que males não resultaram da altivez, capricho e sem justiça do rei dos reis, Agamemnon? Verdade seja os Achilles são raros em todas as idades; porém a Allemanha teve um Wallenstein, a França um condestavel Carlos de Bourbon, e um principe Eugenio de Saboia, Portugal um Fernão de Magalhães ...

CANTO XX

Os dois exercitos preparam-se para a peleja. Jupiter convoca a concilio os deuses, e lhes permitte que n'ella tomem parte a favor de qual dos dois campos quizerem: Juno, Pallas, Mercurio, Neptuno, Vulcano, descem do Olympo em auxilio dos gregos: a favor dos troianos militam Marte, Apollo, Latona, Diana, Venus, e o Scamandro. *Apollo excita Eneas contra Achilles, que ameaça a Heitor. Combate entre Achilles e Eneas. Este é subtrahido por Neptuno do perigoso lance em que se acha. Heitor vae acommetter Achilles. É detido por Apollo. *Achilles tira a vida a muitos guerreiros troianos; entre outros a Polydoro, filho de Priamo. Heitor quer

vingar a morte de seu irmão, e vae atacar Achilles; porém Apollo impede o recontro, envolvendo Heitor em uma nuvem. Proezas de Achilles, e horrivel matança nos troianos.

Este canto tem 502 versos. Em nenhum outro logar da Iliada se vêem intervir mais activamente os deuses nas peripecias marciaes. O logar em que se descreve o terror experimentado por Plutão quando Jupiter troveja horridamente, e Neptuno abala as entranhas da terra, e os altos cumes dos montes (56 a 65) foi imitado por Virgilio na *Eneida*, canto VIII, v. 243 e seg. e por Ovidio, *Metam.*, v. 353. Longino admira com rasão este logar verdadeiramente sublime.

CANTO XXI

Achilles põe em fugida os troianos; trucida um grande numero d'elles, mas poupa doze mancebos prisioneiros, com o intuito de os immolar sobre o tumulo de Patroclo. * Tira a vida a Lycaon, que debalde lhe dirige as mais instantes e maviosas supplicas. Luta do heroe com o Scamandro. Estando proximo a ser sorvido por elle, é salvo por Juno, que faz, que Vulcano seque com fogo as correntes da agua. Altercações entre Marte, Minerva e Venus; entre Apollo e Neptuno, Juno e Diana, Mercurio e Latona. Recolhem-se os deuses ao Olympo, em quanto Achilles corre por toda a planicie, perseguindo os troianos que fogem diante d'elle. Priamo manda fechar as portas da cidade. Apollo, para evitar que os fugitivos sejam todos victimas do furor de Achilles, envia Agenor contra Achilles. Depois o mesmo Apollo, tomando a figura de Agenor, illude o heroe que, indo em seu seguimento, se afasta dos baluartes de Troia.

Com o fim d'este canto, que tem 611 versos, termina na Iliada a pintura das batalhas, a qual occupa uma parte tão consideravel (a metade) de todo o poema. Só Homero, mediante a inesgotavel fecundidade da sua imaginação, pôde evitar a monotonia em taes descripções. Ainda n'este canto XXI, que viveza, que fogo em todas estas lutas, em que tomam parte os homens, os deuses e os mesmos elementos! Homero anima, abrasa, com a chamma do seu genio, todas estas scenas variadas, terriveis, magestosas!

CANTO XXII

Havendo-se os troianos encerrado na cidade, só Heitor fica fóra junto dos muros, esperando a pé firme o seu terrivel adversario Achilles, * apesar dos rogos de seus paes, Priamo e Hecuba, que se esforçam por demo-

ve-lo do seu intento. Heitor lança-se a fugir ao ver Achilles, o qual, tendo conhecido o ardil de Apollo, volta na direcção dos muros de Troia. * Jupiter pésa em uma balança os destinos dos dois capitães. Minerva, sob a figura de Deiphobo, instiga Heitor a pelejar contra Achilles. * Combate. * Heitor ferido mortalmente, supplica ao seu vencedor que entregue o seu corpo a Priamo. * Desapiedada resposta de Achilles. * Derradeiras palavras e morte de Heitor. Achilles o despoja de suas armas, desafoga barbaramente o seu rancor sobre o cadaver do inimigo, a quem arrasta, preso ao carro, até perto dos baluartes de Troia. * Consternação, pranto e lamentos de Hecuba, de Priamo e de Andromacha.

Tem este canto 515 versos. Todo elle está cheio do mais sublime pathetico. Propriamente fallando, só encerra duas situações, nas quaes vem confundir-se todos os outros acontecimentos. Luta suprema entre Achilles e Heitor. Que quadro tão vivo e tão animado! Em Heitor, a principio, denodo, depois hesitação, secreto terror, funesto presentimento; depois, novamente resolução, valor, heroismo. Em Achilles, indomito furor, antes da peleja, durante a peleja, depois da peleja. Horacio, na *Epistola aos Pisões*, traçou-lhe o retrato, qualificando-o: *Impiger iracundus, inexorabilis, acer, Jura neget sibi nata.* Homero desenhou e coloriu o retrato, pondo em acção o caracter do heroe na sua plena, e até ás vezes brutal manifestação. O combate singular entre os dois caudilhos mais valerosos dos dois povos belligerantes, Achilles e Heitor, teve um grande numero de imitações. Quasi não ha poema epico em que se não leia um duello entre dois heroes. Bastará lembrar o de Eneas e Turno na *Eneida*, o de Rogeiro e Rodomante no *Orlando Furioso*, o de Tancredi e Argante na *Jerusalem Libertada*, o de Gorgoris e Ulysses na *Ulysséa*.

A segunda situação d'este canto é a dor, a dor acerba, agudissima, resultado de triplice e variada ternura; ternura paternal, a de Priamo; ternura maternal, a de Hecuba; ternura conjugal, a de Andromacha. A expressão d'esta dor, e dos correspondentes affectos, é perfeitamente accommodada ás tres consternadas personagens, com cujos lamentos remata este canto XXII.

CANTO XXIII

Os Myrmidones, e á sua frente Achilles, desfilam, armados, em derredor da eça onde jaz o corpo de Patroclo; Achilles lhes dá um banquete funebre; assiste a uma ceia na tenda de Agamemon, e determina que no dia seguinte se celebre o funeral. Tendo-se recolhido á sua tenda, adormece finalmente, depois de mui longa vigilia. * Apparece-lhe em sonhos Patroclo, que lhe pede com instancia não se esqueça de prestar-lhe os derradeiros of-

ficios. De manhã cedo, um troço de soldados, enviados por Agamemnon, vai cortar lenha ao monte Ida, e com ella se levanta a pyra, sobre a qual se ha de queimar o corpo de Patroclo, todo coberto de cabellos que muitos de seus companheiros se haviam cortado em signal de luto. * Achilles tambem corta os seus, e os põe sobre o cadaver do seu amigo, ao qual immola um grande numero de victimas. Lança-se finalmente fogo á pyra. Achilles invoca os ventos Boreas e Zephyro, para que ateiem promptamente as chammas. Emquanto estas cousas succedem, Apollo e Venus velam o corpo de Heitor. No dia seguinte, recolhem-se as cinzas de Patroclo, e encerram-se em uma urna. *Achilles recommenda que as suas, quando for morto, se hajam de juntar ás d'elle. Ergue-se um tumulo a Patroclo. Achilles manda celebrar diversos jogos em honra de seu amigo. Corrida de carros; combate de pugilato; luta; corrida a pé; peleja com armas; jogo do disco; jogo do arco.

Tambem este canto, que consta de 897 versos, póde dividir-se em duas partes principaes. A primeira encerra as diversas particularidades relativas ao funeral de Patroclo. A segunda os muito variados incidentes dos jogos celebrados em honra do mesmo principe. N'este canto se pintam, com mais vivas cores que em todo o resto do poema, os extremos de uma carinhosa amizade. Achilles e Patroclo são, segundo a lenda homerica, a expressão mais elevada de um nobre e, ainda mal!, mui raro sentimento — um affecto reciproco que prende dois corações, por sympathia e conformidade de indoles, de costumes e de gostos, sem a mais pequena mescla de interesse, sem a minima reserva, e com a decidida e perpetua propensão a sacrificar as proprias conveniencias ás conveniencias do amigo, se isso for necessario. D'estes primores da amisade nos offerece a sagrada escriptura um mavioso exemplo em David e Jonathas. (Leia-se o sublime epicedio á morte de Saul e Jonathas no livro I *dos Reis.)* A mythologia tambem nos apresenta (sem fallar nos dois irmãos Castor e Pollux, a cuja respeito leia-se a ode X das *Nemeas* de Pindaro) dois insignes modelos da mais extremosa affeição, os mancebos Pylades e Orestes, tão celebrados pelos tragicos gregos, especialmente por Euripides na sua *Iphigenia em Tauride*. Finalmente, na viva, pathetica e sublime creação de dois typos da mais fina amisade, elevada até ás alturas do bello ideal, a todos os poetas antigos (e não sei se tambem aos modernos) levou a palma o vate Mantuano que, dotado de um coração todo dulcissima sensibilidade, em si mesmo achou elementos e inspiração para enriquecer o seu já valiosissimo poema com mais um diamante de subidos quilates, o inexcedivel episodio de Niso e Euryalo *(Eneida,* canto IX).

A celebração dos jogos funebres encerra um grande numero de bellezas da segunda ordem. Um de seus merecimentos é o servir de diversão

e de descanso, depois de tão prolongadas scenas de carniceria, e de tão patheticos lances de dor e de lucto. Tambem n'este ponto o principe dos epicos romanos seguiu a trilha do principe dos epicos da Grecia. Excellente exercicio litterario será o confrontar os dois episodios entre si, o d'este canto XXIII da *Iliada* e o do canto V da *Eneida*. A opinião mais corrente entre os criticos é que o imitador, com quanto muito habil e muito feliz, não chegou a igualar n'esta parte o seu modelo. Nenhum porém deixa de reconhecer que, ao menos na porfia naval por elle substituida ás corridas de carros, deixou duvidosa a superioridade homerica. Em opposição ao parecer da maioria (cumpre-me declaral-o) alguns apaixonados do poeta latino sustentam que ainda n'estas descripções, em mais de um caso, o que em Homero é um excellente bosquejo, em Virgilio é um quadro perfeitamente colorido.

CANTO XXIV

Terminados os jogos, os gregos tomam a sua refeição, e vão repousar. Achilles não póde dormir tranquillo, e de madrugada ata ao carro o corpo de Heitor, e o arrasta tres vezes em deredor do tumulo de Patroclo. Apollo, indignado por tal crueldade, d'ella se queixa amargamente no conselho dos deuses. Jupiter envia Thetis a Achilles, para dispo-lo a entregar o cadaver de Heitor, e envia ao mesmo tempo Iris a Priamo, para lhe ordenar que leve a Achilles presentes preciosos, e taes que possam applacar a sua colera. Priamo obedece, apesar da opposição de Hecuba. Põe-se a caminho, com as dadivas destinadas ao resgate do seu filho; porém antes, por conselho de sua esposa, faz as costumadas libações a Jupiter, e supplica-lhe que lhe mostre um signal favoravel. Apparece-lhe uma aguia voando do lado direito.* Mercurio se lhe mostra na figura de um formoso mancebo, e lhe serve de guia até á tenda de Achilles.* O desgraçado rei lança-se aos pés de Achilles, beija-lhe as mãos, e lhe obsecra que lhe entregue o corpo do seu filho.* Achilles, enternecido, o ergue, e lhe concede a graça pedida; consente em umas tregoas de onze dias para se celebrarem as exequias de Heitor;* admitte Priamo á sua mesa, e o faz repousar no vestibulo da sua estancia. Na manhã do dia seguinte, Priamo, tambem sob a guarda de Mercurio, regressa á cidade, levando o corpo de seu filho. Os troianos concorrem em tropel a vê-lo: havendo sido collocado em uma sala do palacio, * Andromacha,* Hecuba e a propria * Helena soltam sentidos ais, e derramam copiosas lagrimas. Funeral de Heitor, e fim do poema.

Este canto, que consta de 804 versos, encerra bellezas de primeira ordem, principalmente no genero pathetico, reune em seu favor os suf-

fragios de todos os criticos, e excita a admiração de todos os entendedores. Aqui quasi não é possivel chamar a attenção para um determinado trecho. Cumpre ler todo o canto, porque em todo elle se achará objecto digno de attenção e merecedor de elogio. A singeleza do estylo, uma incomparavel naturalidade em a narração, e algumas encantadoras ficções, caracterisam a primeira parte do canto. A segunda parte offerece qualidades de outra ordem; scenas commovedoras, quadros patheticos, situações sublimes, no verdadeiro sentido da palavra [1].

---

[1] Leiam-se os estudos litterarios e moraes sobre Homero pelo sr. Augusto Werdal, Paris, 1860.

A ODYSSÉA

O heroe do segundo dos poemas homericos é Ulysses, personagem muito mais digno de ser proposto como modelo do que o principal dos heroes da Iliada, Achilles. Assim, embora, segundo a opinião mais commum, que tem a seu favor a auctoridade de Longino, a Iliada seja considerada superior em merecimento poetico; emquanto á moralidade, como tambem emquanto á interessante narração de variadas aventuras maritimas e domesticas, ninguem póde disputar a primazia á Odysséa, que é ao mesmo tempo uma epopéa e um romance, e o mais antigo e o mais original dos romances. Na Iliada, campeia acima de todas as outras qualidades brilhantes, o valor marcial. Na Odysséa brilham em todo o seu esplendor as mais apreciaveis virtudes e os mais nobres sentimentos, a piedade religiosa, a castidade conjugal, o amor da patria, o affecto filial, o amor maternal, o carinho de uma extremosa ama, a fidelidade de um servo nunca esquecido de seu senhor ausente. A alma sensivel do poeta immortal até não se esqueceu de commemorar, em um dos episodios, a indole meiga de um irracional, o cão Argos, typo incomparavel de desinteressada e extremosa affeição a seu dono. Por outra parte, os vicios e os crimes são constantemente stigmatisados em todo o poema, e os dos pretendentes da rainha e a devassidão das servas que com elles haviam travado criminosas relações, são punidos com extremo rigor. Tal é em poucas palavras a traça e o pensamento fundamental do poema que (segundo os que não admittem o systema dos Wolfianos, nem o dos chorizontes[1]) foi producção de Homero já em idade provecta, e, como engenhosamente se explica o auctor do *Tratado sobre o sublime*, se não tem esplendor similhante ao do sol no seu zenith, tem a moderada, mas ainda brilhante, claridade de sol perto do seu occaso em uma bella tarde de outono. Relativamente ao estylo dos dois poemas, facil é assignar a rasão por que

[1] Chamam-se *chorizontes* os criticos que julgam não serem os dois poemas, a Iliada e a Odisséa, obra de um só e o mesmo auctor.

o da Iliada se avantaja em elevação e pompa ao da Odysséa. A diversidade do assumpto de cada um d'elles a explica satisfatoriamente. Com effeito, muitas das aventuras contadas n'esta ultima epopéa são mais materia de socco que de cothurno, ao contrario da que a Sirena dos Lusiadas

> ..... aprendeu no immenso lago,
> Qual Iopas não soube ou Demodoco,
> Entre os Pheaces um, outro em Carthago [1].

Assim todos os traductores de Homero confessam a muito maior difficuldade de verter a Odysséa que a de trasladar a Iliada, se o traductor aspirar a ser lido não só dos eruditos, mas tambem dos litteratos, ou que se arrogam o titulo de litteratos [2].

Ulysses (em grego *Odysseus*) é, como fica dito, o heroe da Odysséa; e com mais propriedade e exacção do que Achilles o é da Iliada. Eis-aqui o assumpto e fundamento do poema: Ulysses, ao voltar victorioso da expedição contra Troia, ao regressar para Ithaca, sua patria, de que estava ausente havia muitos annos, depois de muitas aventuras, alvo de atroz rancor de Neptuno, perde todos os seus companheiros; e por outra parte, o seu palacio se acha invadido por uma turba de mancebos desenfreados, que, aspirando á mão de Penelope, esposa do illustre peregrino, malbaratam os seus bens e armam ciladas ao seu filho Telemacho, querendo tirar-lhe a vida. Chega finalmente, apesar dos furores de Neptuno, dá-se a conhecer a alguns dos seus, pune os *procos*, isto é, os pretendentes, seus inimigos, e tendo, principalmente com o auxilio de Minerva, dado a morte a todos elles, entra novamente na posse da sua casa e da suprema auctoridade.

A narração de taes factos é de uma grande simplicidade; todos elles se passam no curto espaço de cincoenta dias. A economia do poeta é tão excellente, diz o sr. Budé, que Homero descobriu o segredo de incluir no quadro da sua admiravel concepção, por meio de ficções novas e de incidentes variados, a estada do seu heroe na ilha de Calypso, os encantamentos de Circe, os lotophagos, os lestrigões, os cyclopes, a crueldade de polyphemo, o gasalhoso hospicio achado entre os Pheaces. Depois de tão engenhosas ficções, todos ellas capazes de excitar as mais proficuas reflexões moraes, referindo o suspirado regresso de Ulysses á sua ilha natal, da qual após mil aventuras vê emfim fumegar os tectos, o poeta ain-

[1] *Lusiadas*, canto X, est. 7.

[2] Antes de apparecer a traducção de Hippolyto Pindemonte, nenhuma das traducções italianas da Odysséa gosava de tanta estimação como a de Gregorio Redi, a qual é em parte seria e em parte jocosa. Ora precisamente as oitavas em estylo proprio do socco são as mais bellas e as mais poeticas.

da prende mais a nossa attenção, e acalora a nossa sympathia, contando-nos os colloquios do ardiloso ithacense com o fiel Eumeo, com o joven Telemacho, com a carinhosa ama Eurycléa e, por derradeiro, pintando-nos a violenta morte dos pretendentes, e a maviosa scena em que Ulysses se dá a conhecer á sua esposa Penelope.

SUMMARIOS DOS CANTOS DA ODYSSÉA[1]

CANTO I

Proposição do poema. Concilio dos deuses, no qual se resolve o regresso de Ulysses. Minerva desce a Ithaca e, na figura de Mentor, rei dos taphios, *anima a Telemacho e lhe aconselha que vá a Pylos e a Esparta, para saber de Nestor e de Menelao noticias de seu pae, e para ao mesmo tempo se dar a conhecer e grangear fama fóra dos estreitos limites do seu paiz natal. *Banquete dos procos, isto é, dos principes que requestavam Penelope, aspirando a desposal-a. O aedo Phemio, emquanto elles comiam e bebiam, canta os infortunios dos caudilhos gregos em sua volta de Troia. *Penelope, ouvindo, desde os seus aposentos na parte mais elevada do palacio, o canto de Phemio, desce, acompanhada de duas donzellas, á sala do festim e, parando no liminar da porta, pede ao inspirado cantor que escolha outro assumpto para os seus cantares. *Telemacho não approva tal mudança de thema; falla com firmeza á mãe e aos pretendentes, convoca uma assembléa para o dia seguinte, e se retira á sua camara para repousar.

CANTO II

Reunião da assembléa convocada por Telemacho. Este principe aggrava-se dos pretendentes aos proceres. Antinoo, o mais poderoso dos pretensores e o mais temerario de todos elles, queixa-se amargamente de Penelope, e quer que o filho a constranja a escolher de entre elles um novo

[1] Tencionando publicar proximamente a traducção de mais alguns cantos da Odysséa, acompanhada de observações criticas, limitar-me-hei aqui aos summarios de cada canto, sem lhes acrescentar nota ou reflexão alguma, como aliás julguei dever fazer relativamente aos da Iliada. Os summarios que se dão aqui da Odysséa são, pela maior parte, os que precedem cada um dos cantos da traducção de Pindemonte. Em similhante caso seria mal cabida qualquer pertensão á originalidade.

esposo, por isso que, segundo diz, já não se póde esperar que Ulysses regresse. * Telemacho lhe responde que tal não devia nem queria fazer. Jupiter faz apparecer nos ares duas aguias. * Ao contemplal-as, o adivinho Halitherses prognostica estar proxima a chegada de Ulysses, e por causa d'este vaticinio é injuriado por Eurymacho, outro caudilho dos procos, porém menos violento que Antínoo. Telemacho pede que lhe seja dada uma embarcação para o levar a Pylos e a Esparta. Mentor procura incitar o povo contra os pretendentes. Leócrito o ameaça e dissolve a assembléa. Telemacho, retirando-se para a ribeira do mar, implora o auxilio de Minerva, a qual lhe apparece em figura de Mentor e lhe promette coadjuval-o. O real mancebo torna ao seu palacio, e pede a sua ama Eurycléa que lhe prepare os mantimentos para a viagem. A extremosa * Eurycléa prorompe em expressões de magoa e de receio, mas cumpre a ordem recebida. Chegada a noite, o joven embarca juntamente com Minerva, que o acompanha disfarçada em Mentor.

CANTO III

Telemacho chega a Pylos na mesma occasião em que Nestor celebrava um solemne sacrificio a Neptuno. O rei lhe faz o mais amigavel acolhimento. O joven dá-se-lhe a conhecer, e pergunta-lhe novas do seu caro pae. Nestor refere o que no regresso para os seus lares, depois da quéda de Troia, acontecêra a elle proprio e a outros heroes gregos; detendo-se mais largamente no tocante a Agamemnon. Ácerca de Ulysses nada póde dizer-lhe; aconselha-lhe porém que vá a Esparta, e que busque informações dirigindo-se a Menelao que, ali recentemente chegára após uma longa viagem. Desapparecimento de Minerva, que disfarçada em Mentor, acompanhava a Telemacho. Nestor, que a reconheceu, celebra em sua honra um solemne sacrificio, e encarrega um de seus filhos, Pisistrato, de acompanhar em um carro até Esparta o joven ithacense.

CANTO IV

Telemacho com Pisistrato chega a Esparta, no dia em que Menelao celebra as bodas de seu filho Megapenthes e de sua filha Hermione. * Helena e Menelao reconhecem-no facilmente por filho de Ulysses. Elogios d'este heroe, e commoção que elles excitam em Telemacho e ainda em outros convivas. * Artificio de Helena para fazer cessar a magoa e as lagrimas. Recolhem-se todos a descansar. Tendo amanhecido, Menelao ouve da bôca de Telemacho quanta era a insolencia dos pretendentes, manifesta a sua indignação e refere-lhe a sua viagem ao Egypto, e o que ali lhe dissera

Proteo ácerca de Agamemnon, de Ajaz, de Oileo e tambem de Ulysses. Emquanto isto se passa no alcaçar de Menelao, os pretendentes acordam entre si armar uma emboscada a Telemacho, e dar-lhe a morte quando voltasse. Dor angustiosa de Penelope, quando lhe é revelada tão cruel trama. Minerva, com um sonho de bom auspicio, lhe dá conforto.

CANTO V

Novo concilio dos deuses. Minerva queixa-se de que Ulysses seja detido na ilha de Calypso, e de que se trame contra a vida de Telemacho. Jupiter envia Mercurio a Calypso, a qual, bem a seu pezar, permitte que Ulysses a deixe. O heroe sáe da ilha em uma especie de jangada, por elle mesmo construida. Neptuno faz levantar contra elle uma horrenda tempestade. O intrepido navegante, despedaçada a barca pelo furor dos ventos e das ondas, lança-se a nadar e, com o auxilio de um cinto que lhe foi dado por Ino, deusa marinha, chega, depois de innumeros trabalhos, ás praias da ilha dos pheaces.

CANTO VI

Minerva vae á ilha dos pheaces, e apparece em sonhos a Nausicaa, filha do rei Alcinoo, e dá-lhe de conselho que vá ao vizinho rio lavar seus vestidos, pois não vem longe o dia de suas nupcias. Nausicaa, tendo alcançado de seu pae um carro que a transporte, sáe da cidade com algumas donzellas da sua mesma idade. Depois de lavados os vestidos, *põe-se a jogar á pella com suas jovens companheiras. O rumor desperta a Ulysses, que dormia na ribeira e *que, apresentando-se á princeza, *implora a sua protecção. Ella lhe acode, subministrando-lhe alimento e vestes com que se cubra, e o guia até chegarem á cidade.

CANTO VII

Nausicaa chega á cidade e aos paços de seu pae; pouco depois chega Ulysses, o qual recebe de *Minerva, que se lhe apresentára em figura de uma joven donzella, instrucções importantes para o caso em que se achava. Assombro do heroe ao ver a residencia de Alcinoo, e *descripção d'ella e do jardim contiguo. Havendo entrado no palacio, *implora o favor da rainha Arete, pela qual é recebido com mostras de muita benignidade e cortezia, bem como tambem pelo rei e por todos os outros chefes d'aquelle povo. Respondendo ás perguntas da rainha, que reconheceu as

vestes que elle trajava, refere de que modo, tendo-se separado de Calypso, havia chegado á ilha dos pheaces.

CANTO VIII

Assembléa dos pheaces, em que se delibera se Ulysses deve ser reconduzido á sua patria. Alcinoo dá um solemne banquete, durante o qual o aedo Demodoco canta uma altercação que o mesmo Ulysses e Achilles tiveram, em certa conjunctura, um com o outro.* Ulysses não pôde conter as lagrimas. Depois do festim seguem-se os jogos, em que elle dá provas da sua galhardia. Entretanto Demodoco canta uma aventura de Marte e de Venus. Presentes que se fazem a Ulysses.* Este, em um segundo convite, ouve commemorar pelo mesmo cantor o acontecimento do cavallo de madeira, e a quéda de Troia,* e novamente as lagrimas lhe borbulham nos olhos. Então Alcinoo insta com elle para que declare o seu nome e relate as suas aventuras.

CANTO IX

Ulysses começa a narração das suas aventuras, desde o seu embarque depois da ruina de Troia.* Peleja com os cicones, que haviam auxiliado os troianos. Chegada ao paiz dos * lotophagos, isto é, de um povo que se alimentava de loto. Descripção de um ilhéu digno de particular observação, e da gruta do gigante Polyphemo. Barbarie e impiedade dos cyclopes. Polyphemo devora-lhe seis companheiros, e elle, depois de o haver cegado, salva-se com os outros*, mediante um estratagema que soube inventar.

CANTO X

Ulysses chega á ilha Eolia. Eolo dá-lhe de presente um odre em que estavam encerrados todos os ventos, á excepção do Zephyro. Os companheiros, imaginando que estava cheio de vinho, abrem o odre: sáem d'elle os ventos impetuosamente, e sopram em tal direcção, que Ulysses é novamente levado á ilha de Eolo, o qual desabridamente o expulsa. D'ali passa á cidade dos lestrygões, povo anthropophago, e perde a maior parte da sua gente, e onze navios, ficando-lhe apenas um, com o qual aporta á ilha de Circe.* Esta lhe transforma em animaes immundos a metade de seus companheiros, menos um, que vem dar noticia do acontecido.* Ulysses com a herba *moly*, que lhe fôra dada por Mercurio, desfaz o encanto. Demorando-se um anno na companhia de Circe,* esta lhe dá de

cónselho que vá á triste mansão das sombras, imperio de Plutão, e elle prepara-se para a jornada, mas, antes de effeitual-a, perde um de seus companheiros.

CANTO XI

Continúa a narração de Ulysses. Elle chega aos cimmerios, e vae á região do Orco. Cumprido o costumado rito, apparecem-lhe as sombras dos mortos.* A primeira com quem falla é a de Elpenor. Depois, o agoureiro Tiresias o avisa dos trabalhos que tinha de passar, e lhe ensina como havia de saír d'elles triumphante.* Apparecimento de Anticléa, sua mãe, que o informa do estado de sua familia. Apresentam-se depois as antigas heroinas; em seguida os heroes, entre os quaes, *Agamemnon, *Achilles e *Ajaz. Finalmente vê Minos, Ticio, *Tantalo, *Sisypho e Hercules; até que, penetrado de terror, volta para a sua embarcação apressadamente.

CANTO XII

Regresso á ilha de Circe; exequias de Elpenor, e partida de Ulysses. Este heroe, aproveitando-se das instrucções que lhe dera Circe,* escapa ao perigo das Seréas, desvia-se dos penhascos errantes, e passa incolume entre Scylla e Charybdis; não porém sem a perda de dois companheiros que lhe foram arrebatados. Chegada á ilha Trinacria, isto é, á Sicilia, onde os companheiros trucidam os bois do sol, e alimentam-se com a sua carne. Jupiter com um raio abrasa o navio: perecem todos, excepto Ulysses, que se segura sobre os destroços da embarcação, e assim torna a passar entre Scylla e Charybdis, salvando-se d'esta ultima com maravilhoso artificio, e dez dias depois chega á ilha de Calypso. E aqui termina a narração de Ulysses.

CANTO XIII

Novos dons destinados para Ulysses. Tudo é collocado no navio que o tem de levar a Ithaca. Elle se *despede do rei e embarca. Os pheaces o largam na praia, estando elle a dormir. Ao voltarem, Neptuno converte a sua embarcação em um penedo. *Ulysses, ao despertar, não conhece a patria, por causa de uma nevoa que a obscurecia. Minerva, disfarçada em pastorinha, se lhe apresenta, declara-lhe que estava na ilha de Ithaca, dissipa o nevoeiro, ensina-lhe o que devia fazer para dar a morte aos pretendentes de sua esposa, e lhe suggere que esconda em uma gruta proxima as dadivas que os pheaces, ao partirem, haviam deixado na

praia. Finalmente o transforma em um velho mendigo, para que ninguem em Ithaca o possa conhecer.

CANTO XIV

Ulysses chega á morada de Eumeo.* Condição em que se acha este bom servo. Acolhimento que elle faz ao seu senhor sem conhecel-o, e *colloquio entre ambos. Ulysses finge-se cretense, e conta suas falsas aventuras. Sacrificio de Eumeo e ceia. Tendo sobrevindo uma noite fria e borrascosa, *Ulysses, inventando engenhosamente um conto, consegue que o servo lhe dê uma capa. Eumeo vae deitar-se em uma lapa, de guarda ao gado suino, que lhe estava confiado.

CANTO XV

Minerva apparece de noite a Telemacho, e o aconselha a voltar para Ithaca. Elle despede-se de Menelao, e põe-se a caminho com o filho de Nestor. Tendo chegado a Pylos, torna a embarcar sem entrar na cidade, e recebe a bordo do seu navio um adivinho de Argos, chamado Theoclymeno, que fôra obrigado a fugir da sua patria por haver commettido um homicidio. Conversação entre Ulysses e Eumeo, o qual, não o conhecendo ainda, conta-lhe como fôra roubado por piratas phenicios, sendo ainda creança, e como havia sido vendido a Laertes. Telemacho, havendo chegado a salvo ás praias de Ithaca, manda á cidade a embarcação, e vae sósinho á mansão de Eumeo, cuja fidelidade lhe é bem conhecida.

CANTO XVI

Regosijo de Eumeo á chegada de Telemacho, que o envia á cidade para dar parte do seu regresso a Penelope. Minerva apparece a Ulysses; restitue-lhe o seu antigo semblante e figura, e lhe ordena que se descubra ao filho. N'este comenos, os pretendentes que estavam emboscados, sabendo a volta de Telemacho, vão novamente para Ithaca. Eumeo, tendo cumprido a ordem recebida, torna para a sua rustica morada; porém não conhece Ulysses, porque a deusa o tinha novamente transfigurado.

CANTO XVII

Telemacho chega primeiro á cidade, e depois Ulysses, acompanhado por Eumeo. Ulysses é insultado pelo cabreiro Melantho, e *conhecido ás

portas do palacio pelo velho cão Argos, que logo expira com o excesso de gosto. Ulysses, tendo entrado na sala do banquete, com a apparencia de velho mendigo, vae em redor pedindo esmola. Antinoo o expulsa para longe de si, com intractavel soberba, e arremessa contra elle um escabello. * Penelope manda dizer a Ulysses, por meio de Eumeo, que deseja fallar-lhe. Resposta de Ulysses.

CANTO XVIII

Combate entre Ulysses e Iro: este fica vencido. Penelope se apresenta aos pretendentes, e se queixa de que insultem os hospedes, e de que, aspirando a têl-a por esposa, em vez de, segundo o costume, lhe offerecerem dadivas, lhe vão esbanjando os haveres. Presentes dos pretensores a Penelope. Ao caír da noite, Ulysses é novamente insultado, primeiro com palavras pela escrava Melantho, e depois por Eurymacho, que lhe arremessou um escabello, como antes fizera Antinoo.

CANTO XIX

Tendo-se retirado os pretendentes, Ulysses e Telemacho levam as armas que havia no palacio para os aposentos do sobrado mais alto: Telemacho vae repousar, * Penelope desce para fallar com Ulysses, que ficára só. Este inventa uma historia, que a rainha ouve com alvoroço e commoção do animo. Eurycléa, lavando os pés ao seu senhor, o conhece; mas é-lhe imposto silencio. Penelope conta a Ulysses um sonho que tivera, e lhe manifesta qual o certame que tenciona propor aos pretendentes como condição para as suas nupcias, de que já não lhe é possivel eximir-se.

CANTO XX

Ulysses estira-se no vestibulo do palacio e, fingindo dormir, observa a incontinencia das servas. Roga a Jupiter que lhe mande algum ostento favoravel, e é attendido. Temeridade de Melantho, e acolhimento carinhoso de Philecio. Clesippo maltrata atrozmente a Ulysses. Vaticinio de Theoclymeno. Os pretendentes zombam d'elle; e mofam tambem de Ulysses e de Telemacho.

CANTO XXI

Penelope, por inspiração de Minerva, propõe o certame do arco, prompta a desposar aquelle de entre os pretendentes que souber atesal-o

e arremessar a setta conforme a lei ou condição imposta. Telemacho dispõe as cousas para aquelle exercicio, e elle mesmo é o primeiro que tenta experimentar a sua força e destreza, julgando que, sendo bem succedido, sua mãe não lhe sairia de casa; mas seu pae lhe ordena que sobreesteja na tentativa. Experimentam alguns pretendentes a propria força, porém debalde. Sáem entretanto Philecio e Eumeo; Ulysses segue-os *, descobre-se-lhes, e lhes dá as ordens opportunas. Novas e inuteis tentativas, depois das quaes Antínoo lembra a conveniencia de aprasar o certame para o dia seguinte. Ulysses quer experimentar-se tambem: em vão se lhe oppõem os pretendentes. * Elle mira e remira o arco, atesa-o com muita facilidade, e arremessa a flecha, conforme o preceito, felicissimamente.

CANTO XXII

Ulysses principia a grande vingança, e o primeiro que mata, varando-o com uma setta, é Antínoo. Eurymacho procura applacal-o, mas debalde; e depois de haver esforçado os companheiros exhortando-os a pelejar, é tambem morto por Ulysses. Telemacho tira a vida a Amphinomo. Depois, vae buscar as outras armas, assim para si como para Ulysses e para os dois pastores. Melanthio tambem vae buscar armas para os pretendentes. Punição d'este malvado. Minerva apparece a Ulysses em figura de Mentor, e o anima. Em seguida descobre a egide, e causa susto e terror a todos os pretendentes que ainda resistiam. Todos ficam sem vida: são poupados unicamente Phemio e o arauto Medonte. As mulheres criminosas são obrigadas a levar para fóra da sala os cadaveres dos pretendentes, e depois são punidas. Ulysses purifica com fogo e enxofre a casa manchada de sangue, e chama á sua presença as outras mulheres, que festejam muito o seu regresso, e que elle conhece desde logo.

CANTO XXIII

Eurycléa corre a acordar Penelope, e a dar-lhe parte da chegada de Ulysses e da morte violenta dos pretendentes. * Penelope chama louca a Eurycléa, e attribue a uma divindade a matança dos pretendentes, parecendo-lhe sobrenatural um similhante acontecimento. Sem embargo d'isso, desce dos seus aposentos, e conserva-se longe de Ulysses, que não reconhece como sendo o seu esposo, o que excita a indignação de Telemacho; ella porém desculpa a propria incredulidade. Ulysses ordena que se proceda a um baile, para que os vizinhos julguem que a rainha passou a segundas nupcias, e entretanto não se divulgue a matança dos pretendentes. De-

pois, havendo tomado um banho, e tendo-lhe Minerva restituido a antiga figura, se apresenta novamente a Penelope, que não quer ainda reconhecel-o. Finalmente, tendo-lhe elle mencionado ácerca do leito conjugal circumstancias de que só elle podia ter conhecimento, *depõe todas as suas duvidas e manifesta seu regosijo com pleno desafogo. Colloquio entre Ulysses e Penelope. Depois do romper da aurora, Ulysses ergue-se e vae, juntamente com o filho e com os dois pastores, *procurar a Laertes, passando todos pela cidade, encobertos com uma nuvem em que a deusa os envolvêra para não serem vistos.

CANTO XXIV

Mercurio conduz ao inferno as almas dos pretendentes.* Colloquio entre a alma de Agamemnon e a de Achilles. O primeiro dos dois heroes descreve os magnificos funeraes feitos ao segundo. Outro colloquio entre o mesmo Agamemnon e Amphimedonte, que fôra um dos pretendentes. Ulysses chega, com Telemacho e com os dois pastores, á morada de seu pae Laertes. *Agnição de Ulysses e alegria de Laertes. Dolio, idoso servo de Laertes, recolhe-se do trabalho com seis filhos seus; outra scena de reconhecimento. Entretanto, havendo-se espalhado o rumor da morte dos pretendentes, Eupithes, pae de Antinoo, excita o povo a vingal-a. Oppõem-se-lhe Medonte e Halytherses. Apesar d'isso, elle sáe da cidade com os seus partidarios. Ulysses arma-se com a sua pouca gente e lhes vae ao encontro, pelejando o proprio Laertes, o qual, animado por Minerva, dirige contra Eupithes o primeiro tiro e o mata. Ulysses e Telemacho trucidam a muitos. Finalmente Minerva, a cujos pés Jupiter faz caír um raio, põe termo á lucta e, sob a apparencia de Mentor, restabelece a paz e a concordia.

NOTAS

AO

SEXTO CANTO DA ILIADA

Verso 7. Do Simois e do Xantho entre as correntes

Simois, rio da Asia Menor, na pequena Phrygia, que se ajunta com o Xantho, outro rio da Troade, que vae desembocar no Hellesponto. Homero, no canto XX da Iliada, parece confundir o Simois com o Scamandro.

Verso 10. E dá vigor aos seus

O texto, traduzido á letra, diz: *trouxe luz*. Ernesti verte: *spem attulit*. O escholiaste explica a palavra φως por χαραν, σωτηριαν, alegria, salvação. A sr.ª Dacier ao unico vocabulo do texto φως faz corresponder dois, *espérance et courage*. Pope toma φως na sua natural significação de *luz*, e verte:

> Great Ajax first to conquest led the way,
> Broke the thick rancks, and turn'd the doubtful day.

Verso 19. Ao Teuthranide Axylo

É maviosa a narração do tragico fim d'este estimabilissimo personagem. O epitheto que lhe dá Homero é equivoco, pois póde traduzir-se amigo dos homens, ou d'elles bemquisto e querido. Opulento philanthropo, Axylo fazia o mais louvavel uso de suas riquezas. O que d'elle refere o poeta faz lembrar a usança dos antigos patriarchas de se assentarem á porta de sua habitação, ou antes á entrada de sua tenda, em sitios solitarios, á espera de viandantes a quem offerecessem refeição e alvergue. Leiam-se os capitulos 18 e 19 dos *Genesis*. Em todas as epochas historicas, os povos orientaes mostraram-se propensos a agasalhar os peregrinos, e a tratar os hospedes com primores de cortezia: propensão que ainda n'elles se conserva em nossos dias. Porém nunca a hospitalidade foi praticada com tanta effusão de piedoso affecto, como nos institutos cenobiticos da Asia e da Europa. O grande patriarcha de todos os monges do occidente, S. Bento, dedicou ás prescripções que lhe dizem respeito, um inteiro capitulo (o 53.º) da sua regra, norma e fundamento de quasi todos os outros institutos monasticos.

V. Lucas Holstenius, *Codex Regularum*. Tom. I, pag. 130.

Verso 20. Arisba

Cidade da Troade. Diz-se que fôra fundada por alguns emigrados de Mitylene Acerca dos nomes geographicos que se acham nos poemas de Homero, consulte-se.

o *Grande diccionario geographico e critico* de Bruzen de la Martinière. Paris, 1768, 6 vol. em folio.

Verso 24. Mas dos hospedes seus nenhum lhe acode

Não se julgue que Homero n'estas palavras quiz desapprovar a pratica da hospitalidade. Com este logar tem alguma analogia outro de Virgilio *(Eneida II, v.* 426) quando, na enumeração dos muitos guerreiros immolados pelo furor dos gregos na fatal noite da tomada de Troia, menciona a *Ripheo,* caracterisando-o assim:

.....justissimus unus
Qui fuit in Teucris et servantissimus æqui.

e acrescentando logo:

Diis aliter visum.

Emquanto a este ultimo caso, para justificar o vate romano póde dizer-se uma de duas cousas; ou que a justiça e equidade de Ripheo eram meramente exteriores, e sómente sinceras no conceito do vulgo; ou então que aos deuses não aprouve galardoar com a victoria as virtudes d'aquelle caudilho troiano, reservando-lhe a recompensa para melhor vida, nos campos elysios, entre aquelles de quem o mesmo vate faz tão honrosa menção no canto VI, v. 660:

«Hic manus ob patriam pugnando vulnera passi.»

Relativamente a Axylo, diz mr. Bitaubé (na nota a este passo da sua traducção da *Iliada)* que a reflexão homerica é uma especie de desabafo satyrico contra a ingratidão dos homens. A mim parece a expressão de um vago e profundo sentimento de melancholia, como outros similhantes, que se encontram não só em outros logares dos poemas de Homero, mas em muitos trechos dos de Virgilio, e de quasi todos os grandes vates antigos e modernos. Pelo mais, como se poderia suppor que o Meonide quizesse desacreditar, ainda mesmo indirectamente, a pratica da hospitalidade, quando elle, em tantos logares da Iliada e da Odysséa, por tão variados modos a recommenda? Leia-se e releia-se o canto XI da *Odysséa,* onde o poeta, relatando como Eumeo agasalhára e refocillára com abundante ceia a Ulysses, seu senhor, disfarçado em pobre peregrino, põe na bôca do fidelissimo servo a sublime sentença: «de Jupiter nos vem os hospedes e os mendigos»; sentença tão parecida com as sublimes maximas, e pathetica formula com que se inspira e estimula a beneficencia e a caridade no divino codigo da lei da graça. V. S. *Matth.* cap. 18 v. 5, e cap. 25, v. 35.

Verso 39. O Mecisteide

Euryalo, de que acima se fez menção, filho de Mecisto.

Verso 42. Etáon

Em algumas edições, em vez de *Etáon,* acha-se *Aretaon.*

Verso 47. Do Satniois ameno

Rio da Asia Menor, em cujas margens estava edificada a cidade de Pedaso.

Verso 64. Salva-me a vida valeroso Atride

Compare-se este discurso supplicatorio de Adrasto a Menélau com o de Mago a Eneas:

Per patrios manes, per spes surgentis Iuli,
Te precor, hanc animam serves natoque patrique:
Est domus alta; jacent penitus defossa talenta
Cælati argenti; sunt auri pondera facti
Infectique mihi. Non hîc victoria Teucrûm
Vertitur: haud anima una dabit discrimina tanta.

Eneida, canto X, v. 524.

Ambos os guerreiros vencidos procuram carear a clemencia do vencedor, com prometter-lhe avultado resgate: ambos com igual funesto resultado. Porém Adrasto, alem de começar com um preambulo mavioso, allegou no fim do seu pequeno discurso uma rasão pathetica, que provavelmente teria surtido effeito, se não fôra a intervenção de Agamemnon.

Verso 71. Quando eis correndo chega, em ponto infausto,
Agamemnon.....

É impossivel justificar plenamente Agamemnon emquanto ao conselho por elle dado a seu irmão Menelau, e por este barbaramente seguido. Todavia, para attenuar a odiosa crueldade de tal alvitre, póde allegar-se, alem da ferocidade dominante em epochas de escassa civilisação, a evidente justiça da causa dos gregos n'aquella luta. Esta ultima rasão não militava a favor de Eneas quando, no caso acima lembrado, tão impiedosamente desattendia as humildes supplicas do desditoso Mago. Citam aqui alguns apologistas de Homero o facto referido no capitulo 15 do primeiro livro *dos Reis,* de Saulo ter sido tão asperamente reprehendido pelo propheta Samuel, por haver poupado a vida a Agag, rei dos amalecitas, a quem fizera prisioneiro. Mas cumpre observar que a reprehensão e o subsequente castigo recaíram não sobre a clemencia do monarcha de Israel, considerada em si mesma, mas sim sobre a sua desobediencia á ordem formal que do Senhor havia recebido.

Verso 77. Nem mesmo o infante no materno seio

O texto parece dever tomar-se n'este sentido. Todavia a sr.ª Dacier sustenta que deve entender-se assim: nem mesmo o infante *que está no regaço de sua mãe.* A palavra do texto γαστηρ não parece susceptivel da significação que lhe dá a illustre escriptora.

Verso 82. Tomando o sabio alvitre

Homero, como nota Plutarcho no seu aureo livro *sobre a leitura dos poetas,* costuma quando refere algum facto odioso praticado por algum de seus heroes, indicar de relance a sua desapprovação. Assim, antes de relatar o barbaro tratamento dado por Achilles ao cadaver de Heitor *(Iliada,* canto XXII, v. 395 e canto XXIII, v. 276) tem cuidado de dizer «αεικεα μηδετο εργα», ideava actos indignos. Aqui, pelo contrario, parece applaudir a ferocidade de Agamemnon. Quem affincadamente quizesse em tudo desculpar o pae da epopéa, poderia, usando de alguma subtileza, dizer que as palavras αισιμα παρειπων que se lêem no texto, e que em latim costumam verter-se

recta monens, podem tambem traduzir-se *fatalia monens*, isto é, *aconselhando o que estava decretado pelo destino*. Entendido d'este modo o original, o poeta nem approvaria o conselho, nem tão pouco o desapprovaria.

Verso 95. Assim fallando, no animo de todos

O fecundo genio de Homero póde em sessenta versos referir, ou antes pintar um grande numero de combates parciaes, e dar-nos a conhecer um consideravel numero de combatentes, alguns dos quaes excitam em nosso animo sympathico interesse. Todavia não progride no mesmo assumpto; mas vae entreter-nos agradavelmente com factos episodicos de natureza differente. É verdade (e de que serviria dissimulal-o?) que em outros cantos, nem com a variedade dos lances chega a compensar cabalmente o fastio resultante de termos de assistir a tão prolongadas scenas de horror e de sangue. Todavia, ainda em taes casos tem o segredo de despertar de quando em quando a nossa attenção, e até de deleitar o nosso animo, pelo inesperado de algum incidente, pelo extraordinario de algum caracter magistralmente traçado, por algum simile apropriado, por alguma sentença vigorosa ou pathetica. É geralmente sabido que Virgilio nos ultimos quatro cantos da Eneida constantemente tomou a Homero por modelo na descripção dos combates, como em quasi tudo o mais procurára imital-o. Que em taes descripções não conseguiu igualal-o é a opinião da maior parte dos entendidos. Deve porém, em todo o caso, exceptuar-se d'este juizo desfavoravel ao vate latino, o incomparavel episodio (aliás mais sentimental que marcial) de Niso e Euryalo; episodio que, como todos sabem, inspirou o de Sophronia e Olindo ao poeta de Sorrento.

Emquanto ao merecimento da variedade na narração de façanhas bellicas, pouco inferior a Homero ficou o nosso Camões no X canto dos *Lusiadas*, onde rapidamente bosquejou um sem numero de façanhas marciaes dos vice-reis e outros capitães portuguezes na Asia. O mesmo epico portuguez na narração de duas rijas pelejas, a de Onrique no canto III, e a de Aljubarrota no canto IV, e na do torneio dos doze de Inglaterra no V, pelo vigor do desenho e viveza do colorido, ostentou-se não menos insigne pintor de batalhas, do que se mostra pintor de scenas maritimas, no V e VI cantos do seu immortal poema.

Verso 94. ..... Aos inimigos
Dêmos morte primeiro .....

Eustathio, arcebispo de Thessalonica no seculo XII, o mais copioso e erudito de todos os commentadores de Homero, faz n'este logar a seguinte judiciosa observação:

«Note-se o admiravel modo com que este velho procede e se exprime: nos trabalhos e perigos quer tomar parte, como o indica o verbo κτεινωμεν, dêmos morte; emquanto ao lucro, esse ficará sendo dos soldados, porque não diz συλησομεν, isto é, colheremos, senão συλησετε, colhereis.»

V. 117 Maior, mais rico manto

O vocabulo do original πεπλος, *peplos*, é traduzido de mais de um modo: uns o traduzem *véu*, outros *manto*. Adopto este segundo modo, em consequencia da descripção que de tal veste nos dá o sr. Antonio Rich, e á vista da vinheta de que é acompanhado o respectivo artigo no seu *Diccionario de antiguidades romanas e gregas*.

Verso 123. Humilde ponha aos pés da irada deusa

O texto diz: επι γουναοι, sobre os joelhos, ou junto aos joelhos. Minerva quasi sempre nas antigas medalhas se representa em pé, e por isso não julguei dever traduzir tão á letra o original como costumo. Bitaubé verte igualmente: *Dépose aux pieds de la... déesse.* Na supposição de se julgar que a estatua representasse a deusa sentada, eis-aqui uma traducção mais litteralmente conforme ao texto:

Sobre os joelhos da severa diva
Deponha o rico manto.

Verso 159. Isto dito, veloz, Heitor se parte

O antigo Zoilo, e não poucos zoilos modernos, accusam aqui a Homero, por ter feito ausentar-se do campo o mais valeroso defensor de Troia, em occasião de combate, quando, dizem elles, qualquer outro caudilho, ou mesmo qualquer soldado, poderia encarregar-se de levar á cidade o recado de Heleno. Para desculpar, ao menos em parte, o filho de Priamo, ou antes o pae da poesia epica, basta observar: 1.° que, como se diz no verso 143, n'aquella occasião os troianos tinham já feito rosto ao furor dos gregos; 2.°, que a ausencia de Heitor foi muito breve; 3.°, que esta era determinada por uma causa religiosa, em cumprimento de uma quasi expressa ordem emanada de Heleno que, como augur, recebia inspirações directamente do céu; 4.°, que finalmente ninguem gosava como Heitor de auctoridade correspondente á importancia de tal mensagem. Assim discorrem os apologistas de Homero. Mas não se lhes poderia replicar: E por que rasão não iria o proprio Heleno ao regio alcaçar propor á rainha sua mãe o discreto e piedoso alvitre, ficando entretanto á frente dos guerreiros teucros o grande caudilho, prestes a pelejar em todo o evento? Não acho em nenhum escholiaste esta instancia critica, que aliás me parece de algum peso.

Verso 163. N'este momento os filhos valerosos

Dos colloquios, tão frequentes na Iliada, entre guerreiros antes de pelejarem, nenhum iguala a este em interesse dramatico, e nenhum subministra assumpto a mais uteis reflexões moraes.

Verso 174. São de infelices paes prole infelice

Note-se aqui a arrogancia de Diomedes; mas reflicta-se que a sua jactancia não deixava de ter algum fundamento, porque realmente elle sómente a Achilles cedia em valor, igualava a Ajaz Telamonio, e a todos os outros capitães dos gregos levava indisputada e indisputavel palma. O seu orgulho póde parecer censuravel segundo os costumes do nosso tempo (em que ha mais modestia apparente, e muitas vezes, sob tal disfarce, maior soberba); mas, em todo o caso, não se póde acoimar de ridiculo como, a de *Pyrgopolinices* da immortal comedia de Plauto, *Miles gloriosus.*

Verso 178. De Dryas filho, o intrepido Lycurgo

Julga-se que esta fabula teve fundamento no seguinte facto historico: Houve um rei, chamado Lycurgo, que para evitar excessos e crimes commettidos em resultado de embriaguez, mandou arrancar um grande numero de vinhas nos seus es-

tados, e por isso os habitantes, que até ali bebiam em abundancia vinho puro, tiveram de o ficar bebendo misturado com muita agua. Plutarcho acertadamente diz que o meio para conseguir um fim aliàs bom, foi violento em demasia, e é claro que Baccho havia de o considerar como um desacato.

Verso 197. .....Contra os celestes
Combater não me apraz

Pope engenhosamente suppõe que Diomedes falla assim em consequencia de um remorso de consciencia, lembrando-se de ter ferido a Marte e a Venus *(Iliada canto* V) e, quiçá, receioso de algum funesto resultado, se repetisse actos de tamanho arrojo.

V. 204 .....Similhante
É das folhas á sorte a sorte humana

A falla de Glauco, bellissima toda ella, começa com uma reflexão muito sensata, muito modesta e muito philosophica.

Achâmos o mesmo pensamento, e quasi exprimido de igual maneira no livro do *Ecclesiastico,* cap. XIV, v. 18. *Sicut folium fructificans in arbore viridi, alia generantur, et alia dijiciuntur, sic generatio carnis et sanguinis, alia finitur, et alia nascitur.* Que consideração tão forte e tão efficaz para rebater o orgulho da aristocracia, e toda a especie de presumpção e de soberba em geral! Á sentença homerica alludiu *Simonides* no precioso fragmento que nos foi conservado por Stobeo, e que adiante daremos traduzido em verso portuguez. Pope, commentando este logar, cita, como mais antigo que o formoso simile homerico, um fragmento de Museo, que se encontra nas obras de Clemente de Alexandria *Stromm.,* lib. VI. Porém hoje em dia ninguem admitte como genuinos os versos attribuidos ao celebre aedo anterior a Homero. Com o mesmo intuito de combater os assomos de orgulho humano, empregaram termos muito expressivos e imagens muito apropriadas alguns poetas, que mais enriqueceram e esmaltaram a littèratura do povo duas vezes iniciador da civilisação do mundo. Citaremos apenas dois, Pindaro e Aristophanes. O primeiro diz o seguinte: «A um dia se limita a nossa existencia. O que é alguem? o que é ninguem? Os homens são o sonho de uma sombra». Ode VIII das *Pythicas.* No segundo, lê-se um passo ainda mais notavel, e é o seguinte: «Eia pois, ó homens, linhagem obscura, similhante á geração das folhas, fracos, formados de *barro,* raça desventurada, debil, sombria, mortaes, desprovidos de azas, de ephemera duração, miseros, similhantes a um sonho!» *Aves,* v. 686. Repare-se na qualificação de *formados de barro* πηλου πλασματα, que concorda com a narração mosaica sobre a formação do homem. Note-se tambem o adjectivo *miseros,* δειλοι, tantas vezes empregado pelos poetas latinos, e designadamente por Virgilio n'aquelle suavissimo queixume no canto III das *Georgicas,* v. 66:

Optima quæque dies miseris mortalibus ævi
Prima fugit; subeunt morbi, tristisque senectus,
Et metus, et duræ rapit inclementia mortis;

que é assim traduzido pelo principe da lyra portugueza, o sr. A. F. de Castilho:

Ai, como a flor da vida a quanto n'ella existe
Fenece; os males vem; vem a velhice triste;
As canceiras, e a morte, o fim tyranno e certo.

Já fiz n'estas notas observar quanto eram propensos a melancholicas reflexões os melhores engenhos poeticos, antigos e modernos. Aos trechos citados acrescentarei o seguinte do nosso epico nacional.

A proposito das traições armadas á flotilha aventureira do Gama pelos mouros de Moçambique e de Mombaça, exclama o cantor dos novos argonautas:

Ó grandes e gravissimos perigos,
Ó caminho da vida nunca certo:
Que aonde o homem põe sua esperança
Tenha a vida tão pouca segurança!

No mar tanta tormenta, tanto damno,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!
Onde póde acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o céu sereno,
Contra um bicho da terra tão pequeno!
Lusiadas, canto I, est. 105 e 106.

Verso 204. Em um recesso de Argos

Toda esta narração das aventuras de Glauco é muito interessante, e dá occasião a utilissimas reflexões. Em alguns pontos faz lembrar a historia de José do Egypto referida no sagrado livro do *Genesis,* cap. XXXIX.

Verso 206. A cidade de Ephyra

Ephyra foi o antigo nome da cidade de *Corintho.*

Verso 227. A nobre Antéa

No texto se diz a *divina* Antéa. Um escholiaste pretende que o epitheto é ironico n'este caso. Mas quem está familiarisado com a leitura do nosso poeta, sabe que o epitheto διος muitas vezes significa simplesmente insigne, famoso, nobre. No caso presente, parece dever-se tornar n'esta ultima significação. Com effeito *Antéa* era nobre por nescimento, sendo filha de *Jobates,* rei dos lycios.

Verso 233. A morrer te prepara

Estas palavras parecem conter uma insinuação tão maligna como a propria calumnia explicita: Bellerophonte, não tendo conseguido o seu criminoso intento, tramará assassinar-te.

Verso 241. De noxias cifras portador infausto

Noxias cifras corresponde a σηματα λυγρα, *signa perniciosa.* Estes signaes, eram hieroglyphicos, ou palavras formadas de letras? Questão é esta muito ventilada entre os criticos e archeologos. Os que pelo vocabulo σηματα entendem letras, tiram d'aqui argumento para sustentarem que nos tempos homericos a escriptura alpha-

betica era conhecida na Grecia. Outros negam tal interpretação, e a illação que d'ella se pretende tirar. Entre varias rasões, allegam que em nenhum outro logar dos dois poemas, se acha vestigio algum da existencia da arte de escrever; occorrendo aliás muitas occasiões de se fazer menção d'ella, se acaso existisse, como, por exemplo, ao tirarem-se sortes para se decidir qual dos guerreiros gregos havia de pelejar em combate singular com Heitor (canto VII); ao erigirem-se tumulos ás personagens mais illustres, (por exemplo a Patroclo) não se dizendo que em taes tumulos se pozesse inscripção alguma que recordasse o nome e as façanhas dos illustres fallecidos. Este argumento, com quanto meramente negativo, não deixa de ter algum peso; mas não é certamente decisivo para o caso de que se trata, principalmente tendo-se em vista o passo homerico a que se refere a presente nota. Sobre a origem da escriptura consulte-se a dissertação da sr. F. Feuillet de Conches, na sua eruditissima obra, recentemente publicada, *Causeries d'un curieux*, *Variétés d'Histoire et d'Art*. Paris, 1865.

Verso 256. A Chimera feroz

Chimera era um monte da Lycia, a cujo respeito diz Solino, *Polyhistor.*, livro V, cap. 27.º: «A *Chimera* é na Lycia o que o Vesuvio na Campania, e o Etna na Sicilia». Este monte da Lycia tinha muitos cabeços, e era povoado de animaes ferozes de varias especies, e isso deu azo a que se forjasse a fabula de que fallam Homero n'este logar e Ovidio na livro IX das *Metamorphoses*.

Verso 262. Co'os inclytos Solymos...

Os *Solymos* eram um povo da Asia Menor, que depois, mudando de nome, se ficou chamando *Pisidos*, segundo diz Plinio, *Hist. Nat.* livro V, cap. 27.º

Verso 267. As varonis guerreiras amazonas.

Quem, tendo alguma tintura de instrucção, ignora as cousas extraordinarias que se contam a respeito das amazonas? Todavia muitos criticos duvidam da existencia d'ellas, como formando uma nação sequestrada de toda a convivencia habitual com os individuos do outro sexo. A opinião commum da antiguidade é que ellas haviam fundado um pequeno imperio em redor do rio Thermodonte, e ao longo da costa do mar Negro. Entre todas a mais celebre foi talvez a rainha Penthesiléa, que veiu em auxilio dos troianos, quasi no fim da guerra, e cujas façanhas e morte, cantou Quinto Smyrneo no livro I dos seus *Post-Homericos*, e de quem falla de passagem Virgilio, no livro I da *Eneida*, v. 495. O mesmo vate romano imitou e excedeu muito o de Smyrna, no maravilhoso episodio de Camilla, livro XI.

Verso 287. Mas após, enojoso aos deuses todos

Porque incorreria elle no desagrado dos deuses, tendo sido d'elles tão favorecido? Depois de haver sido tão virtuoso e um modelo de continencia, commetteria algum grave delicto? A sua tristeza procederia de remorsos que o atormentassem? Quereria o poeta dar a entender que ás vezes sobrevem um certo fastio e aborrimento no meio de uma brilhante prosperidade, na plena fruição de todos os gosos da vida? Finalmente terá querido Homero designar na melancolia misanthropica de Bellerophonte um estado pathologico, uma lypomania? Nada d'isto póde affirmar-se com certeza. A sr.ª Dacier, commentando este passo, o moralisa dizendo: «Ho-

mero não diz a causa pela qual Bellerophonte chamára sobre si o odio dos deuses. Quereria o poeta dar a entender que foi mais facil a este principe conservar a sua innocencia em quanto foi infeliz e perseguido, do que depois que foi feliz e collocado no throno?»

Verso 295. E Diana, que rege o argenteo carro

Os antigos attribuiam a morte repentina das mulheres a Diana, e a dos homens a Apollo.

Verso 300. ..... Encarecidos
Preceitos deu-me então

Bellissimo remate de tão interessante falla. Glauco principiára com dar, modestamente, pouca importancia á nobreza herdada; conclue encarecendo, de um modo indirecto, a obrigação que ao homem nobre incumbe de não desluzir, por um comportamento menos digno, a illustração recebida dos antepassados. Lição ainda mais explicita a este respeito é a que o vate Meonio dá mais adiante (canto XII, v. 310 e seg.) pondo na bôca do principe Sarpedonte uma calorosa exhortação dirigida a este mesmo Glauco, em lance de grande perigo.

Cabe aqui, pela analogia do assumpto, citar as oitavas 39.ª a 42.ª do canto VIII dos *Lusiadas*, onde se lê uma aspera invectiva contra alguns fidalgos que, segundo o nosso epico,

.....degeneram, certo, e se desviam
Do lustre e do valor de seus passados,
Em gostos e vaidades atolados.

Todavia a invectiva tem na derradeira oitava a sua modificação e correctivo; e realmente cumpre confessar que na classe aristocratica, alem de fina cortezia e bizarra generosidade que costumam caracterisal-a, não é raro encontrar brios marciaes e ις εσθλη, para usar da expressão de que se serviu o filho de Hypolocho no logar ultimamente louvado.

Verso 322. De Thebas na facção

Allude-se á expedição de Polynices contra seu irmão Eteocles, cujo resultado foi ficarem mortos no campo ambos os irmãos. Este acontecimento deu assumpto á tragedia de Eschylo intitulada: *Os sete contra Thebas*, e á de Racine *Les frères ennemis*.

Verso 337. Offuscou Jove a mente ao nobre Glauco

A sr.ª Dacier, seguindo a Porphyrio, em logar de offuscou verte *exaltou*, fundando-se em que o verbo no original póde tambem ter esta segunda significação. Pretende ella que Glauco, embora conhecesse quanto ficava lesado na permutação das armas que lhe era proposta por Diomedes, aceitou-a por magnanimidade. Porém, examinando-se o caso, nem o verbo grego εξελετο admitte a significação de *exaltar*, nem o contexto dá a entender cousa que justifique tal interpretação, aliás já reprovada por Eustathio.

Verso 420. ..... Primores de obra
Das filhas de Sidon

Sidon, cidade da Phenicia, distante de Tyro cerca de vinte e quatro milhas. A pericia dos habitantes de Sidonia em varias artes, e designadamente nas de tecer

télas de bysso, tingir e bordar estofos, é celebrada em muitos logares dos livros da Biblia, historicos e propheticos.

Verso 429. Em caminho se poz

Esta especie de piedosa procissão representa-a Virgilio pintada nas paredes do templo de Juno em Carthago:

Interea ad templum non æquæ Palladis ibant
Crinibus Iliades passis, peplumque ferebant,
Suppliciter tristes, et tunsæ pectora palmis.
Æneid., lib. I, v. 483.

Verso 442. Augusta Pallas

Virgilio não fez mais do que traduzir esta breve deprecação, pondo-a na bôca das mulheres de Laurento.

Armipotens, præses belli, Tritonia virgo,
Frange manu telum Phrygii prædonis, et ipsum
Pronum sterne solo, portisque effunde sub altis
Æneid., XI, v. 483.

O Tasso tambem verteu, quasi litteralmente, a mesma oração na oitava 30.ª do XI canto da *Jerusalem libertada*.

Verso 474. Infeliz! Para ti grave desdouro, etc.

No texto vem Δαιμονιε, palavra difficillima de traduzir, sendo susceptivel de diversissimas significações. Consulte-se o grande diccionario etymologico grego de *Damm*, impresso em Berlim, 1765–1778.

Plutarcho observa que Heitor usou de primorosa cortezia fallando assim a seu irmão em tão grave conjunctura. Não lhe exprobrou falta de valor; suppoz benevolamente que não apparecia no campo por enojo ou resentimento contra os troianos, que (aliás com tanta rasão) lhe eram adversos.

Verso 501. Prezado irmão, que nome injurioso

Homero parece ter posto mira em tornar o menos odiosa possivel a princeza, que era a causa, ao menos occasional, de tantos infortunios de gregos e de troianos. Representa-a criminosa sim, porém não tendo perdido de todo os honestos sentimentos proprios do seu sexo, e os brios do seu nascimento e jerarchia. N'esta pequena falla exprime ella com muita energia o remorso do seu crime. Incomparavelmente mais detestavel nos pintam o caracter de sua irmã Clytemnestra os grandes tragicos gregos Eschylo e Euripides; e o latino Seneca, que os imitou, seguindo-os *non passibus æquis*.

Verso 523. Fomos assim por Jupiter fadados

Perpetua desculpa de criminosos, entre os polytheistas; mas contra a qual o nosso poeta protesta formalmente no principio da Odysséa.

Verso 552. Onde foi a princeza?

N'estas perguntas de Heitor, e na resposta que lhes corresponde, forçoso é confessar que se dá uma diffusão de estylo pouco agradavel. Este e alguns outros logares similhantes desculpam em parte Voltaire de ter dito:

Plein de beautés et de défauts,
Le bon Homère a mon estime;
Il est, comme tous ses héros,
Babillard outré, mais sublime.

Mas o grande critico não devia deixar de reconhecer em muitos outros passos dos dois poemas homericos uma admiravel concisão.

Verso 553. .....Alguma acaso
Das irmãs minhas visitar lhe aprouve?

A pergunta no original é menos diffusa, porque na lingua grega havia palavra especial para designar as duas especies de affinidade que nós denominâmos cunhadio. Chamavam γαλως a irmã do marido; e εινατηρ a esposa do irmão. A mesma distincção se encontra no latim, mas não de idade aurea, entre *glos* e *fratria*. Na traducção portugueza, para se exprimir toda a significação do texto, foi indispensavel maior longura. Com effeito, Andromacha podia ter ido visitar alguma das irmãs do Heitor, por exemplo, Cassandra, Laodice; ou alguma das princezas esposas dos irmãos de Heitor.

Verso 574. Á Scea porta chega

Começa aqui o episodio do colloquio entre Heitor e Andromacha e mavioso despedimento dos dois esposos, talvez a scena mais sublime e pathetica de todo o drama da Iliada, no qual se admira tão perfeitamente harmonisada a variedade com a unidade e singeleza. Seria necessario commentar o trecho verso por verso (como a respeito da *Divina Comedia* fez o philologo italiano Antonio Cesari, Napoles 1855) para apontar todas as bellezas que encerra. N'este particular estão de perfeito accordo os mais severos censores do vate Meonio com os seus mais enthusiastas admiradores. Uma parte de taes bellezas transluzirá na presente versão, sem embargo da imperfeição d'ella. Mas para ministrar delicioso e instructivo entretenimento litterario de alguns momentos aos leitores mais versados no conhecimento de linguas vivas que no da lingua grega, no fim d'estas notas transcrever-se-hão algumas versões, que do trecho mais bello d'este bellissimo episodio fizeram alguns dos mais insignes traductores modernos.

Antes de se lerem estes excerptos, convirá ler a excellente analyse do passo homerico no *Tratado dos Estudos de Rollin*, tom. I, pag. 439; Dugas Montbel, *Observations sur le* VI *chant de l'Iliade;* Chateaubriand, *Génie du Christianisme*, tom. II, chap. 6; Saint-Marc Girardin, *Cours de littérature dramatique*, tom. I, pag. 266.

Verso 579. Monarcha fôra na Hypoplacia Thebas

Thebas Hypoplacia, cidade da Cilicia. A Cilicia era uma região da Asia Menor na sua costa meridional.

Verso 584. .....Scamandro
Heitor o appellidava

O Scamandro, rio da Troade, que nasce no monte Ida, conserva ainda hoje o mesmo nome.

Verso 586. Astyanax, de Troia o rei futuro

Na traducção aponta-se a etymologia directa do nome posto ao infante por Heitor seu pae, sem a qual não se entenderia o fundamento da imposição de tal nome. Na Biblia do antigo testamento léem-se frequentes exemplos de nomes postos pelos paes a seus filhos com significação accommodada a certas e determinadas circumstancias do seu nascimento.

O principe de que se faz aqui menção, o tão mimoso filho de Heitor e de Andromacha, foi, depois de incendiada Troia, precipitado do alto da cidadella; porque o adivinho Calchas tinha predito que, se chegasse á idade viril, vingaria a morte de seu pae. V. Pausanias, livro X, cap. 25, e a tragedia de Euripides, *As Troianas.*

Em contradicção com a lenda homerica, seguida pelos tragicos gregos, ácerca do infausto e tão prematuro fim de Astyanax, existiu desde tempos antigos outra lenda, segundo a qual aquelle principe troiano, escapando, qual outro Eneas, ao exterminio dos seus parentes, viera, após longas peregrinações, ás Gallias, onde, com o nome de *Franco* ou de *Francion,* fundára uma cidade, a que pozera o nome da sua antiga patria, cidade hoje chamada Troyes, e assim viera a ser o tronco dos reis da mais illustre das monarchias modernas.

Ronsard, o tão preconisado poeta francez do seculo XVII, que os contemporaneos quizeram igualar a Homero e a Virgilio, adoptando esta fabulosa tradição, compoz um poema epico, que intitulou *La Franciade,* o qual começa pelos seguintes versos:

«Muse, entends-moi des sommets du Parnasse,
Guide ma langue, et me chante la race
Des rois françois issus de Francion,
Enfant d'Hector, troyen de nation,
Qu'on appelait dans sa jeunesse tendre
Astyanax, et du nom de Scamandre.»

Um distincto poeta francez contemporaneo, o sr. Viennet, membro do instituto, e uma das actuaes glorias da academia franceza, aos oitenta annos de idade, deu a ultima lima a um poema com o mesmo nome *La Franciade,* celebrando, com todo o vigor de um estro juvenil, o mesmo mythologico acontecimento. A novissima epopéa franceza, precedida de uma chistosa e erudita introducção, pelo sr. Julio Janin, publicou-se em Paris em 1863.

Verso 601. Deu morte ao genitor o fero Achilles

Esta longa narração de factos de que Heitor necessariamente havia de ter conhecimento foi severamente criticada por Dryden, na prefação ao volume 3.º das suas *Poesias varias.* Porém, como bem reflecte Pope, refutando n'este ponto o aliás insigne poeta seu compatriota, nada mais natural em Andromacha do que recordar os proprios infortunios, com o intuito de tornar mais sensivel a Heitor a infelicidade que a ameaçava, e o extremo desamparo a que ficaria reduzida se o perdesse.

Verso 622. Hoje tu para mim, Heitor, és tudo

Este pathetico pensamento foi imitado por Ovidio, na heroide de *Briseide* a *Achilles*:

Tot tamen amissis, te compensavimus unum:
Tu dominus, tu vir, tu mihi frater eras.

Racine na tragedia *Iphigenia em Aulide*, vae ainda alem dos dois poetas, o grego e o latino, e põe na bôca de Clytemnestra, que implora a protecção de Achilles a favor da princeza sua filha, uma expressão pouco religiosa:

«Elle n'a que vous seul: vous êtes en ces lieux
Son père, son époux, son asyle, *ses dieux*.

Verso 648. Bem eu sei (inda mal!) que virá dia

Provavelmente Heitor cuvira a seu irmão Heleno o prognostico a que allude. Assim parece haver contradicção entre o que diz n'este logar, e os votos que faz mais adiante nos versos 690 a 698 pela prosperidade e gloria de seu filho Astianax. Mas quem póde exigir perfeita coherencia em momentos de tanta perplexidade e angustia, como aquelles em que então se achava o valeroso guerreiro, o pae e o esposo modelo de carinho e de ternura?

Verso 660. Em Argos te verão

Argos era uma das duas capitaes dos estados de Menelau (a outra era Mycenas) para onde provavelmente seria levada, como escrava, Andromacha, se Troia viesse a succumbir.

Verso 662. Ir á fonte Messeide, ou á Hyperéa

Fontes na Thessalia e em Argos. Uma das occupações das escravas era irem haurir agua ás fontes, e leval-a a casa de seus senhores. Quando porém se ia buscar agua para a casa paterna, conjugal ou propria, não era esse um mister que ficasse mal ás donzellas e senhoras mais nobres, nos tempos patriarchaes e, ainda muitos seculos depois, nos paizes orientaes. Recorde-se a historia de Rebecca e Eliezer que se relata no capitulo 24.º do *Genesis*, e o encontro da Samaritana com o Salvador, no capitulo 4.º do *Evangelho de S. João*.

Verso 733. Qual fogoso corcel

Compare-se a imitação de Virgilio:

Qualis, ubi abruptis fugit præsepia vinclis
Tandem liber equus, campoque potitus aperto,
Aut ille in pastus, armentaque tendit equarum,
Aut, assuetus aquæ perfundi flumine noto,
Emicat, arrectisque fremit cervicibus altè,
Luxurians, luduntque jubæ per colla, per armos.
Æneid., lib. XI, v. 492.

Com a de Torquato Tasso:

Qual feroce destrier che al faticoso
Onor dell 'armi, vincitor fu tolto,
E lascivo marito in vil riposo
Fra gli armenti, e ne' paschi erra disciolto:
Se il désti o suon de tromba, o luminoso
Acciar, colà tosto annitrendo è volto;
Già, già brama l 'arringo, e l 'uom sul dorso
Portando, urtato riurtar nel corso.

Jerusalem libertada, canto XVI, oit. 28.ª

Estancia que na fidelissima traducção do poema italiano pelo sr. José Ramos Coelho se acha trasladada da maneira seguinte:

Qual soberbo corcel ao fadigoso
Lidar da guerra vencedor tirado,
Que, lascivo marido, em vil repouso,
Erra solto nos pastos entre o gado,
Mas se o disperta o aço luminoso,
Ou a trompa, a rinchar corre apressado,
Ancioso de combate, e sob o dono,
De os contrarios topar com nobre entono.

Coteje-se com esta pintura a primorosa imitação de Metastasio, na scena X do acto II da opera *Alexandre.*

Destrier che all 'armi usato
Fuggi dal chiuso albergo,
Scorre la selva e il prato,
Agita il crin sul tergo,
E fà coi suoi nitriti
Le valli risonar;
Ed ogni suon che alcolta,
Crede che sia la voce
Del cavalier feroce
Che l 'anima a pugnar.

O ginete á guerra usado
Que fugiu do longo encerro,
Corre a selva, corre o prado,
Sobre o dorso agita as crinas,
E com subitos relinchos
Faz os valles echoar;
E qualquer rumor que sinta
Julga ser brado guerreiro
Do valente cavalleiro,
Que o anime a pelejar.

Confronte-se finalmente a tambem magnifica pintura de um fogoso e bellicoso cavallo no livro de *Job,* cap. XXXIX, v. 19.

Verso 764. Da liberdade a taça em nossos lares

O celebre critico e doutissimo editor da Iliada, Heine, diz a respeito d'este remate do VI canto: *Magnificus libri epilogus et forte pro Homerica ætate nimis splendidus. (Observat. in Iliad.* VI.)

Versões a que se refere a nota ao verso 574, paginas 137

Also der Held, und hin nach dem Knäblein streckt'er die Arme;
Aber zurück an den Busen der schöngegürteten Amme,
Schmiegte sich schreiend das Kind, es chreckt von dem liebenden Vater,
Scheuend des Erzes Glanz, und die flatternde Mähne des Busches,
Welchen es fürchterlich sah von des Helmes Spitze herabwehn.
Lächelnd schaute der Vater das Kind, auch die zärtliche Mutter.
Schleunig nahm vom Haupte den Helm der strahlende Hector,
Legete dann auf die erde den schimmerden; aber er selber
Küsset seine liebes Kind, und wiegt'es sanft in den Armen;
Dann erhob er die Stimme zu Zeus und den andern Göttern:
Zeus, und ihr anderen Götter, o lasst doch dieses mein Knäblein,
Werden dereinst, wie ich selbst, vorstrebend in Volke der Troer,
Auch so stark an Gewalt, und Ilios mächtig beherrschen!
Und man sage hinfort: Der ragt noch weit vor dem Vater!
Wann er vom Streit heimkehrt, mit der blutigen Beute beladen,
Eines erschlagenen Feinds! Dann freue sich herzlich die Mutter!
Jener sprachs, und reicht'in die Arme der liebenden Gattin
Seinen Sohn; und sie drückt'ihn an ihren duftenden Busen,
Lächelnd mit Thränen in Blick.

Voss.

Thus having spoken, th'illustrious chief of Troy
Stretch'd his fond arms to clasp the lovely boy.
The babe clung crying to his nurse's breast,
Scar'd at the dazzling helm, and nodding crest.
With secret pleasure each fond parent smil'd,
And Hector hasted to relieve his child,
The glitt'ring terrours from his brows unbound,
And plac'd the beaming helmet on the ground.
Then kiss'd the child, and lifting high in air,
Thus to the Gods proferr'd a father's pray'r:
O thou! whose glory fills th'æthereal throne,
And all we deathless pow'rs! protect my son!
Grant him, like me, to purchase just renown,
To guard the Troyans, to defend the crown,
Against his country's foes the war to wage
And rise the Hector of future age!
So, when triumphant from success'ful toils,
Of heroes slain he bears the reeking spoils,
Whole hosts may hail him with deserv'd acclaim,
And say: This chief transcends his father's fame:
While pleas'd amidst the gen'ral shouts of Troy,

His mother's conscious heart o'erflows with joy.
He spoke, and fondly gazing on her charms,
Restor'd the pleasing burthen to her arms;
Soft on her fragrant breast the babe she laid,
Hush'd to repose, and with a smile survey'd.

POPE.

Il dit, et soupirant dans sa douleur amère,
Hector étend ses bras, s'avance vers son fils.
Mais l'enfant s'épouvante, il pousse de grands cris.
Au sein de sa nourrice il se presse, il se cache,
Il frémit à l'aspect du terrible panache,
Dont l'aigrette superbe et les touffes du crin
S'élèvent, en flottant, sur le casque d'airain.
L'époux en regardant son épouse plaintive,
Avec elle sourit de sa frayeur naïve.
Aussitôt, découvrant son front majestueux,
Hector pose à l'écart son casque radieux;
Il retourne à son fils, l'embrasse, le caresse:
Dieux, dit-il, écoutez les vœux de ma tendresse,
Faites que cet enfant soit un jour, comme moi,
L'honneur de nos guerriers, des ennemis l'effroi.
Souverain d'Ilion, qu'il y règne avec gloire.
Dans ses brillants exploits suivis de la victoire,
Qu'il puisse entendre dire à nos peuples surpris:
Le père est, en ce jour, éclipsé par le fils:
De dépouilles chargé qu'il revienne dans Troie,
Que sa mère l'embrasse et tressaille de joie.
Il achevait ces mots, et, le cœur attendri,
Dans les bras d'Andromaque il met ce fils chéri;
Sa mère le reçoit: la joie et les alarmes
Rassemblent dans ses yeux le sourire et les larmes.

ROCHEFORT.

A ces mots le guerrier doucement attendri
S'approche, étend les bras vers son enfant chéri;
Mais du casque d'airain l'aigrette frémissante
Sur la tête d'Hector s'agite menaçante;
Au sein de sa nourrice alors l'enfant craintif
Se rejette et sa bouche exhale un cris plaintif.
Pour les yeux maternels ce spectacle a des charmes,
Hector même en voyant ces naïves alarmes,
Sourit, et devant lui dépose au même instant
Le casque surmonté d'un panache éclatant;
Il soulève son fils, le contemple et l'embrasse.
« Jupiter, et vous Dieux! protecteurs de ma race,
Que mon cœur tout entier respire dans le sien!
Qu'il soit de son pays l'honneur et le soutien!
Qu'un jour chaque Troyen, sous son règne prospère,
S'écrie: Il est encore plus brave que son père!

Dans nos murs triomphants, qu'au retour des combats,
Le butin ennemi charge son jeune bras!
Que sa mère, témoin de la publique ivresse,
Jusqu'au fond de son cœur tressaille d'allégresse.»
Andromaque à ces mots dans son sein parfumé,
S'empressant d'accueillir son enfant bien-aimé,
Souriait en pleurant.

MR. BIGNAN.

..... Così dicendo
Cupidamente ambo le braccia stese
Verso il bambin; mise il bambino un grido,
Ritorse il volto, e lo celò nel seno
Della nutrice, impaurito al fosco
Lume dell 'arme, ed al cimier che d'alto
Con lunga cresta minaccioso ondeggia:
Sorrise il padre a cotal atto, e a terra
Deposto l'elmo, il pargoletto in collo
Recasi, e lo si bacia, e lo palleggia
Tre volte e quattro caramente, e in alto
Lui sollevando ad ambe mani, o Giove
Eccoti il figlio mio, grida, tu guarda
La sua crescente età, fa tu ch'ei regni
Felice in Troia, e sia de suoi sostegno,
De' nemici spavento, e in rimirarlo
Carco tornar delle sanguigne spoglie
D'aspro nemico, ognuno esclami: ah questo
Questo le glorie anco del padre adombra,
L'oda la madre, palpitante, e un riso
Di dolcissima gioia il cor le inondi.
Di nuovo il bacia, e nel materno grembo
Ripone il figlio; ella sel guarda e stringe
Con tristo gaudio, e un tenero sorriso
Spunta sugli orli al lagrimoso sguardo.

CESAROTTI.

Così detto, distese al caro figlio
L'aperte baccia. Acuto mise un grido
Il bambinello; e, declinando il volto,
Tutto il nascose alla nudrice in seno,
Dalle fiere atterrito arme paterne,
E dal cimiero che di chiome equine
Alto sull 'elmo orribilmente ondeggia.
Sorrise il genitor, sorrise anch 'ella
La veneranda madre, e dalla fronte
L'intenerito eroe tosto si tolse
L'elmo, e raggiante sul terren lo pose.
Indi baciato con immenso affetto,
E dolcemente tra le mani alquanto
Palleggiato l'infante, alzollo al cielo,

E supplice sclamo: Giove pietoso
E voi tutti, o celesti, ah! concedete
Che de mi degno un dì, questo mio figlio
Sia splendor della patria, e de Troiani
Forte e possente regnator. Deh! fate
Che il veggendo tornar dalla bataglia
Delle armi onusto de' nemici uccisi
Dica talun: *Non fu sì forte il padre*:
E il cuor materno, nell 'udirlo esulti.
Così dicendo, in braccio alla diletta
Sposa egli cesse il pargoletto; ed ella,
Con un misto de pianti almo sorriso,
Lo si raccolse all' odoroso seno.

MONTI.

Despues que habló el gran Hector de esta suerte,
Con los brazos abiertos fué á su hijo.
Mas el niño volviendo la cabeza
Se recostó en el seno de su ama,
Asustado al aspecto de su padre,
Al acero temiendo, y al penacho
Que ondeaba en el yelmo horriblemente.
El padre y venerable madre entonces
Al verle se sonrien, y al instante
Héctor se quita el yelmo refulgente
De su cabeza, y lo depone en tierra.
Mas despues que besó á su amado hijo,
Y le agitó en las manos levemente,
Á Jove y demás Dioses asi dice:
«Oh Jove y altos Dioses sempiternos,
«Permitid que mi hijo tan querido
«Siguiendo mis exemplos y mis pasos,
«Célebre venga a ser entre los Teucros;
«Que en el valor me imite: que algun dia
«Llegue á ser d'Ilion Rei poderoso:
«Que diga alguno al verle en otro tiempo
«Retornar victorioso de la guerra:
«*Mucho mas fuerte es este que su padre;*
«E que dando la muerte á su enemigo
«Se trayga los despojos sanguinosos,
«Dando con sus troféos y victoria
«Mucho gozo á su madre y grande gloria.»
Luego que dixo asi, puso en los brazos
De su querida esposa su hijo infante,
Y ella recebió el niño lagrimoso
En su fragrante seno con sonrisa.

D. J. G. MALO.

Assim fallava, e os braços estendendo
Seu filho procurava Heitor illustre:

Mas gritando o menino sobre o seio
Da ama bem cingida, retrocede,
Do paternal aspecto horrorisado,
Temendo-se do bronze, e horrida crista
De equinas sedas, que medonhamente
Sobre seu capacete tremulava:
Riu-se seu padre e a grave mãe; e logo
O fulvo capacete da cabeça
Heitor illustre tira, e o põe em terra;
E depois que beijou o filho amado,
E ao de leve o agitou nas mãos, supplica,
Dizendo a Jove e ás outras divindades:
«Jove, e os mais deuses, dae que este meu filho
«Como eu, seja aos troianos honra, e em forças
«Mui famoso e potente, reine em Troia;
«E algum dia, voltando da batalha,
«Diga qualquer: *muito mais forte é este*
«*Que o pae:* e conte, morto seu imigo,
«Os cruentos despojos, e a mãe folgue.»
Tendo fallado assim, nas mãos da amada
Consorte, põe o filho seu querido;
No fragrante regaço esta o recebe,
Por demais rindo, em lagrimas banhada.

ELPINO DURIENSE.

A leitura das differentes traducções do trecho homerico acima transcriptas servirá para se fazer alguma idéa dos diversos systemas de versão poetica adoptados pelos trasladadores dos classicos antigos para linguas vulgares. Parece-me que taes traductores podem dividir-se nas classes seguintes: *Fidelistas* (releve-se a innovação da palavra), *paraphrastas*, e *semi-fidelistas semi-paraphrastas*. Os termos para serem entendidos do leitor estudioso não hão mister definidos. Todavia a citação de alguns nomes tornará ainda mais manifesto o sentido da classificação. Chamo *fidelistas*, por exemplo, o italiano *Salvini*, os castelhanos *Malo* e *Peres*, o allemão *Voss* como traductores de *Homero;* o dr. *Antonio Ribeiro dos Santos* na versão do passo do VI canto da *Iliada* que deixo copiada, e na das odes de *Horacio*. Denomino *paraphrastas*, *Xavier Mattei*, como traductor dos psalmos, *Pope* e *Rochefort*, como traductores dos poemas homericos, *Annibal Caro* e o nosso João Franco Barreto, como trasladadores da *Eneida*. Finalmente contemplo como *semi-fidelistas semi-paraphrastas*, porém mais chegados aos *fidelistas* que aos paraphrastas, Monti e Pindemonte traductores, aquelle da *Iliada*, este da *Odysséa*, *Bondi* na traducção da *Eneida;* o nosso elegantissimo e mimosissimo vate, o sr. dr. *Antonio Feliciano de Castilho*, na sua traducção das *Metamorphoses* e dos *Fastos* de *Ovidio* e na do idylio de *Moscho* sobre o *rapto de Europa* (já na das *odes anacreonticas* e na das *Georgicas*, se me figura mais *paraphrasta* que *fidelista*, porém sempre admiravel) o sr. conselheiro *José Feliciano de Castilho* na sua versão poetica da *Pharsalia* de Lucano.

Em todos os systemas porém, como em todos os partidos, alem dos limites rasoaveis, dão-se excessos, exagerações, extravagancias. Excessivamente paraphrasta considero eu o amplificador italiano das *Metamorphoses*, *Anguillarra*. Exagerada e extravagantemente livre (ao menos em muitas partes de suas appellida-

das traducções) reputo o francez *Lamotte* e o italiano *Cesarotti*, em relação á *Iliada*. Finalmente tambem na classe dos *fidelistas* me occorre citar dois exemplos, um recente e outro recentissimo, de exageração e, seja dito sem intenção offensiva, de singuralissima originalidade, porque não me atrevo a chamar-lhe extravagancia.

O sr. E. Littré, traductor e annotador das obras completas de Hippocrates, e doutissimo auctor de muitos escriptos philologicos, em uma eruditissima memoria, intitulada *La poésie homérique et l'ancienne poésie française*, de que a *Revista dos dois mundos* do 1.º de julho de 1847 deu um summario, e que hoje está inserida por extenso no 1.º volume, pag. 352, da sua obra *Histoire de la langue française*, impressa em Paris em 1863, inculcou a conveniencia de verter os poemas de Homero em versos francezes na linguagem usada no seculo XIII. Segundo o seu systema, e como amostra do resultado que se podia tirar da sua adopção, traduziu o primeiro canto da *Iliada*. Eis-aqui a proposição do poema:

«Chante l'ire, o déesse, d'Achil fils de Pelée
Greveuse, et qui douloir fit Grèce la louée
Et choir ens en enfer mainte âme deseuvrée,
Baillant le cors as chiens et oiseaux en curée.
Ainsi de Jupiter s'acomplit la pensée
Du jour où la querelle se leva primerin,
D'Atride roi des hommes, et d'Achile le divin.»

Ainda mais longe que o sr. Littré leva o novissimo dos traductores francezes do primeiro dos dois poemas homericos (mas em prosa) o sr. Leconte de l'Isle, o systema de rigorosa e escrupulosissima (ou servilissima) fidelidade. «Quando eu mesmo (diz elle) não posso dirigir-me directamente ao modelo, quero que o modelo venha a mim, na fórma de uma copia; e a primeira qualidade que exijo da copia é que seja exacta. Quanto mais a obra de arte trasladada de uma lingua para outra revela uma civilisação differente, tanto a fidelidade deve ser mais escrupulosa, tanto a côr local deve ser mais respeitada nos seus mais delicados matizes».

Tal é o ideal do sr. Leconte de l'Isle na sua traducção da *Iliada* publicada em Paris em 1865. Elle leva até á puerilidade (diz o sr. Vapereau, *Année Littéraire*, 1866) o seu systema. Não só verte palavra por palavra o texto grego, mas tambem conserva a todos os nomes proprios de deuses, de homens, de paizes, as suas desinencias e orthographia hellenicas. Ás denominações consagradas pelo uso e pela tradição substitue elle todas as denominações da antiga lingua de Homero. Assim, por exemplo, Achilles é *Achilleus*, Eneas *Aineias*, Heitor *Hektor*, Jupiter *Zeus*, Minerva *Athene*, Neptuno *Poseidon*, etc. As grevas são *knemides*, um véu é *peplos*, etc.

Emquanto ás minhas tentativas como traductor, nada direi: os entendedores me collocarão n'aquella das tres classes de trasladadores acima indicadas em que eu merecer entrar. Aqui só me cumpre dar uma explicação, e vem a ser a seguinte: Ao verter Homero segui o texto das edições vulgares. Não desconheço totalmente os trabalhos da critica moderna desde a publicação do MS. da bibliotheca de S. Marcos pelo famoso hellenista Villoison em 1788, até aos nossos dias. Sei que o douto inglez Payne Knight (de todos os editores de Homero o mais intemperante e innovador) rejeita como apocryphos e interpolados centenares e centenares de versos em cada um dos dois poemas, por elle publicados em Londres em 1820. Por uma parte, os fundamentos allegados para a sua rejeição (que se podem ler nas *Observações de Dugás-Montbel sobre a Iliada e sobre*

a Odysséa, Paris 1830) as mais das vezes não me deixam convencido; e por outra parte, o meu escopo ao publicar estes excerptos não é alardear erudição, aliás bem facil de ostentar em assumpto tão amplamente tratado pelos philologos inglezes e allemães. Certamente, para chegar ao fim que me proponho não só não seria proveitoso, mas seria positivamente nocivo, ou pelo menos inutil, desviar-me da trilha seguida n'este ponto pela immensa maioria dos commentadores e traductores do pae da epopéa.

NOTAS

AO

PRIMEIRO CANTO DA ODYSSÉA

Verso 1. Musa os trabalhos a cantar me ensina

A traducção litteral seria: Musa conta-me o varão muito ardiloso. Mas é impossivel reproduzir com tanta exacção o original em uma traducção em verso. A proposição da Odysséa foi elogiada por Horacio, como modelo, pela sua modestia e singeleza, e por elle mesmo traduzida resumidamente nos seguintes versos:

> Dic mihi Musa virum, captae post tempora Trojae,
> Qui mores hominum multorum vidit et urbes:
> *Arte poetica,* v. 141 e 142.

E com mais algum desenvolvimento na *Epistola* a *Lollio,* v. 19 a 22.

O poeta grego não invoca nenhuma das musas em particular. No fim do segundo canto da *Iliada,* antes de começar a *Beocia,* invoca as musas todas, chamando-lhes habitadoras das mansões olympicas, e exprime a causa por que recorre a ellas, dizendo: «Pois vós sois deusas, estaes presentes, e sabeis todas as cousas; emquanto nós outros apenas ouvimos contar os factos, e nada sabemos».

Esta ultima ingenua confissão da ignorancia humana relativamente a acontecimentos antigos, é exprimida com mais verdade, e com muito maior primor por Virgilio na imitação do logar homerico:

> Pandite nunc Helicona, Musae, cantusque movete
> .....
> Et meminisse enim, divae, et memorare potestis.
> Ad nos vix tenuis famae perlabitur aura.
> *Eneida,* VII, 741.

Cabe aqui observar que o numero noveno das musas, e o nome de cada uma d'ellas, talvez não pertença aos tempos homericos. Uma só vez (no canto XXIV da *Odysséa,* v. 60) falla Homero em *nove* musas, e essa é uma das rasões em que principalmente se fundam os criticos que negam a authenticidade do canto XXIV.

Demais, quando Homero se dirige á musa não lhe pede inspiração no sentido em que hoje tomâmos esta palavra: roga-lhe que lhe recorde acontecimentos, aventuras. No tempo de Virgilio, e já seculos antes, a influencia das musas nas obras dos vates era considerada como mais ampla. O proprio Virgilio, que no I canto da sua epopéa, dissera, *Musa mihi causas memora,* e no logar acima allegado do VII,

Et *meminisse*... et *memorare potestis*, na *ecloga* IV espera das filhas de *Mnemosyne* auxilio de ordem mais elevada.

Sicelides musæ, paulo majora canamus,
Non omnes arbusta juvant, humilesque myricæ.

N'uma palavra, Homero venerava as musas principalmente como filhas da *Memoria;* os poetas mais recentes imploravam o seu auxilio, considerando-as mais como filhas da *Imaginação* e dadoras do estro. Emquanto á modestia da proposição da *Odysséa,* já mencionei acima o juizo do legislador do Parnaso latino. A da *Eneida,* sem ser tão modesta, nem por isso é arrogante. Muito mais empolada que a do poeta cyclico citada por Horacio, «*Fortunam Priami cantabo et nobile bellum*», são a da *Thebaida* de Stacio, e a de Claudiano no seu poema sobre o *rapto de Proserpina.* A respeito dos nossos dois epicos, Camões e Pereira de Castro, póde dizer-se que, se por um lado parecem ser presumptuosos em seus promettimentos, por outra parte procuraram escapar á censura de arrogantes, resalvando-se, o primeiro d'elles com o verso final da segunda oitava:

«Se a tanto me ajudar o engenho e a arte,»

E o segundo com a limitação (aliás grammaticalmente errada):

«Se eu podesse tanto.»

É bem conhecida a applicação que o critico romano faz de uma fabula de Esopo ás proposições nimiamente promettedoras:

Parturient montes; nascetur ridiculus mus.

N'este lanço de pungente satyra o imitou, mas com visos de originalidade, o inimitavel fabulista francez, *La Fontaine:*

«Je chanterai la guerre
Que firent les géans au maître du tonnerre.
C'est promettre beaucoup:
Mais qu'en sort-il souvent?
Du vent.»

Verso 3. ..... depois que os muros
Da sagrada Ilion lançou por terra.

Homero attribue a victoria dos gregos mais a Ulysses que a nenhum dos outros principes confederados contra Troia. Sem duvida quiz assim dar a entender que para o bom exito da maior parte dos grandes commettimentos mais contribuem o siso, a prudencia, os calculos e operações da intelligencia, do que o arrojo e o valor desacompanhados de circumspecção e conselho. «*Vis consilii expers mole ruit suâ*» cantou o Venusino. Consideradas as cousas debaixo d'este aspecto, não foi injusto o juizo dos gregos em adjudicarem as armas divinas de Achilles ao ithacense, depois da morte do filho de Peleo; sem embargo da pretensão de Ajaz Telamonico, que á sua posse parecia ter direito pelo sobre-humano valor de que dera tão admiraveis provas.

Verso 10. Mas por salvá-los forcejou debalde

Homero falla aqui particularmente dos quarenta e quatro companheiros que tinha no seu navio nos ultimos tempos das suas peregrinações, pois só esses comeram os *bois* do sol. Os outros haviam perecido em outras occasiões e por modos differentes.

Verso 11. Morte lhes foi seu proprio desatino

Com estas palavras, diz a sr.ª Dacier, Homero assignala uma differença essencial entre a *Iliada* e a *Odysséa*. Na *Iliada* o povo é victima dos desatinos dos reis:

«Quidquid delirant reges, plectuntur Achivi»
(Hor., *Epist. ad Lol.*, v. 14.)

Na *Odysséa*, o povo perece em resultas da propria insensatez, pois o seu principe não poupara alvitres e esforços para o salvar de innumeraveis perigos. Por isso a leitura da *Odysséa* é mais proveitosa ao povo que a da *Iliada*.

Verso 37. Pais entre dois povos dividido

O Nilo corta a Ethiopia em duas partes, ficando uma d'ellas ao oriente, outra ao occidente. Consulte-se Estrabão, no livro I da sua *Geographia*, pag. *mihi* 57, e no livro II, pag. 162, onde se explica amplamente este logar da *Odysséa*.

Verso 46. Que lembrado de Egistho

Egistho, principe de illustre prosapia, foi deixado por Agamemnon junto de sua esposa Clytemnestra, quando saiu para Troia a expedição dos gregos para vingar o rapto de Helena. Por algum tempo prestou leal serviço á rainha; mas depois a seduziu; e quando Agamemnon regressou victorioso, ella e o adultero aleivosa e barbaramente o trucidaram. Este crime e os factos que se lhe seguiram são o assumpto da *Orestiade* de Eschylo, isto é, das tres tragedias intituladas *Agamemnon*, as *Choephoros* e as *Eumenides*, sublime e unica trilogia completa que nos resta da antiguidade classica. N'este logar da *Odysséa* applica-se a Egistho o epitheto αμωμων, que não me atrevi a inserir na traducção, e que significa ordinariamente *irreprehensivel*. É verdade que póde ser tomado aqui na simples accepção de nobre, illustre ou formoso. Mas entre nós soaria mal qualquer appellido honorifico applicado a um grande criminoso, adultero e assassino.

Verso 50. ..... A nós imputam
De seus males a causa

N'esta queixa de Jupiter se acha lançado um dos fundamentos da theodicéa, tomando o vocabulo *theodicéa* na sua accepção genuina e etymologica; vocabulo este muito usado em philosophia, principalmente depois do grande Leibnitz. Leiam-se as duas eruditas notas de Clarke e de Ernesti a este logar (edição de Lipsia, 1760) onde se acha citado um grande numero de doutrinas e sentenças de philosophos e de poetas relativas ao momentoso assumpto. Emquanto á antiquissima injustiça dos homens que pretendem desculpar-se de seus crimes allegando irresistiveis influen-

cias do destino, o suavissimo Metastasio a rebate, pondo na bôca de um anjo estas palavras dirigidas a Cain, na oratoria intitulada *Abel*:

«Cogli astri innocenti,
Col fato ti scusi,
Ma senti che abusi
Di tua libertà:
E copri con questa
Sognata catena
Un dono che pena
Per l'empio si fa!»

O fado innocente,
Os astros accusas;
Mas olha que abusas
Do livre querer.
Est' é dom divino,
Que os impios costumam,
Por seu desatino,
Em pena volver.

Verso 71. Quem taes obras fizer, tal fim encontre

Refere Plutarcho (na vida dos *Gracchos, Tiberio* e *Caio)* que, quando Scipião Africano ouviu, estando em Numancia, a noticia da morte de Tiberio, immediatamente repetiu o verso homerico Ως απολοιτο και αλλος οτις τοιαυτα γε ρεζοι!

Verso 76. .....a filha bella
Do sabio velho Atlante

Hesiodo na sua *Theogonia*, v. 359, diz que Calypso era filha do Oceano e de Tethys. Qual seria a mais antiga d'estas duas tradições, uma adoptada por Homero, outra consagrada pelo poeta Ascreu? Consulte-se a dissertação do doutissimo Letronne: *Essai sur les idées cosmographiques qui se rattachent au mont Atlas;* inserida no *Bulletin des sciences historiques*, tom. XVII.

Ao velho Atlante, ou ao monte a que elle deu o nome, allude o nosso Camões em tres logares dos *Lusiadas*: no canto I, estancia 20; no canto III, estancia 77, e finalmente na ultima estancia do poema.

Verso 83. ..... Ulysses só deseja
Ver fumegar de longe os patrios tectos;
Dos seus ausente estando, anhela a morte.

Dion Chrysostomo (no *discurso* XIII) seguindo o parecer de não poucos escholiastes, dá ao texto a seguinte interpretação: «Ulysses deseja ver fumegar de longe os telhados da sua cidade natal, aindaque logo depois haja de morrer». Se se adoptar a interpretação do eloquentissimo orador, poder-se-ha exprimir assim em verso:

..... só deseja
Ver fumegar de longe os patrios tectos,
Depois á etherea luz cerrar os olhos.

Seja porém qual for das duas interpretações a preferivel, cumpre confessar ser esta a mais notavel pintura poetica de quanto póde o amor da patria em um coração bem formado. Cicero alludiu a este logar da *Odysséa*, quando, encarecendo a força d'este nobre e dulcissimo affecto, se exprime assim: *Nostra patria delectat; cujus rei tanta est vis, ac tanta natura, ut Ithacam illam in asperrimis saxulis, tanquam nidulo affixam, sapientissimus vir immortalitati anteponeret* (De Orat., lib. I).

Ácerca da inamenidade e pouca importancia da ilha de Ithaca, uma das do mar Jonio, hoje *Theaki*, transcreverei aqui, traduzindo-a, uma nota ao canto II, estancia 39 do *Child Harold's Pilgrimage* de Lord Byron:

«No dia 24 de setembro, diz mr. Hobhouse, nós nos achavamos no canal, tendo ao poente a ilha de Ithaca, que estava então em poder dos francezes. Estavamos a pequena distancia d'ella, e divisámos alguns arbustos em um terreno pardacento e abrasado, duas pequenas villas nos oiteiros, todas rodeadas de arvoredo, um ou dois moinhos de vento com uma torre nas alturas. A tal Ithaca não tinha certamente uma forte guarnição, como bem o supporeis quando eu vos contar que, um mez depois, quando as ilhas Jonias foram atacadas por uma esquadra ingleza, ella se rendeu, entregando-se a um sargento e sete soldados.»

Relativamente ao instinctivo amor da patria, ainda quando ella seja inamena, miseravel e inculta, leiam-se e releiam-se as aureas paginas de Chateaubriand, *Genio do Christianismo*, livro v, capitulo 14.º

Verso 148. Segnem, jogando aos dados, seus folguedos

Traduzi jogando *aos dados*, á mingua de expressão mais exacta. No original está: πεσσοι, que os escholiastes dizem serem umas pedrinhas cubicas. Os francezes costumam verter *dés;* outros porém traduzem *osselets*. Nas traducções latinas achámos: *talis* (proci) *se oblectabant*.

A respeito do jogo de que se falla n'este logar, consulte-se a erudita nota da sr.ª Dacier.

Verso 169. Sáe a busca-lo, sem delonga

Na *Odysséa* é que principalmente se acham exemplos da hospitalidade tão pathetica e tão primorosa dos tempos patriarchaes entre os povos semiticos, e dos tempos heroicos na Grecia primitiva; hospitalidade a cujo respeito já disse alguma cousa em uma nota ao VI canto da *Iliada*. Leiam-se a *Viagem do joven Anacharsis*, a pag. 57 da introducção, e o *Deipnosophista* de Athenéu, livro V, pag. 185.

Verso 195. Pão e manjares põe em grande copia

Se a despenseira trouxe para o banquete pão e manjares que tinha debaixo de sua guarda, para que veiu depois o cozinheiro com novas iguarias? perguntam alguns criticos nimiamente minuciosos. Segundo a explicação de Eustathio, a despenseira poz na mesa pão e provisões que estavam em reserva, por exemplo, assados frios; o cozinheiro viandas acabadas de preparar.

Verso 252. Buido ferro a Temeso levando

Duas cidades com o nome de Temeso são conhecidas na antiguidade, uma pertencente aos Brucios na baixa Italia, outra na ilha de Chipre.

Verso 290. ..... de Ulysses filho
Me affirma a genitriz

N'esta resposta transluz a simplicidade dos tempos homericos. Em nossos dias de requintada civilisação, e de rebuçada malicia, uma resposta similhante seria mais propria da festividade comica que da gravidade epica. Alguns seculos depois de Homero, um pensamento analogo foi exprimido por Menandro em uma comedia de que conservâmos o correspondente fragmento citado por Eustathio, onde os curiosos o poderão ler.

Verso 305. ..... Não tem visos
De festa ser por voluntario escote

O vocabulo ερανος que está no texto, é explicado assim nos pequenos scholios á *Iliada*: «Festim ou refeição para o qual ou para a qual contribuem todos os convivas». Corresponde portanto ao que os francezes chamam *pique nique*. Hesiodo exprimiu a mesma idéa por periphrase nos seguintes versos:

Nunca te deixes ver com triste rosto,
De festim por escote á farta mesa,
Onde é pouca a despeza e grande o gosto.
(As Obras e os Dias, v. 700 e 701).

Verso 326. ..... Roubarâm-no as Harpyas

Aqui não se deve cogitar d'aquellas aves monstruosas e immundas de que falla Virgilio no canto III da *Eneida*. A lenda relativa ás Harpyas era nos tempos homericos differente da lenda adoptada pelo epico latino. O grande poeta, philosopho, e philologo italiano nosso contemporaneo, Leopardi, suspeita que o vocabulo αρπυιαί que está no texto seja um participio archaico que signifique *rapientes*, arrebatadoras, e que esteja subentendido um substantivo correspondente a *parcas*. A conjectura é sem duvida engenhosa; mas será ella bem fundada? V. o vol. III das suas obras pag. 80, edição de Florença 1845.

Verso 425. Cantava Phemio então

A respeito dos *aedos* ou poetas cantores dos tempos da primitiva civilisação grega, e de que são typos Phemio entre os pretendentes de Penelope, Demodoco, na côrte de Alcinoo, rei dos pheaces, e Iopas na da rainha Dido em Carthago, segundo a ficção, aliás anachronica, do principe dos epicos latinos, leiam-se a *Bibliotheca grega* de João Alberto Fabricio, e a *Historia da litteratura grega* de Ottfredo Muller.

Verso 426. A prudente Penelope taes cantos

Penelope é representada por Homero como o modelo das esposas fieis. A auctoridade do grande vate fez adoptar esta tradição pela maior parte dos escriptores da antiguidade. Entre os homens instruidos que não são insensiveis aos encantos da poesia, haverá por acaso alguem que não conheça (quasi diria que não saiba de cór) a heroide ovidiana, escripta em nome da filha de Icario? Todavia não deixou de existir uma bem differente tradição a respeito da mesma princeza, tão exaltada n'esta segunda epopéa homerica. Muitos auctores (entre elles Herodoto) não reco-

nheceram como illibada a sua hoje proverbial fidelidade conjugal. O seu comportamento para com os *procos* que a requestavam não foi isento de toda a culpa, dizem elles, e, segundo boatos maliciosos, Telemacho tivera um irmão que não foi filho de Ulysses, a quem foi posto o nome de *Pan*, não sem algum fundamento na chronica escandalosa do regio alcaçar do peregrino ithacense.

Verso 454. ..... Dão gosto aos homens
Mais que velhas canções, canções recentes

O original póde tambem entender-se de outro modo; isto é, que costumam agradar mais os versos que se referem a factos recentes, do que aquelles que celebram acontecimentos antigos. Admittida esta interpretação, póde verter-se este logar do modo seguinte:

Mais que velhas canções, canções agradam
Que recentes successos commemoram.

E este um dos muitos passos acremente censurados em Homero por Platão, o qual, pela rigidez da sua moral, mostra receiar toda a especie de espirito de innovação, como perigoso, e até positivamente prejudicial, no regimen da sua imaginaria republica. Até o assustava a preferencia que os moços, animados por uma sentença do pae da poesia, poderiam dar a novas canções, a novos modos de canto, menosprezando os antigos cantares, consagrados pelo uso.

N'este ponto raros serão os pensadores, e ainda mais raros os amadores do bello, que achem rasão ao fundador do Lyceu. Mas com a severidade do grande philosopho contrasta nimiamente a indulgencia de muitos educadores modernos, que facultam a seus filhos, pupillos ou discipulos na idade pouco mais que infantil, a leitura de versos e de romances, mil vezes mais livres e perigosos do que as obras do pae da epopéa.

Como diametralmente opposta á severidade de Platão, no ponto de que se falla n'esta nota, cabe aqui citar a maxima de um grande poeta grego, Pindaro; ei-la:

Antepõe vinho velho a vinho novo,
Prefere carme novo a carme antigo.
Olymp., Ode IX, v. 73.

Verso 460. Sobe de novo ao solito aposento

Esta especie de ordem dada a Penelope parece pouco propria de um filho fallando com sua mãe. Deve-se porém suppor que o desabrimento das expressões foi temperado pelo tom de voz com que foram proferidas; aliás seria forçoso confessar que n'esta circumstancia Telemacho não se mostrára tão bem educado, como era de esperar de um principe, e de um principe tão favorecido da deusa da sabedoria.

Verso 263. O discursar em publico pertence

O texto não diz expressamente *em publico*; mas a palavra μυθος de que se serve o poeta, auctorisa o acrescentamento que se acha na traducção. Com effeito, como poderia elle ter querido dizer que o fallar só pertence aos homens? Pois a mulher não é um animal fallante, assim como é um animal racional? exclama, ao commentar este passo, o douto arcebispo de Thessalonica, Eustathio, o qual conclue recom-

mendando ás senhoras comedimento no fallar, com a citação de um verso de Sophocles, que traduzido quer dizer:

«Ó mulher, o silencio é um ornamento do teu sexo.»

Verso 500. Não te conceda o filho de Saturno

O discurso de Antinoo parece ser uma disfarçada ironia emquanto á parte laudatoria. Em seguida, aquelle hypocrita exprime o desejo de que Telemacho não venha a reinar, fingindo ser-lhe tão affeiçoado que receiava houvesse de ser peso demasiado para seus hombros o encargo do governo. A resposta do mancebo corrobora esta interpretação de um logar considerado como difficil pelos commentadores.

Verso 505. De bom grado aceitára o regio mando

Telemacho confessa aqui, sem hypocrisia ou falsa modestia, que considerava a realeza como um grande bem, e que se julgaria feliz se a ella fosse sublimado Quem lh'o levaria a mal sendo elle filho unico do rei de Ithaca? O mesmo já se não poderia dizer de Julio Cesar, que vivendo sob um regimen republicano, que subsistia desde cinco seculos, repetia muitas vezes, e com grande complacencia, dois versos de um tragico grego (Euripides), traduzidos por Cicero do modo seguinte:

Si jus violandum est, regnandi gratia
Violandum est; aliis rebus pietatem colas.

Conseguiu o seu fim, e mais solida e definitivamente, o seu filho adoptivo e successor, Octavio, e, sem embargo das crueldades praticadas para firmar o usurpado poder,

De tanto vituperio
Parnasso se cobriu em seu imperio,
Que mil cisnes se alçaram,
E em virtudes seus vicios transformaram.
ELPINO NONACRIENSE.

Verso 557. Eurycléa fiel

Nos antigos tempos da Grecia e de Roma, aindaque existiu a escravidão, propriamente tal, a que o fabulista latino chama *obnoxia*, a brandura de caracter de alguns senhores suavisava consideravelmente o amargor de tão desgraçada condição. Temos d'isso um exemplo no modo com que Laertes tratára Eurycléa, serva fiel e ama carinhosa, que representa um notavel papel n'este poema da *Odysséa*. O auctor da *Eneida*, dotado de alma e coração ricos dos mais nobres e dos mais ma viosos sentimentos, immortalisou, nos primeiros versos do canto VII da sua epopéa, o nome da ama do seu heroe:

Tu quoque littoribus nostris, Æneia nutrix,
Æternam moriens famam, Cajeta, dedisti.

Observe-se tambem que, apesar de todo o entono aristocratico dos grandes magnates, elles e ainda principes soberanos, não se dedignavam de chamar ami-

gos, socios ou companheiros, aos seus servos, escudeiros, aurigas, pilotos, ou ainda simplesmente remeiros dos navios que os transportavam. D'este modo vemos serem tratados Patroclo, Automedonte, Elpenor, Achates, Miseno, Palinuro, etc. A brandura de costume esta cortezia foram e são de todas as epochas, como (ainda mal!) a crueldade e a insultuosa sobranceria. É porém forçoso reconhecer que a clemencia e a doçura do tracto são mais communs sob a influencia de uma civilisação mais adiantada, mediante a qual

Pectora mollescunt, asperitasque fugit.
OVID.

Verso 559. ..... o valor de vinte touros

Em muitos logares dos dois poemas homericos se falla em touros ou bois para designar o preço de uma cousa ou mesmo de um escravo. Alguns interpretes entendem á letra os taes logares, como este por exemplo, e o do canto VI da *Iliada*, em que se falla da troca das armas entre Glauco e Diomedes. Outros fundando-se em que já nos tempos da guerra de Troia havia moedas, affirmam que quando se dizia que um objecto custava tantos bois, queria dizer-se que custava tantas moedas quantas valia um ou mais bois. Acrescentam que talvez as moedas tivessem esculpida a fórma de um boi; e lembram a etymologia da palavra latina *pecunia*.

Verso 575. O loro puxa, e co'o ferrolho a cerra

Não se entende facilmente a maneira com que os antigos fechavam e abriam as portas de suas casas e de seus quartos. Consulte-se o já citado *Diccionario de Antiguidades gregas e romanas* de Rich.

NOTAS

AOS

CANTOS DO INFERNO DE DANTE I A V

E AO

EXCERPTO DO CANTO XXXIII

Entre os poemas antigos, objecto de admiração geral, nenhum talvez haverá que, para ser cabalmente entendido, precise mais de elucidações do que a *Divina Comedia*. Não tem faltado quem, desde os tempos proximos ao fallecimento do seu auctor até aos nossos dias, se haja consagrado á triplice tarefa de descobrir a verdadeira lição entre as muitas variantes do texto, explicar os logares escabrosos e indicar as innumeraveis bellezas que se encontram na trilogia do grande poeta. Nas seguintes notas o proposito do traductor portuguez d'estes cantos do *Inferno* é tão sómente esclarecer os passos mais obscuros, declarar quem são alguns dos individuos que entram em scena, ou de quem se faz menção, e justificar a versão em alguns poucos pontos em que, á primeira vista, parece apresentar com pouca fidelidade o sentido do original.

Quem desejar satisfazer, facil e agradavelmente, a sua curiosidade ácerca da vida do vate Gibelino, fazer uma exacta idéa da phantastica, porém maravilhosa traça do primeiro dos seus poemas, e conhecer, ainda sem possuir o idioma toscano, os logares patheticos, sublimes, ou sob qualquer aspecto mais importantes, do mesmo poema, póde consultar a obra do douto conselheiro d'estado extraordinario, o sr. José Silvestre Ribeiro, dada á luz em 1858 com o seguinte titulo: «*Dante e a Divina Comedia*».

AO CANTO I

Terceto 1.

Eis-aqui uma variante a este terceto:

> Estando em meio curso a nossa vida,
> Embrenhado me achei n'uma espessura
> Fóra da recta senda, então perdida.

Imagina o poeta que tendo trinta e cinco annos de idade, que é, pouco mais ou menos, metade da vida dos homens que chegam á velhice, no mez de março de 1300 (como se deprehende do canto XXI d'este poema) tivera a visão symbolica que serve de proemio á maravilhosa viagem objecto da *Divina Comedia*. Para se

ter uma idéa dos motivos que principalmente influiram no animo de Dante ao conceber e executar obra tão gigantéa e tão original, e para que os leitores menos versados nos estudos dantescos entrevejam a explicação de uma parte das allegorias que ella encerra, traduzirei aqui (sem me responsabilisar pela completa exacção do seu conteúdo) uma interessante nota do sr. Bruno Bianchi, que se lê no principio do seu commentario á *Divina Comedia*, na edição de Florença do anno de 1854.

«*Mi ritrovai per una selva*, etc. N'este primeiro canto se indicam com engenhoso disfarce o motivo e o objecto do poema. A corrupção e os vicios do seculo, principalmente originados do enfraquecimento das crenças religiosas, haviam produzido pessimos governos, e trazido á Italia as maiores desordens e a mais espantosa miseria; viam-se n'ella, cidadãos armados contra seus concidadãos, plebe desenfreada e furibunda, magnates prepotentes, magistrados avaros e venaes, sacerdotes pondo a mira mais na terra do que no céu, principes tyrannos e flagello de seus subditos. Dante, conhecida a origem de tão horrendos males, depois de haver feito o que julgava mais conducente ao bem de sua patria, emprega o seu engenho em cantar a *regeneração moral* do homem, como o primeiro passo indispensavel para a *regeneração politica*, não podendo existir verdadeira liberdade, solida felicidade, onde não reinem os bons costumes. Em quanto ás suas opiniões politicas, dá elle por assentado que o governo conforme com os intuitos da divina providencia sobre a terra é a *monarchia universal*, regida com determinadas leis por um imperador residente em Roma... Imagina portanto uma viagem pelos reinos dos finados; e ao mesmo tempo que aviva as idéas fundamentaes do catholicismo, sustentando-as, opportunamente, com os argumentos da mais sã philosophia, revela os males que flagellam a Italia, preteritos e presentes, os ardis dos hypocritas, a infamia dos traidores; põe na conveniente luz o mal e o bem, e tudo isto pelo ministerio d'aquelles espiritos que estão em logar onde se vê a verdade sem sombra nem duvidas. Ora a *selva escura* significa a desordem moral e politica da Italia em geral, e mais especialmente de Florença (chamada tambem *triste selva* no canto XIV do *Purgatorio*, v. 64), onde se perdêra toda a virtude e toda a luz de sabedoria civil, de maneira que se havia tornado mais covil de feras do que habitação de homens.»

Terceto 3.

Altas cousas. Muitas edições do texto têem *Altre*, em vez de *Alte*. Quem preferir esta segunda lição póde na traducção substituir *outras* a *altas*.

Terceto 5.

A *collina* symbolisa uma idéa opposta a *selva*, floresta, mata, espessura. *Selva*, é a desordem, a corrupção de costumes, tyrannia. *Collina*, é ordem, virtude, liberdade.

Terceto 7.

No original se diz que o medo se estagnára no lago do seu coração.

Terceto 11.

As tres feras que se oppõem a que Dante suba ao monte (isto é, que obstam á regeneração da sua patria) são: Uma panthera, um leão e uma loba. Segundo os

melhores commentadores, a panthera ou onça symbolisa a *inveja,* o leão a *soberba,* a loba a *avareza,* a insaciavel cobiça.

Terceto 13.

Subia o sol. Entende-se pela ecliptica, adiantando-se do equinoxio da primavera em que então se achava no signo de *Aries,* em direcção ao solsticio do estio.

Terceto 15.

Na estação linda. Indica o poeta que a sua visão começou na primavera, e alude á opinião quasi geralmente acreditada, de que Deus creou o mundo n'esta bella estação, em que tambem Jesus Christo a remiu.

Terceto 20.

Para o tetro logar. No original se diz *ove il sol tace,* onde o sol está calado. O padre Aquino, elegantissimo traductor de Dante em versos hexametros latinos, não approva a translação: outros a acham bellissima e recordam o *per amica silentia Lunæ* de Virgilio, e outras expressões metaphoricas similhantes.

Terceto 24.

O texto «*Nacqui sub Julio ancor che fosse tardi*», deu muito trabalho aos commentadores, para explicarem a que se havia de referir o adverbio *tardi.* Quem desejar traducção mais litteral do que a apresentada no logar competente leia: «Sob Julio vi, mas tarde, a luz do dia», e dê ao adverbio a interpretação que lhe parecer. Os personagens de que se falla n'estes versos, Virgilio, Julio Cesar, Octaviano Augusto, são tão celebres e tão geralmente conhecidos, que fôra só propria dos *vãos gastadores de tempo* qualquer declaração a seu respeito. Dante escolheu a Virgilio para seu guia, á uma porque o venerava como a mestre, segundo elle mesmo o confessa, e á outra porque tendo elle na *Eneida* contado a origem divina do imperio romano, lisonjeava em certo modo a idéa dominante do gibelino, que era a regeneração italiana por meio do estabelecimento d'aquelle mesmo imperio.

Terceto 34.

Um galgo. A mór parte dos expositores julgam ser aqui designado *Can Grande della Scala,* protector do poeta em seus infortunios, e de quem elle esperava maravilhas em favor da sua querida Italia.

Terceto 35.

A traducção litteral d'este terceto é a seguinte: «Este não se alimentará nem de terra nem de *peltre* (moeda de estanho refinado com azougue), mas sim de amor, sabedoria e virtude; e a sua nação será entre Feltro e Feltro». Á primeira vista a traducção em verso afasta-se nimiamente do original. Assim é emquanto ás palavras; porém o sentido do poeta é n'ella fielmente exprimido. Leiam-se os commentadores. Todavia eis-aqui uma variante ao terceiro verso, adoptada a qual, a versão d'elle seria litteral.

«Nado entre Feltro e Feltro é o cavalleiro.»

Feltro é uma cidade de Marca Trevisana, e Monte Feltro uma cidade da antiga legação de Urbino.

Terceto 36.

O epitheto *humilde* que vem no texto ou se refere áquella parte da Italia, agora chamada maritima e *Campanha*, quasi toda plana, isto é, não montanhosa; ou é uma allusão ao verso do mesmo Virgilio na Eneida *Humilemque videmus Italiam*; ou finalmente indica o estado de abatimento e decadencia d'aquélla nobilissima região, abatimento e decadencia que o poeta tanto deplorava.

Terceto 36.

Camillo, Turno, Niso e Euryalo, quatro personagens celebres na *Eneida*, e por isso bem conhecidos de todos os litteratos. Turno e Camillo morreram pelejando para defenderem a Italia contra os troianos; Niso e Euryalo tambem pereceram pelejando, mas para a conquistarem.

Terceto 39.

Segunda morte. A morte da alma, para assim cessarem de padecer.

Terceto 44.

Allude ao perigo de ser devorado pelas feras no medonho bosque, e á eterna condemnação, desgraça ainda muito maior.

Terceto 45.

Pela porta de S. Pedro entende aqui Dante a do Purgatorio; porque S. Pedro recebeu com o poder das chaves uma especie de auctoridade sobre o Purgatorio, em quanto as indulgencias aproveitam por modo de suffragio ás almas ali detidas.

AO CANTO II

Terceto 5.

Sylvio, filho de Enéas e de Lavinia. Porém Tito Livio diz que foi filho de Ascanio, e por consequencia neto de Enéas.

Terceto 7.

O sentido do poeta é o seguinte: Não admira que Deus, o adversario de todo o mal, isto é, o bem por essencia, concedesse tão extraordinario privilegio a Enéas, por isso que havia escolhido este heroe para ser, aindaque remotamente, o fundador de uma cidade que não só seria a capital de um poderosissimo imperio, mas que estava destinada a vir a ser a séde do successor de S. Pedro, do vigario de Christo, do summo pontifice da verdadeira religião.

Terceto 9.

Cousas ouviu. Nos Campos Elysios ouviu da bôca de Anchises, seu pae, cousas que lhe foram uteis, animando-o e vigorando-lhe a esperança de vencer o seu competidor Turno; victoria que se deveu em parte áquella visita á região dos mortos, e que foi causa, se bem que remota, da fundação d'aquella Roma, que tinha de ser metropole da christandade, por n'ella residir, revestido do manto do summo pontificado, o cabeça visivel de toda a Igreja.

Terceto 10.

É bem sabido que nas sagradas letras e nos escriptos dos padres da igreja se dá a S. Paulo o epitheto de *vaso de eleição,* como áquelle que, sendo aggregado ao numero dos apostolos annos depois da ascensão de Christo, trabalhou mais que todos os outros na propagação do evangelho, e mereceu ser chamado um dos dois principes dos apostolos, sendo S. Pedro o primeiro d'elles.

Terceto 18.

O texto diz, traduzido á letra: «Eu estava entre aquelles que estão suspensos», isto é, nem bemaventurados no céu, nem condemnados no inferno com pena de sentido: por consequencia no *limbo.*

Terceto 19.

Pelo vocabulo *stella* do texto entendem alguns annotadores a estrella *Vesper,* por ser brilhantissima; outros o *sol,* por ser o mais excellente dos astros.

Terceto 32.

Gentil dama. O padre Venturi explica assim este logar: Ha no céu uma senhora nobre e graciosa, isto é, a *Divina clemencia,* que juntamente commigo deplora o damno que as feras causam a Dante em seu caminho: eu te recommendo que o ajudes a levar a cabo o seu intento: applaca pois em seu favor a severidade da *justiça celeste,* que exigia fosse punido como réu, e dilacerado por aquellas feras.

Terceto 33.

Por *Lucia* entende-se a *Graça illuminante* que esclarece os miseros mortaes, envoltos nas trevas da ignorancia em relação ás cousas espirituaes, que mais lhes convem conhecer. Dante é muito propenso ao emprego de allegorias. Elle mesmo o dá a entender no terceto 21 do canto IX do *Inferno:*

«O voi che avete gli intelletti sani,
Mirate la dottrina che si asconde
Solto il velame degli versi strani.»

Vós que haveis rasão sã, não pervertida,
Á doutrina attentae sob o disfarce
D'estes estranhos versos escondida.

Terceto 12.

Tres damas. A Clemencia, Lucia, e Beatriz, tres protectoras do Dante no empyreo.

AO CANTO III

Variante ao 1.º terceto:

Por mim vae-se á cidade atra e gemente:
Por mim vae-se á mansão da eterna dor:
Por mim á estancia da perdida gente.

Não me satisfaz nem esta versão nem a que vae no logar competente; mas não me foi possivel fazer outra melhor *bis terque conatus*, ou antes *centies expertus frustra*. Quem ponderar a difficuldade que ha em traduzir, rimando, e terceto por terceto, n'este e em outros casos será mais inclinado á indulgencia que á severidade.

Terceto 2.

Acham-se n'este terceto indicadas as tres pessoas da Santissima Trindade, cada uma com o seu especial attributo.

Terceto 13.

Dá o poeta a entender que na grande lucta travada no céu antes da creação do primeiro homem, um certo numero de anjos ficou neutral, nem rebellando-se com Lucifer, nem oppondo-se-lhe com S. Miguel; e tal foi a opinião de alguns theologos escholasticos na idade media.

Terceto 14.

Alguns commentadores entendem de outro modo os dois ultimos versos d'este terceto, e lhes dão o sentido seguinte: O profundo inferno não recebe aquelles anjos neutraes, porque os anjos rebeldes que pelejaram teriam alguma ufania em ver sujeitos a igual castigo os que haviam commettido menor crime.

Terceto 20.

D'aquelle eu vi a sombra. O poeta designa aqui, não Esaú, que vendeu os direitos de primogenitura, nem Diocleciano, que abdicou a corôa imperial; mas sim o papa Celestino V, antes Pedro Moron, que por excessiva humildade, e induzido por enganosos conselhos, renunciou o summo pontificado, e foi depois preso pelo seu successor Bonifacio VIII. Dante não poderia ter reconhecido nem Esaú, nem Diocleciano, que tinham morrido havia tantos seculos. Alem d'isso o feroz perseguidor dos christãos, Diocleciano, não devia ser collocado no inferno entre os ignavos, tendo sido um monstro de crueldade contra os sequazes da purissima religião de Christo. É verdade que Dante póde ser accusado de injustiça e de irreverencia, por haver posto entre os condemnados um pontifice virtuosissimo, e até venerado como santo. Mas cumpre advertir que quando o poeta escreveu ainda o papa Celestino não fôra canonisado, e que n'aquelles tempos não faltava quem condemnasse aquella renuncia, attribuindo-a á cobardia e não á humildade.

Terceto 28.

N'este logar e em muitos outros do *Inferno,* Dante deu azo a uma talvez justa censura, que tambem tem sido feita ao principe dos nossos epicos portuguezes, não tendo nem um nem outro duvidado de misturar personagens mythologicos com personagens historicos, e até christãos. Não é este o logar de fazer a apologia dos dois vates; bastará lembrar que no tempo em que todos forcejavam por imitar os grandes escriptores gregos e romanos, ninguem escrupulisava em procurar nas fabulas do polytheismo personagens e factos para ornar as ficções da propria phantasia. A pintura do velho Charonte n'este logar, é evidentemente imitada do canto VI da *Eneida.*

AO CANTO IV

Terceto 3.

Achei-me na outra margem do Acheronte, por mim, não sei como, atravessado; não certamente por modo ordinario, senão por virtude divina.

Terceto 10.

Penavam ali não tormentados. Padeciam ali só a pena de damno e não a de sentido.

Terceto 12.

Que peccados não tem. Não tem peccados graves de commissão. *Morreram sem baptismo, Porta da fé, etc.* O baptismo é a entrada ou porta para a igreja militante, e sem elle, ou de agua, ou de sangue, ou de fogo, isto é, de desejo, depois da redempção do genero humano por Jesus Christo, não se póde entrar na igreja triumphante: por isso agrada-nos mais a lição do texto *Porta* que a sua variante *Parte. Fossem embora—No porte bons.* Embora tenham tido virtudes moraes, não prestaram a Deus o culto devido: *Quum Deum cognovissent,* diz S. Paulo *ad Rom.* cap. I, 21, *non sicut Deum glorificaverunt aut gratias egerunt;* por isso, se se lhes perdoou o inferno propriamente tal, em attenção a não terem sido viciosos, nem por isso se lhes concedeu a bemaventurança celestial.

Terceto 18.

Era eu novo n'este estado. Havia pouco tempo que eu morrêra e estava no limbo. *Um guerreiro, etc.* Nosso Senhor Jesus Christo, que a elle desceu depois de haver expirado na cruz.

Terceto 19.

Os nomes dos justos cujas almas foram tiradas do limbo pelo Redemptor não hão mister de explicação. Nenhum dos leitores da *Divina Comedia* ignora a historia sagrada.

Terceto 23.

Hemispherio de trevas é a profunda escuridão do valle do inferno, valle que tem a figura de uma esphera cortada pelo meio; a qual escuridão é vencida ou inter-

rompida n'este primeiro circulo, ou pelo menos em uma parte d'elle, por aquelle fogo ou luz de que se falla aqui. Allegoricamente a luz significa a sabedoria d'aquelles doutissimos varões que vence e dissipa as trevas da ignorancia, que é um verdadeiro inferno para as almas bem nascidas. Assim explica este logar o sr. Bianchi.

Terceto 28.

Nem alegre nem triste. Não alegre, porque não estavam em gloria; não triste, porque não padeciam tormentos.

Terceto 30.

São bem conhecidos os quatro poetas aqui nomeados. Mas poder-se-ia perguntar a rasão por que Dante distingue a Horacio com a qualificação de *satyrico*, e não com a de *lyrico*, sendo elle principe em ambos os generos de poesia. Seria porque o julgasse mais original no primeiro que no segundo d'esses generos? Pelo menos tal foi a opinião de Hugo Foscolo, o qual, como se lê na *Noticia ácerca de Didymo Cherico* (pseudonymo do auctor), perguntando-lhe um official a rasão por que nunca citava as odes de Horacio, Didymo, em resposta, o brindou com a sua caixa de tabaco, ornada com um mosaico de lindo lavor, dizendo: *Foi feita em Roma com alguns fragmentos de pedras preciosas achadas em umas excavações na ilha de Lesbos.* Deu com isso a entender que a melhor parte das odes do lyrico latino era roubada aos lyricos gregos, principalmente aos de Lesbos, Alceu e Sapho. Todavia n'este juizo desfavoravel a Horacio ha grande exageração.

Terceto 31.

E por quanto commigo elles convem. São parecidos commigo em serem poetas como eu; em lhes competir o nome de poeta, nome ou titulo tão glorioso. *Honrar-me lhes apraz; e fazem bem.* Fazem bem, porque devemos respeitar os que exercem a mesma profissão, e não ter-lhes inveja. D'este modo o summo vate Andino vem a condemnar a viciosa rivalidade de que falla o vate Ascreu n'aquella tão conhecida sentença: «O oleiro mal quer ao oleiro, o carpinteiro ao carpinteiro, o poeta cantor ao poeta cantor, e até o mendigo ao mendigo». (Hesiodo, *As Obras e os Dias, in princip.*)

Terceto 35.

As palavras que então disseram entre si n'aquelle colloquio agradaram por acertadas e opportunas; o repetil-as aqui seria desacerto, porque seriam fóra de proposito. *Singula quæque locum teneant sortita decenter,* recommendou um dos cinco companheiros de Dante, o cisne Venusino.

Terceto 41.

Electra. Quasi todos os commentadores reconhecem n'esta Electra, a heroina filha de Atlante, esposa de Coryto, rei de Italia, que, sendo amada por Jupiter, deu á luz Dardano, fundador de Troia; porquanto aqui a vemos acompanhada de heroes descendentes de Dardano, Heitor, Enéas e Cesar, que pretendia proceder de Enéas: *Nascetur pulcra Trojanus origine Cæsar.* A Electra filha de Agamemnon e de Clytemnestra, celebre pela sua extremosa amisade a seu irmão Orestes, protagonista de mais de uma tragedia do theatro grego, não figuraria n'este logar com tanta opportunida-

de. *Flammas fusila,* etc. O texto diz *Cesar armado, com olhos de abutre. Armado,* porque com as armas fundou o seu imperio. Com *olhos de abutre,* isto é, negros e luzentes. Lembrou-se o poeta do que se lê em Suetonio quando falla de Caio Julio Cesar: *Nigris, vegetisque oculis erat.*

Terceto 42.

Penthesiléa. Rainha das amazonas, que veiu em soccorro de Troia pouco tempo antes da quéda da cidade, e foi morta por Achilles, como consta dos poetas posthomericos, especialmente de Quinto Calabro; *Camilla,* donzella guerreira, filha de Metabo, rei dos volscos, que pelejou em favor de Turno, e cujas façanhas e morte foram tão admiravelmente cantadas por Virgilio no livro X da *Eneida. Latino,* rei dos aborigenes, que promettêra a Turno, rei dos rutulos, a mão de sua filha *Lavinia,* a qual todavia veiu a ser esposa de Enéas, a quem os fados a tinham destinado.

Terceto 43.

Lucrecia. Mulher de Collatino, que, havendo sido violada por Sexto Tarquinio, filho de Tarquinio Soberbo, rei de Roma, se deu a morte; suicidio que foi a causa proximae occasional da abolição do regimen monarchico na cidade eterna. *Bruto, Lucio Junio,* principal auctor da sobredita revolução. *Cornelia,* filha de Scipião Africano, o mais velho, e mãe dos Gracchos, dama de extraordinario siso e rara facundia. *Julia,* filha de Pompeu o Grande, e extremosa esposa de Cesar. *Marcia,* esposa de Catão Uticense, que a cedeu a Hortensio, morto o qual, tornou ao seu primeiro marido. *Saladino,* sultão de Babylonia, que venceu a Guido de Lusignano, ultimo rei christão de Jerusalem. Estava *separado dos mais,* porque de diversa religião e de genio pouco tratavel.

Terceto 44.

Com muita propriedade dá o poeta o nome de *mestre dos sabios, «il maestro di color che sanno»,* a *Aristoteles,* pois durante a idade media o Estagyrita reinou quasi sem rival nas escolas, aonde as suas doutrinas foram recebidas como oraculos, e elle reputado o *non plus ultra da sciencia humana.* Todavia outro grande poeta italiano, Petrarca, adjudica a palma de principe de todos os philosophos a Platão. «Volsimi da man manca, e vidi Plato,—Che in quella schiera andò più presso al segno —Al quale aggiunge a chi dal cielo é dato; Aristotele poi pien d'alto ingegno.» *(Trionfo della fama). Socrates,* o declarado adversario dos sophistas, incansavel mestre das boas doutrinas moraes, e finalmente martyr da mais pura philosophia professada no seio do polytheismo.

Terceto 46.

Democrito, auctor do absurdo systema que attribuia a existencia do mundo ao fortuito concurso dos atomos, negando por consequencia a creação. No original se lê *«che il mondo a caso pone»,* que attribue ao acaso a existencia do mundo. *Anaxagoras,* philosopho da escola jonica, que, vindo a Athenas, teve por discipulo o grande estadista Pericles, e o grande poeta tragico Euripedes. *Diogenes,* o cynico, celebre pela independencia do seu caracter. Alexandre Grande, tendo ido visital-o, disse depois de retirar-se, que quizera ser Diogenes se não fôra Alexandre. *Thales,* natural de Mileto, é um dos sete sabios da Grecia. *Empedocles,* de Agrigento, escreveu sobre a *Natureza* das cousas um poema que foi lido com applauso publico nos jogos olympicos. *Heraclito,* philosopho da escola jonica, de um temperamento melan-

colico, que deplorava continuamente as miserias e os vicios dos homens. *Zenão,* o fundador da escola stoica, que professava uma doutrina moral muito rigida, ou antes nimiamente severa.

Terceto 47.

Dioscorides, medico grego, de quem nos restam seis livros, em que se encontra o melhor que sobre a sciencia botanica nos deixaram os antigos. A prepotencia da rima obrigou o traductor a recorrer a uma periphrase e a paraphrasear o texto, o qual diz simplesmente: «*Il buon accoglitor del quale*», isto é, excellente investigador das qualidades, propriedades e virtudes das hervas. *Lino,* celebre aedo ou cantor-poeta. *Orpheu,* outro aedo, sob cujo nome conservâmos, alem de outras poesias, hymnos sagrados, e um poema historico sobre a expedição dos argonautas. Em vez de *Lino,* algumas edições trazem *Livio,* o grande historiador romano. *Tullio,* o principe dos oradores latinos, Marco Tullio Cicero. *Anneu.* O original diz simplesmente «Seneca moralista». Tambem n'este caso foi o traductor constrangido a empregar um circumloquio. É sabido que Seneca e Anneu são o mesmo individuo.

Terceto 48.

Euclides. Quem não conhece os seus elementos de geometria? *Ptolemeu,* o auctor do systema do mundo, que tem o seu nome; systema geralmente adoptado nos tempos de Dante, e ainda depois durante alguns seculos. *Avicenna,* cujo verdadeiro nome é *Abou-Ibn Sina,* afamado medico arabe. *Hippocrates,* natural de Cos, pae da medicina scientifica. *Galeno,* o primeiro medico da antiguidade, depois de Hippocrates. *Averrhois,* cujo verdadeiro nome é *Ibn-Rochd,* philosopho arabe, nascido em Cordova, que traduziu para arabe e commentou todas as obras de Aristoteles.

AO CANTO V

Terceto 4.

A cauda tantas vezes enroscando. Em roda do proprio corpo, em guisa de cinto. Dizem os expositores que a cauda de Minos significa o juizo da consciencia do peccador, que a si proprio se prende e se condemna, em proporção da sua culpa. Na escriptura sagrada, e nos livros asceticos, frequentemente se encontra que os peccados são outros tantos laços que prendem a alma, e impedem que possa voar, ou simplesmente caminhar, em busca do summo bem.

Terceto 7.

Não te illuda... Dante lembrou-se aqui dos versos de Virgilio no livro VI da Eneida: *Facilis descensus Averni,* etc., que o doutissimo academico brazileiro, o sr. Manuel Odorico Mendes (hoje fallecido), traduz assim:

«Descer a Dite é facil; dia e noite
Seus cancellos o Tartaro franquêa:
Tornar atrás e á luz, eis todo o ponto.»,

Terceto 8.

Quem póde quanto quer assim o ordena, etc. Estes dois versos são uma repetição de outros ditos por Virgilio a Charonte, terceto 42 do canto IV. Em Homero são frequentissimas as repetições de um ou dois versos, em varios logares de seus poemas. Virgilio foi mais moderado n'este ponto; porém ainda assim, de industria certamente, se repetiu em mais de uma occasião.

Terceto 11.

Que o tufão, sem cessar, volve e flagella. O texto diz: «*La bufera infernal che mai non resta*», que nunca socega; o que parece estar em contradicção com o que se lê no terceto 32, *Mentre che il vento, como fa si tace*: emquanto o vento bonançoso jaz; todavia a contradicção é só apparente e não real. O tufão que arrebata e atormenta os infelizes amantes condemnados diz-se nunca cessar, por isso que é supplicio eterno; mas de quando em quando póde ter alguma breve interrupção» como no caso de que falla o poeta no terceto ultimamente citado.

Terceto 19.

Todo o prazer a todos permittiu. Lê-se no original «*Libito fe lecito in sua legge*». Estabeleceu que fosse licito tudo quanto désse prazer lisonjeando a concupiscencia. Talvez Dante tivesse diante dos olhos o seguinte logar da historia de Paulo Orosio, em que se falla de Semiramis: *Præcepit ut inter parentes et filios, nulla delata reverentia naturæ, de conjugiis adpetendis, ut cuique libitum esset, liberum foret.*

Terceto 20.

Em logar de *che succedette a Nino, e fu sua sposa,* que é a lição do texto em quasi todos os manuscriptos, e em quasi todas as edições, acha-se em alguns codices muito antigos e muito estimaveis: *Che sugger dette a Nino,* que amamentou Nino; variante adoptada pelo sr. Bianchi na sua quarta edição de Florença, aqui já citada. Com effeito Semiramis foi mãe e esposa de Nino, a quem succedeu no throno de Babylonia. Todavia a lição vulgar parece-me preferivel. *Hoje ali do Soldão é o senhorio.* A Babylonia em que reinou Semiramis é a grande cidade situada nas margens do Euphrates. A residencia do Soldão nos tempos de Dante era a Babylonia do Egypto ou o antigo Cairo; por isso alguns commentadores accusam aqui o poeta de menos exacto, por ter confundido em uma só as duas cidades do mesmo nome. Outros porém o desculpam, dizendo que o imperio de Semiramis se estendia tambem ao Egypto, e por consequencia á segunda Babylonia, o que basta para se poder dizer que aquella rainha dominou onde então imperava o Soldão.

Terceto 21.

Falsa a outra a Sicheu. Continua Virgilio a calumniar, ainda depois de morto, a honestissima Dido, rainha de Carthago, modelo de castidade vidual. *Cleopátra,* rainha do Egypto, que enredou nos laços de sua formosura e carinhos a Caio Julio Cesar, e ao triumviro Marco Antonio, e que a final, vencido este por Octaviano Augusto, se suicidou.

Terceto 22.

Helena vi. A esposa de Menelau, tão famosa pela sua belleza, e por ter sido duas vezes roubada, a primeira por Theseu, a segunda por Paris. Este segundo rapto deu causa a uma guerra de dez annos e á ruina de Troia, como ninguem ignora

Terceto 23.

Paris. O principe troiano, que roubou a Helena. O sr. Bianchi pretende que o poeta entendeu fallar de um celebre cavalleiro andante d'este nome. *Tristão*, famigerado cavalleiro andante, sobrinho de Marco, rei de Cornouailles, que obrou inauditas façanhas por amor da rainha *Isotta*, por elle galanteada, mas que, salteado em criminosa pratica, foi varado de parte a parte por Marco com a sua prodigiosa lança

Terceto 30.

Homem que sóltas, etc. O texto diz *animal*, isto é, corpo animado.

Terceto 33

A terra onde eu nascêra. Ravenna, cidade situada perto do mar, onde o Pó desemboca, para cessar o seu curso, juntamente com os outros rios que em si recebêra, ou para ter paz com aquelles rios, uma vez chegado ao mar; pois emquanto não chega ao termo do seu curso o inquietam, impellindo-o continuamente; ora vulgarmente se diz que os rios só descansam no mar.

Terceto 34.

Que por modo perdi, etc. Ainda me affligе o modo por que fui morta, porque deixou infame a minha memoria. Dão-se a este passo varias outras interpretações, que podem ler-se nos muitos commentarios d'este poema.

Terceto 36.

Furna caïna. Uma das quatro profundissimas masmorras que Dante nos pinta no poço do abysmo, onde são punidos os traidores a seus parentes, e entre elles o primeiro dos taes criminosos, Cain, assassino de seu innocente irmão Abel *(Inferno,* canto XXXIII).

Terceto 39.

Francisca. Filha de Guido de Polenta, senhor de Ravenna, contemporanea de Dante. Foi dama de extremada formosura e de grandes prendas. Tendo sido dada por seu pae em casamento a Lanciotto, senhor de Rimini, não guardou a devida fidelidade ao seu esposo, varão esforçado e de altos pensamentos, porém deforme e de trato displicente. Havendo sido colhida em criminosa conversação com seu cunhado Paulo, foi pelo ultrajado marido trucidada de um só e mesmo golpe com o adultero.

Terceto 41.

De teu mestre. Aqui se allude provavelmente a uma sentença de Boecio, escriptor muito estimado de Dante: *In omni adversitate fortunæ infelicissimum genus infortunii est fuisse felicem (De Consolatione,* lib. II).

Terceto 43.

Lançarote. Cavalleiro andante, celebre nos livros de cavallaria, amante de Genevra.

Este terceto 43 e os tres seguintes são de uma sublimidade de sentimento merecidamente admirada. Não ha italiano que, sendo cultor dos bons estudos, não os tenha gravados na memoria, como tambem todo o episodio de que fazem parte. Mas a difficuldade de bem os traduzir em verso corre parelhas com a belleza do trecho, por causa da inimitavel singeleza do estylo com que vemos exprimida a violencia do affecto e a pungentissima dor da desventurada amante.

Não me satisfazendo a versão que dei no logar competente, repeti doze vezes a tentativa de a tornar menos imperfeita. Vou transcrever as doze variantes, confessando de antemão que nenhuma d'ellas me contenta. Para n'esta nota não offerecer ao leitor unicamente as minhas maravalhas litterarias, copiarei, no fim d'ella, tres traducções do mesmo passo, uma de um grande genio, e duas de dois bellos engenhos contemporaneos.

Variantes

1.ª

Por passatempo liamos um dia
De Lançarote, como a amor cedêra,
Eramos sós, e nada se temia:
Tal leitura, a miudo, nos fizera,
Ternos, olhar-nos, pallido o semblante;
Mas um ponto deu auso á paixão fera.

2.ª

Por passatempo liamos um dia
De Lançarote enamorado o conto,
Eramos sós, e nada se temia:
Leitura tal nos provocou, mui pronto,
A olhares ternos, pallido o semblante...
Mas o que nos venceu foi um só ponto.

3.ª

Por passatempo liamos um dia
Do amante Lançarote o terno enleio,
Eramos sós, e nada se temia:
Tal leitura á paixão dar ausos veio;
Quantos olhares, pallido o semblante!...
Porém um ponto só largou-lhe o freio.

4.ª

Por passatempo liamos um dia
De Lançarote o terno e doce engodo,
Eramos sós, e nada se temia:
Leitura aos dois fatal por igual modo!...
Crebros olhares, pallido o semblante...
Mas um só ponto nos venceu de todo.

5.ª

Por passatempo liamos um dia
Do enamorado Lançarote a historia:
Eramos sós e nada se temia:
Leitura aos dois fatal! fatal memoria!
Quantos olhares, pallido o semblante!..
Mas um ponto á paixão deu a victoria.

6.ª

Por passatempo liamos um dia
De Lançarote o apaixonado ardor,
Eramos sós, e nada se temia:
Mais de uma vez, perdendo a viva côr,
Nos olhámos, durante essa leitura;
Mas lendo um passo, nos venceu amor.
Quando lemos, varão de tal bravura
Ter dado em roseo bôca um beijo ardente,
Este meu socio eterno em desventura
Nos labios me beijou, todo tremente!

7.ª

Por passatempo liamos um dia
Como foi Lançarote enamorado,
Eramos sós e nada se temia:
Tinha crebros olhares provocado,
E em nós a côr mudára essa leitura;
Mas venceu-nos um ponto malfadado.

8.ª

Por passatempo liamos um dia
Como foi Lançarote a amor sujeito,
Eramos sós e nada se temia:
Ternos olhares provocára, e feito
Perder a côr nos tinha a tal leitura;
Mas um ponto deu causa ao torpe effeito.

9.ª

Por passatempo liamos um dia
Como a amor Lançarote se rendeu.
Eramos sós, e nada se temia:
Mudar nos fez de côr, e nos moveu
A olhares crebros, a fatal leitura;
Mas emfim um só ponto ambos venceu.

10.ª

Por passatempo liamos um dia
De Lançarote o namorado affecto;
Eramos sós, *nenhum receio havia:*

Crebros olhares provocou, do aspecto
Mudar nos fez a côr esta leitura;
Teve amor, a final, triumpho completo.

11.ª

Por passatempo liamos um dia
De Lançarote a quem amor domou;
Eramos sós, e nada se temia:
Crebros olhares mutuos provocou,
E descorar nos fez esta leitura;
Mas de ambos um só ponto emfim triumphou.

12.ª

Por passatempo liamos um dia
De Lançarote a celebre aventura,
Eramos sós, nenhum receio havia:
Deu azo a olhares ternos a leitura,
Descórou, muita vez, nosso semblante;
Mas um ponto deu sôltas á ternura.

We read one day for pastime, seated nigh,
Of Lancilot, how Love enchained him too,
We were alone, quite insuspiciously.
But oft our eyes met, and our cheeks in hue
All o'er discolour'd by that reading were;
But one point only wholly us o'erthrew;
When we read the long-sigh'd-for smile of her
To be thus kiss'd by such devoted lover,
He who from me can be divid'd ne'er
Kiss'd my mouth, trembling in the act allover.
Accursed was the book and he who wrote!
That day no further leaf we did uncover.

LORD BYRON.

Por prazer nós um dia iamos lendo
De como a Lançarote amor prendeu,
'Stavamos sós, e nenhum mal temendo.
Essa leitura os olhos nos moveu,
E o rosto poz bem vezes descórado;
Mas um instante foi que nos venceu.

Quando lemos que o riso desejado
Beijado fôra por tão grande amante,
Este, que nunca deixará meu lado,
Beijou-me a bôca, todo tremulante:
Foi do livro e do auctor esse delicto:
N'esse dia hi não lemos mais adiante.

D.r LUIZ VICENTE DE SIMONI.

(Extrahido do *Ramalhete Poetico*, impresso no Rio de Janeiro, 1843, pag. 31.)

Liamos as passagens de uma em uma
Da vida de Lanciotto, o namorado,
Ambos sósinhos sem suspeita alguma:

Eu já mais de uma vez tinha encontrado
Meus olhos nos de Paulo, e a côr perdido,
Sem chegarmos ao ponto desgraçado.

Alcança o amante o beijo appetecido!
Colhe-o, e n'isto Paulo, anciado e doudo,
Paulo, que sempre a mim terei unido,

Beijou-me a bôca tremulo de medo,
Que me caiu no chão das mãos o escripto...
E nós não lemos mais no dia todo.

SR. JOÃO DE DEUS.

(Extrahido do *Vimaranense* n.º 412 de 30 de novembro de 1866).

Terceto 45.

Roseos labios, Os de Genevra.

Terceto 46.

Rufião foi o auctor. O texto tem *Galeotto.* Galeotto era o nome do medianeiro nos amores de Lançarote e de Genevra, e depois se ficou assim chamando a todo e qualquer rufião.

Não lemos n'elle então mais longamente. Interrompemos a leitura... Paraphraseou elegantissimamente este pensamento o padre Aquino n'estes bellissimos versos:

Postea distulimus sontes evolvere chartas.
Sontes! Heu miseram! magis nocuere relictæ.

AO EXCERPTO DO CANTO XXXII

Chegado Dante, com o seu guia Virgilio, ao nono e ultimo circulo do Inferno, em que são punidos os traidores, na segunda prisão d'elle chamada *Antenora* (do nome de Antenor, que dizem ter atraiçoado Troia sua patria) vê em uma cova dois condemnados em tal postura que a cabeça de um estava sobreposta á do outro. Com tanta sofreguidão como um homem esfaimado devora um pedaço de pão, o primeiro estava roendo o craneo do seu companheiro. Dante perguntou o motivo de tão feroz proceder, e foi-lhe respondido pela maneira que se lê no principio d'este canto.

Terceto 5.

O conde... Ugolino. O personagem, objecto d'este sublime episodio, foi um nobre pisano, da familia dos condes della Gherardesca, partidario guelfo, que havendo-se concertado com o arcebispo Ruggieri dos Ubaldinos, expulsou da cidade Nino Guidice della Gallura, que usurpára a suprema auctoridade em Pisa. Em logar porém de restituir a liberdade á sua patria, assumiu elle mesmo o poder. O arcebispo,

por inveja, ou por espirito de partido, alvorotando contra elle o povo todo, com o auxilio das tres poderosas familias, Gualandi, Sismondi e Lanfranchi, de cruz alçada, se dirigiu, á frente de um grande tropel de amotinados, a casa do conde, e accusando-o de traição, o prendeu juntamente com seus dois filhos e dois netos, e os encerrou na torre situada na praça dos Anciãos. Alguns mezes depois, mandou lançar a chave da porta da torre ao rio Arno, prohibindo que lhes levassem de comer; e assim morreram os cinco, tendo padecido por muitos dias o horroroso supplicio da fome, como tão patheticamente nos conta o grande poeta, por bôca da propria victima de tamanha crueldade. Leia-se a *Historia de Florença*, por Villani, liv. VII, cap. 120.º a 127.º, ou, o que será mais facil e agradavel, a obra do sr. José Silvestre Ribeiro, já mencionada, *Dante* e a *Divina Comedia*, onde, a pag. 211 e seguintes, se historiam os factos que releva conhecer para plenamente se entender todo este maravilhoso episodio.

Terceto 10.

Qual amo, etc. No aperto em que me vi não tive duvida em rimar n'este terceto *sonho* verbo com *sonho* substantivo, do terceto antecedente. Entre os italianos taes rimas são admittidas sem opposição nem reparo. Tambem nos nossos poetas classicos sobram exemplos d'este uso, aliás, e com rasão, reputado um desprimor na moderna metrificação. *Para o S. Julião...* O texto vertido litteralmente diz: «O monte que impede que os pisanos vejam Luca»; isto é, o monte que separa o territorio de Pisa do territorio de Luca. Ora aquelle monte chamava-se S. Julião, como explicam os commentadores. Fica portanto na traducção poetica substituida a periphrase pelo nome proprio.

Terceto 15.

Em susto, etc. Finge o poeta que cada um dos quatro infelizes, os dois filhos do conde, Gaddo e Ugozinho, e os dois netos, Nino Brigata e Anselminho, havia tido tambem n'aquella noite um sonho de sinistro agouro.

Terceto 25.

Depois mais do que dor tão vehemente, Força houveram da fome as agonias. A fome pôde mais que a dor; isto é, a final matou-me a fome, tendo eu aliás resistido a uma dor tão intensa que bem podéra ter-me tirado a vida. Alguns entenderam estas palavras de outro modo, suspeitando que o poeta quizera indicar, se bem que disfarçadamente, haver o desventurado conde, nos derradeiros paroxismos, procurado allivio á fome em menoscabo dos naturaes sentimentos da humanidade e dos extremos do affecto paternal. Com fundamento é quasi geralmente rejeitada uma tal interpretação; á uma pela inverosimilhança do facto, á outra porque dado que tal atrocidade houvesse sido praticada, o seu auctor a não teria referido, pois se exporia a tornar-se mais objecto de horror que de compaixão.

MANUAL HISTORICO

DE

LITTERATURA GREGA

ADVERTENCIA

Este opusculo foi escripto pelo auctor em 1840, quando era professor de humanidades no collegio Luso-Brazilico, fundado em 1838 pelo sabio doutor José da Silva Tavares (mais conhecido pelo appellido do *Sacra Familia)* em *Fontenay-aux-Roses,* sitio muito aprazivel pouco distante de París. Entre as varias obras consultadas para este compendio, nenhuma foi tão proveitosa como a *Historia abreviada da litteratura classica antiga,* composta em allemão pelo professor da universidade de Vienna F. Ficker, e traduzida em francez pelo douto hellenista mr. Theil em 1837. Já se vê pois que o *Manual* agora publicado é apenas uma compilação, como o é tambem a *Historia abreviada* de *Ficker,* segundo elle proprio candidamente o confessa, e como são todas ou quasi todas as producções de similhante genero, nas quaes não se costuma procurar originalidade, mas simplesmente methodo, criterio e gosto.

Havendo decorrido tantos annos desde a primitiva coordenação d'este *Manual,* tornou-se necessario fazer-lhe alguns additamentos e algumas correcções. Ainda assim ficou sendo um livrinho elementar; porém, attentos os poucos subsidios que ha para similhantes estudos no nosso paiz, algum serviço prestará a sua publicação, emquanto se não offereça aos alumnos do curso superior de letras obra mais substancial sobre o mesmo assumpto. Os mais applicados e curiosos de entre elles poderão desde já consultar as obras magistraes e profundas que sobre a historia da Grecia e da sua litteratura se citam em differentes logares d'esta *Miscellanea hellenico-litteraria.*

NOÇÕES PRELIMINARES

ORIGENS DA GRECIA E DA LINGUA GREGA

As origens dos povos gregos, bem como as de todos os outros povos da antiguidade (exceptuado unicamente o povo hebreu) são difficilimas de rastrear. Tambem, pela intima connexão que têem entre si os estudos linguisticos e os ethnologicos, é sobremaneira difficil adquirir um cabal conhecimento da origem ou origens da lingua grega.

Entre os povos hellenicos abundavam as tradições nacionaes, meras fabulas, de incerta procedencia, propagadas por um orgulho patriotico, sobre as quaes poucos ousavam suscitar a minima duvida. Os athenienses jactavam-se de ser autochthones e tão antigos como o sol, os arcades reputavam-se anteriores á lua. Todavia o amor da patria não cegou a tal ponto o pae da historia profana, Herodoto, que não se inclinasse a admittir a maior antiguidade dos egypcios.

Se se deseja saber com algum vislumbre de probabilidade qual foi a origem dos gregos, diz o sr. Zoncada [1], convirá procural-a nas nossas sagradas letras, onde achâmos fugidias mas preciosas indicações sobre os primordios do genero humano depois do grande cataclysmo noetico. Lemos no Genesis que Japhet foi um dos tres filhos de Noé (*o segundo povoador do alagado e vacuo mundo* [2]), e que Javan foi um dos filhos de Japhet. Ora, como acordemente dizem os melhores expositores da Biblia muito conhecedores da historia e geographia da antiguidade, os descendentes de Javan espalharam-se pelas costas occidentaes da Asia, das quaes é tão facil a passagem para o continente europeu. N'este ponto as mesmas fabulas dos gregos parecem corroborar o que fica dito, pois o seu Japeto tem todos os vizos de similhança com o Japhet hebraico, assim como o seu Jon com o hebraico Javan; e nos poemas indianos Alexandre Magno é designado pelo titulo de *Javan Reja*, isto é, rei dos javanos.

Se, por outra parte, houvermos de confiar nos resultados das longas e profundas investigações dos modernos orientalistas, o grego é um dos idiomas da grande familia das linguas *aryas* ou *indo-europeas*, nome (o de

[1] *Corso di Litteratura Greca.* Milano, 1858, vol. 1.°, pag. 43.

[2] Camões, *Lusiadas*, canto VI, est. 81.ª

aryas) creado pelo doutissimo philologo allemão nosso contemporaneo, Christiano Lassen, e que tem sido geralmente adoptado n'estes ultimos tempos.

Os povos aryas occuparam originariamente os valles do *Indou-Kho,* ou Caucaso indico, assim ao norte como ao sul, e as planicies dominadas por aquellas cordilheiras de montes. O principal e o mais culto dos idiomas d'esta grande familia, chamada *indica,* porque procedeu da India, e *europea,* porque lhe pertence um grande numero de linguas falladas na Europa, é sem duvida o *sanscrito.* É provavelmente esta a lingua mais similhante que todas as outras ao idioma primitivamente fallado no centro geographico da raça japhetica. A lingua grega pertence mais proximamente ao ramo da grande familia denominado *pelasgico,* o qual se divide em dois sub-ramos, ambos procedentes da Asia central (como fica apontado), o *grego* e o *latino.* Adoptado este systema, não serão portanto, propriamente fallando, filhas do *sanscrito* as duas linguas classicas, grega e latina, senão irmãs mais novas, formadas (como seculos depois se fallaram e escreveram) do cabedal primitivo recebido dos aryas e de numerosissimas acquisições feitas em resultado de muitas e varias migrações e da frequente communicação com nações de differente origem, e modificadas em sua indole e estructura por uma indeterminavel serie de circumstancias, no espaço de muitos seculos. Todavia cumpre aqui declarar que um orientalista de grande nomeada, o doutissimo G. Eichhoff, na sua eruditissima obra: *Parallèle des langues de l'Europe et de l'Inde,* Paris, 1836, deriva directamente o grego (como tambem o latim) da lingua *sanscrita,* que por consequencia viria a ser considerada mãe, e não irmã, dos dois idiomas do ramo thracio ou pelasgico.

A historia dos povos que primitivamente vieram estabelecer-se no territorio da Grecia e nas ilhas adjacentes é summamente obscura e emmaranhada. Quem quizer estudar tão difficil materia, com probabilidade de attingir a verdade em grande numero de casos, póde consultar os primeiros quatro volumes da *Historia da Grecia* por G. Grote; obra em que se encontra uma erudição immensa, fino criterio e excellente methodo, recentemente traduzida do idioma inglez para o francez por A. L. de Sadous, Paris, 1865. Aqui apenas se indicarão as datas provaveis do estabecimento de algumas colonias estrangeiras na Grecia, onde por muitos seculos dominaram os pelasgos (o mais antigo povo estacionado na Grecia de que fazem menção as historias), depois, pouco e pouco, desde o XV, até ao XI antes da nossa era, expulsos pelos hellenos, povo que se diz viera da Scythia [1].

[1] Relativamente á origem e primordios dos antigos pelasgos ante-historicos, o doutissimo Grote não tem duvida de confessar a sua ignorancia. Emquanto aos pe-

Julga-se commummente que em tempos anteriores á historia, isto é, em tempos do dominio da fabula e das lendas, os reinos e cidades de Argos e de Sicyonia foram fundados pelo egypcio Inacho e por Egialeo. Aponta-se a vinda de uma colonia egypcia com Cecrops á Attica em 1656 A. C.[1]; outra tambem de egypcios com Danao a Argos em 1550; outra de phenicios sob o commando de Cadmo á Beocia em 1556; e finalmente outra de lydios ou meonios á Elide, commandados por Pelops, em 1320[2].

ESTADOS, CIDADES, MONTES E RIOS MAIS CELEBRES DA GRECIA

Feitas successivamente, durante alguns seculos, as muitas aggregações de povos hellenos, leleges, jonios, dorios, acheos, etolios, locrios, etc., os quaes nos tempos historicos vieram a constituir uma especie de confederação (no sentido mais amplo e menos rigoroso d'este termo) a que se deu o nome de hellenica ou grega, dividia-se a Grecia em muitos e varios estados, taes como a Achaia, o Peloponeso, a Elide, a Macedonia, o Epiro[3]. As mais celebres das suas cidades foram, por differentes titulos, Athenas, Esparta, Thebas, Argos, Mycenas, Corintho (antes Ephyra), Sicyonia, Pylos, Eleusis, Delphos, Megara.

As ilhas gregas mais importantes eram: Corcyra, Egina, Eubéa, as Cyclades, Creta, Cypro (Chypre).

Os rios mais nomeados: o Peneo, o Eurotas, o Alpheo, o Acheloo, o Ilisso. Os montes mais famosos: o Pindo, o Olympo, o Citheron, o Hélicon e o Parnaso; onde, segundo a theologia hellenica e romana, não só as nymphas e as musas, mas os mesmos deuses haviam fixado a sua residencia.

Nos primeiros tempos da sua historia os gregos eram governados por monarchas, e havia quasi tantos reis quantas cidades. Gradualmente porém o regimen monarchico foi sendo abolido nos differentes estados, e

lasgos historicos, como tambem emquanto aos leleges, outro povo antiquissimo na Grecia, parece-lhe indubitavel que fallavam uma lingua *barbara*, isto é, que differia muito da grega. Tomo 4.º, pag. 159.

[1] Estas duas iniciaes querem dizer: Antes da era christã.

[2] O doutissimo Grote (tom. 3.º, pag. 171), fallando das colonias ante-hellenicas vindas da Phenicia e do Egypto, diz que não é possivel provar nem verificar cousa alguma, com certeza, a tal respeito.

[3] A extensão e limites da Grecia, paiz situado ao SE. da Europa, nunca foram determinados com exactidão pelos antigos. Ordinariamente elles a divtdem em tres grandes regiões: o Peloponeso ao S., a Hellade, propriamente dita, no centro, o Epiro ao N. Consulte-se o *Diccionario universal de geographia e de historia* de Bouillet no artigo respectivo.

substituido pelo democratico. Todavia a Macedonia conservou sempre os seus reis, até que, no reinado de Perseo, foi submettida pelos romanos depois da batalha de Pydna, ganhada pelo consul Paulo Emilio, 646 annos depois da fundação do reino de Macedonia e 168 A. C.

Na epocha brilhante da civilisação grega os estados mais consideraveis e poderosos da Grecia eram: Athenas, Esparta e Thebas. Em uma epocha posterior, e quando o resto da Grecia ía perdendo o seu antigo esplendor, Corintho (hoje *Examilion)*, cidade antiquissima, situada no isthmo do seu nome e fundada no anno do mundo 2616, foi a séde da opulencia e das artes, e conservou a sua preeminencia, até que foi inteiramente arrasada e incendiada pelos romanos, sob o commando do consul Lucio Mummio, 147 annos antes da era vulgar. Com esta catastrophe, dissolvida a celebre confederação Achaica, illustrada pelas virtudes e proezas dos dois grandes generaes Arato e Philopemen, expirou totalmente a independencia hellenica.

GUERRAS MAIS CELEBRES NA HISTORIA DA GRECIA

A expedição dos argonautas começou a tornar os gregos respeitaveis entre os seus vizinhos, e as guerras de Thebas e de Troia abriram vasto campo ao valor dos seus primeiros heroes. Mas estes tres memoraveis acontecimentos foram tão exornados pelas ficções poeticas, que quasi se subtrahem ás investigações de uma historia positiva e veridica. Do dominio d'esta são principalmente os successos seguintes: as tres celebres guerras entre Messenia e Esparta, que duraram, reunidamente, quarenta e tres annos, ficando esta ultima republica com definitiva victoria; as famosissimas guerras persicas, em que os gregos, confederados, resistiram aos innumeraveis exercitos de Dario e de Xerxes, ganhando as memoraveis batalhas de Marathon, Salamina, Platéa, Mycale, etc.; a funesta guerra intestina chamada do Peloponeso, entre a republica de Athenas e a de Esparta, e os seus respectivos alliados, que durou, com variados successos, vinte e sete annos, e acabou com a tomada de Athenas por Lysandro depois da batalha naval de Egos Potamos; a famosa retirada, depois da batalha de Cunaxa, dos dez mil gregos que tinham acompanhado a Cyro o moço na sua expedição contra seu irmão mais velho Artaxerxes, rei da Persia; a guerra entre Lacedemonia e Thebas, gloriosa para esta ultima republica, que pelo valor e singular pericia militar de seus chefes Pelopidas e Epaminondas, estabeleceu a sua independencia e ganhou sobre a primeira uma decidida preponderancia, que todavia não pôde conservar depois da morte d'aquelles dois grandes homens; finalmente, deixando

em silencio muitos outros acontecimentos notaveis, contribuiram muitissimo para fazer respeitado o nome grego entre todos os povos antigos e modernos, as estrondosas victorias de Alexandre Magno, e as suas immensas conquistas, que em poucos annos submetteram ao soberano de um pequeno estado, qual era a Macedonia, o mais vasto imperio de quantos até ali tinham existido no mundo [1].

COLONIAS GREGAS

Nenhum povo da antiguidade fundou tantas colonias como a Grecia, algumas das quaes se tornaram mais poderosas e florescentes que as mesmas cidades a que deviam a sua existencia. Contam-se nada menos de 328, procedentes de tres differentes emigrações; a saber:

Emigração	*Eolica*	46,	das quaes	3	importantes
»	*Jonica*	152,	»	20	»
»	*Dorica*	130,	»	23	»
		328		46	

As mais celebres foram Cumas, Lesbos, Smyrna, muitas cidades e ilhas na Asia Menor, taes como, no continente, Epheso e Mileto, e nas ilhas, Samos e Chios, situadas no mar Egeo; Rhodes no Mediterraneo; Corcyra (Corfú), Zacyntho (Zante) no mar Jonio,etc. [2]

Algumas d'estas colonias fundaram ellas mesmas outras colonias, como Mileto e Phocéa; a primeira das quaes fundou 62 (outros pretendem que 300), e Phocéa que fundou 19, entre as quaes Marselha e Corsega.

Porém a mais poderosa de todas as colonias gregas foi Syracusa, fundada por uma colonia de corinthios e dorios 732 annos A. C. A historia d'esta rica e florentissima cidade, com a qual tem grande connexão a do resto da Sicilia, é um resumo paradigmatico de politica, pelos muitos acontecimentos e vicissitudes que n'ella se referem. Syracusa veiu a succumbir ao poder dos romanos, sendo expugnada por Marcello, 212 annos

[1] A respeito da historia da Grecia, alem dos auctores originaes Herodoto, Thucydides, Xenophonte, etc., e da obra de G. Grote, leiam-se: *The history of ancient Greece, its colonies and conquests*, etc., *by John Gillies*, London 1786, dois vol. em 4.º, *Recherches sur les grecs par M. de Paw*, 1781. 2 vol. 8.º A respeito de Alexandre, veja-se: *Examen critique des anciens historiens d'Alexandre le Grand par M. de Sainte Croix.* 2ª edition, Paris 1804.

[2] Veja-se a obra de M. Rochette sobre as *colonias gregas*, Paris, 1815, e o *Manual de historia antiga* por Heeren, Paris, 1827.

A. C., apesar de uma heroica resistencia prolongada pelas engenhosas invenções e machinas do famoso Archimedes.

EXCELLENCIA DA LINGUA GREGA

A mais bella de todas as linguas será (na opinião dos mais eminentes philologos) aquella que, possuindo maior copia de vocabulos e de expressões, for ao mesmo tempo a mais euphonica e harmoniosa; a mais variada nas suas inflexões e desinencias; a que alardear maior copia de palavras *onomatopaicas;* aquella que tiver maior numero de vocabulos compostos, e cujas radicaes mais facilmente se prestarem á composição de outros, com que se possa ir continuamente enriquecendo; a que por meio da sua prosodia exprimir melhor os movimentos da alma, lentos ou impetuosos, alegres ou tristes; finalmente aquella que se amoldar, com igual propriedade e vantagem, ao estylo familiar e ao mais remontado, ás serias discussões, e ás composições mais amenas, a todos os tons da musica, a todos os rhythmos da prosa, a todos os numeros da poesia.

Ora, segundo o juizo unanime dos sabios, a lingua grega reune todas estas prerogativas, e por isso é considerada como a mais perfeita de quantas linguas têem sido escriptas ou falladas nos tempos antigos e nos modernos.

DIALECTOS DA LINGUA GREGA

Muitos são os dialectos em que se divide a lingua grega. Entre elles avultam pela sua importancia os quatro seguintes: O *eolico,* o *dorico,* o *jonico* e o *attico.* O *eolico* era fallado na Beocia, na Thessalia e nas colonias eolicas da Asia; o *dorico* em todo o Peloponeso e nas colonias dorias da Asia, da Italia continental e da Sicilia; o *jonico* nas colonias jonias da Asia Menor; o *attico* em Athenas e no seu territorio.

O que particularmente caracterisa cada um d'estes dialectos é a sua maior ou menor doçura e euphonia. O mais suave e euphonico de todos é o *jonico.* Os menos doces e euphonicos são o *dorico* e o *eolico* (este ultimo principalmente). O *attico* não é tão suave como o *jonico,* porém o é mais que o *eolico* e que o *dorico.*

O *jonico* divide-se em dois ramos, o *antigo* e o *novo.* O primeiro é o dialecto dos poemas homericos, e dos outros epicos da escola de Homero. Cumpre porém observar que o Meonide e os seus imitadores mistura-

ram em suas poesias, vocabulos e fórmas especiaes de outros dialectos, segundo o proprio gosto ou conveniencia. O *Jonico novo* é o que lemos nas obras do pae da historia, Herodoto, e nas do pae da medicina, Hippocrates.

O dialecto *attico* divide-se em tres ramos: *antigo, medio* e *novo*. No *antigo* (o mais puro de todos) escreveram Thucydides, os tres grandes tragicos Eschylo, Sophocles, Euripides, e os comicos da escola classica antiga, cujo principe foi Aristophanes. No *medio* compozeram suas immortaes obras Platão e Xenophonte. Em fim o *novo* foi usado pelos oradores, pelos novos comicos e pelos prosadores dos tempos posteriores ao grande periodo classico, que forcejaram por imitar os seus gloriosos predecessores.

Depois que Filippe, rei de Macedonia, e seu filho Alexandre, adquiriram absoluta supremacia na Grecia, o dialecto *attico* tornou-se a lingua geral. Mas por isso mesmo que elle se estendeu não só por toda a Grecia, mas tambem por todas as provincias de um vasto imperio na Asia e no Egypto, a lingua attic , já tornada lingua geral, perdeu em grande parte o seu cunho caracteristico, e admittiu um grande numero de vocabulos e locuções estrangeiras: então foi designada pelo nome de lingua *commum* ou *hellenica*. Diodoro de Sicilia, Dionysio de Halicarnasso, Plutarcho, entre outros, escreveram n'esta lingua *commum* ou *hellenica*.

Seculos depois, tornando-se séde do imperio romano a cidade de Byzancio, cujo nome foi mudado no de *Constantinopla* pelo imperador Constantino, auctor de sua nova grandeza, pouco e pouco se modificou a lingua grega fallada ali e nas provincias do imperio romano oriental, até que o dialecto *byzantino*, e em geral a lingua grega, que se foi cada vez corrompendo mais e mais, degeneraram, com o andar dos seculos, no *romaico* ou grego *moderno*. As primeiras obras compostas n'este ultimo corrompido idioma foram, segundo se julga, a *Chronica* de Simeão de Sethus. Nos principios do seculo XII substituiram-se á antiga metrificação os versos chamados *politicos*, isto é, independentes da quantidade longa e breve das syllabas, constando apenas de um determinado numero das mesmas syllabas. No anno 1150 publicou um escriptor byzantino chamado Theodoro Vrodromo uma satyra no novo corrompido idioma e no metro recentemente adoptado.

A lingua *grega*, antes de degenerar na *romaica*, fallou-se durante cerca de trinta seculos. Emquanto á duração, nenhuma outra póde competir com ella. Por alguns seculos foi a lingua commum dos sabios de todas as nações civilisadas, e ainda dos que, sem serem sabios, tinham comtudo recebido uma educação litteraria. Era o que depois foi a latina e o que hoje está sendo a lingua franceza.

A sua litteratura é tão opulenta, que, existindo 1600 obras das duas litteraturas classicas (não contando as ecclesiasticas), dois terços d'este numero pertencem á grega, a qual com verdade se póde chamar mãe, mestra e modelo de todas as litteraturas.

Depois da definitiva emancipação de uma grande parte dos gregos da Europa, sacudido o jugo ottomano, e fundado (em 1833) o novo reino da Grecia, todos os governos que têem estado á frente dos negocios n'aquelle paiz tão recentemente regenerado, têem feito constantes esforços por depurar a lingua nacional dos muitos elementos estranhos que em grande parte a tinham barbarisado. Cultiva-se em todas as escolas o estudo do grego classico e dos seus imperecedouros monumentos litterarios, e os escriptos que actualmente se publicam têem tanta conformidade de dicção e estylo com os dos classicos antigos, que com muita facilidade podem ser entendidos por quem aliás nenhum estudo tenha feito do vulgar idioma romaico.

METHODOS DE PRONUNCIAÇÃO DA LINGUA GREGA

É hoje summamente difficil determinar de uma maneira positiva qual seja a verdadeira pronunciação da lingua grega, que, como classica, póde considerar-se morta ha seculos. A principal differença que existe a este respeito entre os grammaticos e philologos, versa sobre a vogal η, e os diphthongos αι, οι, ει, αυ e ευ, que uns lêem *é, ai, oi, ei, au* e *eu*, e outros *é* ou *i, é, i, i, of* e *ef*. O primeiro systema chama-se de Erasmo, o segundo de Reuchlin, porque se fundam respectivamente na auctoridade e exemplo de cada um d'estes dois sabios, que floresceram no começo do seculo XVI. O doutissimo Lancelot (no seu *Novo methodo da lingua grega*, liv. 1.°, cap. 1.°) procurou demonstrar, com fundamentos certamente não despreziveis, que a maneira actual de pronunciar dos gregos modernos (com a qual muito se conforma o methodo de Reuchlin) é viciosa, e insistiu com muito vigor por que fosse extirpada das escolas onde se achava estabelecida, o que se tem effectuado quasi geralmente. Todavia hoje existe em França uma poderosa reacção contra o systema *erasmico*, e a favor do *reuchlinico*.

MANUAL HISTORICO

DE

LITTERATURA GREGA

PERIODOS DA LITTERATURA GREGA

A maior parte dos auctores que escreveram larga e methodicamente a historia da litteratura grega, a dividiram nos seis grandes periodos seguintes:

1.° Periodo *(Fabuloso)*, desde os tempos mais remotos até á tomada de Troia, isto é, desde o anno 1856 até 1184 A. C.

2.° Periodo *(Epico-lyrico)*, desde a tomada de Troia até á legislação de Solon—1184 até 594 A. C.

3.° Periodo *(Aureo)*, desde Solon até á morte de Filippe de Macedonia—594 até 336 A. C.

4.° Periodo *(Alexandrino)*, desde o principio do reinado de Alexandre Magno até á destruição de Corintho—336 até 146 A. C.

5.° Periodo *(De decadencia)*, desde a destruição de Corintho até Constantino o Grande—146 A. C. até 306 da era vulgar.

6.° Periodo *(Byzantino)*, desde Constantino até á tomada de Constantinopla pelos turcos—306 até 1453.

PRIMEIRO PERIODO

(Fabuloso)

Desde os tempos mais remotos até á tomada de Troia, isto é, desde o anno 1856 até 1184 A. C.

ESTADO POLITICO DA GRECIA

Nada mais difficil do que reduzir a uma exposição positiva a multidão e variedade das tradições relativas a este primeiro periodo da historia da Grecia, o qual apresenta um verdadeiro cháos, de que é quasi impossivel fazer surgir um systema de noções fundado sobre bases solidas, e unidas entre si por um nexo commum. A respeito d'este paiz (talvez mais que a respeito de nenhum outro) é impossivel traçar uma linha de demarcação entre a mythologia e a historia.

Entretanto, os factos mais importantes d'este periodo [1] são as primeiras migrações dos povos, principalmente pelasgos e hellenos que vieram estabelecer-se no territorio da Grecia, e a fundação dos seus mais poderosos estados (entre os quaes se distinguiram mais particularmente os de Argos e Mycenas), e a origem das cidades de Athenas, fundada por Cecrops e por uma colonia egypcia (1556 A. C.); de Corintho fundada por Sisypho (1384); de Thebas fundada por Cadmo (1556), se houvermos de admittir como positivos todos estes factos e datas, aliás postos em duvida por alguns criticos.

As causas principaes, que contribuiram para unir com um certo laço de fraternidade os differentes pequenos estados estabelecidos successivamente no continente e ilhas da Grecia, foram a conformidade de um mesmo idioma, apenas alterado por insignificantes variações accidentaes; a celebração de festas e jogos, a que só os gregos eram admittidos; e a instituição do conselho dos amphictyões [2], especie de junta federal, cujas attribuições primitivamente quasi circumscriptas a objectos religiosos (a protecção do templo de Delphos e a administração dos seus thesouros), fo-

[1] Leia-se o que a este respeito se disse a pag. 182, e consulte-se a obra de G. Grote, mais de uma vez citada.

[2] A instituição d'esta respeitavel assembléa perde-se na noite dos seculos. O numero das cidades admittidas a enviarem deputados para a comporem variou no discurso dos tempos. Ao principio eram sómente doze; no tempo de Antonino Pio chegou a trinta. Nos primeiros tempos reuniam-se em Delphos; nos tempos mais modernos

ram-se pouco a pouco estendendo a outros objectos de natureza puramente politica, acabando aquelle tribunal por ganhar tamanha influencia, que os chefes mais ambiciosos e que dispunham de grandes recursos, se viram obrigados a recorrer á sua intervenção, ou ao menos a escudar-se com a sua auctoridade, para mais seguramente caminharem á execução dos seus designios tendentes á usurpação e conquista.

Estas mesmas causas que crearam um espirito nacional entre os gregos, contribuiram poderosamente para fecundar e tornar fructiferos os primeiros germens da civilisação e da cultura intellectual do povo que veiu a ser mestre de todos os povos cultos.

PRIMEIRAS TENTATIVAS POETICAS

Na Grecia, como em todos os outros paizes, a poesia foi precursora da civilisação; porém entre os gregos, em particular, os poetas precederam de muitos seculos aos prosadores. Na infancia d'aquelles povos a poesia não foi a principio outra cousa senão uma pintura dos objectos que mais impressão faziam sobre seus sentidos e imaginação, ou a expressão dos intimos sentimentos do coração; pintura e expressão tornadas mais vivas pelo uso de palavras sonoras, acompanhadas ordinariamente de musica e de dansa. O primitivo emprego d'esta poesia foi, quasi sempre, religioso, moral e didactico, e quasi todas as primeiras composições em numeros atados foram theogonias, cosmogonias, observações physicas, astronomicas e medicas, hymnos, e poesias mysticas e moraes. Porém estes poemas em que se tratavam assumptos tão interessantes não se escreviam: cantados ao som da cithara [2] repetidas vezes pelos seus auctores, eram aprendidos de cór, e conservaram-se por tradição entre a porção mais culta dos habitadores dos differentes estados, e eram muitas vezes recitados nas occasiões das solemnidades religiosas ou nas festas e jogos publicos, que tanta influencia tiveram sobre o adiantamento e espirito patriotico da nação grega, e a que porventura se deve a primeira origem da sua litteratura.

Entre as poesias primitivas contam-se algumas especies de canções muito breves entoadas em certas occasiões solemnes, ou em honra de

nas Thermopylas. Alem de dever decidir as questões que podiam suscitar-se entre os que iam consultar o oraculo, era attribuição do conselho amphictyonico, o compor as dissensões entre as cidades da federação, e particularmente conhecer das infracções do direito das gentes.

[2] A *cithara* ou a *phorminx*, pois Homero parece designar por estes nomes um mesmo instrumento, era uma especie de alaúde de summa simplicidade. Nos grandes poemas homericos nenhuma menção se faz da lyra.

alguma divindade[1], taes como o *lino*, *élino* αἰλινος, *étolino* οἰτολινος; o *péan*, o *hymeneo*, e o *threno*. A supposta brevidade de taes poesias (digo *supposta*, porque nenhuma d'ellas chegou aos nossos dias) faz lembrar o famoso cantico do poço: *Ascende putee*, etc., que se lê no capitulo 21.º do sagrado livro dos *Numeros*.

O *lino*, *élino* ou *étolino* era, segundo alguns criticos, uma canção plangente, em que se deploravam as despedidas da primavera. Outros porém lhe dão differente origem e emprego, julgando que se alludia á prematura morte de um formoso mancebo, por nome *Lino*. O *péan* era um cantico jubiloso em honra de Phebo, Apollo, do astro do dia. Com o *hymeneo*, hymno acompanhado de dansa, festejavam-se as vodas. A pintura de uma d'estas solemnidades forma o segundo quadro parcial na descripção do tão celebrado escudo de Achilles (*Iliada*, canto XVIII, v. 490). Finalmente o *threno* ou lamentação, era o hymno funebre em honra dos finados.

Os poetas que floresceram n'este periodo da civilisação grega são conhecidos pelo nome de *aedos*[2], isto é, cantores; denominação que tiveram, ou porque cantavam seus versos ao som da cithara, como se disse, ou porque os recitavam com certa modulação ou cadencia musical. Dotados de nobilissimo engenho, e, para assim dizer, inspirados do alto, reuniam muitas vezes em si dois dons distinctos, o da invenção e o da improvisação.

[1] Segundo a antiga religião dos gregos (a cujo respeito póde consultar-se a obra que sobre este assumpto publicou o sr. Alfredo Maury, Paris, 1857), as divindades de maior importancia eram as seguintes: A principal entre todas, *Zeus*, a que os latinos depois chamaram Jupiter. Sua esposa *Hera*, isto é, Juno. *Athene* ou Minerva, deusa da sabedoria e do valor, filha de Jupiter, sem concurso de outro ser de diverso sexo. *Phebo* ou Apollo, fonte de toda a luz, oũ o sol. *Posseidon*, que os romanos veneraram com o nome de Neptuno, irmão de Jupiter e soberano dos mares. *Aidoneus* ou Plutão, outro irmão de Jupiter e dominador das regiões do Orco; casado com *Persephone* ou Proserpina, filha de *Demeter* ou Ceres, protectora das searas. *Hephestos* ou Vulcano, deus do fogo, mestre das artes fabris, especialmente das que têem por materias primas o ferro e os outros metaes. *Dionysos*, Baccho, filho de Jupiter e deus do vinho. *Aphrodite*, Venus, tambem filha de Jupiter. *Hermes*, Mercurio, que presidia á industria, aos exercicios das palestras, e que alem d'isso era o mensageiro de Jupiter, etc.

[2] Os *aedos* primitivos eram muitas vezes sacerdotes (alguns d'elles vindos da Thracia), pretendidos prophetas, iniciadores de civilisação, legisladores, chefes de tribu, similhantes sob este ultimo aspecto aos patriarchas auctores dos hymnos de que se compõe o *Rig-Veda*, canticos em idioma sanscrito, transmittidos de geração em geração por tradição oral, durante seculos, até serem colligidos e formarem uma parte importante dos livros sagrados da India antiga. Leia-se a obra do sabio orientalista Eichhoff intitulada *Poésie heroïque des Indiens*, Paris 1860, pag. 26. Ainda nos nossos tempos, decorridos tantos seculos, não faltam á Grecia moderna os seus rapsodos. A este respeito leia-se o discurso preliminar á obra de Fauriel: *Chants populaires de la Grèce*, Paris, 1824.

Pouco tempo depois dos *aedos* vieram os *rapsodos*[1], que, tendo aprendido dos aedos o methodo do canto ou da recitação, as mais das vezes só repetiam versos alheios, fallecendo-lhes, como quasi sempre lhes fallecia, a faculdade inventiva. Esta falta de originalidade os conservou sempre a uma longa distancia dos poetas creadores; subsistiram por muitos seculos, e principalmente os *Homerides* ou recitadores das poesias homericas, aos quaes allude Pindaro na terceira ode das *Nemeas*, gosaram de grande consideração, e eram ouvidos com prazer e até com respeito quasi religioso. Todavia já no IV seculo antes da nossa era, o seu mister, primitivamente quasi sagrado, degenerára em pouco mais que mechanico, e chegou a tornar-se alvo dos motejos do grande philosopho Platão. (Dialogo *Ion.)*

Alberto Fabricio nomeia setenta poetas que, sendo anteriores á Hesiodo e a Homero, pertencem a este primeiro periodo de que se está tratando. Porém da maior parte d'elles não existem nem sequer alguns fragmentos, ou authenticos ou suppostos; nem mesmo ha a seu respeito noticias claras e certas, conservando-se-nos apenas seus nomes envolvidos em nuvens de tradições muitas vezes contradictorias, e é por este motivo que se deu a este periodo o nome de *fabuloso*.

Todavia entre essa multidão de illustres victimas da injuria dos tempos, alguns ha que por sua maior celebridade merecem que d'elles se faça expressa menção. Taes são particularmente os seguintes:

Amphion. A fabula refere que com o som da sua lyra elle attrahira os rochedos e erguêra as muralhas de Thebas. Esta lenda deve explicar-se n'este sentido—que com a força da sua eloquencia, e com a harmonia de seus versos, elle persuadira a um povo barbaro e selvagem a unir-se em sociedade, provendo d'este modo ás reciprocas necessidades e á segurança exterior, e estabelecendo leis justas e uma policia salutar[2].

Lino. Natural de Chalcis, viveu 1280 annos A. C. Alguns pretendem que fosse irmão de Orpheo e mestre de Thamyris. Vulgarmente se lhe

[1] *Rapsodo*, segundo a etymologia que vulgarmente se dá a este vocabulo, significa serzidor de cantos. Chamaram-se *rapsodias* os differentes livros de que se compõem a *Iliada* e a *Odysséa*, porque eram outras tantas partes de um todo, recitadas separadamente, e até ao tempo de Pisistrato, muitas vezes, sem a devida ordem e seguimento. Ás vezes *rapsodo* confunde-se com *stichodo*, isto é, cantor de versos volantes, não unidos em systemas ou corpo de poesia.

[2] *Dictus et Amphion, Thebanæ conditor arcis,*
Saxa movere sono testudinis, et prece blanda
Ducere quo vellet. Fuit hæc sapientia quondam
Publica privatis secernere, sacra profanis;
Concubitu prohibere vago, dare jura maritis,
Oppida moliri, leges incidere ligno.
Hor., *Art. Poet.*

attribue a invenção da cithara. Todas as circumstancias que se contam da sua vida são puramente do dominio da mythologia. Os excerptos d'este poeta que se acham na collecção de João Stobeo, escriptor do V seculo da era vulgar, são evidentemente suppostos e de uma data muito posterior á epocha de Lino.

Thamyris. Poeta e musico celeberrimo, de quem, para encarecer a sua incomparavel pericia em ambas as artes irmãs, poesia e musica, contam os mythologos que cantára á porfia com as musas, mas que estas, para o punirem da sua temeridade, o privaram da vista e da voz melodiosa. Não existe uma só das suas poeticas composições (V. *Hom.*, Iliad. II, v. 594–599, *Pausanias*, IV, 33, *Apollod.* I, 3, 3, *Prop.* II, 18–19).

Orpheo. Floresceu pouco mais ou menos 1250 annos A. C. Foi oriundo da Thracia, discipulo de Lino, e um dos argonautas. Não é facil achar na antiguidade quem tenha feito melhor uso de um engenho extraordinario. Horacio nos ensina como se deve interpretar a fabula relativa a Orpheo, segundo a qual o celebre aedo com os accentos da sua lyra amansava as feras e punha em movimento objectos inanimados [1].

A feliz revolução nos costumes devida á influencia de seus cantos, ouvidos pelos seus contemporaneos com religiosa veneração, lhe grangeou a admiração universal e honras quasi divinas da parte de toda a antiguidade. Elle foi ao mesmo tempo poeta, philosopho, naturalista, medico, sacerdote. O numero de escriptos sobre toda a sorte de assumptos que lhe eram attribuidos, é quasi prodigioso, e por si só bastaria para formar uma bibliotheca. Veja-se o catalogo d'elles na *Bibliotheca grega* de J. Alberto Fabricio.

Agora, com o seu nome apenas nos restam alguns poemas que, na opinião geral dos eruditos, pertencem, considerados na sua fórma actual, a uma epocha muito posterior, e segundo alguns auctores, parte d'elles são devidos á penna de Onomacrito, poeta atheniense, contemporaneo de Pisistrato, e que floresceu pouco mais ou menos 516 annos A. C. Com effeito, o estylo d'estas composições é uma prova que depõe evidentemente contra a sua authenticidade, porque não está em harmonia com a simplicidade da lingua que então se fallava; assim como tambem os pensamentos que n'ellas se encontram, muitas vezes não se podem conciliar com o atraso em que n'aquelle tempo se achavam todos os conhecimentos humanos.

As poesias que hoje nos restam attribuidas á Orpheo são as seguintes: Oitenta e seis hymnos ou cantos de iniciação (τελεται). O poeta que os

[1] Silvestres homines sacer interpresque Deorum
Cædibus et victu fœdo deterruit Orpheus;
Dictus ob hoc *lenire tigres, rabidosque leones.*
Art. Poet.

forjou, quem quer que elle fosse, forcejou por dar-lhes um colorido de veneranda antiguidade: apesar d'isso, não é possivel reconhecer n'elles o cunho original de um poeta anterior aos tèmpos de Homero. N'estes hymnos se encontram noções mythologicas muito preciosas.

Um poema historico sobre a expedição dos *argonautas*, em 1384 versos. Uns o attribuem a algum escriptor da escola de Alexandria; outros, examinando attentamente o seu estylo e versificação, o julgam escripto seculos depois de Jesus Christo.

Um poema sobre a natureza e virtudes das *pedras*, em 760 versos. Este poema é sem controversia o mais recente de todos quantos são attribuidos a Orpheo.

Um pequeno poema sobre os *terremotos*, em 66 versos.

Diversos fragmentos [1].

Museo. Poeta que, segundo alguns auctores, foi discipulo de Orpheo, e floresceu 1200 annos A. C., pouco mais ou menos.

Virgilio (*Æn.*, canto VI, v. 667) lhe assigna o mais distincto logar nos campos elysios; dando assim a entender que fazia altissimo conceito do seu engenho. Os antigos lhe attribuem uma relação poetica sobre a creação do mundo, de que nada nos resta. O elegante poema sobre o tragico fim de Leandro e Hero é evidentemente de outro auctor muito mais moderno, e provavelmente de um grammatico chamado Museo, que vivia no IV seculo da era vulgar. Não faltam criticos, e dos mais famigerados, que negam ter existido um aedo com o nome de *Museo*, e vêem n'este nome o mero symbolo de um homem amado das musas e por ellas inspirado.

Podem tambem referir-se a este periodo *fabuloso* os livros dos oraculos e as prophecias das Sibyllas, a respeito de cuja existencia e espirito prophetico existe entre os doutos grande controversia e encontradas opiniões. Os livros sibyllinos, escriptos em grego e guardados com tanta veneração no templo de Jupiter Capitolino, perderam-se na tomada e incendio de Roma pelos gallos debaixo do commando de Brenno. A segunda collecção, depositada no templo de Apollo Palatino, foi tambem presa das chammas, no imperio de Honorio. Os oito livros que hoje nos restam são evidentemente producção dos primeiros seculos da era christã [2].

[1] A respeito de Orpheo e das obras que se lhe attribuem, merece ler-se o livro do conde de Marcellus, publicado em Paris em 1861, com o titulo *Les grecs anciens et les grecs modernes.*

Leia-se tambem no *Diccionario das antiguidades christãs* pelo abbade Martigny, Paris 1865, o artigo *Orphée*, no qual se explicam as rasões pelas quaes se encontra algumas vezes em monumentos sagrados, dos primeiros tempos da igreja, representada a figura de Orpheo com os seus distinctivos e emblemas mythologicos.

[2] Leiam-se a obra do padre J. F. Baltus, que refutou o hollandez Van Dale; a de Fontenelle, que seguiu e pretendeu corroborar a opinião d'este, e finalmente a dissertação do hellenista Estevão Clavier, *Sur les oracles des anciens*, Paris 1819.

SEGUNDO PERIODO

(Epico-lyrico)

Desde a tomada de Troia até á legislação de Solon, 1184 até 594 A. C.

ESTADO POLITICO

Os factos politicos de maior importancia n'este periodo, que nos seus começos ainda apresenta incertezas e obscuridades, são os seguintes: As dissensões entre muitas familias poderosas, e as tentativas de alguns chefes ambiciosos, que pretenderam assumir o poder supremo, ou engrandecer-se á custa dos seus vizinhos; as invasões de varias tribus do norte, principalmente dos dorios, que, tendo por chefes os Heraclides, se assenhorearam do Peloponeso; o estabelecimento de muitas colonias, fundadas pelos eolios e pelos jonios, colonias que depois tanto contribuiram para a prosperidade e esplendor de suas metropoles e da Grecia em geral; as duas encarniçadissimas guerras entre *Messenia* e *Esparta,* na segunda das quaes, que durou quatorze annos, se assignalou por suas proezas e virtudes o heroe dos messenios, Aristomenes, e da parte dos espartanos se distinguiu o poeta Tyrteo, que com os seus hymnos inflammou a coragem marcial dos guerreiros de Esparta, os quaes a final, com a tomada da fortaleza de Ira, alcançaram decisiva victoria.

Finalmente os acontecimentos d'esta epocha que mais influiram sobre a sorte da Grecia, e que mais a prepararam para aquelle alto grau de civilisação a que depois chegou, foram —o maior desenvolvimento que se deu ás attribuições do conselho amphictyonico, e o apparecimento de alguns homens eminentes que, sendo superiores em luzes e virtudes a seus concidadãos, estabeleceram entre elles fórmas fixas de governo, e regularam os mais importantes pontos de legislação. Taes foram Lycurgo, em Esparta [1] 880 annos A. C.[2], e Dracon entre os athenienses 622 A. C.; se bem que a demasiada severidade das leis d'este ultimo em breve tornou necessaria uma reforma, a qual foi devida a Solon, um dos sete que mereceram na antiguidade o glorioso nome de sabios da Grecia.

[1] V. Nicolas Cragio, *Republica Lacædemoniorum.* Heidelberg, 1593.
[2] Samuel Petitus, *De Legibus Atticis,* Paris, 1635.

ESTADO DA LINGUA E DA LITTERATURA

Se a poesia é em todas as nações o primeiro instrumento da perfeição das linguas, á epopéa, que é a poesia por excellencia, deveram quasi todos os idiomas antigos e modernos uma grande parte da sua riqueza e esplendor. Esta observação tem particularmente logar a respeito da lingua grega. Os dois poemas de Homero contribuiram mais para a enriquecer e lhe dar mimo, pompa e galhardia, do que todas as outras producções dos poetas mais recèntes, e do que todos os eruditos trabalhos dos criticos da escola de Alexandria. Assim, com rasão se póde dizer que este segundo periodo foi o do polimento da lingua, e o da origem de uma litteratura propriamente tal, se bem que circumscripta a tres ramos e todos elles de poesia (epica, didactica e lyrica), porquanto a prosa sómente foi cultivada alguns seculos depois.

Dá-se a este periodo o nome de *epico-lyrico,* porque n'elle a poesia epica e a poesia lyrica, principalmente a primeira, chegaram ao maior auge de perfeição.

Na epopéa, porventura o mais sublime de todos os generos de poesia, esclareceu Homero aquelle engenho extraordinario, precursor da civilisação das nações europêas, e cuja gloria nada tem perdido do seu primitivo brilho no longo intervallo de quasi tres mil annos!

Trois mille ans ont passé sur la cendre d'Homère,
Et trois mille ans après, Homère revéré
Est jeune encore de gloire et d'immortalité.

HOMERO

Duvidas suscitadas sobre a existencia de Homero

Durante vinte e um seculos, que tantos decorreram desde Pisistrato, tyranno de Athenas (550 annos antes da nossa era), até d'Aubignac (1660) ninguem duvidou da personalidade de Homero. Herodoto, que escreveu 400 annos, pouco mais ou menos, depois de serem conhecidas as duas epopéas a Iliada e a Odysséa, nem sequer suspeitou a não existencia do poeta. D'Aubignac, escriptor de mau gosto, que censurou injusta e acremente as tragedias do grande Corneille, no seculo XVII, foi talvez o primeiro a sustentar que Homero era uma personagem chimerica, e que os dois poemas que se lhe attribuem tinham sido composições soltas, que

depois se colligiram e coordenaram. Perrault em França e Wood em Inglaterra, defenderam algum tempo depois a mesma opinião, que tambem foi propugnada com alguns visos de plausibilidade por João Baptista Vico, jurisconsulto, philosopho, historiador e critico napolitano, na sua obra intitulada *Principios de uma sciencia nova*, etc., impressa em 1725.

Este paradoxo foi sustentado com o apparato de uma immensa erudição pelo doutissimo allemão Frederico Augusto Wolf [1], professor na universidade de Halle, e depois na de Berlim, nos *Prolegomenos* sobre Homero, Halle, 1795. Tudo era fortuito, dizia elle, no nascimento da Iliada e da Odysséa. Estes poemas haviam-se formado successivamente e com longos intervallos, da reunião de cantos ao principio distinctos, e que eram obra de uma mesma familia de aedos: taes como os temos vieram a sê-lo em resultado do trabalho de seculos, e principalmente pela compilação que d'elle fez Pisistrato (550 annos A. C.).

Homero, diz Wolf, é o maior dos poetas, porque não é um homem, é uma nação, é o epilogo dos conhecimentos e dos sentimentos de muitas gerações. O eruditissimo professor de Halle e de Berlim, teve sectarios em Allemanha, em França e em outros paizes, taes como Lachman, Mercier, Fauriel, Dugas-Montel. A sua escola ainda subsiste, se bem que menos numerosa hoje do que o foi nos primeiros lustros do presente seculo.

As rasões mais especiosas allegadas pelos wolfianos são as seguintes: Nada se sabe com certeza ácerca da vida de Homero, da sua patria, do tempo em que viveu; notam-se incoherencias nos dois poemas; n'elles se usam dialectos differentes; não existia n'aquelles tempos a arte da escripta; ainda dois seculos depois, as leis de Lycurgo não foram escriptas.

Nenhuma d'estas rasões é decisiva: a todas póde responder-se victoriosamente. Á primeira: a incerteza relativamente a factos tão antigos nada prova: em epocha comparativamente moderna, que incerteza não houve a respeito da genealogia do conde D. Henrique, pae do nosso primeiro rei? Á segunda: as incoherencias allegadas ou não existem, ou são imperfeições e descuidos do auctor, ou procedem de interpolações e alterações feitas nos textos primitivos. Á terceira: a lingua grega ainda não estava completamente formada, e, alem d'isso, as muitas e varias viagens do auctor pelos diversos estados da Grecia explicam sufficientemente a variedade dos dialectos por elle usados. Á quarta finalmente: Moysés escreveu o Pentateucho 1650 annos antes da era de Christo. Estrabão (livro XXXIV,

[1] Leia-se, ácerca da controversia wolfiana, a dissertação do traductor francez da *Historia da litteratura grega* de Ottfried Muller. Paris, 1861, tom. II, pag. 609.

cap. 17.º) diz que os turdetanos, povos da Lusitania, tinham poesias e leis escriptas havia 6000 annos (no que aliás ha evidentemente exageração). Com que fundamento positivo (os argumentos negativos não provam cabalmente) se póde demonstrar que na Grecia não era conhecida a arte de escrever? Se as leis de Lycurgo não foram escriptas, isso foi porque o legislador quiz dar ás suas *rhetras* um caracter sagrado e quasi oracular. Já Zaleucho, legislador dos locrios epizephyrios, que floresceu 600 annos antes da nossa era, escreveu as suas leis [1]. Aqui tem cabimento citar o celebre logar do canto VI da Iliada, em que, narrando-se uma aventura de Bellerophonte, parece designar-se assás claramente a existencia da escriptura em tempos anteriores á guerra de Troia [2].

O systema wolfiano a respeito da formação das poesias homericas conta em seu favor um numero consideravel de philologos e de eruditos; porém rarissimos são os poetas e os escriptores de apurado gosto que o tenham abraçado. Um indianista contemporaneo, de grande nomeada, de immensa erudição, e que, alem d'isso, compõe hexametros latinos dignos de Ovidio e de Virgilio, exprime sobre este assumpto a sua opinião da maneira seguinte:

«Seja-nos permittido repellir com toda a força da nossa convicção a hypothese demasiadamente espalhada em nossos dias, que, abalançando-se a destruir a individualidade de Homero, quer roubar á humanidade um de seus mais bellos ornamentos, fazendo d'elle um ente imaginario, o typo inanimado de uma epopéa, o nome allegorico imposto á collecção de algumas tradições mentirosas. Não é assim que se mostra o grande poeta nas suas descripções tão vivas e tão verdadeiras, em seus episodios tão habilmente ligados entre si, no profundo sentido da sua moral, no caracter de seus heroes, nenhum dos quaes desdiz de si ou se mostra incoherente em todo o discurso dos seus dois poemas; não é uma obscura lenda ou uma lyra resoando ao acaso; é uma alma cheia de fogo e de vida, é um coração eminentemente sensivel a alma e o coração que produziram o despedimento de Heitor e Andromacha, os colloquios de Ulysses e de Eumeo, Priamo aos pés de Achilles, e tantas outras pinturas expressivas e sublimes, que despertaram e desenvolveram entre os gregos, e por meio d'elles entre todos os outros povos da Europa, a poesia heroica, lyrica e dramatica, a historia, a eloquencia e a philosophia. Se nos perguntarem quem é Homero, qual é o seu seculo, qual é a sua patria, devemos guar-

[1] Veja-se o magnifico prologo d'essas leis no *Florilegio de Stobeo*. Todavia cumpre não dissimular que, não sómente a authenticidade do famoso prologo, mas ainda a existencia do seu auctor tem sido posta em duvida por alguns hypercriticos.

[2] V. a nota ao logar correspondente na versão portugueza, inserida na presente *Miscellanea*, pag. 133.

dar silencio com a antiguidade, que o cercou, como a todos os seus semideuses, de um aureola deslumbrante e mysteriosa; porém devemos acreditar que elle realmente existiu, que viu de perto os acontecimentos de que fallou, que nasceu na Grecia e não na Asia[1].»

Tradições ácerca da vida de Homero

A respeito de Homero nenhumas noções biographicas temos que sejam dignas de credito. A antiguidade legou-nos duas vidas do grande poeta, uma em dialecto jonico, attribuida a Herodoto, outra em dialecto attico, ou em lingua grega commum, que traz na fronte o respeitavel nome de Plutarcho. Não ha critico algum hoje em dia que reconheça a primeira como obra genuina do pae da historia, e poucos admittem a segunda como producção do illustre biographo e philosopho de Cheronéa. Ainda porém que ambas fossem authenticas, teriamos sobejo fundamento para duvidar da verdade de narrações muito particularisadas, algumas d'ellas contradictorias, ácerca de tão antiga personagem. Sendo impossivel satisfazer a nossa curiosidade a respeito dos factos mais importantes de uma tão illustre existencia, aqui apenas se formularão algumas perguntas relativamente á vida do principe da epopéa, perguntas a que aliás ninguem se atreverá a dar com segurança uma resposta positiva.

1.° Qual foi a epocha em que Homero floresceu? Segundo o computo de Herodoto (Livro VI, cap. 53.°), que diz fôra contemporaneo de Lycurgo, Homero teria vivido uns nove seculos antes da era christã. Porém admittindo-se a tradição de que o legislador de Esparta colligira os poemas de Homero, cujas rapsodias andavam dispersas, é forçoso fazer remontar pelo menos a um seculo antes a existencia do auctor de taes poemas. Parece mais verosimil que elles hajam sido compostos um seculo, pouco mais ou menos, depois da destruição de Troia, acontecida 1154 annos antes da nossa era, segundo a mais acreditada chronologia.

2.° Qual foi a patria do cantor de Achilles e de Ulysses? É bem conhecido o epigramma da anthologia grega, em que se nomeiam sete cidades, cada uma das quaes pretendia ser a patria do poeta; epigramma cujo conteúdo foi reproduzido pelo nosso epico no canto V, est. 87 dos Lusiadas:

«Esse que bebeu tanto da agua aonia,
Sobre quem tem contenda peregrina
Entre si Rhodes, Smyrna, Colophonia,
Athenas, Chios, Argos, Salamina.»

[1] F. G. Eichoff, *Parallèle des langues de l'Europe et de l'Inde.* Paris, 1836, pag. 25.

Estas foram as cidades que se julgavam
riar-se de ter dado o berço ao vate semi-c
tinham a mesma pretensão. Suidas faz subir
sete.

3.º Homero foi realmente cego? A tradiçã
nhece como tal, diversificando porém em um p
o suppõem cego de nascimento, outros não de
porém na antiguidade quem rejeitasse a tradiçã
pela existencia de medalhas, baixos relevos e pi
é representado com os olhos perfeitos e voltado
cto archeologo Millin reproduz algumas de taes i
mythologica, Paris, 1811.

Elogiadores de Homer

Os encomiastas de Homero são tantos, que a sin
nomes encheria um grande numero de paginas. Bast
temunho de alguns poucos escriptores antigos, cuja
ser acatada de todos. Cicero (que na sua mocidade tr
poucos trechos da Iliada) lembrou-se do cisne meonid
das suas obras rhetoricas e philosophicas. No livro V, § 1
tões tusculanas, o admira, contemplando-o especialme
vel pintor dos objectos da natureza, animados e inani
dos mais variados caracteres.

Quintiliano, de quem a pag. 89 d'este livro fica tr
tavel passo ácerca do merecimento do grande epico, e
exprime da maneira seguinte: «Ninguem o excederá ja
dade em assumptos elevados, nem lhe levará a palma em
tratar de objectos tenuos. Homero é viçoso e cerrado,
igualmente admiravel no estylo copioso e no conciso».
liv. IX, cap. 1.º Dion Chrysostomo, nas suas instrucçõ
amante das letras, diz que Homero ministra riquezas ao
homem maduro e ao homem provecto, tantas quantas cad
ter para ir fazendo mais e mais progressos nos estudos
amenos.

O grande lyrico e grande critico latino, considerando a H
moralista, o prefere aos mais abalisados philosophos do Portic
demia. (Hor., F. [illegible] L. [illegible] c. 3 e 4.

Leiam-se relativamente ao merecimento de Homero, como p
mo philosopho, as [illegible] da sr.ª Dacier, de Po
chefort, de Cesarotti, de M[illegible], as suas respectivas traducções da
da Odyssea.

des que se j[illegible]
berço ao vate [illegible]
ão. Suidas [illegible]

Admiradores fanaticos de Homero

escriptores antigos, e tambem alguns modernos, não se con-
e inculcar e encarecer dentro de rasoaveis limites o mereci-
Homero; levaram a sua admiração até aos delirios do fanatismo,
ram em seus poemas sonhadas allegorias. Eis-aqui uma peque-
a de taes extravagancias: Heraclides Pontico, via na Iliada um
e astronomia exposto engenhosamente. Anaxagoras conside-
oemas de Homero como um tractado sobre a justiça e sobre a
egundo Metrodoro de Lampsaco, seu discipulo, os deuses e ainda
da Iliada não são outra cousa senão seres phantasticos destina-
resentar os principios da natureza e a ordem dos elementos. Nos
nodernos, o famoso poeta Pope, felicissimo paraphrasta de Ho-
mais de um logar, e designadamente no canto VIII, v. 19 da
n que se falla da celebre cadeia de oiro a que Jupiter póde sus-
universo inteiro, descobre todo o systema de Copernico. Porém
ius ultra da extravagancia em ponto de sonhadas allegorias, é o
de um theologo belga, Jacome Hugon. Este visionario compoz um
m que pretende provar que Homero foi não só um grande poeta,
verdadeiro propheta inspirado por Deus, e que predisse a vinda
s Christo, a sua incarnação, a sua morte e todos os milagres que
eguiram.

natismo dos homero-latras não ha sido em todos manso e inoffensi-
forme a antiga tradição, Zoilo, o severo e acerbissimo censor de Ho-
oi apredejado e morto pelos habitantes de Epheso, em desaggravo
mes do grande vate. Vitruvio aconselhou que se instituisse um tri-
le inquisição para condemnar a pena ultima os que fossem conven-
le ter blasphemado contra Homero.

Detractores de Homero

em embargo de ter sido em todas as epochas quasi infinito o numero
miradores de Homero, não lhe faltaram detractores nem na antigui-
nem nos tempos que se seguiram á renascença das letras. O mais
de todos, cujo nome ficou sendo synonymo de censor malevolo e
to, foi Zoilo, o qual, segundo uma tradição vulgar, pereceu victima
a mordacidade e imprudencia, como fica apontado. Pythagoras, o

A obra de Hugon tem por titulo: *Vera historia romana, seu origo Latii, vel e, ac Romanæ urbis, e tenebris longæ vetustatis in lucem producta.* Foi impressa Roma, no anno de 1655, e é dedicada ao papa Alexandre VII. Vejam se as *rvações sobre a Iliada* por Dugas Montel, vol. I, pag. 18.

fundador da eschola philosophica italica (550 A. C.) e um dos mais famosos propagadores do falso dogma da metempsychose, contava ter visto no Tartaro a Homero com serpentes enlaçadas no corpo, e atormentado pelas Furias, por haver dito ácerca dos deuses cousas indignas. Xenophanes, chefe da seita eleatica pantheista, jactava-se de ser espesinhador de Homero. Heraclyto, sectario da escola jonica, affirmava que Homero merecia ser expulso da companhia dos outros poetas ás bofetadas. Epicuro, o famigerado auctor da mais celebre das escolas materialistas da Grecia, tapava os ouvidos todas as vezes que ouvia fallar em Homero. Metrodoro, successor de Epicuro na regencia da sua escola, escreveu muitos livros contra Homero. Platão, fundador da primeira academia, no livro III da sua republica [1] censura severamente muitos logares dos poemas homericos, como prejudiciaes á boa educação dos mancebos. É opinião commum [2], desde os tempos antigos, que se refere a Homero o celebre trecho relativo á não admissão dos poetas na sua phantasiada republica; não admissão, aliás, acompanhada das mais honorificas demonstrações de altissimo apreço.

Restaurados os estudos das boas artes, feliz acontecimento que se deveu em grande parte á emigração dos sabios gregos para a Italia, depois da tomada de Constantinopla pelos turcos em 1453, e á protecção concedida a elles e ás letras pelos Medicis, arbitros dos destinos de Florença, Homero mais que nunca foi objecto de uma especie de culto, *meruit deus esse videri,* e as suas epopéas foram consideradas como obras primas do engenho humano. Esta especie de religião na republica das letras durou mais de dois seculos sem ser combatida por especie alguma de heresia ou de incredulidade Em meiados porém do seculo XVII appareceram alguns espiritos fortes, que lhe foram adversos, e começou a entibiar-se em alguns litteratos o primitivo fervor do culto homerico, o qual porém achou desde logo devotos zelosos e até ás vezes fanaticos mantenedores. No numero d'estes ultimos merece talvez occupar o primeiro logar uma senhora, a eruditissima Dacier. De entre os descrentes ou hereges, bastará aqui citar tres, Perrault, La Motte, Terrasson, os quaes, na luta ácerca da superioridade por uns attribuida aos auctores antigos, por outros aos modernos, se oppozeram energicamente á douta escriptora, mais favoravel aos classicos gregos e latinos, e que consagrava a Homero, por ella traduzido e commentado, uma devoção quasi idolatrica.

Em França a controversia sobreviveu aos primeiros contendores. Homero continuou a ter ali um ou outro adversario; porém os seus admira-

[1] Leia-se a excellente chrestomathia platonica intitulada *Pensées de Platon*, compilação feita pelo douto J. V. Leclerc, publicada em Paris em 1823 e depois muitas vezes reimpressa.

[2] Consulte-se a nota do sabio e eloquente V. Cousin em seguimento á sua traducção do livro III da *Republica*.

dores foram mais numerosos e mais competentes e auctorisados. Bastará citar: Boileau, Racine e Fénélon.

Na Italia tambem sempre foi maior o numero dos partidarios de Homero que o de seus detractores. Entre estes ultimos merece ser mencionado pela acerbidade do seu odio, ou antes pela exageradissima violencia da sua critica, Udeno Nisiely [1], auctor de uma obra eruditissima intitulada *Proginasmi poetici*, o qual chama a Homero *assassino do decoro, destruidor dos bons costumes, palrador eminentemente enfadonho, escriptor cheio de necedades e de inepcias*. Não contente de taes doestos, accusa-o *de haver trucidado a verdadeira arte*. Segundo a sua opinião, *a Iliada é um typo de vicios poeticos e a sua poesia uma antithese da arte poetica*.

No catalogo dos *homeromastiges*, isto é, flagelladores de Homero, deve tambem contar-se o nosso fecundissimo polygrapho José Agostinho de Macedo, o qual desapiedadamente o verbera em muitas paginas do seu *Motim Litterario* (Tomo I, Soliloquio IV). Todavia em outra sua obra *A Meditação*, canto I, publicada posteriormente, lhe tece um longo e emphatico elogio.

Obras de Homero

Segundo a commum opinião são obras de Homero os dois grandes poemas, a *Iliada* e a *Odysséa*, dos quaes se deu um compendiosa analyse em outro logar da presente *Miscellanea*. Acima fica indicado o systema ou paradoxo wolfiano ácerca da origem dos mesmos poemas. Lachman, um dos sectarios da escola de Wolfio, longe de reconhecer na Iliada um poema originariamente unico, a declara uma aggregação de dezeseis peças distinctas ou poemas parciaes. G. Grote, dissertando largamente sobre os primordios da historia grega [2], e fallando do cyclo epico, composto de um certo numero de epopéas pertencentes aos primeiros periodos da litteratura hellenica, suppõe a existencia de uma *Achilleida* primitiva, á qual se juntaram muitas partes episodicas, o que tudo reunido veiu a constituir a *Iliada*, como nós a conhecemos. Por aqui se vê quanto estes dois escriptores, aliás doutissimos, se afastam do parecer mais vulgar dos criticos ácerca da primeira epopéa da antiguidade classica.

Pelo que respeita á *Odysséa*, já nos tempos antigos houve quem duvidasse que ella tivesse o mesmo auctor que a *Iliada*. Aos grammaticos

[1] Com este pseudonymo ridiculamente mystico, que se compõe de tres palavras, uma grega, outra latina, outra hebraica, e significa *de ninguem senão de Deus*, se encobriu o aliás muito erudito escriptor Bento Fioretti.

[2] Tomo III, pag. 70 e segg. da traducção do sr. Sadous.

alexandrinos, que attribuiram as duas epopéas a dois auctores differentes, se deu o nome de *chorizontes*, isto é, separadores. Alguns modernos seguem a mesma opinião. As provas em que uns e outros se fundam são mais especiosas que solidas. Podem consultar-se sobre este ponto as *Observações* de Dugas-Montel ácerca do segundo dos poemas homericos.

A *Batrachomyomachia* ou peleja das rãs e dos ratos, poema heroicomico em 305 versos, attribuido vulgarmente a Homero, não é outra cousa mais do que uma parodia da *Iliada*. Não se sabe ao certo quem seja o auctor de tão chistoso poemeto. Conjecturam alguns ter sido um certo Pigres, irmão da primeira Artemisa, rainha de Halicarnasso.

Entre as obras que correm quasi geralmente sob o nome de Homero, contam-se trinta e tres hymnos[1] em honra de differentes divindades; quatro d'elles de consideravel extensão, alguns breves e muitos brevissimos, que parecem ser apenas invocações ou preludios de outros cantares mais diffusos. É ponto assentado entre os criticos que todos estes hymnos são posteriores á epocha em que floresceu o grande vate; porém, ainda assim, ninguem duvida serem producções de respeitavel antiguidade. A collecção d'estas poesias semi-epicas e semi-lyricas, quem quer que tenha sido o hymnographo, é preciosa para o estudo das fabulas hellenicas, e não menos preciosa sob o aspecto litterario e poetico.

Os mais importantes d'estes hymnos pseudo-homericos são os consagrados a Apollo, a Mercurio, a Venus[2] e, mais que todos, o que é dedicado a Ceres, monumento capital ácerca da origem dos mysterios eleusinos[3]. Este ultimo, do qual sómente se conheciam tres versos citados por Pausanias (lib IV, c. 30,4), foi descoberto no anno de 1772 entre um montão de livros de nenhum valor na cidade de Moskow, pelo douto hellenista Christiano Frederico Matthæi, e publicado em 1782 em Leyde pelo erudito philologo Ruhnkenio.

Finalmente é costume ajuntar ás outras poesias pretendidas homericas dezeseis pequenas composições designadas pelo titulo de epigram-

[1] Relativamente aos hymnos homericos, tão differentes dos hymnos liturgicos pseudo-orphãos, e dos de Callimacho tão artificiosamente elaborados, merece ler-se uma obra especial recentemente vinda á luz publica: *Des hymnes homériques*. Par H. Hignard. Paris, 1864.

[2] Os versos 197 e 198 em que Venus prediz a Anchises o nascimento e futura grandeza de Enéas parecem ter suggerido a Virgilio a idéa fundamental do seu poema immorredouro.

[3] A respeito dos mysterios de Ceres, e dos mysterios da Grecia em geral, leia-se a memoria inserida na collecção das da *Academia das inscripções e bellas artes*, tomo XXI, 2.ª parte, pag. 1 a 118.

mas e quatro versos que restam de um poema satyrico, chamado *Margites* [1].

Transmissão das epopéas homericas

Ainda sem se adoptar o systema wolfiano a respeito da origem das epopéas homericas, póde admittir-se que ellas não tenham sido escriptas, pelo menos seguida e completamente, antes da sua primitiva recitação. Como quer que isto seja, é muito provavel que durante algum tempo ellas eram tomadas de cór e recitadas pelos rapsodos, por isso chamados homerides, os quaes assim communicavam aos outros, nas differentes cidades da Grecia onde eram avidamente acolhidos e festejados, as riquezas poeticas que tinham enthesourado na memoria [2].

Conta-se que o famoso legislador de Esparta, Lycurgo, colligira os versos homericos que andavam dispersos. Porém a collecção ou não os abrangia todos, ou não foi bem conhecida. A Solon e a Pisistrato é que o publico deveu a vantagem de ter na sua integra as duas epopéas. Solon prescreveu aos rapsodos que na sua recitação observassem uma certa ordem conforme á estructura d'ellas e ao pensamento de Homero. Pisistrato e seu filho Hipparcho ainda fizeram mais. Com o incentivo de premio pecuniario convidaram os rapsodos a preencher algumas lacunas dos dois poemas, ministrando para isso os versos que conservassem na memoria, ou que por qualquer via descobrissem pertencentes a cada um d'elles e que não eram geralmente conhecidos.

Com este auxilio, e consultados os manuscriptos parciaes, alguns eruditos escolhidos por aquelle illustrado chefe da republica de Athenas, entre elles Onomacrito e Zopyro de Heracléa, colligiram, completaram e

[1] Este poema verosimilmente era destinado a tornar odioso e ridiculo o caracter de um homem frivolo e presumptuoso. Um dos versos conservados diz o seguinte:

«Elle (Margites) sabia muitas cousas, porém todas mal.»

Esta satyra, segundo Aristoteles, tinha sido em relação á comedia, o que a *Iliada* e a *Odysséa* foram em relação á tragedia; os comicos haviam achado n'ella o typo de diversos caracteres que expunham ao ludibrio publico.

[2] Do muito a que póde chegar uma memoria feliz, principalmente sendo bem dirigida e exercitada, achâmos exemplos nos povos indianos, entre os quaes por muitos seculos se conservaram os *vedas* por tradição oral; nos arabes, que recitam diffusissimos cantos; nos escandinavos que conservaram os versos dos scaldas por muitos seculos sem o auxilio da escripta; nos gregos modernos, principalmente entre os klephtas; nos napolitanos chamados *cantaistoirie;* nos gondoleiros de Veneza. Finalmente é cousa sabida que José Justo Scaligero, grande litterato italiano do seculo XVII, em vinte e um dias aprendeu de cór toda a Iliada e toda a Odysséa.

coordenaram as duas epopéas, e por isso ficaram sendo denominados *diascevastas* [1].

Aos *diascevastas* succederam os criticos da escola de Alexandria no reinado dos primeiros Ptolemeos, os quaes corrigiram os textos homericos ainda com mais escrupulo e exacção que os mais antigos *orthuntes* [2], e alem d'isso os acompanharam de escolios e commentarios. Os mais celebres d'estes *orthuntes* alexandrinos foram Zenodobo, Aristophanes de Byzancio e Aristarcho [3].

POETAS CYCLICOS

A gloria que o cantor da colera de Achilles e das aventuras de Ulysses grangeára com seus poemas immortaes, excitou a emulação dos mais brilhantes engenhos da Grecia nos primeiros tempos que se seguiram ao fallecimento do grande epico. Uns pretenderam completar aquelles poemas, e trataram dos acontecimentos que Homero omittira; outros escolheram differentes outros assumptos mythologicos ou heroicos, e todos se propozeram seguir tão sublime modelo. Nenhum porém se lhe avizinhou em merecimento nem em nomeada, e alguns d'elles bem podem ser numerados no rebanho dos servis imitadores, que muitas vezes desafiaram ou a bilis ou o riso do satyrico venusino. A estes poetas d'este segundo periodo, por abrangerem um inteiro circulo de tradições mythologicas, se deu o nome de *cyclicos* [4]. Entre elles os menos obscuros são os seguintes:

[1] Do verbo σκευαζω, que significa preparar, dispor, arranjar e coordenar.

[2] De διορθοω que quer dizer corrigir.

[3] A *Iliada* e a *Odysséa* estão traduzidas em todas as linguas cultas. Infelizmente de nenhum dos dois poemas existe traducção completa no nosso idioma, mas unicamente alguns cantos e alguns excerptos.

O primeiro canto da *Iliada* acha-se vertido em verso solto pelo professor de grego Antonio Maria do Couto ou por José Maria da Costa e Silva, Lisboa, 1811. V. o *Diccionario bibliographico* do sr. Innocencio Francisco da Silva, tom. I, pag. 198.

O mesmo canto I quasi inteiro foi vertido em oitavas pela sr.ª marqueza de Alorna, D. Leonor de Almeida. Acha-se no tomo III, pag. 233 a 274 das obras da mimosa poetisa impressas em Lisboa, 1844. O sr. conselheiro Mendes Leal trasladou tambem em oitavas um episodio do VIII canto do mesmo poema *(Diomedes e Heitor)*. Na sua versão, algum tanto paraphrastica em consequencia das difficuldades metricas, porém verdadeiramente poetica, transluz toda a magestade epica do original.

São quasi innumeraveis as edições das obras de Homero. São excellentes, entre outras, a de Ernesti, com notas, Lipsiæ 1759-1764, 8.° 5 vol.; e o texto só, Lipsiæ, 1826-1828, em 12.°, 4 vol.

[4] Nem todos os philologos e criticos que tratam da antiga litteratura classica entendem e explicam d'este modo a denominação de *cyclicos* applicada a esses antigos

Arctino de Mileto. Diz-se que fôra discipulo de Homero. Compoz dois poemas; um em cinco livros, intitulado *Ethiopida,* em que relatou a guerra de Troia desde a morte de Heitor até á contenda entre Ajax e Ulysses ácerca das armas de Achilles, e a expedição dos ethiopes, commandados por Memnon, em auxilio de Priamo; outro em dois livros, intitulado *Destruição de Troia.*

Eumelo de Corintho. Viveu 750 annos A. C. e escreveu, entre outras obras, um poema heroico sobre a guerra dos gigantes, e outro historico sobre a fundação e acontecimentos primordiaes da cidade de Corintho.

Lesches de Lesbos. Floresceu 600 annos A. C. Escreveu, segundo alguns, um poema em quatro livros, intitulado *Pequena Iliada,* cuja acção começa na disputa ácerca das armas de Achilles, e finda na tomada de Troia[1].

Stasino de Chypre. Auctor de um poema intitulado *Versos cyprios,* em que se contam os successos acontecidos desde as vodas de Thetis e Peleo até ao principio da guerra de Troia.

Pisandro. Natural da ilha de Rhodes, floresceu 700 annos, pouco mais ou menos, A. C. Compoz dois poemas, um sobre os trabalhos de Hercules, outro sobre os amores dos deuses.

Augias de Trezene. Auctor de um poema em cinco livros sobre a tornada dos heroes gregos a suas patrias depois do incendio de Troia.

De todos estes poemas *cyclicos* apenas chegaram até aos nossos dias insignificantes fragmentos, que se encontram na obra seguinte: ***Müller de Cyclo Græcorum epico et poetis cyclicis scripsit, eorum fragmenta collegit et interpretatus est,*** Lipsiæ, **1829.**

HESIODO

Hesiodo viveu, segundo a commum opinião, pouco tempo depois de Homero. Aindaque nascêra em Cumas, deu-se-lhe o sobrenome de *ascreu* por haver sido educado em Ascra, cidade da Beocia, nas fraldas do monte

poetas. Consultem-se os commentadores da *Poetica* de Aristoteles, cap. 9.º, e os da *Arte Poetica* de Horacio, v. 136, entre outros o erudito Jeronymo Soares Barbosa, pag. 84, edição de Coimbra, 1815.

[1] V. a respeito d'este poema o juizo de Aristoteles, que no capitulo XXIII da sua *Poetica* o cita no numero d'aquelles que têem por objecto uma só acção, mas muito complicada, e o reprehende por isso, fazendo ver a grande vantagem que lhe leva a *Iliada* de Homero. A empolada proposição da *Pequena Iliada* foi acre e mui chistosamente censurada por Horacio, *Art. Poet.,* v. 136.

Hélicon. Pouco ou nada se sabe das circumstancias da sua vida. O que é certo é ter elle sido o primeiro que nos deu o modelo de um poema didactico.

A mais perfeita de suas poeticas composições, *As Obras e os Dias*, especie de calendario dos trabalhos ruraes, encerra ao mesmo tempo excellentes exhortações e maximas moraes dignas de Socrates e de Platão. Mereceu ser imitada por Virgilio nas *Georgicas*, se bem que o poeta latino lhe levou indisputavelmente a palma.

A elegancia da sua dicção, a suavidade de seus numeros e uma amena simplicidade de estylo, formam o distinctivo caracteristico das poesias de Hesiodo, cuja leitura é igualmente facil e agradavel. Pausanias refere que seus versos estavam gravados no templo das musas, de que Hesiodo era considerado como sacerdote.

Alem das *Obras e os Dias*, conservâmos do illustre cidadão de Cumas uma *Theogonia* ou poema mythologico ácerca das familias dos deuses e da creação do mundo. N'este poema se acham exaradas as mais importantes e curiosas tradições do polytheismo, adoptadas pelos povos gregos na mais remota antiguidade. Eruditos de grande nomeada têem pretendido descobrir na *Theogonia* vestigios de interpolações muito posteriores ao seculo de Hesiodo; mas o poema, quanto á parte substancial do seu conteúdo, pertence indubitavelmente a este grande homem, que occupará sempre no Parnaso um distincto logar. A guerra dos gigantes, as terriveis aventuras de Prometheu, e outras ficções de um engenho poetico verdadeiramente extraordinario, ministraram abundante assumpto ao estro dos maiores tragicos e epicos de differentes nações.

O *Escudo de Hercules*, que corre com o nome de Hesiodo, não póde entrar em linha de comparação com os dois poemas acima referidos, e é, segundo todas as apparencias, producção de auctor muito mais moderno.

Quintiliano, fallando d'este poeta, o louva pela multidão de uteis sentenças que espalhou em suas obras, e pela correcção e doçura da linguagem, declarando-o eminente sobretudo no estylo temperado *(Inst.* X, cap. 1.°) [1].

[1] Alem das tres obras de Hesiodo acima indicadas, os antigos lhe attribuem outras treze, hoje inteiramente perdidas. Eis os titulos de algumas d'ellas: *Genealogia dos heroes, Louvores das mulheres, Nupcias de Peleo e Thetis, Sobre a medicina, Sobre a astronomia, Ácerca das hervas*, etc. Sobre o merecimento litterario do vate asceu (e dos outros poetas e prosadores gregos dos periodos classicos), consulte-se a utilissima obra de Dionysio de Halicarnasso traduzida por M. Gros, com o titulo de *Examen critique des écrivains de la Grèce*, publicada em Paris, 1827-28, em 3 volumes de oitavo. O conde Leopardi, já citado n'esta *Miscellanea*, costumava dizer que era desairoso para um mancebo culto o chegar á idade de vinte e um annos sem ter lido os poemas de Hesiodo. Edd. Amstelodami, 1847; Lipsiæ, 1850, 8.°

POESIA LYRICA

Aindaque a poesia lyrica é talvez a mais antiga de todas as especies de composições em verso, havendo sido empregada pelos primeiros poetas de quasi todas as nações, comtudo a litteratura grega não nos apresenta uma só composição lyrica, incontrastavelmente authentica, que seja anterior ás duas epopéas de Homero, porquanto os hymnos que correm com o nome de Orpheo não são producções genuinas do grande aedo, pelo menos na sua fórma actual.

Porém, posteriormente aos dois principes da poesia epica e da poesia didactica e no decurso d'este segundo periodo de que presentemente se trata, appareceu um consideravel numero de poetas lyricos, que nos são mais conhecidos que os do periodo precedente, e de alguns dos quaes nos restam ainda algumas producções.

Taes são principalmente os seguintes:

Archilocho. Natural da ilha de Paros, floresceu 680 annos A. C. O calor e energia de seus versos foram objecto de elogios de toda a antiguidade[1]. Foi um dos primeiros poetas solemnemente coroados nos jogos olympicos; honra que mereceu por um hymno que compozera e recitára em honra de Hercules.

Attribue-se-lhe a invenção dos versos jambos [2], e apesar de ter sido grande lyrico, é mais conhecido como eminente na satyra pessoal; ramo de poesia por elle creado, e que levou ao mais alto ponto de acrimonia e de vehemencia. D'elle se refere que, procurando vingar-se da falta de palavra de Lycamba, o qual lhe negára a mão de sua filha Neobule, depois de lh'a ter promettido, o atacou com tanto furor, que o obrigou a enforcar-se em um impeto de desesperação [3].

Callino. Julga-se ter nascido em Epheso. Attribue-se-lhe a invenção de uma especie de poesia lyrica em versos hexametros e pentametros, principalmente empregada para inflammar os animos no amor da patria, e excitar a coragem marcial.

Temos alguns fragmentos d'este auctor, os quaes se acham no *Florilegio* de Stobeo, e que, juntamente com as elegias de Tyrteo, foram publicados com annotações pelo douto allemão N. Bach, Leipsick, 1831.

[1] V. o juizo de Quintiliano, liv. X, cap. 1.°, e o de Velleio Paterculo, liv. I, cap. 5.°

[2] Archilochum proprio rabies armavit jambo. Hor., *Art. Poet.*

[3] Os fragmentos que nos restam das obras de Archilocho, foram colligidos e elucidados por J. Liebel, Leipsick, 1818.

Tyrteo. Natural de Mileto, mas estabelecido em Athenas, viveu 680 annos antes da era vulgar. Cego de um olho, coxo e mal assombrado, compensou estes defeitos exteriores com uma grande elevação de animo, e não vulgar engenho. Tendo os lacedemonios, na segunda guerra contra Messenia, experimentado repetidos revezes, Tyrteo, havendo-lhes sido enviado pelos athenienses para os commandar, com o poderoso estimulo de suas exhortações e cantos patrioticos lhes fez alcançar completa victoria.

Ainda nos restam d'elle tres elegias, capazes de inspirar os mais nobres sentimentos de valor, quando se trata de arriscar a vida pela defeza das leis e da patria.

Os cantos de Callino e de Tyrteo foram traduzidos em versos francezes, e publicados juntamente com o texto, por Firmino Didot, París, 1827, em um volume de *folio*.

Terpandro. Poeta lyrico e musico, natural de Lesbos, que viveu 670 annos A. C. Acrescentou tres cordas á lyra, que até ao seu tempo só tinha quatro. Foi o primeiro que compoz *Scholios* [1], isto é, certas coplas que á mesa cantavam alternadamente os convivas, tendo nas mãos ramos de murta ou de loureiro. Não nos resta um só dos *Scholios* de Terpandro; porém temos algumas poesias d'este genero compostas por Solon, por Platão e por Aristoteles.

Mimnermo. Nascido em Colophonia, 600 annos, pouco mais ou menos, A. C. Póde considerar-se como inventor da elegia erotica, que, prescindindo do metro que lhe é proprio, offerece grande conformidade com a poesia lyrica.

Nas collecções de Brunk, Gaisford e Boissonade se encontram alguns fragmentos d'este poeta, de quem Horacio e Propercio fizeram os maiores elogios.

Alceo. Natural de Mitylene, capital da ilha de Lesbos, floresceu 600 annos antes da nossa era. Algumas circumstancias que se referem da sua vida, não acreditam muito a sua coherencia em comportamento politico; e o modo por que se houve em um combate contra os athenienses faz lembrar o que de si mesmo conta com estimavel candura o principe dos lyricos latinos, confessando ter arrojado o escudo e fugido cobardemente

[1] Chamaram-se assim, segundo diz Suidas, em consequencia da disposição das mesas nas salas de banquete de fórma irregular. Segundo outros auctores, tiveram aquelle nome de *scholios*, porque não eram cantados em roda pelos convidados, conforme a ordem de seus assentos, e isso porque demandavam cantores mais habeis. O contrario acontecia nas canções bacchicas, propriamente taes (παρσινια), que todos os que participavam do festim eram obrigados a cantar alternadamente e pela ordem de seus assentos.

na batalha de Philippos[1]. Emquanto ao seu merecimento como poeta, Alceo tem justificados titulos a uma perpetua celebridade. Com effeito, os poucos fragmentos que d'elle conservâmos confirmam plenamente o juizo vantajoso que d'elle sempre fez a antiguidade, contando-o unanimemente no numero dos sete lyricos da primeira ordem. Vejam-se os testemunhos de Quintiliano, liv. X, cap. 1.° e de Dionysio de Halicarnasso, cap. 2.°

Alceo compoz canções eroticas e bacchicas, e hymnos patrioticos, no que mais que tudo se distinguiu. Foi inventor de um metro, que do seu nomé se ficou chamando *alcaico*. Os fragmentos de Alceo encontram-se nas collecções de Gaisford, Leipsick, 1823, tom. III, pag. 915, e de Boissonade, tom. XV. Tambem ha d'elles uma edição particular, acompanhada de notas, Leipsick, 1827[2].

Sapho. Compatriota e contemporanea de Alceo, de quem foi emula na poesia lyrica, distinguiu-se principalmente no calor dos sentimentos e na harmonia do estylo, qualidades que lhe grangearam o nome de decima musa. Poetou, como Alceo, no dialecto eolico, e tambem, como elle, foi inventora de uma especie de ode, que d'ella recebeu o nome, e que é universalmente reputada como a mais melodiosa de todas. Nenhuma mulher nem antes nem depois d'ella, gosou de tão grande nomeada em ponto de merecimento poetico. Os habitadores de Mitylene, para honrarem a sua memoria, gravaram a sua effigie na moeda que cunhavam[3].

[1] Carm. II, Od. VII. O mesmo principe dos lyricos latinos imitou e até copiou e traduziu a Alceo em muitos logares das suas odes; aindaque é immerecida a accusação de plagiario que lhe fez o poeta italiano Hugo Foscolo na autobiographia que de si escreveu com o pseudonymo de *Didimo Cherico*.

[2] O padre Macedo, na sua *Meditação*, depois de haver fallado de Homero, exprime-se da maneira seguinte a respeito de Alceo e de Sapho:

> Não longe d'elle, vão transpondo os tempos
> De Mitylene os inclytos alumnos;
> Alceo que os hymnos immortaes entoa;
> A desditosa Sapho, amor das musas,
> De um desgraçado amor victima infausta.
>
> Canto I.

[3] Sapho foi de pequena estatura e pouco favorecida da natureza emquanto a formosura. Ovidio, na carta que suppõe escripta pela poetisa de Mitylene, allude a esta circumstancia quando lhe faz dizer:

> Si mihi difficilis formam natura negavit,
> Ingenio formæ damna rependo meæ.

O mesmo poeta de Sulmona na citada heroide *Sapho a Phaon*, seguiu a tradição geral do seu tempo, que accusava de um vicio infame a mimosa poetisa. Hoje

Dos poemas de Sapho apenas conservâmos duas odes inteiras e alguns fragmentos pouco consideraveis. A melhor edição é a de Ch. F. Neise, Berlim, 1827.

Erinne. Contemporanea e amiga de Sapho, á qual foi inferior na poesia lyrica, tendo-a aliás excedido nas composições em versos hexametros. Temos d'ella alguns epigrammas e uma bellissima ode a Roma [1] ou á força, vigor ou esforço (porque não é liquido como se haja de traduzir o original εις Ρωμην), e alguns fragmentos que andam insertos em algumas das collecções acima indicadas, e em outra intitulada *Carmina Novem Poetarum Fœminarum,* Antuerpiæ, 1568.

Alcman. Julga-se ter florescido 660 annos A. C. e haver nascido em Sardes, capital da Lydia, se bem que passou a vida em Esparta. Compoz em dialecto dorico dez livros de odes eroticas; genero que tratou com singular graça e doçura. Atheneo faz d'elle o maior elogio, e nos conservou [2] algumas poucas composições suas que, juntamente com outros fragmentos, se acham nas collecções já apontadas, e foram publicadas separadamente por Welcker, Giesen, 1815.

Arion. Natural de Methymna, na ilha de Lesbos, contemporaneo e amigo de Periandro, que foi contado entre os sete sabios da Grecia, floresceu 580 annos A. C., e é reputado inventor da poesia dithyrambica, aindaque alguns pretendem que sómente a aperfeiçoou.

D'elle contam os antigos [3] que, voltando para a Grecia, depois de se haver enriquecido nas suas viagens, fôra arrojado ao mar pelos marinheiros cubiçosos do seu thesouro, e que os delphins ou golfinhos o conduziram são e salvo ao cabo de Tenaro, encantados pela harmonia da sua lyra, instrumento que lhe havia sido concedido tocar antes que o lançassem ás ondas. Este acontecimento deve provavelmente ser interpretado em sentido mythico ou allegorico, como outros similhantes que se contam de Orpheo e de Amphion. Brunck inseriu dois fragmentos de Arion na sua collecção intitulada *Analecta,* tom. III, pag. 327 e 328.

a reputação da infeliz amante de Phaon está vindicada contra a injusta arguição das torpezas que lhe eram assacadas. Taes torpezas haviam infamado uma celebre meretriz de Ereso, que tambem tivera o nome de Sapho. Consulte-se a *apologia de Sapho* pelo erudito critico Welcker, Gottinga, 1818.

[1] Alguns criticos attribuiram a ode Εις Ρωμην a outra poetisa por nome Melino.

[2] *Banquete dos Sophistas,* livro XIII, pag. 600.

[3] V. Plinio, *Hist. Nat.,* liv. IX, cap. 8.°; Aulo Gellio, *Noct. Att.* VII, 8, XVI, 19, e Plutarcho, *Banquete dos sete sabios.* Um moderno hellenista conjectura que o fundamento d'esta fabula foi mostrarem-se junto ao promontorio Tenaro duas estatuas de bronze, que representavam um homem montado em um golfinho.

TERCEIRO PERIODO

(Aureo)

Desde a legislação de Solon até ao reinado de Alexandre, 594 até 336 A. C.

ESPLENDOR POLITICO E LITTERARIO DA GRECIA DURANTE ESTE PERIODO

Este periodo com rasão se póde chamar *aureo*, porque durante elle os gregos se elevaram ao mais alto ponto de gloria e de prosperidade. Pelo que respeita ao estado politico, sustentaram a sua independencia contra os innumeraveis exercitos dos mais poderosos monarchas da antiguidade, os reis da Persia, ganhando-lhes estrondosas victorias terrestres e navaes, com forças immensamente desproporcionadas. O enthusiasmo da nação, augmentado por tão assignaladas façanhas, e a consciencia da propria superioridade intellectual e militar, a prepararam para depois, quando subiu ao throno da Macedonia o filho de Filippe, corresponder plenamente á expectação e designios do grande conquistador, que, tomando sobre si a ardua empreza de vingar a Grecia das invasões de Dario e de Xerxes, a levou a cabo pela maneira que a todos é notoria, e ficou senhor de um dos mais poderosos imperios de que as historias fazem menção.

Pelo que pertence á cultura intellectual, os habitadores da Grecia, e principalmente os athenienses, distinguiram-se em todo o genero de litteratura, e a par das disciplinas amenas se applicaram com não menor fructo ás mais serias e difficeis, remontando-se ao exame e contemplação das mais sublimes verdades, tanto na ordem physica como na moral.

Finalmente, como se tantos titulos de gloria não fossem ainda bastantes para dar á Grecia uma indisputavel superioridade sobre todas as demais nações antigas, tambem nas bellas artes, irmãs e amigas quasi inseparaveis das bellas letras, excederam os gregos a todos os outros povos.

Com effeito, havendo aprendido dos egypcios os elementos da pintura, esculptura e architectura, levaram todas estas tres artes a um tão alto ponto de perfeição, que os primores de obra produzidos em cada uma d'ellas pelos grandes homens do periodo aureo não foram até hoje excedidos nem talvez igualados, apesar dos maravilhosos progressos que em outros ramos se têem feito durante os muitos seculos que depois d'elle

têem decorrido. A eloquencia e a historia tiveram então para assim dizer o seu nascimento n'aquella nação privilegiada, e os monumentos d'este genero e d'aquella idade, que sobreviveram ao naufragio das letras na idade media, são ainda hoje considerados como os mais excellentes modelos.

A philosophia nasceu, medrou, fructificou, e alguns engenhos extraordinarios e creadores dilataram tanto os limites da sciencia, que estes apenas têem sido transpostos n'estes ultimos seculos por outros engenhos, talvez não superiores, porém mais illustrados pela successão dos tempos, pela repetida observação dos factos e pela experiencia.

Só na poesia epica este terceiro periodo não póde pretender a palma, a qual é devida indisputavelmente ao segundo. Porém, se n'este ponto lhe fica inferior, compensa esta unica inferioridade com o aperfeiçoamento de alguns outros ramos de poesia e com a invenção de outros, senão tão sublimes, alguns mais amenos, outros mais uteis, todos interessantes.

MORALISTAS

APOLOGO [1]

Ainda que não é da essencia do apologo o ser escripto em verso, todavia os que cultivam este genero de composição costumam ser contados entre os poetas, já porque ordinariamente os apologos são escriptos em numeros ligados, já porque se consideram como pertencentes ao dominio da poesia todas as concepções da imaginação, nas quaes a verdade se acha disfarçada com o véu de ficções ou de engenhosas allegorias.

[1] *Apologo* é a relação de um facto inventado e allegorico, da qual resulta uma instrucção util aos bons costumes. No apologo figuram quasi sempre animaes irracionaes, algumas vezes seres inanimados. As qualidades essenciaes do apologo são: *brevidade, clareza, naturalidade.* Todas tres se encontram, em alto grau de perfeição, nos apologos de La Fontaine, com rasão reputado o mais excellente dos fabulistas, tanto antigos como modernos. Só lhe faltou o merecimento da invenção, pois difficilmente se apontará fabula exclusivamente sua, isto é, que elle não tirasse, quanto á substancia, de Esopo, de Phedro ou de algum outro de seus predecessores na mesma carreira. Filinto Elysio verteu em castiça linguagem portugueza os inimitaveis apologos do fabulista francez; porém cumpre confessar que a amenidade e graças do original debalde se procurariam na sua correcta, mas arida traducção. Dir-se-ía que é uma pintura de *Correggio,* copiada por Miguel Angelo. O apologo mais antigo de quantos existem, talvez seja o que se lê no capitulo IX do sagrado livro dos *Juizes*: As arvores querendo escolher de entre si um rei para as governar. Todas as litteraturas antigas e modernas alardeiam um ou mais fabulistas de grande nomeada. A litteratura grega Esopo e Gabrio; a latina Phedro; a indiana

ESOPO

Esopo foi phrygio de nação e floresceu 550 annos, pouco mais ou menos, A. C. Foi successivamente escravo de dois philosophos, o segundo dos quaes, encantado da viveza do seu engenho, lhe deu a liberdade. O discreto liberto se aproveitou d'ella para viajar, instruindo-se e ensinando ao mesmo tempo uma moral solida e pura, não exposta em sentenças subtis ou em exhortações magistraes, mas sim encoberta em chistosas allegorias e divertidas narrações, cujos personagens eram principalmente tirados dos animaes irracionaes. Como foi elle o primeiro entre os gregos que fez um uso exclusivo d'esta especie de ficções para ensinar uteis doutrisas, e pintar ao vivo os caracteres e os vicios dos homens, foi tido por principe dos fabulistas. Porém não foi por certo elle o inventor do apologo; o seu emprego é muitos seculos mais antigo, não só nos livros sagrados dos hebreus, mas ainda, pelo que pertence á litteratura grega, nos poemas de Hesiodo.

Segundo a tradição vulgar, Esopo, que com o disfarce de engraçadas ficções, se permittira dizer amargas verdades aos principes mais despoticos do oriente, e entre elles a Creso, rei da Lydia, foi victima da sua franqueza para com a gentalha de um povo civilisado e republicano. Os habitadores de Delphos, irritados em consequencia de indirectas porém picantes exprobrações que lhes fizera Esopo, calumniando-o de sacrilego, o derribaram do alto de um rochedo. Bem depressa porém se fez justiça ao merecimento do illustre propugnador da mais pura moral. Os athenienses, pouco depois do seu tragico fim, lhe levantaram uma estatua, producção do cinzel de Lysippo. Platão, que desterrou da sua republica a Homero e aos outros poetas, como corruptores dos costumes, admittiu n'ella a Esopo, como excellente instructor não só da mocidade, mas ainda da idade madura.

Temos uma vida de Esopo, escripta por Planudes, monge de Constantinopla, no seculo XIII, mas que não merece grande conceito de veridica. A collecção que ao presente existe das fabulas de Esopo (na qual foram incluidos muitos apologos de outros auctores) é devida ao mesmo Planudes e, segundo todas as apparencias, contém um grande numero de composições posteriores á nossa era vulgar. Successivamente se têem descoberto manuscriptos com apologos gregos

e a persa Bidpay, Pidpai ou Bildpai; a arabe Locman; a italiana Casti e Pignotti; a allemã Gellert e Lessing; a ingleza J. Gay; a franceza, alem do inexcedivel La Fontaine, Florian e outros; a castelhana Iriarte e Samaniego. Nós os portuguezes podemos mencionar com ufania Curvo Semmedo e Pimentel Maldonado.

attribuidos a Esopo. Os criticos modernos vieram no conhecimento de que as fabulas de Esopo foram pouco antes da era de Augusto trasladadas ou imitadas em versos choliambicos [1] por Babrio. Uma parte d'estas fabulas traduzidas ou imitadas por Babrio enriquecia algumas edições modernas do principe dos fabulistas classicos. Recentemente metade, pouco mais ou menos, das fabulas de Babrio foi achada em um convento do monte Athos, pelo doutissimo Minoide Mynas. O texto foi publicado em París em 1844 na officina de Firmino Didot. Poucos mezes depois o eruditissimo philologo Boissonnade nos deu d'elle uma edição classica e abreviada, saída da mesma famigerada officina.

POETAS GNOMICOS

A poesia *gnomica*, inventada e cultivada pelos gregos, principalmente n'este terceiro periodo da sua litteratura, propunha-se o mesmo fim que o apologo; a unica differença consistia em que n'este as instrucções e maximas eram indirectas e disfarçadas, e na da poesia gnomica directas e concebidas em termos formaes e ás vezes imperativos. Não ha que esperar n'esta ultima especie de poesia nem imagens brilhantes, nem gala de elocução. Sentenças dictadas umas vezes pelo bom senso commum, outras vezes inspiradas por sentimentos proprios de um caracter nobre e elevado, constituem todo o merecimento d'estas uteis composições, tornadas faceis e agradaveis por um estylo puro, energico e ameno.

SOLON

Solon, um dos sete sabios da Grecia e celeberrimo reformador da legislação da republica de Athenas, que lhe deveu em grande parte a sua prosperidade e illustração, nasceu em Salamina, e floresceu 558 annos A. C. Alem de suas poesias gnomicas, que versam sobre importantes assumptos de moral e de politica, restam-nos d'elle alguns hymnos e poesias em differentes metros [2].

[1] O verso *choliambico* ou *scazon* tem os mesmos pés que o jambo trimetro, com a differença que o quinto pé deve ser jambo e o sexto spondeo, exemplo:

Nĕc foñ / tĕ lā / brā prō / lūī / căbāl / līnō.

[2] Veja-se a vida de Solon, escripta por Plutarcho. É excellente a edição do que nos resta de Solon, enriquecida de notas pelo dr. N. Back, Bonn, 1825.

THEOGNIS

Theognis nasceu em Megara, e floresceu 546 annos A. C.

Restam-nos 1238 versos das suas exhortações moraes, escriptas em distichos elegiacos. Notam-se n'ellas falta de connexão, repetições e mesmo uma certa mistura e confusão de idéas, o que tudo faz crer, que as poesias d'este moralista não nos chegaram no seu estado de integridade e primitiva disposição [1].

PHOCYLIDES

Phocylides, philosopho e poeta nascido em Mileto, capital da Jonia, na Asia Menor, foi contemporaneo de Theognis. Exercitou o seu engenho no mesmo genero de proficuas composições. Os versos que hoje temos com o nome de Phocylides não são genuinos, mas foram provavelmente forjados n'um dos primeiros seculos da era christã.

Stobeo, na sua collecção, nos conservou algumas das sentenças, que verdadeiramente pertencem ao *gnomico* de Mileto.

PYTHAGORAS

Pythagoras, celebre fundador da seita italica e o primeiro sabio que tomou o modesto nome de *philosopho*, isto é, amante da sabedoria, nasceu na ilha de Samos, e floreceu 550 annos A. C. Os versos chamados *de oiro* e que na realidade merecem este nome, vulgarmente attribuidos a Pythagoras, foram compostos, em conformidade com as doutrinas d'este philosopho, por algum de seus discipulos, provavelmente posterior ao seculo de Pericles [2].

CRICIAS

Cricias, um dos trinta tyrannos estabelecidos pelos lacedemonios em Athenas depois da guerra do Peloponeso, escreveu algumas elegias e outros poemas. Hoje só conservâmos d'este auctor 28 versos moraes, que se encontram no *Banquete dos Sophistas* de Atheneu.

[1] Lipsiæ, 1815, 8.°

[2] Lipsiæ, 1750, 8.° Uma traducção portugueza dos *Versos de oiro* por Luiz Antonio de Azevedo, acompanhada de eruditas notas, saiu em Lisboa, 1795, 8.°

POESIA PHILOSOPHICA

A poesia gnomica tinha exclusivamente por objecto a parte pratica da philosophia; sciencia que então apenas se achava no seu berço, e que não tinha sido tratada em prosa. Contemporaneamente aos poetas sentenciosos appareceram outros, que, tratando materias meramente especulativas, crearam uma nova especie de poesia didactica, que se póde chamar mais particularmente *philosophica,* aindaque alguns d'estes mesmos poetas philosophos podem ao mesmo tempo ser considerados como gnomicos, porquanto ensinaram preciosas maximas moraes tendentes a combater os vicios, indicar os deveres e melhorar os costumes.

Os mais famigerados são os seguintes:

Xenophanes, que nasceu em Colophonia, cidade da Jonia, 559 annos A. C. Foi fundador da escola eleatica metaphysica. Alem de algumas elegias gnomicas, satyras, parodias e de um poema epico sobre a fundação da sua patria, escreveu alguns poemas philosophicos, nos quaes expoz as suas extravagantes opiniões metaphysicas e astronomicas. Das obras de Xenophanes só conservâmos fragmentos pouco importantes [1].

Parmenides, natural de Elêa e discipulo de Xenophanes, floresceu 500 annos A. C. Escreveu um poema em versos hexametros sobre a *Natureza das cousas,* do qual apenas nos restam poucos versos, que nenhuma cousa notavel nos offerecem pelo que diz respeito ao estylo e á versificação [2].

Empedocles, philosopho pythagorico, natural de Agrigento na Sicilia, que floresceu 440 annos A. C. Escreveu em dialecto jonico um poema em versos hexametros sobre a *Natureza,* o qual serviu de modelo a Lucrecio Caro. N'elle expunha a doutrina da sua eschola e, para confirmar o dogma da metempsychose, affirmava ter elle mesmo experimentado diversas transmigrações. Commummente se refere ter perecido no Etna, victima da sua demasiada curiosidade em explorar os phenomenos d'aquelle vulcão.

Alem do sobredito poema compoz poesias chamadas *expiatorias* e um poema sobre a *Medicina.* Outro sobre a *Esphera,* que vulgarmente se lhe attribue, é provavelmente de data muito posterior. As poesias de Empedocles foram tão estimadas, que mereceram ser recitadas publicamente nos jogos olympicos com as de Homero e de Hesiodo [3].

[1] Bruxellas, 1830.
[2] Xullichau, 1795, 8.°
[3] Leipsick, 1805, 8.°

POESIA LYRICA

A poesia lyrica não foi creação d'este periodo, pois nos precedentes, como fica dito, já fôra cultivada com esplendor, principalmente por Orpheo, Alcmano, Alceo e Sapho; mas estava reservada a Pindaro a gloria de levar ao summo grau da sua perfeição a mais sublime, como a mais difficil das composições pertencentes a este genero de poesia, a ode heroica. O nome de *ode,* que não significa outra cousa senão *canto,* indica per si mesmo que taes composições eram todas destinadas a ser cantadas, e o titulo de *lyricos,* applicado a estes pequenos poemas, lhes proveiu de que eram ordinariamente acompanhados do som da lyra. Como, alem d'isso, ao canto se ajuntava ordinariamente a dansa, as odes foram divididas em varios ramos ou estancias. A primeira d'estas estancias, que se cantava dansando o côro da parte esquerda para a direita, se chamava *strophe;* a que se cantava voltando da direita para a esquerda, *antistrophe;* a que se seguia a ambas, e que formava como o remate, *epódo.*

As odes segundo o assumpto que n'ellas se tratava se dividiam em varias especies [1]. Eis-aqui as principaes: Odes *sagradas,* canticos ou hymnos cujo objecto era exclusivamente religioso: esta é a especie mais antiga de similhantes composições, e a ella pertencem, na poesia hebraica, os canticos de Moysés, de Debora, de David, etc., e entre os gregos as poesias do primeiro periodo da sua litteratura: *Heroicas,* destinadas a celebrar proezas e victorias, como as que conservâmos de Pindaro, do nome do qual tambem se chamam *Pindaricas: Eroticas,* que tratavam dos affectos e prazeres juvenis, as quaes tambem se denominam *Anacreonticas,* do nome de Anacreonte, que mais que todos se distinguiu n'este ramo: *Bacchicas* ou *Dithyrambicas,* que eram consagradas aos louvores do vinho e do deus que presidia aos banquetes [2].

[1] Musa dedit fidibus Divos puerosque Deorum,
Et pugilem victorem et equum certamine primum,
Et juvenum curas, et libera vina referre.
HOR., *Art. Poet.*

[2] A estas especies de poesia lyrica, principalmente cultivadas entre os gregos, póde acrescentar-se a *Ode moral,* que Horacio entre os latinos levou ao mais alto ponto de perfeição. Pelo que respeita á nossa litteratura patria, Elpino Nonacriense foi feliz imitador do cisne de Thebas. Na poesia lyrico-erotica, Camões, Elpino, Bocage, Gonzaga merecem mui distincta menção. Na ode moral Filinto Elysio não cede a palma a nenhum poeta nacional, e poucos entre os estrangeiros lh'a podem disputar.

N'este periodo se inventou um grande numero de metros, appropriados ás differentes especies de poesia lyrica; taes como o *asclepiadeo*, o *glyconico* e outros.

STESICHORO

A ordem chronologica exige que fallemos primeiro d'este poeta, como o mais antigo dos lyricos d'este terceiro periodo. Nasceu Stesichoro em Himera, na Sicilia, e floresceu 570 annos A. C. Tendo morrido em Messina aos 80 annos de idade, foi esplendidamente enterrado a expensas do publico.

Os seus hymnos, em que celebrava os deuses e os heroes, distinguiam-se por um caracter de energia e de elevação que, sendo admirado por alguns como o mais altò grau do estylo sublime, foi taxado por outros de nimiamente pomposo e redundante. Ao parecer d'estes segundos se inclina Quintiliano (liv. X, cap. 1.°, 62). Mais honrosa para o poeta de Himera é a idéa que d'elle nos dá Dionysio de Halicarnasso. Este sabio critico diz, fallando de Stesichoro, que elle reunia as brilhantes qualidades que se encontravam em Pindaro e em Simonides, e que demais possuia outras que os dois grandes poetas não possuiam em grau tão eminente, a saber, pompa de elocução sempre apropriada ao assumpto, e estricta observancia dos caracteres e do decoro.

Um poema de Stesichoro sobre a ruina de Troia, pereceu pela injuria dos tempos, que só poucos e mutilados trechos nos deixou das decantadas composições d'este famoso lyrico.

Estes fragmentos foram recolhidos e explicados por Bloomfield no seu *Musæum Criticum Cantabrigiæ*. N.° 6, pag. 256-272.

IBYCO

Foi tambem siciliano, como o precedente, e nasceu em Rhegio 540 annos A. C. Não temos para julgar do merecimento d'este lyrico erotico senão pequenas amostras de suas poesias inseridas na collecção de Henrique Estevão intitulada *Octo Lyricorum Carmina* (gr. et lat.) Paris. 1560.

ANACREONTE

Nascido em Teos, cidade da costa da Jonia, na Asia Menor, floresceu 500 annos A. C. Passou o melhor tempo da sua vida na côrte de Polycrates, tyranno de Samos, aonde escreveu a maior parte das suas odes

que, pela delicadeza dos pensamentos que encerram e pela deleitosa singeleza do seu estylo, foram sempre consideradas como modelo da poesia erotica, e que tem sido imitadas por um sem numero de poetas de todas as idades, a maior parte dos quaes lhe ficaram muito inferiores. Inventou um metro particular, que conserva o seu nome, e que consiste no emprego de um jambo ou de um spondeu seguido de dois jambos e mais uma syllaba. Alem do frivolo assumpto a que principalmente consagrou seu estro, occupou-se tambem em escrever elegias, epigrammas e hymnos, de que nada nos resta. O unico titulo da sua gloria, que nos foi conservado, e bastante para perpetuar o seu nome, é uma collecção de 68 odes eroticas e bacchicas, no qual numero entram muitas cuja authenticidade tem sido posta em duvida, por criticos cujo voto é muito ponderoso [1].

Anacreonte morreu em extrema velhice na cidade de Abdera, na Thracia, onde se refugiára no tempo da guerra persica. Teos, sua patria, cunhou medalhas com a sua effigie, e na Acropolis de Athenas, onde elle residíra por algum tempo, lhe foi levantada uma estatua [2].

SIMONIDES

Simonides nasceu em Ceos, ilha do mar Egeo e uma das Cycladas, 505 annos A. C. A fama do seu engenho e a amabilidade do seu caracter, o tornaram aceito, applaudido e festejado em Athenas, em Esparta e na brilhante côrte de Hieron, tyranno de Syracusa, onde morreu octogenario. Segundo Cicero e Quintiliano, teve a gloria de enriquecer o alphabeto grego com as duas vogaes longas η e ω, e com as duas consoantes duplices

[1] As melhores, e que parecem pertencer com effeito ao cisne de Teos, são as que na collecção costumam vir com os seguintes numeros: 3, 9, 12, 17, 22, 26, 31, 34 37, 40, 45, 51 e 56.

[2] Entre as muitas boas edições da collecção anacreontica, merece ser particularmente recommendada a do douto hellenista francez Boissonade, Paris, 1823, em 32.° As traducções das poesias attribuidas ao poeta jonio são quasi innumeraveis. As reputadas melhores nos idiomas latino, francez, italiano, inglez, allemão e castelhano, foram colligidas e publicadas, juntamente com o original, em um pequeno volume de 4.°, em Paris 1833. A nenhuma de taes versões, aliás selectas e aprimoradas, fica inferior a do principe dos lyricos portuguezes o sr. dr. A. F. de Castilho, impressa em Paris no anno de 1866, em 8.°, juntamente com o texto. Alguem lhe chamará mais paraphrase que traducção. Embora... Pope não levou a mal que a sua traducção poetica da *Iliada* fosse alcunhada de *bella infiel*. Emquanto á das poesias anacreonticas pelo sr. Castilho, ninguem porá em duvidà que seja *bella*, muito *bella: infiel* sê-lo-ha algumas vezes, se infiel póde chamar-se quem, longe de roubar o alheio, augmenta com cabedal proprio as riquezas de outrem.

ξ e ψ. Foi o creador da elegia plangente [1], e escreveu, entre outras poesias, um poema sobre a batalha naval de Salamina. Como poeta lyrico compoz um grande numero de canções, córos dithyrambicos e inscripções. O seu principal merecimento, segundo o parecer de Quintiliano [2], consiste n'uma certa amenidade e ternura de suas expressões, com que excitava a compaixão, levando assim no estylo pathetico a palma a todos os outros poetas que se distinguiram no mesmo genero de composição. Dionysio de Halicarnasso, alem de signalar esta prerogativa que Simonides teve sobre o proprio Pindaro, o elogia pela feliz escolha das expressões, e pela severa economia e boa disposição dos conceitos.

Como elegiaco tambem Simonides occupa mui distincto logar.

Os poucos fragmentos que d'elle temos, acham-se nas collecções de Brunck, Gaisford e Boissonade, e separadamente foram recolhidos por Schneiders, Brunswick, 1836.

PINDARO

Pindaro nasceu em Thebas, capital da Beocia, 520 annos, pouco mais ou menos, A. C. É universalmente reconhecido como principe dos lyricos gregos, e n'este ramo de poesia nenhum escriptor antigo ou moderno ousou disputar-lhe a primazia. Nada mais honroso para o *cisne de Thebas*, que o pomposo elogio que d'elle tece o vate de Venusa na ode I do livro IV [3]. Cheio de um nobre enthusiasmo ao contemplar grandes acções, contribuiu da sua parte a estimular o valor dos athletas, consagrando a sua lyra a celebrar as gentilezas dos que alcançavam a palma da victoria em algum dos quatro jogos solemnes da Grecia, Olympicos, Pythicos, Nemeos e Isthmicos. Horacio considera cada um dos epinicios compostos por Pindaro, como um monumento mais precioso para a gloria do heroe n'elle cantado, do que a erecção de cem estatuas. D'estes epinicios ou canticos de victoria ainda nos restam quarenta e cinco, que plenamente justificam os elogios que os antigos tributavam ao merecimento do grande poeta. A sua me-

[1] O inventor do metro elegiaco, que consiste no alternado emprego de um hexametro e de um pentametro, não nos é conhecido. Alguns poetas gnomicos, taes como Theognis e Solon, e o cantor do valor e brios patrioticos e militares, Tyrteo, serviram-se de tão melodioso metro, que depois foi usado em outros assumptos.

[2] Inst. Orat., liv. X, cap. I.

[3] Pindarum quisquis studet æmulari,
Jule, ceratis, ope dædalea,
Nititur pennis, vitreo daturus
Nomina ponto, etc.

moria foi tida em grande veneração. Duas vezes que a cidade de Thebas foi entregue ao saque e á destruição, a primeira vez pelos lacedemonios, a segunda por Alexandre Magno, a casa em que habitára Pindaro, gosou da mais religiosa immunidade.

Nas poesias que d'elle nos restam, admirâmos uma inimitavel sublimidade de estylo; uma feliz ousadia na escolha e na composição de palavras; uma apparente falta de nexo entre os conceitos, os quaes todos, sem embargo d'isso, concorrem para o mesmo fim, isto é, para realçar a gloria do heroe.

Alem dos quatro livros de odes, que felizmente se salvaram do naufragio das letras na idade media, Pindaro havia composto outras muitas poesias, que todas se podiam reduzir ao genero lyrico, algumas das quaes, segundo o que d'elle escrevem os criticos gregos e romanos, talvez ainda excedessem em merecimento as preciosas producções que conservâmos d'este poeta immortal [1].

Diz-se que Pindaro tivera por competidora na poesia lyrica uma poetisa natural de Tanagra, na Beocia, por nome Corinna, a qual lhe levára a palma em publicos certames. Das poesias d'esta illustre dama apenas nos restam poucos e insignificantes fragmentos, colligidos por Fulvio Ursino e Christiano Wolfio. Segundo referem os criticos antigos, ella não só fôra insigne no genero lyrico, senão tambem no epico, e compozera duas epopéas, uma sobre *Iolas* e outra sobre os *Sete Chefes diante de Thebas*.

BACCHYLIDES

Bacchylides, natural de Ceos, ilha do mar Egeo, sobrinho de Simonides, e contemporaneo e emulo de Pindaro, escreveu hymnos dithyrambicos e outras poesias no dialecto dorico, todas entremeiadas de pensamentos philosophicos e de sentenças moraes, unico ponto em que talvez igualasse o seu celeberrimo rival. O pouco que nos resta das composições de Bacchylides acha-se nos *Analectos* de Brunck, vol. 1.°, pag. 149 e 153.

Pertencem a este periodo alguns outros lyricos, taes como Telesilla, famosa heroina [2] que defendeu Argos, sua patria, contra os lacedemonios; Philoxeno de Cithera; Melanippides de Melos, e varios outros, que pouco

[1] Veja-se ácerca do merecimento de Pindaro a opinião de Quintiliano, liv. X, cap. 1.°, e a de Dionysio de Halicarnasso nos seus *Parallelos*. Consultem-se tambem o *Curso da litteratura* de la Harpe, tomo II, da edição de 1821, e a interessantissima obra do sr. Villemain: *Essai sur le génie de Pindare*, Paris, 1859.

Edd. Gottingæ 1798–99. 8 vol. de 8.° 1811; 2 vol. 8.° Gothæ, 1830, 2 vol. 8.°

[2] Ácerca de Telesilla considerada como heroina, veja-se Herodoto, *Erato*, c. 77, Plutarcho, *de virtutibus mulierum*, Clemente Alexandrino, *Stromat.* IV.

importa conhecer, porque da maior parte d'elles só sabemos os nomes, e estes não chegaram á posteridade cercados de uma aureola de gloria, que os torne dignos de menção particular em um opusculo da natureza d'este *Manual*.

SATYRA

Por não distrahir a attenção, que merecem particularmente occupar os grandes poetas lyricos acima referidos, os quaes formam um dos mais bellos ornamentos d'este aureo periodo litterario, não fallámos de alguns jambographos e satyricos, que, segundo a ordem chronologica, deveriam ter sido mencionados primeiro que algum dos sobreditos lyricos.

Eis-aqui os nomes dos mais celebres d'estes escriptores de jambos e satyras, de cujas obras mui poucos fragmentos conservâmos.

Simonides de Amorgos, que floresceu 660 annos A. C., compoz uma satyra contra as mulheres (Veja-se na collecção de Galsford e na de Boissonade).

Hipponax, natural de Epheso, viveu 560 annos A. C. Imitou a Archilocho, a quem dizem obrigára com suas invectivas a fugir d'aquella cidade. A sua mordacidade chegou a passar em proverbio [1].

Foi inventor de uma nova especie de jambo chamado *scazon* e *choliambo*.

Os fragmentos que d'elle nos restam foram publicados por Welker, Gottinga 1817.

Xenophanes de Colophonia (de quem já nos lembrámos quando tratámos dos poetas philosophos) escreveu satyras, nas quaes Homero e Hesiodo foram maltratados, principalmente por haverem introduzido nas suas poesias indecorosas ficções ácerca dos deuses.

POESIA DRAMATICA

Ao periodo aureo da litteratura grega coube a gloria de crear uma nova especie de poesia, isto é, o drama em todas as suas differentes fórmas conhecidas na antiguidade, a *tragedia*, a *comedia*, e a *tragi-comedia*. A primeira, assim que chegou a uma sufficiente madureza, propoz-se excitar o terror e a compaixão, pela representação de uma acção grande e interessante, as mais das vezes rematada por um funesto desenlace. A segunda en-

[1] V. Cicero, *Epist. ad Famil.* VII, 24, e Horacio, Epod. VI, 12.

carregou-se de pintar ao vivo «*As manhas e os baldões do indocil vulgo*», os defeitos e vicios que mais desafiam o riso ou os motejos, do que um castigo severo e legal. A *tragi-comedia*, finalmente, temperou a gravidade da tragedia sem descer de todo ao estylo comesinho da comedia; misturando artificiosamente o serio com o jocoso.

Das tres especies de poesia dramatica que ficam apontadas, a primeira na ordem chronologica foi a tragedia, porém muito differente na sua origem do que depois veiu a ser. As primeiras tragedias, tentames imperfeitissimos de engenhos incultos, eram apenas um embryão que, successiva e lentamente desenvolvido, foi tomando uma fórma fixa e regular. Deram-lhe origem as canções dithyrambicas cantadas nos campos em honra de Baccho, em cujo altar se immolava um bode, d'onde talvez tomasse o nome esta especie de composição [1].

Tal foi a origem da mais seria e grave de todas as composições poeticas. D'ella tambem dimanou a *comedia* e o *drama satyrico*.

A comedia [2] foi adquirindo o seu polimento mais lentamente que a tragedia, porque, como diz Aristoteles, *não foi protegida, como a tragedia, logo desde o principio, não tendo os magistrados tomado á sua conta estas representações, mas deixando-as ao arbitrio dos particulares* [3].

N'esta especie de drama distinguem-se tres epochas, dividindo-se a comedia em *antiga, media* e *nova*. A *antiga* acabou com a tomada de Athenas por Lysandro no fim da guerra do Peloponeso, porque os trinta tyrannos a prohibiram. N'ella se expunha ao riso de uma gentalha desenfreada, não só um caracter vicioso ou extravagante, mas tambem a pessoa

[1] A palavra tragedia deriva-se de τραξ, τραγος, que significa bode, e de ωδη, que quer dizer canto ou canção. Uns pretendem que lhe fôra dado tal nome, porque nas festas dionysiacas, de que a tragedia fazia parte, se sacrificava um bode ao deus a quem eram consagradas. Outros dão ao vocabulo etymologia differente, dizendo que o premio dos certames bacchicos nas primitivas composições dithyrambicas era um bode, e que por isso estas se ficaram denominando tragedias. O sr. Alexis Pierron, na sua *Historia da litteratura grega*, Paris, 1857, pag. 253, impugna esta segunda explicação, e accusa Horacio de haver inadvertidamente dito que o premio d'aquelles certames fôra um bode (*Arte Poetica*, v. 219), quando na realidade tinha sido um boi. Todavia não falta quem siga n'este ponto o critico venusino e o seu imitador Boileau, o qual na sua *Arte Poetica*, liv. III, diz:

Du plus habile chantre un bouc était le prix.

Ácerca da historia da tragedia grega consulte-se o 1.º livro dos *Estudos sobre os tragicos gregos* do sr. Patin, Paris, 1858.

[2] O nome veiu-lhe ou de κωμη, aldeia ou de κωμος, procissão, banquete e festa orgiacos.

[3] Arist., *Poetica*, cap. 5.º Consulte-se o erudito commentario do douto Soares Barbosa á *Poetica* de Horacio, pag. 153.

em quem se queria mostrar que existia tal caracter, representando a figura, trajo e nome de individuos particulares.

A comedia *media*, obrigada a guardar algum temperamento a tal respeito, absteve-se dos nomes e dos signaes exteriores; mas pintou tanto ao vivo os caracteres, que era facil fazer applicações igualmente prejudiciaes á reputação dos cidadãos. Julga-se ter durado esta epocha da comedia até á tomada de Thebas por Alexandre. A comedia *nova*, deixando de parte os caracteres individuaes, applicou-se a pintar com vivas cores caracteres geraes, tornando odiosos e ridiculos os vicios ou defeitos, mas de modo que ninguem ficava tendo o direito de queixar-se da mordacidade do poeta, sem por isso mesmo se confessar manchado do vicio ou defeito que fôra posto na scena.

O drama *satyrico* [1], que não era outra cousa senão a representação de uma acção em parte, tragica, em parte, comica, introduziu-se entre os gregos pouco depois da instituição dos certames tragicos, quando esta instituição havia adquirido maior apparato e aperfeiçoamento. N'estes certames, á successiva representação de tres peças serias, cujos protogonistas eram ordinariamente os mesmos [2], e a cuja collecção se dava o nome de *trilogia*, se acrescentava uma quarta peça, cujo côro era composto de satyros com figura de bodes que, presididos por Sileno seu corypheo, procuravam divertir os espectadores por meio de pulhas e chocarrices. Esta quarta peça junta ás tres primeiras formava a *tetralogia* dramatica. Nenhuma tetralogia completa chegou até aos nossos dias, e um só drama satyrico nos foi conservado, o *Cyclope* de Euripides, cuja leitura pouco nos faz lamentar a perda dos outros.

Finalmente, alem das tres especies de poesia theatral acima referidas, deve tambem fazer-se menção dos *mimos* ou comedia em prosa, de que dizem fôra primeiro inventor Sophron, de Syracusa, o qual floresceu pelos annos 400 antes da nossa era, e cujas composições n'este genero mereciam o apreço do grande Platão.

Thespis, natural de Athenas, é considerado como inventor da tragedia, por haver introduzido nos intervallos dos coros bacchicos a representação de um facto mythologico, as mais das vezes relativo ao deus do vinho. Os marmores de Paros memoram como um acontecimento importante a representação da primeira tragedia de Thespis, intitulada *Alcestis*, posta em scena, segundo aquella chronica, no anno correspondente ao 536 A. C. Antes d'elle, os mesmos marmores attribuem a Susarion a invenção da comedia.

[1] A respeito do drama satyrico veja-se a obra de Pinzger, *De dramatis græci satyrici origine*, Berolini, 1822.

[2] De todas as antigas trilogias uma só nos resta: o *Agamemnon*, as *Chæphoræ* e as *Eumenides* de Eschylo.

Pelas proprias expressões de Horacio [1] se vê, quanto era imperfeita a tragedia n'aquella sua primitiva epocha.

Phrynico, de Athenas, discipulo de Thespis, deu algum impulso ao melhoramento da tragedia. Uma que elle escreveu, e a que poz o titulo de *Tomada de Mileto*, tendo sido representada em Athenas, na 70.ª olympiada, produziu tão desagradavel impressão, por trazer á lembrança um acontecimento de triste recordação para os gregos, que o auctor houve de padecer perseguição e vexames.

Pratinas foi dorio e nasceu em Phlio, no Peloponeso. Póde ser considerado como inventor do drama satyrico, genero de peças dramaticas de que compoz mui crescido numero. Foi contemporaneo de Eschylo, a quem aplanou o caminho, bem como tambem lh'o aplanou Cherilo, atheniense, do qual se conta haver escripto cento e cincoenta dramas, em cujo numero treze alcançaram o premio nos publicos certames.

ESCHYLO

Eschylo nasceu em Eleusis 525 annos A. C. Poliu e melhorou de tal modo a tragedia, que Quintiliano o considera como o primeiro auctor e actor de poemas dignos d'este nome [2]. Alem do intrinseco merecimento de seus dramas, deveu-lhe o theatro muitas reformas e aperfeiçoamentos emquanto ao andamento da acção, ao numero e qualidade dos actores, á fixação da scena e ás decorações [3].

Tendo sido perseguido em Athenas pelos sacerdotes, por haver profanado os mysterios da religião, pondo-os em scena, principalmente na sua tragedia *As Eumenides*, e depois, havendo sido vencido por Sophocles nos certames que houve por occasião da trasladação dos ossos de Theseo, retirou-se para a Sicilia, ondé foi acolhido por Hieron, munifico protector das letras. Dizem que ali morrêra, esmagando-lhe o craneo uma tartaruga, deixada caír por uma aguia sobre a sua cabeça que, sendo totalmente despida de cabello, se afigurára áquella ave ser uma pedra.

[1] Ignotum tragicæ genus invenisse Camenæ
Dicitur et plaustris vexisse poemata Thespis,
Quæ canerent agerentque peruncti fæcibus ora
Art. Poet. 275.

Acerca de Thespis e dos mais antigos tragicos gregos de que ha memoria, consulte-se a citada obra do sr. Patin, tomo 1.º, pag. 5 e seguintes.

[2] *Tragœdias primus in lucem Æschylus*.... Livro X, c. I.

[3] V. o commentario de Soares Barbosa á *Arte poetica* de Horacio, pag. 152 e seguintes.

O caracter peculiar d'este poeta é a gravidade e elevação (esta ultima talvez chegasse a ser demasiada) e uma terribilidade em seus quadros, que faz que lhe possam ser comparados Dante e Shakespeare, ambos tão famosos no vigor do desenho e na viveza do colorido.

Muitos trechos de Eschylo excitam em nós um tal sentimento de terror, que fazem lembrar os versos com que o nosso Homero portuguez pinta a impressão produzida pelo aspecto do colossal Adamastor:

Arripiam-se as carnes e o cabello
A mim e a todos só de ouvi-lo e vê-lo.
LUSIADAS, canto V, est. 40.

Dionysio de Halicarnasso acha em Eschylo maior variedade que em Sophocles, emquanto á maneira de introduzir na scena os interlocutores.

De oitenta ou noventa tragedias que compoz, só nos restam sete, cujos titulos são os seguintes:

Prometheo agrilhoado; Os Persas; Os Sete Chefes diante de Thebas; Agamemnon; As Cœphoros; As Eumenides; As Supplicantes [1].

SOPHOCLES

Sophocles nasceu em uma aldeia perto de Athenas, cerca de 490 annos A. C. Exercitou na sua patria os mais elevados cargos militares e politicos. É notoria a negra ingratidão de seus filhos, que o quizeram fazer declarar demente. Contra elles ganhou Sophocles a propria causa, recitando aos juizes a sua tragedia intitulada *Edipo em Colono*, que recentissimamente compozera, na avançada idade de noventa annos.

Todos os criticos antigos e modernos são unanimes em reconhece-lo superior a Eschylo, a quem com effeito venceu nos publicos certames. Distinguiu-se mais que tudo na pintura das paixões fortes, dos sentimentos generosos. Todavia é mister confessar que Sophocles foi quasi tão atrevido como o tragico eleusino no emprego de termos novos, o que o torna algumas vezes escuro. De mais d'isso, o seu estylo é ás vezes nimiamente emphatico, segundo a opinião de Dionysio de Halicarnasso.

[1] Veja-se a rapida analyse que faz das tragedias de Eschylo La Harpe no seu *Curso de Litteratura*, tomo 2.º, pag. 16 e seg. Ácerca do merecimento d'este poeta consulte-se Aristoteles, *Poet.* IV, 16, Dionysio de Halicarnasso, *Vet. Script.*, Horacio, *Art. Poet.* 278, e J. A. Fabricio, *Bibl. gr.*, tom. 2.º, 164 a 193.

Edd. Lipsiæ, 1852, 2 vol. 8.º e Oxonii, 1854.

Os antigos o fazem auctor de mais de cem peças, das quaes apenas nos restam sete tragedias inteiras e alguns fragmentos. As tragedias são intituladas: *Ajax Furioso; Electra; Edipo Rei; Edipo em Colono; Antigone; As Trachinias; Philoctetes* [1].

EURIPIDES [2]

Euripides, natural de Salamina, veiu ao mundo 480 annos pouco mais ou menos A. C., e falleceu tendo setenta e oito annos de idade, na côrte de Archelao, rei de Macedonia, o qual não quiz conceder o corpo do seu illustre hospede aos athenienses, que lh'o haviam pedido, e que, em consequencia d'esta recusação, se contentaram com erigir-lhe um cenotaphio.

Euripides acabou de levar a tragedia ao seu mais alto grau de perfeição, corrigindo-a de toda a affectada elevação, e excedendo não sómente a Eschylo, mas tambem ao seu competidor Sophocles, na expressão dos sentimentos ternos, e no frequente, mas sempre opportuno e apropriado, emprego de maximas moraes.

Não se deve porém dissimular que ficou inferior a Sophocles na arte de referir o que não convinha expor sobre a scena. Alem d'isso algumas vezes se encontra em suas tragedias manifesta duplicidade de acção [3], e outras vezes a intervenção dos deuses em lances e desenlaces em que ella se não tornava indispensavel [4].

Os antigos lhe attribuiram um avultadissimo numero de tragedias, de que só dezoito nos foram conservadas, e alem d'isso um drama satyrico.

[1] O sujeito e acção de cada uma d'ellas acha-se summariamente indicado na excellente *Historia da litteratura grega* do sr. Pierrou, acima citada. O mesmo dizemos emquanto ao assumpto das tragedias de Eschylo e Euripides e ao das comedias de Aristophanes.

Ácerca do merecimento de Sophocles, vejam-se os juizos de Aristoteles, *Poet.* XXVI, 11, Quintiliano L. X, cap. 1.º, Longino, *Tract. de Sublimi*, cap. 33.º, Dionysio de Halicarnasso, *Vet. Script.*, La Harpe, *Cours de littérature*, tom. 2.º

Edd. Lipsiæ, 1827–28, 2 vol. in 8.º Oxonii, 1849, 2 vol. in 8.º

[2] Com fluctuantes roupas magestosas,
Com torvo aspecto, na sanguinea dextra
Com buido punhal, sombria e triste
Levanta a voz de Euripides a musa,
Pinta o fado dos reis, da sorte os golpes,
E das paixões tumultuante imperio.
(Macedo, *Meditação*, canto I.)

[3] Por exemplo, na *Ecuba*, no *Hercules Furioso* e no *Hippolyto*.

[4] Veja-se no *Orestes* a scena, na qual Apollo salva da morte a Hermione, e na *Iphigenia em Tauride* a scena em que Minerva apparece a Thoante.

Eis-aqui os seus titulos: *Hecuba; Orestes; As Phenicias; Medea; Hippolyto coroado; Alcestis; Andromacha; As Supplicantes; Iphigenia em Aulide; Iphigenia em Tauride; Rheso; As Troianas; As Bacchantes; Os Heraclides; Helena; Ion; Hercules furioso; Electra,* e *O Cyclope* [1].

Os tres poetas de que acima se deu uma succinta noticia, Eschylo, Sophocles e Euripides, são os unicos tragicos gregos que devem ser conhecidos de todos os que pretendem ter um rasoavel conhecimento da antiga litteratura classica. Depois d'elles, continuou a illustrar o theatro de Athenas um grande numero de outros [2] de que sómente sabemos os nomes, ou de que apenas conservâmos insignificantes fragmentos, e dos quaes fôra inutil o tecer aqui um longo catalogo.

Bastará mencionar Ion de Chios e Acheo de Erethria, que no *Canon alexandrino* [3] mereceram ser numerados logo depois dos tres grandes modelos da tragedia acima indicados [4].

[1] Ácerca do merecimento de Euripides, podem consultar-se os seguintes auctores: Aristoteles, *Poetic.* XIII, 10, XVIII, 21, Dionysio de Halicarnasso., *Vet Script.*, Quintiliano, liv. X, cap. 1.º Este sabio latino, deixando indecisa a questão de superioridade ácerca do merecimento comparativo de Sophocles e Euripides, julga este segundo mais proprio para ser proposto á imitação dos oradores, assim pelas excellentes maximas em que abunda, como pela admiravel expressão dos affectos, principalmente patheticos, que se encontra a cada passo nos seus dramas.

Edd. Parisiis, 1844, in 4.º; Lipsiæ, 1855, 3 vol. in 8.º

[2] Na bibliotheca grega de J. A. Fabricio (tom. 1.º, pag. 786 e seg.) se faz menção de trezentos e cincoenta poetas gregos que compozeram tragedias e comedias. O numero das peças escriptas por estes poetas dramaticos sobe a perto de tres mil, segundo o mesmo J. A. Fabricio, que compulsou diligentemente as obras de Suidas, Atheneo e outros antigos criticos e polygraphos, para colligir exactas noticias ácerca do theatro grego. De tão avultado numero de poemas dramaticos apenas nos restam quarenta e quatro peças inteiras, sete de Eschylo, sete de Sophocles, dezenove de Euripides e onze de Aristophanes.

Consulte-se a importante obra do padre Brumoy, intitulada *Théatre des Grecs*, que contém traducções e analyses dos dramaticos gregos. Paris, 1747, 6 vol. em 8.º: obra que foi consideravelmente augmentada pelo sr. Raoul Rochette, Paris, 1825 16 vol. tambem de 8.º

[3] Chama-se *Canon Alexandrino* um catalogo dos mais eminentes escriptores, poetas e prosadores, que mereciam ser propostos á imitação dos que se occupassem em similhantes ramos de litteratura. O *Canon* primitivo é commummente attribuido aos dois grammaticos Aristophanes de Bysancio e Aristarcho, que flóresceram dois seculos, pouco mais ou menos, antes da era christã. Posteriormente, outros criticos augmentaram e alteraram o primeiro catalogo, que conservou sempre o mesmo nome de *alexandrino*, porque os mais modernos criticos pertenciam igualmente áquella celebre escola.

[4] Veja-se Hugo Grocio: *Excerpta ex tragic. et comic. græcis.* Parisiis 1626, in 4.º

Tambem fôra prolixo e pouco conducente ao nosso proposito o entrar em miudas particularidades ácerca dos primeiros escriptores que empregaram seus engenhos no genero comico. Bastará dizer que á Sicilia se devem os mais antigos ensaios de uma fabula comica desembaraçada do chaos, e expurgada das chufas indecentes dos coros dithyrambicos. Esta gloria pertence principalmente, segundo Aristoteles, *Poet.*, Cap. V, a Epicharmo e a Phormis, que ambos floresceram em Syracusa, reinando Hieron, no seculo V antes da era christã [1]. Mencionaremos alem d'estes os seguintes poetas comicos da epocha primitiva:

Eupolis, natural de Athenas, que floresceu 440 annos A. C. Atacou com indizivel virulencia os costumes effeminados de seus compatriotas, e signaladamente o licencioso procedimento de Alcibiades. Só temos alguns fragmentos de suas comedias, nas quaes deu soltas ao seu caracter insoffrido, e não foi parco em allusões e invectivas sobre assumptos politicos [2].

Cratino, compatriota e contemporaneo do precedente. A satyra pessoal era o objecto dominante em suas comedias. Dizem haver composto trinta e oito, nove das quaes lhe grangearam a victoria sobre seus antagonistas. No excesso da sua mordacidade, não poupou os mais distinctos cidadãos, as personagens mais elevadas, entre ellas Pericles. Temos d'este auctor apenas alguns poucos versos, que nada notavel encerram [3].

ARISTOPHANES [4]

Aristophanes é o unico dos comicos gregos de que conservâmos peças inteíras. Crates, Eupolis e Cratino lhe haviam aberto o caminho; mas foram por elle muito excedidos. Já fica dito, em que consistia a nimia liberdade que Horacio (Sat. IV, liv. I) nota na comedia chamada antiga, que foi aquella em que estes tres poetas se distinguiram.

Aristophanes nasceu no anno 460 A. C., uns dizem que em Rhodes, outros que em Egina; é porém fóra de toda a duvida ter sido domiciliado em Athenas.

[1] V. o commentario de Soares Barbosa á poetica de Horacio, pag. 154, 154.
[2] V. Horacio, Sat. I, 4, Cicero, *ad Attic*, VI. 1.
[3] V. Hor., Sat. I. 4, Quintil., L. X, 1.

[4] Festival Aristophanes debuxa
Os vicios e baldões de indocil vulgo,
Té dos sabios o orgulho e as vãs idéas;
Treme a seu riso amargo ind'hoje o vicio.
(Macedo, *Meditação*, Canto I.)

O principal merecimento das suas peças consiste na riqueza da invenção, na propriedade das allusões e, mais que tudo, n'uma inexhaurivel variedade de expressões chistosas, e n'uma nunca desmentida pureza de linguagem, que o constitue um dos modelos do mais fino atticismo. A par d'estas brilhantes qualidades, desgraçadamente se lhe notam defeitos, que muito as deslustram, e que tornam a leitura de suas obras perigosa aos bons costumes, merecendo assim a justa censura de todo o critico discreto e amigo da honestidade e da decencia. Com effeito, Aristophanes, no azedume de seus sarcasmos, não poupa as reputações mais bem estabelecidas, taes como as de Socrates e de Pericles; e no desenfreamento de suas chocarrices, não guarda respeito, nem mesmo apparentemente, ás sagradas leis do decoro. Por este motivo o grave e judicioso historiador philosopho de Cheronéa parece quasi ter fechado os olhos para não ver as bellezas de Aristophanes, a quem trata com extrema severidade no parallello que faz entre elle e Menandro [1].

Emquanto á linguagem e atticismo de Aristophanes, os elogios dos antigos são unanimes, e Platão, discipulo do grande moralista tão indignamente maltratado na comedia das *Nuvens*, diz em um dos seus epigrammas, que as graças haviam escolhido por santuario o espirito de Aristophanes.

De sessenta peças que compoz, só nos restam onze: *Os Acharnenses; As Nuvens; Os Cavalleiros; As Rãs; As Vespas; As Aves; A Paz; A Assembléa das Mulheres, As Festas de Ceres, Lisistrata* e *O Pluto* [2]. Esta ultima é contada pelo padre Brumoy no numero das comedias pertencentes á segunda epocha d'esta especie de drama, e com effeito não se encontram n'ella as mesmas atrevidas personalidades que nas precedentes, e a fabula encerra uma engenhosa allegoria.

SOPHRON

Sophron, que viveu em Syracusa no tempo dos tyrannos Dionysios, foi auctor de mimos ou comedias em prosa, que não eram representadas,

[1] «Aristophanes, diz Plutarcho, exagera o mal que se acha realmente na sociedade, e falla mais depressa á gentalha do que ás pessoas de bem; o seu estylo é crivado de disparatados conceitos; algumas vezes elevado até chegar a ser turgido; outras, familiar até descer a chulo; jocoso até se tornar pueril.... N'elle a finura se converte em malignidade, a singeleza em pequice; seus motejos mais merecem ser acolhidos com pateada, do que são capazes de provocar o riso. N'uma palavra, elle não escreve para agradar ás pessoas honestas e sensatas, senão para lisonjear a inveja, a malignidade e a devassidão.» Este trecho é tirado de um opusculo de Plutarcho, cuja maior parte se perdeu e de que só conservâmos um extracto feito por um escriptor desconhecido.

[2] V. uma rapida analyse da maior parte das comedias de Aristophanes no *Curso de litteratura* de La Harpe, tom. 2.º pag. 198 e seg. Ed. Parisiis, 1839, 1 vol. 8.º

mas simplesmente lidas ou recitadas. Estas peças, ao principio informes, muito grosseiras e licenciosas, deveram a Sophron uma certa regularidade e até uma tendencia moral, que as tornava sobremaneira uteis para a educação da mocidade.

Leiam-se alguns restos das scenas moraes de Sophron, que dizem foram o primitivo modelo do dialogo socratico, na collecção de H. Grocio, Parisiis, 1626, 8.°

POESIA EPICA

Este periodo viu apparecer alguns epicos de alguma nomeada, mas de cujas obras apenas temos conhecimento pela menção e juizo que d'ella fizeram os escriptores antigos. Todos forcejaram por imitar Homero, porém nenhum d'elles se elevou até ao ponto de igualar tão sublime modelo. Os principaes são os seguintes:

Cherilo. Natural de Samos, que floresceu 479 annos A. C., cantou em versos heroicos as proezas dos gregos na guerra persica, e recebeu dos athenienses esplendida remuneração. Horacio não fazia grande conceito do merecimento d'este poeta, se a este Cherilo é que elle se refere no verso 347 da *Arte poetica*.

Panyasis. Uns dizem que fôra natural de Samos, outros que de Halicarnasso; viveu 490 annos A. C. Celebrou em metro heroico os trabalhos de Hercules, e compoz um poema em versos elegiacos ácerca das ilhas Jonias.

Dionysio de Halicarnasso reconhece na sua *Heracleida* um estylo esmerado.

Temos fragmentos d'este poeta nos *Analectos* de Brunck, vol. 3.°, pag. 130 e 328.

Antimacho. Nasceu em Claros, na Jonia, 412 annos A. C. Entre outras obras, compoz um longo poema sobre a guerra de Thebas, que obteve grandes elogios entre os antigos, e que o imperador Adriano pretendeu fazer considerar como igual aos de Homero; mas que, segundo o juizo mais competente de Plutarcho *(Vida de Timoleon)* e de Quintiliano (liv. X, cap. 1.°) não tinha nem a ordem nem as bellezas poeticas que tornam tão interessantes e tão admiraveis os poemas do cantor de Achilles e de Ulysses [1].

[1] V. Dionysio de Halicarnasso na sua obra critica, mais de uma vez citada. Os fragmentos que restam de Antimacho, foram colligidos e annotados por H. G. Stoll, Dillemburg, 1845, 8.°

PROSA

HISTORIA

No periodo aureo da litteratura grega é que teve origem entre os povos hellenos a prosa escripta. Nos primeiros tempos da civilisação hellenica, a historia (assim como tambem a arte e a sciencia) estava confundida na unidade mythologica. A poesia havida em mais subido apreço, foi a epopéa nacional mythologica, elevada ao maior grau de perfeição por Homero. Insensivelmente, nos poemas cyclicos o elemento historico foi tendendo a segregar-se e desenvolver-se. Depois, como cada vez se ia tornando mais commum na Grecia o uso da escripta alphabetica, achâmos, no tempo que medeia entre os annos 540 e 500 antes da nossa era, a *logographia,* isto é, a tradição escripta e emancipada da servidão do metro. As logographias ao principio não foram outra cousa mais do que genealogias de tribus ou familias; simples indicações da fundação de cidades; commemoração de acontecimentos importantes, politicos ou militares. Em summa, foram como uma especie de chronicas, desacompanhadas de qualquer genero de reflexões, com pouco ou nenhum nexo racional, e carecentes de todo artificio de elocução e estylo.

Os mais celebres de entre os logographos, precursores dos grandes historiadores da Grecia, foram os seguintes:

Cadmo, natural de Mileto (521 A. C.).

Dionysio, tambem de Mileto (513).

Acusilao, de Argos (509). Todos estes tres pertencem ainda á histôria mythologica e á classe dos cyclicos; mas tambem escreveram logographias estimadas na antiguidade.

Hecateo, de Mileto, que tomou parte na revolta dos jonios contra Dario no anno 503 A. C., escreveu *genealogias* e a historia de muitos paizes estrangeiros.

Hellanico, de Mitylene (460), foi auctor de uma especie de descripção geographico-historica do mundo então conhecido.

Pherecydes, nascido em Leros, pequena ilha na costa da Jonia (509), mas que habitava em Athenas, occupou-se principalmente de indagar e expor as tradições relativas áquella cidade.

Os fragmentos que nos restam dos logographos acham-se na collecção de F. Creuzer. Heidelberg, 1806, 8.° Uma collecção amplissima de todos os fragmentos dos antigos historiadores gregos, foi modernamente publicada em Paris, 1841–1851, com o titulo: *Fragmenta Historicorum Græcorum,* em 4 vol. de 4.°

HERODOTO

Apesar dos muitos *logographos* ou escriptores, que, como acima se disse, se haviam occupado em transmittir á posteridade em singelas narrações os mais importantes factos religiosos e politicos que haviam occorrido, principalmente os relativos á Grecia, Herodoto é geralmente reputado como pae da historia. Talvez esta denominação lhe proviesse de ter elle sido o primeiro que extremou mais accuradamente, quanto a extensão de seus conhecimentos lh'o permittiu, as relações veridicas das mythologicas, procedentes de confusas tradições, ampliadas, ornadas e alteradas pela viva imaginação dos poetas.

Como quer que seja, é elle o mais antigo de todos os historiadores profanos, cujas obras chegaram até nós.

Herodoto nasceu em Halicarnasso, cidade da Caria, 484 annos A. C. Dizem que, depois de longas viagens e porfiadas diligencias para obter informações fidedignas ácerca dos primordios e antigas instituições de differentes nações, se recolhêra á ilha de Samos para ir escrever com mais tranquillidade o resultado de suas investigações. Compoz a sua historia em dialecto jonico [1], do qual é o mais puro e perfeito modelo, e a dividiu em nove livros, a cada um dos quaes poz o nome de uma das musas. Ella abrange o espaço de duzentos e vinte annos, começando em Gyges, rei da Lydia, e acabando na batalha de Mycale, no oitavo anno do reinado de Xerxes, 479 annos A. C.

O estylo de Herodoto foi desde logo applaudido pelos seus contemporaneos, excitando um grande enthusiasmo, quando os seus livros foram lidos publicamente nos grandes jogos olympicos, e em Athenas nas festas panathenaicas. Uma constante naturalidade e uma não affectada doçura formam o seu caracter. A este respeito é unanime o sentir dos antigos e dos modernos. Emquanto á sua exactidão historica, não ha igual unanimidade. Plutarcho o accusa de maligno em prejuizo dos thebanos. Outros o justificam sobre este ponto. O que parece certo é que algumas vezes, se bem que raras, admittiu, sem exame, informações erroneas, tradições pouco ou nada fundadas, que havia recolhido, quando perlustrára o Egypto, o Epiro, a Macedonia, a Thracia, a Phenicia e a Palestina.

Tendo sido obrigado a sair da sua patria em consequencia de dissabores que n'ella experimentára, veiu acabar seus dias em Thurio, colonia grega na Magna Grecia, 413 annos antes da nossa era [2].

[1] Sobre o dialecto de Herodoto consulte-se: *Quæstiones criticæ* por F. J. C. Lipsiæ, 1846.

[2] A respeito do merecimento de Herodoto considerado como escriptor, veja-se o juizo de Quintiliano (liv. X, cap. 1.º) e o parallelo que faz entre elle e Xenophonte,

THUCYDIDES

Thucydides nasceu em Athenas, de uma familia nobre, 471 annos A. C. Na opinião geral dos criticos mais entendidos, occupou sempre um muito distincto logar entre os melhores historiadores, pendendo ainda indecisa a antiga controversia, relativa á primazia entre elle e Herodoto. Sobre este ponto póde consultar-se o juizo comparativo que d'elles fazem Dionysio de Halicarnasso e Quintiliano. Aqui bastará dizer que em dois pontos o historiador atheniense faz indubitavel vantagem ao seu illustre predecessor na mesma carreira; a saber, em escrupulosa exactidão na relação dos factos, e na eloquencia que se admira nos discursos por elle compostos e attribuidos aos differentes personagens que figuram na sua historia. É tambem superior a todo o elogio pela profunda philosophia e conhecimento do coração humano, que revela em toda a sua obra, e bem assim pelas maximas moraes e politicas que abundam n'esses mesmos discursos.

Emquanto ao estylo, Thucydides é reputado um dos melhores modelos do attico puro; porém a sua concisão produz obscuridade, e com effeito foi sempre considerado como um dos mais difficeis prosadores gregos.

O assumpto da sua historia, á qual não pôde pôr o ultimo remate, é a celebre guerra do Peloponeso. Durando ella, fôra-lhe confiado o commando militar em uma empreza em que, devendo lutar contra Brasidas, general dos lacedemonios, não obteve as vantagens que Athenas esperava alcançar por seu meio. A perda de Amphipolis, que elle não pôde impedir, se por um lado lhe fez incorrer na desgraça de seus compatriotas, por outra parte lhe facilitou a opportunidade de se occupar exclusivamente no logar do seu desterro, isto é, na Thracia, d'onde era oriundo, em compor a sua historia, que lhe grangeou fama mais gloriosa, que a que teria alcançado, tomando muitas cidades e ganhando muitas victorias [1].

XENOPHNOTE

Xenophonte nasceu em Athenas 477 annos A. C. De todos os historiadores gregos foi elle sem duvida o que pôde blasonar de ter mais titulos a um renome immortal, pois foi grande não só como historiador, mas tambem como philosopho, como estadista e como general. Pentence á historia politica referir o que n'estas duas ultimas qualidades lhe deveu

Dionysio de Halicarnasso, na sua carta a Pompeo; parallelo que foi traduzido pelo insigne humanista Rolin, e acompanhado de doutissimas observações criticas. *Hist. ant.*, tomo 11.º Ed. de Herodoto: Londini, 1823, 2 vol. in 8.º

[1] Edd. Lipsiæ, 1790. 2 vol. in 4.º; Londini, 1830, 3 vol. in 12.º

a pátria, e o grande quinhão de gloria que lhe pertenceu na famosa retirada dos dez mil, de que elle mesmo foi tão fiel como elegante narrador. Apesar de tantos serviços e do seu esclarecido engenho, banido, em consequencia de vãs suspeitas, pela ingrata patria, acabou seus dias em uma sua quinta na Elide, junto a Olympia, onde empregára o seu forçado descanso em compor um grande numero de obras, todas do mais relevante merecimento, e que se podem dividir em duas classes differentes, *philosophicas* e *historicas*. As historicas, das quaes unicamente se deve fazer menção n'este logar, são as seguintes: A *Cyropedia*, ou a educação de Cyro, que geralmente se crê, ser antes um romance moral, em que se debuxou o modelo de um bom principe, do que uma historia verdadeira. Em todo o caso, a sua leitura é summamente interessante como pintura dos costumes orientaes, e sobremaneira util como exhortação paradigmatica ao exercicio das virtudes sociaes, militares e privadas.

A *Anabasis* ou expedição de Cyro o moço, em sete livros. Mr. Ficker, no seu *Epitome de litteratura classica antiga* [1], com rasão chama a esta obra um dos mais bellos monumentos da arte historica na antiguidade. Facilmente se concebe com quanto esmero trabalharia o auctor na exposição de factos gloriosos, em que elle mesmo tivera parte tão distincta.

Factos hellenicos, em sete livros, continuação da historia de Thucydides até á batalha de Mantinéa. É commum opinião que esta parte da historia contemporanea não corresponde em exactidão e belleza ás demais obras historicas de Xenophonte.

Finalmente se lhe attribue um *elogio de Agesilao*, que alguns criticos severos julgam producção de outra penna mais emphatica e menos philosophica.

Emquanto ao seu estylo, nada mais honroso para Xenophonte do que o conceito, que n'este particular mereceu ao grande rhetorico de Cordova [2]. «Que direi eu (são expressões suas) d'aquella encantadora doçura de Xenophonte, tão alheia de toda a affectação, mas que nenhum esmero poderia igualar? A sua linguagem parece ter sido dictada pelas Graças, e com muita rasão se lhe poderia applicar o que a antiga comedia dissera de Pericles, que a deusa da persuasão residia em seus labios [3].»

CTESIAS

Ctesias foi natural de Gnido e contemporaneo de Xenophonte. Escreveu uma historia da Persia e um livro sobre a India, do qual só temos

[1] A pag. 109 da traducção franceza por Mr. Theil.
[2] Quint., *Inst.*, Liv. X, cap. 1.°
[3] Edd. Parisiis, 1838, in 4.°, Lipsiæ, 1839, 6 vol. in 18.°

um extracto, que nos foi conservado por Phocio na sua *Bibliotheca*, e que se acha no fim da edição de Herodoto por Wesseling.

PHILISTO

Philisto, nascido em Syracusa 405 annos A. C., foi desterrado d'aquella cidade pelo tyranno Dionysio, o mais velho; escreveu no seu exilio varios livros historicos relativos aos acontecimentos da sua patria, e morreu combatendo contra Dion em defeza de Dionysio o moço, de quem era bemquisto. Dionysio de Halicarnasso o compara com Xenophonte, a quem o declara superior em mais de um ponto. Pouco interesse porém nos póde inspirar um tal parallelo, vistoque todas as obras de Philisto foram victimas da injuria dos tempos.

Os poucos fragmentos que d'elle ficaram, foram colligidos por F. Goller, Lipsiæ, 1808. 8.°

THEOPOMPO

O mesmo Dionysio de Halicarnasso nos propõe como modelo de um optimo historiador a muitos respeitos, Theopompo de Chios, que floresceu 354 annos A. C., e que escreveu um grande numero de obras historicas, de que conservâmos alguns fragmentos. Tinha sido discipulo de Socrates.

Os criticos antigos notaram n'elle um espirito satyrico e uma habitual mordacidade, procedida talvez da pretensão que tinha de penetrar nos mais reconditos escondrijos do coração humano. (Lugduni Batav., 1829, 8.°)

EPHORO

Ephoro, nascido em Cumas, 345 A. C., foi discipulo de Isocrates (como tambem o foi Theopompo) e escreveu em estylo mais oratorio que historico uma historia dos gregos desde o regresso das Heraclides, 1191 A. C. até 840 A. C.

Os fragmentos de Ephoro foram impressos em Carlsruhe, 1815, em 8.°

GEOGRAPHIA

A geographia, sciencia que tem tão estreita relação com a historia, e de que esta tanto depende para ser convenientemente tratada e entendida,

fez consideraveis progressos desde os tempos de Homero até ao apparecimento das primeiras producções em prosa. Comtudo não póde citar-se um só escriptor d'este periodo aureo que sobre este ramo de erudição tenha composto obra digna de individualisada menção em um compendio tão resumido como o presente *Manual*. As breves narrações de viagens conhecidas com o nome de *periplos*, taes como a de Hannon em 490 A. C. ao longo das costas occidentaes da Africa, composta primitivamente em idioma punico e depois vertida em grego; e a de Scylax, que foi mandado por Dario, filho de Hystaspe, explorar as costas do golfo Persico e o rio Indo, tem grande importancia debaixo do aspecto da erudição e da sciencia, mas pouco, ou nenhum, sob o aspecto propriamente litterario. Sobre estes periplos, e em geral sobre a geographia da antiguidade, consultem-se as obras dos doutissimos D'Anville, Paris 1782, tres volumes em 12.°, Gosselin, Paris 1797–1813, quatro volumes em 4.°, e o primeiro volume da grande obra de Malte-brun, Paris, 1858.

Aqui não será descabido advertir que se chamam *pequenos geographos gregos*, todos os escriptores gregos que trataram de geographia, á excepção de quatro: *Estrabão, Pausanias, Ptolomeu* e *Estevão de Byzancio*, que são denominados *grandes geographos* [1].

ELOQUENCIA

O estado politico da Grecia, paiz dividido em pequenas republicas, onde todos os cidadãos podiam aspirar ás primeiras dignidades, devia concorrer muito poderosamente para o apparecimento de um grande numero de oradores, principalmente em Athenas, que era como o centro da civilisação hellenica.

Com o andar dos tempos, criticos dotados de bom gosto, fundados em discretas e continuadas observações, procuraram submetter a certas regras

> «O dom maior que a natureza outorga,
> Do humano affecto a despota eloquencia» [2]

e, para facilitarem o estudo d'estas regras, reduziram a tres generos as quasi innumeraveis especies de discursos que podiam ser compostos pelos oradores [3].

[1] As obras e fragmentos de todos os geographos gregos chamados *menores*, acham-se na collecção impressa em Paris, 1855–1861, em 4 vol. de 4.°

[2] Macedo, *Meditação*, canto I.

[3] «Todo o ouvinte (diz Aristoteles, *Rhet.* 1, 3) necessariamente ha de ser espectador ou juiz. Se juiz, ou o ha de ser das cousas passadas ou das futuras. Se das

Mas muito tempo antes que se estabelecessem preceitos para cada um dos tres generos de causas, *demonstrativo, deliberativo* e *judicial*, já Solon, Pericles, Alcibiades e outros grandes politicos e estadistas tinham conseguido arrastar a seu talante as vontades da multidão, excitar a admiração, e merecer os applausos de seus ouvintes. Estes grandes homens empregaram sem duvida os meios que posteriormente foram signalados como preceitos pertencentes ao genero *deliberativo*. O desejo de fazer brilhar o engenho e facundia natural, mais talvez do que o de attrahir á virtude, tecendo em publico elogios aos heroes e invectivando contra a corrupção dos costumes, deu origem ao genero *demonstrativo*. Finalmente os esforços que se faziam para arrancar ao castigo os réus, mostrando a sua innocencia, ou para provocar o rigor das leis em punição dos criminosos, deram origem á eloquencia *judicial*. A gravidade do objecto d'esta ultima especie de eloquencia parecia excluir d'ella toda a sorte de ostentação; porém no decurso dos tempos nenhuma especie de discursos se prestou tanto como os forenses ás cavillações e a uma vã loquacidade. Os oradores abusaram do dom de fallar, como os sophistas abusaram do espirito philosophico.

A Sicilia foi o berço da rhetorica, aindaque se não sabe ao certo a epocha exacta em que esta arte foi inventada. O primeiro de quem se conta ter ideado um projecto de regras para dirigir o exercicio da eloquencia natural, foi Empedocles de Agrigento. Os escriptores mais antigos que se occuparam positivamente d'este assumpto foram Corax e Tisias, ambos moradores em Syracusa, pouco depois da morte de Hieron, cerca do anno 450 A. C. Nada nos resta dos escriptos d'estes dois antigos mestres da oratoria.

Da Sicilia algum tempo depois passaram estes estudos para Athenas, onde acharam tão bem disposto terreno, e onde foram cultivados com tanto desvelo, que em breve se viram surgir aquelles grandes modelos de eloquencia, objectos de admiração de todos os povos e de todas as idades.

GORGIAS

Gorgias, nascido 500 annos antes da nossa era, e fallecido quasi na idade de cem annos, tendo vindo da Sicilia, sua patria, a Athenas, incumbido de uma embaixada, pronunciou um panegyrico em honra dos guer-

futuras, é consultor, se das passadas julgador. Se nem uma nem outra cousa, e conhece só da eloquencia e força do discurso, é espectador. Assim, de necessidade se devem admittir tres generos de orações, *deliberativas, judiciaes e epidicticas.*»

V. as Instituições de Quintiliano, traduzidas e illustradas por Jeronymo Soares Barbosa, tom. 1.º, pag. 72, edição de Paris de 1836.

reiros mortos na batalha de Salamina. Foi elle o primeiro que abriu uma escola de rhetorica n'aquella cidade, a qual já então florescia mais que nenhuma outra no cultivo das boas artes. Antes d'elle nenhum outro escriptor se havia esmerado na composição symetrica dos periodos. Gorgias ministrou a seus numerosos discipulos preceitos e modelos de eloquencia e de harmonia do estylo, praticando constantemente as regras que ensinava ácerca dos numeros oratorios.

A sua facundia brilhou tanto nos jogos pythicos e olympicos, que em Delphos lhe levantaram uma estatua.

Existem attribuidos a Gorgias dois discursos ou declamações, o *elogio de Helena* e a *apologia de Palamedes*, cuja authenticidade é duvidosa.

Estes dois discursos acham-se na collecção *Decem Orat. Attic.*, de Reiske, vol. 8.°, e na de Bekker, vol. 5.°

ANTIPHONTE

Antiphonte nasceu no anno 480 A. C., em Rhamnunte, villa da Attica. Padeceu o ultimo supplicio em 411, condemnado como traidor por haver tentado concluir a paz com os lacedemonios. Compozera um grande numero de discursos e declamações, de que só nos restam quinze.

Foi o primeiro que escreveu um tratado regular e systematico sobre a arte oratoria, na qual teve a gloria de contar por discipulo o grande Thucydides.

Os discursos de Antiphonte encontram-se nas collecções acima citadas. (Reiske, vol. 7.°, Bekker, vol. 1.°)

ANDOCYDES

Andocydes nasceu em Athenas no anno 468 A. C. Foi perseguido e desterrado por se haver malquistado com a facção de Alcibiades, de quem era rival.

Existem d'elle quatro discursos, notaveis por uma singeleza de estylo puro e elegante, que parece obra de um engenho feliz sem dependencia alguma dos artificios de uma eloquencia estudada.

(Reiske, vol. 4.°, Bekker, vol. 1.°)

LYSIAS

Lysias, nascido em Athenas no anno 458 A. C., de uma familia oriunda de Syracusa, estudou a eloquencia na Sicilia, onde esta disciplina con-

tinuava a florescer. No tempo da guerra do Peloponeso voltou a Athenas, que de novo deixou depois do estabelecimento dos trinta tyrannos, para ir residir em Megara, onde acabou seus dias na idade de oitenta annos. É prodigioso o numero de discursos que a antiguidade lhe attribue; houve quem o fizesse subir a mais de quatrocentos. Hoje só nos restam trinta e cinco. Segundo o parecer de Dionysio de Halicarnasso, cujo juizo nos deve merecer todo o credito, Lysias em suas composições teve mais em mira a utilidade das partes cuja causa defendia (no genero judicial é que elle particularmente se distinguiu) do que a ostentação do seu engenho e o deleite dos ouvintes. Não se occupou muito em amplificar; mas reina nas suas orações grande doçura, sustentada pelas graças de uma desaffectada eloquencia. O seu estylo natural e singelo é ao mesmo tempo elegante e, parecendo á primeira vista claro e pouco ornado, é comtudo difficillimo de imitar [1].

A authenticidade da oração funebre dos athenienses mortos em defeza da patria, é posta em duvida por muitos eruditos.

(Collecção de Reiske, vol. 5.º e 6.º)

ISOCRATES.

Isocrates nasceu em Athenas no anno 436 A. C., e morreu no anno 338.

Uma timidez natural, e a fraqueza e pouca flexibilidade da sua voz, obstaram a que figurasse na scena politica; porém a fecundidade e felicissima disposição do seu engenho, cultivado sob a direcção dos melhores mestres do seu tempo, Tisias e Gorgias, o habilitaram a prestar serviço não menos importante á sua patria, votando-se ao ensino litterario da mocidade [2], a quem inculcou ao mesmo tempo os principios da moral mais pura que era possivel esperar de quem vivia nas trevas do polytheismo.

Nenhum dos discursos que compoz foi por elle recitado em publico. Nem por isso foi menor a sua reputação, antes todos no seu tempo o consideraram como principe na eloquencia.

Em quanto ao estylo a unica censura que se lhe fez foi de ter sacrificado algumas vezes a energia dos conceitos á symetria dos periodos, sem-

[1] *Lysias subtilis atque elegans, quo nihil si oratori satis sit docere, quæras perfectius... puro tamen fonti, quam magno fluvio propior.* Quint., liv. X, cap. 1.º

Já antes de Quintiliano, Cicero fallára ácerca de Lysias em termos analogos: *Fuit Lysias egregie subtilis atque elegans, quem jam prope audeas oratorem perfectum dicere.* (Cic. in *Bruto*, cap. XXXV.)

[2] *Ex Isocratis ludo, tamquam ex equo Trojano, innumeri principes extiterunt.*

pre compassados e melodiosos. Porém este defeito, se o teve, foi compensado por tantas prerogativas, que mereceu ser numerado no *Canon alexandrino* entre os oradores da primeira ordem.

Havendo tido constantemente em mira o misturar o agradavel com o util, foi generoso e ás vezes prodigo de toda a qualidade de ornatos. Ninguem o excedeu, nem sequer o igualou, na suavidade de estylo, na harmonia de composição, na cadencia das phrases; mas, sem offensa da sua memoria, póde dizer-se que não se elevou até á verdadeira eloquencia que persuade e arrebata.

As melhores obras de Isocrates são o seu *Panegyrico*, considerado como peça da mais exornada composição, e o discurso a *Demonico*, que encerra as mais solidas maximas e os mais poderosos incentivos á pratica da virtude. Em attenção particularmente a este discurso e ao que dirigiu a *Nicocles*, Isocrates foi sempre havido como o mais moral de todos os oradores gregos, e, o que ainda lhe dá maior realce, o seu procedimento pessoal nunca desdisse da pureza das doutrinas cuja pratica recommendava. D'elle se refere que estando á mesa de um rei de Chypre, instado para que dissesse alguma cousa, respondêra mui discretamente: «As cousas que eu sei, não seriam aqui de sazão; as que seriam de sazão, não as sei[1]».

(Collecção de Bekker, vol. 2.º)

LYCURGO

Lycurgo nasceu no anno 408, e floresceu no anno 325 A. C. Foi discipulo de Platão e de Isocrates. Cidadão probo e amigo da sua patria, incorreu no odio de Philippe e de Alexandre de Macedonia. Este ambicioso conquistador chegou a exigir da rèpublica de Athenas que lhe houvesse de entregar Lycurgo, accusando-o de promotor de criminosas correspondencias entre aquelle estado e o reino da Macedonia; felizmente porém aquella republica não se manchou com uma condescendencia que fôra um castigo infligido ao mais acrysolado patriotismo.

O caracter particular do estylo de Lycurgo, diz Dionysio de Halicarnasso, consistia em uma vehemencia sem igual: amplificava continuamente, tinha sempre o fito na clareza e gravidade; não procurava o agradavel, o seu alvo era a verdade e o bem publico.

Ed. de Bekker, Magdeburgo, 1821. Coray, París, 1826.

[1] Pseudo-Plutarch., *de dec. Orat. græc. in Isocrat.* Ácerca do merecimento de Isocrates vejam-se os juizos de Dionysio de Halicarnasso; Quintiliano, liv. X, cap. 1.º; Paterculo, I, 16.

ISEO

Iseo, natural de Chalcis, vindo estabelecer-se em Athenas, nos fins da guerra de Peloponeso, foi discipulo de Lysias e mestre de Demosthenes. Igualou a Lysias na pureza, perspicuidade e concisão, excedeu-o na energia. Restam-nos d'elle onze discursos todos pertencentes ao genero judicial.

Acham-se na collecção de Reiske, tom. 6.°, e na de Bekker, tom. 3.° A oração *sobre a herança de Menecleo*, descoberta recentemente, foi publicada e interpretada por Angelo Mai, Milão, 1815, 8.°

HYPERIDES

Hyperides, natural de Athenas e contemporaneo de Iseo, foi discipulo de Platão e de Isocrates. Zeloso pela liberdade da sua patria, veiu a ter o mesmo tragico fim que Demosthenes, perecendo victima da tyrannia de Antipatro. Escreveu cincoenta e dois discursos, de que só nos restam tres achados em 1853. Um d'elles é uma oração funebre em honra de Leosthenes, Londres 1859; outro em favor de Lycophron, e outro em favor de Euxenippo, Marburg, 1857.

Dyonisio de Halicarnasso o propõe como modelo quanto á delicadeza e symetria das narrações, e o declara superior a todos n'aquella fina ironia, que muitas vezes tem mais vigor e produz mais effeito que os mais violentos ataques [1].

DEMOSTHENES

Demosthenes nasceu em uma pequena villa da Attica, no anno 385 A. C., e morreu aos sessenta annos de idade, tendo bebido veneno para não caír nas mãos de Antipatro, oppressor da liberdade da Grecia.

A porfiada luta que teve de sustentar, para se oppor aos projectos de Philippe e de Alexandre contra a independencia da sua patria, é propriamente do dominio da historia politica.

Todos os seus contemporaneos, a quem não cegava a inveja ou a malignidade, reconheciam n'elle um habil administrador, um estadista perspicaz e profundo; na eloquencia porém é que elle brilhou com lustre sin-

[1] *Dulcis in primis et acutus Hyperides, sed minoribus causis, ut non dixerim utilior Æschine, magis par.* Quint. Lib. X, cap. 1.° Veja-se tambem o juizo de Dionysio de Halicarnasso, acima citado, e o de Cicero *De Oratore*, III, 7.°

gular, e assim, é unanimemente considerado como o principe dos oradores gregos.

É bem conhecida a constante rivalidade que houve entre Demosthenes e Eschines, cujo resultado foi o desterro d'este ultimo. Os elogios que toda a antiguidade fez da facundia do terrivel adversario da dominação macedonica, só se podem comparar com os que sempre se tributaram ao creador da epopéa. Bastará apontar o conceito em que o tiveram os dois melhores contrastes que em pontos taes se podem citar, Cicero e Quintiliano. Cicero diz: «A idéa que formo da eloquencia, n'elle a vejo desempenhada. Elle attinge aquelle auge de perfeição que imagino, mas que só acho n'elle[1]». Quintiliano exprime-se da maneira seguinte: «Aos dez oradores atticos contemporaneos grande vantagem levou Demosthenes, o qual foi reputado como uma norma de eloquencia[2]».

O caracter proprio do seu estylo não é um brilho vivissimo, que deslumbre, é uma energia, uma impetuosidade, que aterra o adversario, que o impede de descobrir por meio de uma reflectida analyse o que póde haver não bem fundado, ou, pelo menos, encarecido, nas suas asserções.

O merecimento de Demosthenes foi e é tão constante e universalmente reconhecido, que apenas um só orador da antiguidade (Cicero) tem sido considerado como digno de disputar-lhe a palma da eloquencia. Com effeito, ao comparar entre si as obras primas d'estes dois grandes homens, é summamente difficil decidir qual d'elles deva reputar-se superior na arte de fallar.

Dos criticos que têem examinado este ponto, alguns têem dado a preferencia a Cicero, outros contentam-se com declara-lo igual, outros finalmente, talvez em maior numero, manifestam claramente a sua predilecção pelo orador de Athenas.

D'esta ultima opinião parece ser o immortal Fénélon. Eis-aqui as suas palavras:

«Não receio dizer que Demosthenes me parece superior a Cicero. Protesto que ninguem admira Cicero mais do que eu... Estes dois grandes oradores me encantam; porém confesso que não me faz tanta impressão a arte infinita e a magnifica eloquencia de Cicero, como a rapida simplicidade de Demosthenes[3].»

Temos d'este principe da eloquencia sessenta e uma orações e sessenta e cinco exordios ou bosquejos de discursos. Porém a authentici-

[1] Orat. 7.

[2] L. X, c. 1.° Consulte-se tambem o juizo de Dionysio de Halicarnasso.

[3] Nos seus dialogos sobre a eloquencia, Paris, 1718, 8.°

Consulte-se tambem o parallelo que vem no fim da vida de Cicero por Plutarcho, e o que se acha no tractado do *Sublime* por Longino.

dade de alguns d'estes ultimos é duvidosa. De tão grande numero de composições, todas dignas de tão celebre auctor, cada uma no seu genero respectivamente, a oração em favor de Ctesiphonte, as Philippicas e as Olynthiacas, são consideradas como as que mais particularmente merecem ser propostas como optimos modelos de eloquencia [1].

ESCHINES

Eschines nasceu em Athenas no anno 393 A. C.

Tendo sido vencido por Demosthenes na celebre causa sobre a *Corôa*, abriu em Rhodes, logar do seu desterro, uma escola de eloquencia, e morreu em Samos, segundo alguns auctores, 314 annos A. C. Conta-se que em Rhodes, depois de haver lido em publico o celebre discurso contra Ctesiphonte, leitura que lhe grangeou grandes elogios, tivera a franqueza de ler tambem a oração do seu afortunado rival, a qual excitou ainda mais clamorosos applausos.

Eschines é reputado como inventor de um estylo que guarda uma certa mediania entre a concisão attica e a redundancia asiatica, e que tomou o nome de *rhodio*, por ter tido a sua origem na escola dirigida n'aquella ilha pelo illustre desterrado atheniense. Temos d'elle tres discursos, que foram appellidados *as tres Graças de Eschines*, e cujo merecimento lhe grangeou o segundo logar entre os oradores gregos.

No desenvolvimento da sua eloquencia mais parte teve a natureza do que o estudo. Menos vehemente que o seu feliz competidor, não deixa de ser pomposo e habil na escolha das expressões, não lhe cede por certo na arte de amplificar, e corre parelhas com elle na mordacidade. Alguns attribuem a inimizade que Demosthenes lhe mostrou até conseguir supplanta-lo, ao papel brilhante que Eschines representára n'uma embaixada em que ambos foram enviados á côrte de Philippe de Macedonia, e na qual Demosthenes, havendo perdido toda a sua habitual afouteza, começou a fallar com visivel hesitação, e não pôde rematar o seu discurso, tornando-se assim objecto de pungentes sarcasmos da parte dos cortezãos do rei e de seus proprios collegas [2].

DEMADES

Demades, havendo sido subornado por Philippe de Macedonia depois da batalha de Cheronea, e tornando-se servil instrumento das ambiciosas

[1] Edd. Oxonii, 1846-1851. Lipsiæ, 1860-1861, 3 vol. in. 8.°

[2] Edd. Lipsiæ, 1824, 12.° *Ibid.*, 1851. V. Cic., *Orat.*, 8, Quint. liv. I, cap. 1.°, Dion. de Halic.

miras do pae de Alexandre, foi um dos mais terriveis adversarios de Demosthenes, e acabou victima do despotismo de Cassandro no anno 322 A. C. Temos com o nome de Demades um discurso apologetico sobre o seu procedimento, que se encontra na collecção de Reiske e na de Bekker.

ALCIDAMANTE

Alcidamante foi discipulo de Gorgias, e ensinava rhetorica em Athenas pelos annos 420 A. C.

Nas collecções de Reiske e Bekker se encontram dois discursos d'este orador, recommendaveis pela facilidade e simplicidade do seu estylo.

EPISTOLOGRAPHIA

As cartas, não sendo outra cousa mais que uma conversação entre pessoas ausentes, e podendo versar sobre toda a sorte de assumptos, por uma parte exigem em geral um estylo desaffectado, e por outra são susceptiveis de uma variedade de tons correspondente á natureza das materias que n'ellas se tratam. Debaixo d'este aspecto podem distinguir-se duas principaes especies de cartas, *philosophicas* e *familiares*. Tanto umas como outras, ou são verdadeiramente o meio empregado para a communicação entre pessoas separadas pela distancia dos logares, ou são uma fórma especial dada a um breve tratado sobre uma determinada questão.

Em nenhuma d'estas especies de composições epistolares os gregos chegaram a distinguir-se tanto como depois esclareceram os romanos, os quaes n'este ramo de litteratura nos deixaram perfeitos modelos.

Não se deve d'aqui concluir que os grandes homens da Grecia não tenham sido capazes de exprimir suas idéas sobre assumptos familiares com singeleza e elegancia. O principal motivo d'esta inferioridade na litteratura hellenica é o não ser n'aquelle tempo tão frequente o uso de taes correspondencias, a menos que importantes negocios não as tornassem indispensaveis. Com effeito, entre os mesmos romanos, Julio Cesar foi o primeiro, segundo refere Plutarcho, que entreteve continuado e quasi regular commercio de cartas com as muitas personagens do seu tempo com quem estava em relações.

Pelo mais, os sophistas e os mestres de rhetorica entre os gregos, fazendo compor a seus discipulos, como exercicio de estylo, cartas em nome de differentes personagens conhecidas pela historia, foram causa

de que actualmente, que temos varias collecções de taes cartas e de outrás que se lhes costumam juntar, não seja facil decidir quaes sejam as genuinas, e que realmente devam attribuir-se aos auctores em cujo nome se acham escriptas.

De Philippe de Macedonia, de Platão, de Eschines e de alguns outros homens celebres d'esta epocha, temos algumas, cuja authenticidade é geralmente reconhecida; porém o seu pequeno numero, a sua pouca importancia quanto ao estylo e quanto á substancia do seu conteúdo, deixam indisputavel n'este ponto a superioridade dos latinos [1].

PHILOSOPHIA

A philosophia (definida por Cicero, segundo a doutrina de Platão, *sciencia das cousas divinas e humanas e de suas causas)* não teve o seu berço na Grecia, mas sendo introduzida n'aquelle paiz tão favoravelmente disposto para a cultura intellectual, como planta exotica «*melhor tornada no terreno alheio*», medrou tanto, e produziu fructos tão copiosos e exquisitos, que com o volver do tempo a Grecia foi considerada como a terra classica das disciplinas philosophicas, como já o era das bellas letras.

Não pertence propriamente á historia litteraria referir a fundação das escolas philosophicas, traçar o caracter de cada uma d'ellas, expor as suas doutrinas, e ainda menos classificar e dispor as differentes partes que compõem uma disciplina, na qual em o sentido que então se dava á palavra *philosophia,* se incluiam todos os conhecimentos humanos.

A natureza e o destino d'este opusculo exigem tão sómente que se apontem os mais celebres philosophos que, expondo em seus escriptos suas opiniões ou systemas, enriqueceram o thesouro da litteratura nacional, á qual, alem de outros serviços, prestaram tambem o de introduzir na linguagem um grandissimo numero de palavras, até ali não conhecidas, para designarem novas idéas e sublimes concepções, e o de ministrarem admiraveis modelos do estylo que convem adoptar quando se tem de ensinar doutrinas abstractas.

Quasi exclusivamente debaixo d'este aspecto consideraremos n'este nosso *Manual* alguns dos sabios que naturalisaram no solo hellenico a philosophia, transplantada originariamente do Egypto e talvez da India, d'onde (principalmente dos povos habitantes da região nilotica) os gregos haviam recebido os elementos de quasi todas as artes, que depois tanto aperfeiçoaram.

[1] V. as collecções de Aldo Venetio, 1499, 2 vol. 8.º e de Orelli, Lipsiæ, 1815, 8.º

Emquanto á historia das doutrinas e opiniões das differentes seitas philosophicas na Grecia consultem-se, alem de Diogenes Laercio *Vidas, doutrinas e apophthegmas dos philosophos celebres,* o breve mas muito substancial resumo que o sr. Charma, doutissimo professor de philosophia na academia de Caen, publicou em Paris, no anno de 1835, em seguimento ao seu tratado elementar de philosophia.

ESCOLA JONICA

A escola jonica foi a mais antiga de todas as escolas philosophicas da Grecia. Teve por fundador a Thales, que nasceu 580 annos A. C., em Mileto, cidade da Asia Menor, onde, depois de longas viagens, falleceu, condecorado pelos seus concidadãos com o glorioso nome de primeiro dos sete sabios da Grecia [1].

Attribue-se-lhe a celebre sentença: *Conhece-te a ti mesmo,* verdadeiro programma da psychologia, e maxima moral da mais transcendente utilidade.

A sua escola cultivou quasi exclusivamente a philosophia natural. Segundo Thales, o elemento constitutivo de todas as cousas era a agua. Alguns dos sectarios do philosopho de Mileto admittiram em logar da agua o ar, outros o fogo. Em substancia, as concepções cosmogonicas d'esta escola são meras hypotheses, mais ou menos engenhosas, mais ou menos absurdas, cujo conhecimento é estranho á historia litteraria propriamente dita. Os mais celebres discipulos da escola jonica foram Anaximandro, tambem de Mileto, Anaximenes, igualmente natural d'aquella cidade, Anaxagoras de Claromena, mestre de Pericles e Heraclito, de Epheso. Só d'estes dois ultimos existem alguns fragmentos, que não deixam de ter algum valor philosophico [2].

Archelau succedeu a Anaxagoras no magisterio da escola jonica, e foi chamado physico por antonomasia. O seu principal titulo de gloria é ter tido por discipulo a Socrates, reformador e martyr da philosophia.

[1] Os outros seis foram: Solon, de Salamina; Pittaco, de Mitylene: Bias, de Priene; Cleobulo, de Rhodes; Periandro, de Corintho; Chilon, de Lacedemonia. A sabedoria d'estes illustres varões, exceptuando a de Solon e de Thales, era toda pratica, moral e politica, formulada em maximas breves e muito conceituosas.

[2] Os de Heraclito acham-se no *Museu da sciencia da antiguidade,* Berlim, 1807, tom. 1.°, pag. 313 e seg. Os de Anaxagoras foram publicados com commentario por E. Schaubach, Leipsick, 1827, em 8.°

ESCOLA ITALICA

PYTHAGORAS

Pythagoras, nascido em Samos, no anno 584 A. C., depois de longas viagens, fundou em Crotona, cidade da Magna Grecia, de que foi legislador, uma escola de philosophia, que floresceu por muitos seculos, e que se distinguiu de todas as outras por uma especie de noviciado de silencio prescripto aos seus discipulos [1].

Pythagoras lançou os fundamentos das mathematicas, cultivando com ardor o estudo da arithmetica, da geometria e da astronomia. Os seus importantes inventos nas sciencias exactas seriam bastantes para lhe assegurarem a immortalidade. A doutrina da metempsychose ou transmigração das almas, ensinada n'esta escola, não teve n'ella a sua origem, mas havia sido adoptada por Pythagoras no decurso de suas viagens scientificas. A modestia que o moveu a rejeitar o pomposo titulo de *sabio*, contentando-se com o de *amador da sabedoria*, faz-lhe talvez não menor honra que os seus progressos na carreira da sciencia, que tanto o illustraram [2].

Chegou até aos nossos dias, attribuida a Pythagoras, alem da pequena collecção de preceitos moraes intitulados *Versos de oiro*, de que já fallámos, outra de sentenças sagradas, que vem entre as epistolas gregas colligidas por Orelli e impressas em Leipsick, 1825. Ambas estas collecções são verosimilmente devidas a algum discipulo do grande philosopho de Samos.

Os mais celebres sectarios d'esta escola foram:

Ocello Lucano, assim cognominado por haver nascido na Lucania, o qual floresceu 480 annos A. C. Tem-se duvidado da authenticidade do tratado *sobre a natureza do universo*, que temos com o seu nome, por

[1] Durante cinco annos só lhes era permittido assistir de noite ás suas lições, sem poderem interrogar nem mesmo ver seu mestre, e durante este periodo tinham o nome de *acusmaticos*, isto é, ouvintes. só assim preparados é que entravam na categoria dos *mathematicos* ou estudantes, e eram plenamente iniciados nos mysterios da sciencia.

[2] Leia-se a succinta e elegante recopilação das opiniões philosophicas de Pythagoras e a explicação do mysterioso sentido de algumas de suas maximas, e significação de alguns de seus symbolos, na doutissima obra de Barthélemy, intitulada: *Voyage du jeune Anacharsis en Grèce.*

Virgilio introduziu no VI canto da sua epopéa (v. 724–751) uma breve mas brilhante exposição das doutrinas cosmogonicas e theologicas da escola pythagorica, misturadas com outras da escola platonica.

não ser escripta em dialecto dorico, como o são as demais obras dos philosophos pythagoricos [1].

Timeo de Locres, nascido 380 annos A. C., é auctor de um tratado *sobre a alma do mundo*, que se encontra em algumas edições de Platão.

Archytas, nascido em Tarento, 440 A. C., foi geographo e astronomo. D'elle faz menção Horacio em uma das suas mais bellas odes (a 28.ª do livro I).

Philolau, natural da Crotona, floresceu 360 annos A. C. Foi illustre philosopho e distincto mathematico, de quem canta o auctor da *Meditação* (livro I):

> O vario moto dos rotantes globos
> Encontra Philolau, e elle o primeiro,
> Que o sol, astro central, declara immovel [2].

ESCOLA ELEATICA METAPHYSICA

A escola eleatica metaphysica foi fundada por Xenophanes, de Colophonia, que nasceu 556 annos A. C., e do qual já fizemos menção em outro logar. Suas doutrinas tendiam visivelmente ao pantheismo, isto é, a só admittir a existencia de um unico ser eterno e infinito, de maneira que os seres finitos não vinham a ser mais que modificações ou fórmas do ser infinito. Esta escola não produziu escriptores que mereçam ser mencionados n'este opusculo, a não serem os poetas de que se fallou a pag. 220 [3].

ESCOLA ELEATICA PHYSICA

Esta escola, fundada pouco depois da precedente, e de que foram principaes chefes Leucippo e Democrito de Abdera, estabeleceu um principio fundamental e diametralmente opposto ao de Xenophanes e Parmenides. Leucippo e Democrito, em vez de attribuirem á unidade a origem de todas as cousas, admittiram uma indefinida pluralidade de principios, a que deram o nome de *atomos;* doutrina que equivalia a um declarado atheis-

[1] Ed. Lipsiæ, 1801, 8.°

[2] Os fragmentos de Philolau foram publicados por Bock, Berlim, 1819, 8.°

[3] Veja-se C. A. Brandis, *Commentationes Eleaticæ*, Hafnæ, 1813.

mo. Posteriormente Heraclito de Epheso [1] e Empedocles de Agrigento modificaram a theoria atomistica, e seguiram um caminho de meio entre o pantheismo idealista de Xenophanes e o atheismo materialista de Leucippo.

Democrito, nascido em Abdera 460 annos A. C., aperfeiçoou o systema de Leucippo, e escreveu extensos tratados, de que se acham alguns fragmentos na collecção de Orelli intitulada: *Opuscula græcorum sententiosa,* vol. 1.°, pag. 91 e seg.

SOPHISTAS

Na historia da philosophia parece não se deveria fazer expressa menção dos sophistas, senão para notar a transição entre as antigas escolas cosmologicas e a reforma operada na sciencia pelo methodo e doutrina de Socrates, verdadeiro patriarcha da philosophia anthropologica, e illustre martyr do seu amor e zêlo pela sabedoria.

É tambem quasi só por este respeito que aqui transcreveremos os nomes de alguns d'aquelles pretendidos sabios, mais enfunados de orgulho que ricos de solida e proficua sciencia, a quem se deu na antiguidade o nome de sophistas.

Cumpre porém observar que na sua origem esta denominação, longe de ser tomada em sentido odioso, era reputada como um titulo honorifico conferido pelo applauso universal [2].

É tambem necessario confessar que, se a philosophia não deveu áquelles charlatães da sciencia serviços, mas antes positivo desserviço, em consequencia da frivolidade de suas discussões, e dos absurdos e contradicções de suas doutrinas, que conduziam directamente ao mais repugnante scepticismo, a litteratura, por quasi todos elles cultivada com ardor, deve confessar-se-lhes não pouco obrigada.

Eis-aqui agora os nomes dos mais celebres sophistas pertencentes a esta idade:

[1] Floresceu cerca da olympiada 69.ª Conta-se d'elle que, ao contemplar os defeitos e vicios dos homens, não podia conter-se que não derramasse continuas lagrimas. Porém esta tradição é provavelmente destituida de fundamento, não menos que a outra relativa ao continuo riso de Democrito.

[2] Apesar do mesmo descredito em que depois de certa epocha haviam caido os chamados *sophistas,* por algum tempo se ficou dando este nome áquelles que tinham o animo ornado de conhecimentos uteis e agradaveis, e que procuravam communica-los aos outros de viva voz ou por escripto.

V. a *Hist. Ant.* de Rollin, tom. 10.°, pag. 505, ed. de 1829.

Gorgias, que morreu 400 annos A. C., e de quem já fizemos menção a pag. 242. Foi elle o primeiro que, diante de um numeroso auditorio, ousou jactar-se de estar prompto a responder extemporaneamente sobre todo e qualquer objecto ácerca do qual o quizessem interrogar (Cic., *de Orat.*, 103). Em materias de philosophia, era sceptico, negando a possibilidade de conhecer a verdade e, com mais forte rasão, a de communica-la.

Protagoras, de Abdera, contemporaneo de Gorgias e não menos eloquente que elle. Sceptico rigido, punha em duvida até a existencia de Deus; por isso foi desterrado de Athenas, e o livro que compozera foi queimado publicamente.

Prodico, natural de Ceos, uma das Cyclades, e discipulo do precedente, foi um dos mais celebres sophistas da Grecia. A ficção de Hercules convidado simultaneamente pela virtude e pela voluptuosidade, cada uma das quaes procurava attrahi-lo para que houvesse de ficar-lhe addicto, tão elegantemente tratada depois por Xenophonte, é devida originariamente a Prodico. Accusado de negar a existencia dos deuses, pagou com a vida a sua temeridade.

Muitos outros sophistas se podiam aqui mencionar; porém fôra inutilmente empregado o tempo que n'isso se gastasse, porque a maior parte d'estes pseudo-philosophos não nos deixaram monumento algum de seus engenhos, e até mesmo os nomes da maior parte d'elles são pouco conhecidos, nem merecem ser tirados do esquecimento em que jazem sepultados.

SOCRATES

Socrates, nascido em Athenas 470 annos A. C., aprendeu de Archelau, sectario da escola jonica, os primeiros elementos da philosophia, de que veiu a ser reformador, desacreditando as vãs subtilezas dos sophistas, e á qual deu uma nova direcção, insistindo sobre a necessidade que tinha o estudioso da sabedoria de se occupar principalmente da moral, como sciencia que muito maior e mais directa influencia exercita sobre a felicidade do homem e do cidadão, que todos os ramos de conhecimentos meramente especulativos [1].

Não se considerou comtudo dispensado de tratar os pontos psychologicos e theologicos, porque elles são a base de toda a moral, e sobre estes assumptos foi talvez de todos os antigos o que ensinou maior numero de verdades, especialmente quando tratou da alma humana e da sua immortalidade, dogma que sustentou com grande energia até aos derradeiros momentos da sua existencia.

[1] Cic., *Quæst. acad.*, lib. V.

Cicero, fallando da maneira por que Socrates communicava aos outros as suas idéas, se explica assim: «Empregava, tanto no ensinar como no disputar, um methodo todo seu, que consistia em fazer muitas perguntas, raras cousas affirmar, e frequentemente confessar que nada sabia [1]».

Accusado de impio e de corruptor da mocidade, pelo sacerdote Anyto e pelo poeta Melito, e condemnado á morte, á qual aliás lhe teria sido facil subtrahir-se, se tivera querido, bebeu a cicuta com imperturbavel serenidade de animo, 400 annos A. C., tendo setenta annos de idade. Tempos depois, seus ingratos concidadãos, fazendo justiça a seus talentos e virtudes, decretaram, como para expiação da sua morte, um luto geral, e lhe erigiram uma estatua.

Aindaque Socrates por si mesmo nada escreveu, a philosophia e a litteratura lhe devem, em parte, muitas, profundas e eloquentes producções de seus discipulos Xenophonte e Platão, que confessam ter bebido na sua escola e trato intimo as luzes que por meio de seus escriptos communicaram a seus contemporaneos e á posteridade.

É cousa sabida que Socrates se jactava de ter um espirito familiar, que o aconselhava em lances difficeis, sobretudo para o desviar de certos passos, que depois achava lhe teriam sido realmente prejudiciaes [2].

Apesar das maliciosas e provavelmente calumniosas insinuações que alguns antigos se permittiram ácerca do comportamento d'este martyr da philosophia, elle gosou durante a vida da mais illibada reputação entre a maior e melhor parte de seus concidadãos. Uma das maiores provas de seu virtuoso comportamento é que todos os que com elle trataram assiduamente, se tornaram mais virtuosos e mais assisados.

Doutos forma Platão, Socrates probos,
E julga um crime a preferencia dada
Á fragil vida sobre o pejo e a honra:
Da virtude foi victima, e colloca
Nos móres bens da natureza a morte.

(Macedo. *Meditação*, canto I.)

XENOPHONTE

De Xenophonte já fizemos menção considerando-o como historiador. Foi elle, de entre todos os discipulos de Socrates, quem expoz com mais es-

[1] Cic., *Quæst. acad.*, lib. V. Consulte-se o trat. de Bacon de Verulamio, *De augment. scientiar.*, lib. V, cap. 2.º

[2] V. o dialogo de Platão, intitulado *Theages*, a dissertação de G.-Oleario, *de Genio Socratis*, e o livro do sr. Lelut, ultimamente publicado sobre o mesmo assumpto, Paris, 1866.

crupulosa fidelidade as maximas e opiniões de seu mestre, a quem consagrára a mais constante amisade.

Emquanto ao estylo, nos seus escriptos philosophicos não desmereceu os elogios de que se tornou crédor em suas obras historicas. Não tem certamente a elevação e gala do de Platão, mas, em compensação d'isso, distingue-se por maior clareza, e ás vezes não lhe é inferior em elegancia.

As obras de Xenophonte (alem das historicas já indicadas) que felizmente chegaram até aos nossos dias, são:

1.° *Factos e ditos memoraveis.* Especie de memorias biographicas, expositivas e apologeticas, ácerca do merecimento, virtudes e doutrinas de Socrates.

2.° *Apologia de Socrates.* Opusculo que se julga conter da defeza e ultimos colloquios do seu grande mestre uma exposição mais exactamente conforme á verdade do que a relação contida no opusculo que Platão nos deixou com o mesmo titulo.

3.° Um tratado sobre *Economia* domestica e rural.

4.° *O Banquete.* Em que se memoram excellentes maximas de Socrates, com que este philosopho tornava interessantes e uteis as mesmas reuniões que ordinariamente só tinham por objecto o prazer, e que muitas vezes eram acompanhadas de excessos procedidos da intemperança.

5.° *Hieron.* Opusculo que contém preciosos documentos sobre a difficil arte da guerra.

6.° Diversos pequenos tratados, sobre a politica, a caça e a equitação, alguns dos quaes, segundo parece, não nos chegaram no seu estado primitivo, por isso que n'elles se notam imperfeições improprias do grande engenho de Xenophonte [1].

ESCHINES

Eschines, natural de Athenas, contemporaneo e discipulo de Socrates, foi auctor de sete dialogos dictados pelos mais puros sentimentos da moral de seu mestre.

Alem de um pequeno fragmento, ainda conservâmos tres d'esses dialogos inteiros, um sobre a *virtude*, outro sobre a *riqueza*, e outro sobre a *morte*. Todavia alguem duvida da sua authenticidade [2].

[1] Ed. Lipsiæ, 1815, 6 vol., 8.°

[2] Ed. Lipsiæ, 1788, 8.°

CEBES

Cebes foi tambem discipulo de Socrates, a cujos derradeiros momentos assistiu. Temos d'elle um opusculo em estylo sobremaneira facil, e que encerra uma excellente doutrina moral, intitulado, Πινάξ, ou *Quadro*, no qual procurou provar, por meio de uma engenhosa allegoria, que a verdadeira felicidade só se póde conseguir pela pratica da virtude [1].

Depois da morte de Socrates, alguns de seus discipulos desenvolveram, outros alteraram em parte, outros totalmente corromperam as doutrinas de seu mestre, e se arvoraram em chefes de differentes escolas.

ESCOLA CYRENAICA

A escola cyrenaica foi fundada por Aristippo de Cyrene, 404 annos A. C. Teve tambem a denominação de *edonica* (de ἡδονη, prazer), porque fazia consistir o summo bem no goso de sensações agradaveis. Contou um grande numero de sectarios, e posteriormente foi algum tanto reformada por Epicuro nas doutrinas mais grosseiras e impuras da sua perniciosa moral [2].

ESCOLA CYNICA

O chefe da escola cynica foi Antisthenes, nascido em Athenas 418 annos A. C. Dizem que este philosopho fôra tão grande admirador de Socrates, que para o ouvir fazia todos os dias dez milhas de caminho. Dizia que a summa felicidade consistia na similhança com a divindade, isto é, na total independencia das cousas exteriores. Partindo d'este principio, rejeitava as leis do decoro, como uma servidão indigna de um homem sabio; e proclamava a seguinte celebre maxima, que punha em pratica todas as vezes que se apresentava occasião: *O que é licito, é licito sempre*

[1] Ed. Parisiis, 1826, 8.°

[2] Epicuro compoz mais de trezentos livros, dos quaes só existem muito poucos fragmentos, publicados em Leipsick, 1813 e 1818. Epicuro jactava-se que em tantas obras que escrevêra, não se acharia uma unica citação. A este respeito leia-se o judicioso capitulo intitulado *Quotation* ou *citação*, que vem a pag. 416 a 420 do segundo volume da obra de Isaac Disraeli, *Curiosities of Litterature*, London, 1859, 3 vol. em 8.° Ácerca de Epicuro, bem como tambem dos outros philosophos gregos, consulte-se Diogenes Laercio, *De vitis philosophorum*, Lipsiæ, 1828–1831, 2 vol. de 8.°

e em toda a parte. Escreveu muitas obras, de que só nos restam dois pequenos discursos intitulados, *Ajax* e *Ulysses* [1].

Pertenceu a esta seita Diogenes, nascido em Synope 414 annos A. C.

Conta-se que Alexandre o Grande, admirava tanto a independencia do caracter d'este philosopho, que, tendo sido por elle recebido não só sem mostras de reconhecimento e respeito, mas com indifferença, e até rusticidade, dissera que desejára ser Diogenes, se não fosse Alexandre. Falleceu aos noventa annos de idade, tendo escripto muitos tratados, de que nos não restam senão algumas sentenças, que, juntamente com as de Aristippo, Antisthenes e Crates, se acham na collecção de Orelli, Leipsick, 1818, em 8.° Os sectarios d'esta escola foram cognominados *cynicos,* ou porque o seu fundador Antisthenes se estabelecêra no *Cynosargo,* um dos gymnasios de Athenas, ou porque o desprezo em que tinham as leis do decoro lhes grangeou esta denominação [2].

ESCOLA MEGARICA

A escola megarica teve por fundador Euclides, de Megara, que florecia 400 annos A. C.

Foram seus mais celebres sectarios Eubulides de Mileto, Alxino de Elide e Stilpon, cuja casa foi respeitada por ordem de Demetrio Poliorcetes quando tomou a cidade de Megara. Os discipulos d'esta escola, occupando-se principalmente das subtilezas da dialectica, inventaram um grande numero de argumentos capciosos; mas não nos deixaram monumentos, nem de seus conhecimentos philosophicos, nem da sua litteratura. Emquanto a esta esterilidade de producções originaes, o mesmo póde dizer-se a respeito da escola *eliacà,* fundada por Phedon, um dos mais illustres discipulos de Socrates, e da *erethriaca,* de que foi fundador Menedemo, varão muito famigerado no seu tempo, o qual floresceu nos ultimos annos do IV seculo A. C.

ACADEMIA

PLATÃO

Platão, nascido em Athenas ou na Egina, 430 annos A. C., foi sem controversia o mais celebre dos discipulos de Socrates, e um dos mais

[1] Tiguri, 1842, in-8.°

[2] *Cynico* deriva-se de κυων, cão.

profundos pensadores e dos mais eloquentes escriptores da antiguidade.

Dedicou-se com incrivel ardor ao estudo de todas as sciencias e artes liberaes, e em todas fez admiraveis progressos.

Não é aqui o logar de expor, nem ainda rapidamente, o complexo de suas concepções e principios philosophicos, que tiveram em quasi todas as epochas muitos e mui distinctos seguidores, e que offerecem mais de um ponto de analogia com as doutrinas reveladas [1].

Considerado unicamente como escriptor, póde afoutamente adoptar-se a seu respeito o juizo de Quintiliano, o qual diz: «Quem duvida de que Platão é o principe de todos os philosophos, assim na agudeza do discurso, como na homerica e quasi divina eloquencia da sua elocução? porquanto elle se eleva muito alem do que é de ordinario proprio da prosa, a que os gregos dão o nome de pedestre, de modo que eu o não reputo dotado de um engenho humano, senão inspirado immediatamente pela divindade, como as respostas do oraculo de Delphos». (Livro X, c. 1.º)[2]

Tendo em grande estima o methodo socratico, a todas as suas obras deu a fórma dialogistica. Temos d'elle trinta e cinco dialogos (alguns muito extensos), algumas cartas, sete dialogos muito curtos, cuja authenticidade é duvidosa, e algumas definições soltas.

Eis-aqui os titulos dos seus trinta e cinco dialogos:

O *Euthyphron*, a *Apologia de Socrates*, o *Criton*, o *Phedon*, o *Theages*, os *Amantes*, o *Theetetes*, o *Sophista*, o *Euthydemo*, o *Protagoras*, o *Hippias menor*, o *Cratylo*, o *Gorgias*, o *Ion*, o *Philebo*, o *Menon*, o *Primeiro Alcibiades*, o *Segundo Alcibiades*, o *Charmide*, o *Laches*, o *Lysis*, o *Hipparcho*, o *Menexeno*, o *Politico*, o *Minos*, a *Republica*, as *Leis*, o *Epinomis*, o *Timeo* ou *Sobre a natureza*, o *Timeo* ou *sobre a alma do mundo*, o *Cricias*, o *Parmenides*, o *Banquete*, o *Phedro*, o *Hippias maior*.

Os seus discipulos immediatos, que constituiram com elle a primeira Academia foram: Speusippo, de Athenas, seu sobrinho, fallecido 339 annos A. C.; Xenocrates, de Chalcedonia, que morreu 314 annos A. C.; Pole-

[1] No pelago ideal do *bello* engolfa
O extatico Platão sua alma, e chega
Dos entes todos á fecunda origem;
N'ella conhece um Deus, quando sem sombra
Do mundo no espectaculo se mostra.
(Macedo, *Meditação*, canto I.)

[2] Leiam-se ácerca da vida e das opiniões de Platão, alem das historias philosophicas (particularmente as de Gerando e Ritter), o artigo relativo ao grande fundador da *Academia*, inserido na *Biographia universal* de Michaud, e as dissertações e outras elocubrações apontadas na *Historia da litteratura grega* de Ficker, tom. 1.º, pag. 156.

mon, de Athenas, contemporaneo de Xenocrates, e Crantor, de Solos, amigo dos dois precedentes, todos tres excellentes moralistas[1].

MATHEMATICA

Aindaque as mathematicas não tiveram o seu berço na Grecia, todavia foram n'ella cultivadas a par da philosophia, e chegaram a ter um desenvolvimento que lhes mereceu em todo o rigor da palavra o honroso nome de sciencia, e sciencia separada de todas as outras, e que a todas ficou prestando mais ou menos directamente poderoso auxilio[2].

São notorios os serviços que a arithmetica deveu á escola pythagorica: é igualmente sabido quanto os discipulos das escolas jonica e eleatica se occuparam do estudo da cosmographia e da astronomia. Platão fazia tanto caso da geometria, que exigia o conhecimento d'esta disciplina como indispensavel preparatorio para o estudo da philosophia.

Methon, celebre astronomo de Athenas, que floresceu aos 432 annos A. C., publicou o primeiro kalendario propriamente tal, e inventou um cyclo de 19 annos, composto de 6940 dias, que soube de tal modo distribuir em mezes, que estes mezes durante todo o periodo concordavam com as phases da lua. A este cyclo deu-se o nome de *anno de Meton*, e foi adoptado pelos athenienses no 4.º anno da 86.ª olympiada, que corresponde ao anno 432 annos A. C.

Archytas, de Tarento, acima mencionado como philosopho pythagorico, foi ainda mais celebre como mathematico. Eudocio, seu discipulo (336 annos A. C.), escreveu obras mathematicas que Arato traduziu em verso.

[1] Edd. Biponti, 1781–1786, 12 vol. em 8.º; Lipsiæ, 1821–1825, 8 vol. em 8.º

As obras completas de Platão foram traduzidas e annotadas pelo illustre philosopho francez eclectico, recentemente fallecido, V. Cousin, Paris, 1822–1840, 13 vol. em 8.º

[2] .....As bases firmes
Da geometria ao templo se lançaram
No portentoso Egypto. A geometria
Abre da vasta natureza as portas,
E leva aos seus alcançares o sabio,
Com elle ao sol ardente eu meço o globo;
Com elle só podeste achar dos astros
As sempiternas leis, profundo Kepler;
E com elle o philosopho se lança
Na immensa ellipse extrinseca do triste,
Inda incognito a nós, planeta errante.
(MACEDO, *Meditação*, canto I.)

Emquanto a Philolau veja-se a pag. 253.

Pytheas, natural de Marselha, que alguns pretendem ter sido contemporaneo de Platão, distinguiu-se pelas suas observações geographicas: escreveu um tratado intitulado *Descripção do oceano*, e um *periplo*, ou roteiro de uma viagem de circumnavegação, que não chegaram até aos nossos dias.

Autolyco, de Pitane (322 annos A. C.), compoz dois livros sobre a *esphera*, e sobre o *orto e occaso das estrellas*, que foram publicados em Strasburgo, 1572, em 4.° [1].

MEDICINA

Não se póde ao certo determinar qual fosse a origem da medicina, considerada em geral como arte de curar. Os antigos, que com rasão a reputaram como a mais nobre e excellente de todas as artes, não duvidaram de attribuir o seu primitivo ensino e exercicio á influencias directas da divindade. Sem fallar dos poetas que contaram no numero dos semi-deuses os primeiros que a praticaram, Esculapio e seus filhos Machaon e Podalirio, Cicero affirma positivamente que a invenção da medicina é devida aos deuses immortaes; o que póde tomar-se em sentido figurado, indicando sómente que o engenho e pericia indispensaveis para o proveitoso exercicio de tão salutar profissão, é um dom maravilhoso do auctor da natureza, só a mui poucos homens concedido:

Pauci quos æquus amavit
Jupiter.....
Diis geniti potuere.

Fossem quaes fossem as primeiras tentativas empiricas e racionaes d'esta arte divina (investigação alheia do nosso proposito), é indubitavel que o pae da medicina scientifica foi o grande Hippocrates, de Cos [2], nas-

[1] V. *Histoire des mathématiques*. Paris, 1758, 2 vol. 8.°

[2] Hoje Stanco, ilha do archipelago grego, situada a cinco leguas da costa da Anatolia. N'esta ilha, n'um arrabalde da cidade nova, havia um famoso templo dedicado a Esculapio, cujas paredes estavam cobertas de votos, tributo do reconhecimento dos enfermos que haviam sarado, e de inscripções que indicavam as doenças que haviam padecido, e os remedios com que tinham sido curados. (Strabão, liv. VIII, pag. 374, liv. XIV, pag. 657.)

Hippocrates pertencia á familia dos asclepiades, que conservava por tradição a doutrina attribuida a Esculapio, de quem pretendia descender. Esta illustre familia fundou tres escolas, uma em Rhodes, outra em Cnido, outra em Cos, que todas ficaram venerando a Hippocrates como oraculo da sciencia e patriarcha da medicina racional.

cido no anno 460 A. C., e não menos benemerito da sciencia que creou, que da patria e da humanidade em geral; sendo por isso, aos olhos da verdadeira philosophia, infinitamente mais digno de uma fama immortal, do que os mais famigerados conquistadores. Com effeito, estes, sem fallar nas torrentes de sangue que fizeram correr, prepararam as mais das vezes o caminho a sanguinoletas lutas, que depois de sua morte desolaram os seus imperios, emquanto pelo contrario o modesto cidadão de Cos empregou todos os dias da sua vida, que foi de quasi um seculo, em estudar os meios de prolongar a existencia de seus similhantes, e de os subtrahir a um sem numero de achaques e enfermidades; e por meio de sua escola e dos escriptos que deixou, exerceu e continua ainda a exercer uma proficua influencia em beneficio da humanidade!

Os seus profundos conhecimentos, lincea penetração e singular destreza, acharam occasião de se assignalar na terrivel peste que assolou a Attica no segundo anno da guerra do Peloponeso [1]. Os athenienses, agradecidos ao relevante serviço que com tanto zêlo e intrepidez lhes prestára em tão arriscada crise, o galardoaram com a dadiva de uma corôa de oiro, e com o fôro de cidadão d'aquella illustre republica.

Depois de longas viagens, rico de novas observações e experiencias, foi abrir na sua patria uma escola de medicina, cuja reputação se sustentou muito tempo depois da sua morte, que o arrebatou na Thessalia aos noventa e nove annos de idade.

A pathologia, a therapeutica, a dietetica e a cirurgia lhe devem profundas investigações, importantes descobrimentos e utilissimas doutrinas. Se em anatomia os seus conhecimentos eram mui acanhados, esta falta deve principalmente ser attribuida ao preconceito que então reinava, e que não permittia as dissecções sobre cadaveres humanos. As suas decisões, segundo diz Galeno, eram consideradas como oraculos e, depois que morreu, a sua memoria foi tida em tanta veneração, que se ajuntou ao seu nome o epitheto de *grande*, e se lhe tributaram as mesmas honras que a Hercules.

Deixou escripto um grande numero de obras, compostas no dialecto jonico, e em estylo mui simples, como convem a tratados didacticos.

[1] Veja-se a descripção d'esta peste em Thucydides, liv. II, cap. 47.° Os effeitos d'aquelle terrivel flagello se acham ali pintados com cores tão proprias e tão vivas, que o quadro historico que os representa é com rasão reputado como um dos mais perfeitos modelos de similhantes descripções. Aquelles a cujo alcance não estiver o original grego, podem ler o extracto que vem nas *Viagens do moço Anacharsis*, tom. 1.°, pag. 302, edição de Paris de 1817. Em Lucrecio (livro VI) acha-se descripta a mesma peste, em um longo episodio esmaltado de bellezas poeticas. Menos longa, mas talvez ainda mais bella, é a descripção que da peste de Egina se encontra no livro VII das *Metamorphoses de Ovidio*, e a todas superior a de uma epizootia, com que Virgilio remata o livro III das suas Georgicas.

Estes tratados attribuidos ao principe da antiga medicina são em numero de mais de setenta; porém é indubitavel, que entre elles muitos ha que lhe não pertencem. Entre os que são reconhecidamente authenticos os mais estimados são os sete livros dos *Aphorismos*, o tratado dos *Ares*, das *Aguas*, dos *Logares* e das *Epidemias* [1].

Recentemente um sabio academico, de quem já se fez menção n'esta *Miscellanea*, o sr. Littré, publicou uma traducção das obras completas de Hippocrates, com o texto. Paris, 1859-1862, 8 vol. em 8.°

[1] Ed. Lipsiæ, 1824-1827, 3 vol. in-8.°

QUARTO PERIODO

(Alexandrino)

Desde o principio do reinado de Alexandre Magno até á destruição de Corintho, 336 até 146 A. C.

ESTADO POLITICO

Se por um lado n'este periodo a liberdade da Grecia, já abalada e combatida pelos enredos e abertas violencias de Philippe de Macedonia, foi de facto quasi totalmente abolida por seu filho Alexandre, que depois da destruição de Thebas não achou opposição alguma aos seus projectos ambiciosos, por outra parte o nome hellenico nunca se cobriu de tanta gloria como sob a feliz dominação d'este grande conquistador.

Já Philippe, por meio de suas machinações, conseguira ser nomeado, pelo conselho dos amphictyões, generalissimo dos exercitos gregos, para a guerra de desforra nacional dos povos hellenicos contra os persas. Porém, tendo sido assassinado em Egea (336 annos A. C.) durante as festas que dava por occasião das bodas de sua filha, a execução de tão ardua como illustre empreza foi devolvida a seu filho Alexandre, que a levou a cabo com incrivel felicidade. Vencedor do monarcha persa em tres grandes batalhas, a do Granico, a de Isso e a de Arbella, o filho de Philippe, á frente de um pequeno exercito, em pouco tempo se assenhoreou do immenso imperio cujas innumeraveis hostes um seculo antes tinham invadido a Grecia, sem comtudo terem podido submetter aquelle brioso paiz. Ufano com tão brilhantes resultados do seu valor, pericia militar e fortuna, Alexandre dilatou as suas conquistas até ao interior da India, reunindo assim ao seu dominio, e submettendo á influencia da civilisação grega, o mais vasto imperio que até ali havia existido [1]. Porém com a sua morte, que o salteou na mais florescente mocidade (323 annos A. C.), se foi desmembrando aquelle imperio colossal, e foram mui longas e encarniçadas as lutas entre os capitães que dividiram entre si o producto das victorias do monarcha da Macedonia. A Grecia não padeceu pouco em consequencia d'estas dissensões; mas a civilisação introduzida pelos vencedores lançou raizes em muitos paizes até então alheios a toda a cultura intellectual.

[1] V. *Examen critique des anciens historiens de Alexandre*, par mr. de Stᵉ Croix. Paris, 1804.

Porém a gloria militar e a importancia politica que resultaram á das façanhas do seu grande vingador e das de seus immediatos successores, foi-se pouco e pouco eclipsando e diminuindo, em consequencia continuas discordias, divisões e subdivisões dos novos estados. Ainda na segunda parte d'este periodo a Grecia, cada vez mais decadente dividida, apesar dos esforços da liga achaica, a qual, sem pensar conquistas, só se contentava com a paz e a liberdade, teve de succumbir a outra potencia, destinada pela providencia a ter uma maior e mais duradoura preponderancia entre as nações. Roma interveiu, debaixo varios pretextos, nos negocios internos dos povos gregos, e destruiu monarchia macedonica na pessoa de Perseu, e incendiando a opulenta e lida Corintho, poz o derradeiro termo á independencia hellenica [1].

LINGUA

A concorrencia de um immenso numero de individuos pertencentes a tantas nações diversas, que de todas as partes acudiam á grande metropole fundada por Alexandre junto á embocadura do Nilo, não podia deixar de introduzir na lingua do povo vencedor, e que ali se ficou falando, muitissimos vocabulos e locuções novas, e de influir de algum modo sobre o genio de um idioma, que ficava assim gosando de uma *quasi* universalidade. Com effeito, as conquistas do heroe macedonio não poderam ser conservadas conjunctamente nas mãos de seus immediatos successores; porém, apesar das continuas desmembrações de territorios e das lutas que as originaram ou que se lhes seguiram, a diffusão e quasi generalisação das idéas poeticas, religiosas, philosophicas e litterarias do povo conquistador, sobreviveram á quéda dos estabelecimentos politicos creados em consequencia dos acontecimentos militares. Ora claro está que para exprimir estas idéas, cujos objectos se iam multiplicando, e que iam sendo modificadas por tantas circumstancias de paizes e de nações, era indispensavel inventar novas palavras, tomar em novas accepções vocabulos já antes existentes: n'este sentido ganhou a lingua grega, no discurso d'este periodo, consideravel cabedal com que mais se enriqueceu. A abundancia porém em pontos de linguagem não é só a qualidade que constitue a sua perfeição; a introducção de vocabulos e locuções de origem estranha nunca deixa de alterar de algum modo a sua pureza e vernaculidade.

[1] V. *History of Greece from the accession of Alexander of Macedonia, till the final subjection to the Roman power*, by John Gast. Londres, 1782, 4.°

Á mistura de elementos heterogeneos na bella lingua de Homero e de Platão, mistura que começou a empanar o seu brilho, acresceu n'este periodo outro inconveniente, que se não concorreu para a deteriorar, ao menos impediu que se fosse melhorando; este foi a falta de grandes engenhos dotados do dom da originalidade, cada um dos quaes de per si só costuma contribuir para o esplendor de uma lingua, mais do que centenares de escriptores mediocres, que se limitam á imitação dos grandes modelos, sem a locupletarem de cabèdal novo e exclusivamente proprio.

Viu este periodo um consideravel numero de prosadores distinctos [1], historiadores e philosophos, e alguns poetas de não vulgar merecimento; mas não produziu um só orador comparavel a Demosthenes, nenhum poeta que seguisse de perto o luminoso rasto de Pindaro, entrasse em competencia com a fecundidade de Homero, igualasse a sublimidade de Sophocles, a delicadeza de Euripides. Em compensação (fraca por certo) teve um crescido numero de grammaticos, expositores e commentadores, que trabalharam sobre os fundamentos que acharam lançados, e que por suas doutas tarefas aplanaram muitas difficuldades na intelligencia das obras dos grandes mestres, e fizeram que fossem mais saboreadas as bellezas que n'ellas se admiram. Porém esta especie de talentos secundarias nem ergueu novos monumentos que legasse á admiração dos seculos vindouros, nem assazonou novas iguarias para lisonjear o paladar d'aquelles cujo bom gosto pretendeu formar quando ministrou aos estudiosos, os vivificos manjares com os quaes seus illustres predecessores na carreira das letras haviam banqueteado os contemporaneos e a posteridade.

POESIA DRAMATICA

Pertence propriamente a este periodo a ultima reforma da comedia, que se ficou chamando *nova,* para se distinguir da *antiga* [2], de que fôra principe Aristophanes, e da *media* em que se abalisára de um modo particular, alem do mesmo Aristophanes nas suas ultimas peças, Antiphanes, de Corycio (406 annos A. C.), e Alexis, de Thurio (334).

N'esta ultima fórma da comedia grega assignalou-se um grande numeros de poetas, cujos nomes se podem ver na Bibliotheca de Fabricio [3];

[1] O principal monumento do dialecto *alexandrino,* dialecto formado na capital do reino dos Lagides, é a traducção do *Antigo Testamento* feita pelos setenta interpretes, por mandado de Ptolomeu Philadelpho, um dos reis do Egypto d'aquella dynastia.

[2] V. pag. 227 do presente opusculo.

[3] Tomo 1.º, pag. 736 a 793.

mas sobre a maior parte dos quaes seria inutil occupar a attenção dos estudiosos, não existindo d'elles nem mesmo fragmentos de alguma importancia. Todavia merecem ser mencionados com o devido testemunho de louvor os seguintes: Menandro, Apollodoro, Philippides, Athenienses, e Philemon, de Solos na Cilicia, todos contemporaneos. Entre elles porém occupa o primeiro logar

Menandro, nascido no anno 342 A. C. e fallecido no de 262. Este poeta é reputado como principe da *Comedia nova*, e como verdadeiro modelo do estylo comico, ao mesmo tempo engraçado e decente. Os antigos escriptores assim gregos como latinos, que viveram depois d'elle, são unanimes em exaltar o seu merecimento, e os poucos fragmentos que nos restam de suas peças justificam os applausos da antiguidade. Porém ainda maior honra lhe fazem as imitações que d'ellas nos deixou Terencio, cujas comedias, sendo com rasão havidas por excellentes a mais de um respeito, apenas exprimiam, segundo o juizo de Julio Cesar, uma metade das bellezas que se admiravam no comico de Athenas.

Veja-se Quintiliano, liv. X, cap. 1.°, 69 [1].

Lycophron. Nascido na Eubêa (285 annos A. C.), floresceu no reinado de Ptolemeu Philadelpho. Compoz muitas tragedias, de que apenas nos resta um monologo, em que se contém os vaticinios de Cassandra ácerca da guerra de Troia. O estylo obscuro d'este auctor, que bem se deixa conhecer como tal n'este longo fragmento (1474 versos) lhe grangeou o epitheto de *tenebroso*, com que foi designado pelos antigos [2].

Pertence a esta epocha a invenção da *tragi-comedia*, commummente attribuida a Philistor, de Syracusa, que vivia no reinado do primeiro Ptolemeu.

POESIA LYRICA E ELEGIACA

CALLIMACHO

Callimacho, natural de Cyrene, cidade grega na Libya, floresceu no III seculo A. C. Alem de poeta lyrico, elegiaco e epico, foi douto grammatico e mestre de boas letras. Sua escola foi muito frequentada, e no numero de seus discipulos conta-se Apollonio Rhodio, contra o qual, por se lhe haver mostrado ingrato, o resentido mestre compoz um poema em versos

[1] Ed. Berolini, 1823, in-8.° Leia-se a obra do sr. Guizot intitulada: ***Menandre, étude sur la comédie et la société grecque***. Paris, 1855, em 8.°

[2] Lipsiæ, 1830, in-8.°

hexametros e pentametros, a que deu o nome de *Ibis;* poema que foi imitado por Ovidio, quando, desterrado em Tomos no Ponto, quiz vingar-se da feia ingratidão de um de seus mais antigos e queridos amigos e companheiro desde os primeiros annos da adolescencia. O mesmo sulmonense tinha em grande apreço o merecimento de Callimacho: qualifica-o de mais insigne pelo estudo do que pelo estro [1]. Com effeito nos *hymnos* religiosos ou antes liturgicos, e nos *epigrammas*, unicas obras que nos restam do polygrapho de Cyrene, brilha mais a erudição do mythologo e do litterato do que o estro do poeta. O seu poemeto *A madeixa de Berenice*, em versos hexametros e pentametros, foi traduzido em latim por Catullo; versão que nos indemnisa da perda do original [2].

Gosaram tambem de alguma celebridade, principalmente na poesia elegiaca, os seguintes contemporaneos de Callimacho:

Euphorion, de Chalcis, na Eubéa, que compoz muitas obras em prosa e em verso; porém foi, como o hymnologo, mais erudito que poeta.

Philetas, de Cos, critico e poeta alexandrino, foi preceptor de Ptolemeu Philadelpho. Compoz um grande numero de poesias, de que só temos insignificantes fragmentos. (*Analectos* de Brunck, vol. 1.°, pag. 189.)

Propercio o tomou por modelo nas elegias eroticas, e esta circumstancia é o seu maior elogio.

Hermesianax, de Colophonia, discipulo e amigo de Philetas. Atheneo, no *Banquete dos sophistas*, transcreve um longo excerpto do III dos seus livros elegiacos (Halle, 1829).

Phanocles, a respeito de cujo nascimento e vida nada se sabe. Escreveu elegias eroticas, cujo mais longo fragmento se lê nos *Analectos* de Brunck, vol. 1.°, pag. 414.

EPOPÉA

APOLLONIO RHODIO

Apollonio Rhodio, nascido em Naucrate no Egypto, discipulo de Callimacho, foi durante algum tempo professor de rhetorica em Rhodes, d'onde lhe proveiu o cognome. Depois foi conservador da bibliotheca de Alexandria, no reinado de Ptolemeu Evergetes. O seu poema em quatro

[1] Battiades toto semper cantabitur orbe:
Quamvis ingenio non valet, arte valet.
Amor. I, XV.

[2] Ed. Londini, 1818, in-8.°

cantos, intitulado *A Argonautica*, é a melhor das epopéas gregas depois das homericas. Em um ponto, mas em um só, lhes leva vantagem, e vem a ser, na maior parcimonia do emprego do *maravilhoso*, pois n'ella os deuses têem muito menor parte no andamento da acção.

A fabula por elle cantada, a expedição dos Argonautas a Colchos, sob o commando de Jason, para a conquista do *vello de oiro*, fabula já tratada pelo pseudo-Orpheo [1], havia recebido uma fórma e uns caracteres consagrados pela tradição, de modo que pouca liberdade deixava ao genio inventivo, ainda quando Apollonio tivesse possuido um dom tão raro e divino. Todavia, á mingua d'esse dom, e não obstante a pouca variedade de ficções episodicas, o novo epico pôde ostentar, e ostentou realmente, não vulgar engenho, pois na sua obra se admiram pureza de lingua, harmonia nos versos e, o que é um maior titulo de gloria, maviosa expressão de sentimentos patheticos. Na bem delineada e bem colorida pintura dos começos, progresso, e finaes extremos e delirio da paixão de Medéa, o vate naucratense ou rhodio deu certamente prova de um talento mais que ordinario, e mereceu ter por imitador o principe da epopéa romana (livros I e IV da *Eneida*) [2].

POESIA DIDACTICA

ARATO

Arato, nascido em Solos, cidade da Cilicia, 277 annos A. C., passou quasi toda a sua vida na côrte de Antigono Gonatas, rei da Macedonia, e foi medico, critico, philosopho e mathematico. Alem de outras obras litterarias e scientificas, compoz poesias lyricas e elegiacas. Só nos restam d'elle dois poemas didacticos, os *Phenomenos* e os *Prognosticos;* um sobre a posição e apparecimento das estrellas, outro sobre a previsão da mudança e vicissitudes do tempo. *Os Phenomenos* foram traduzidos em latim por Cicero (de cuja traducção conservâmos pouco menos de metade), por Cesar Germanico e por Avieno.

Sobre o merecimento de Arato consulte-se o mesmo Cicero, *de Oratore* I, 16, e Quintiliano X, 1 [3].

[1] Na litteratura latina outro poeta, tambem de segunda ordem, Valerio Flacco, compoz uma epopéa sobre o mesmo assumpto, e com o mesmo titulo.

[2] Ed. Oxonii, 1779, in-8.°; Lipsiæ, 1817, in-8.°

A *Argonautica* de Apollonio foi traduzida em verso solto portuguez por José Mâria da Costa e Silva, Lisboa, 1852, 8.° gr.

[3] Ed. Lipsiæ, 1793, 8.°

Cabe aqui tambem mencionar Nicandro, nascido em Colophonia, 170 annos A. C., grammatico e medico, que floresceu no reinado do rei de Pergamo Attalo III. Existem d'elle dois poemas: os *Alexipharmacos* e os *Theriacos*, que versam em parte sobre historia natural, em parte sobre medicina. Todo o merecimento do auctor consiste em haver tratado assumptos tão aridos em versos hexametros esmerados e melodiosos [1].

Alguns lustros antes de Nicandro gosára de alguma reputação como poeta didactico, Dicearcho, philosopho peripatetico (300 annos A. C.), de cujas obras só nos chegou um fragmento de um poema geographico em versos jambos, intitulado *Descripção da Grecia*, que está inserido na collecção dos *geographos menores*, já indicada n'este *Manual*.

SILLOS E SATYRAS

Sillos eram uns poemas facetos em metro hexametro, muitas vezes meras parodias de versos de Homero, ou de outros poetas celebres e geralmente conhecidos. O dogmatismo dos philosophos de algumas escolas era o alvo mais frequente dos gracejos e ás vezes da chocarrice dos sillographos. Entre estes poetas afamados pela sua mordacidade, distingue-se Timon, que vivia nos tempos de Ptolemeu Philadelpho, 270 annos A. C. Timon era discipulo de Pyrrhon o sceptico, e sceptico elle mesmo.

Menippo, philosopho cynico, natural de Sinope, foi inventor de uma nova especie de satyra, a que se ficou dando o nome de *menippéa*, e que foi imitada em latim pelo doutissimo Marco Terencio Varrão, que Cicero chama o mais sabio dos romanos. A fórma caracteristica da satyra *menippéa* é o alternado e arbitrario emprego de prosa e verso.

Outro cynico denominado Bion, tambem se exercitou n'esta especie de satyra.

POESIA BUCOLICA

A poesia *bucolica* [2] ou pastoril pinta os costumes dos pastores, e as doçuras da vida campestre, taes como ellas se afiguram aos moradores das grandes cidades, enfastiados das delicias, pompas e bulicio dos grandes centros de população. Esta especie de poesia (entre os gregos) teve a sua origem na Sicilia, paiz admiravelmente adaptado para o seu appa-

[1] Ed. Lipsiæ, 1856, 8.°

[2] *Bucolico* deriva-se de βουκολος, boieiro, pastor de grosso armento.

recimento e cultivo, em rasão da suavidade do clima, da fertilidade do solo e da multidão de rebanhos que n'ella se creavam sob a guarda de um correspondente numero de pastores, a maior parte d'elles de uma indole candida e amoravel.

THEOCRITO

Theocrito foi natural de Siracusa: ignora-se a data do seu nascimento, como tambem a da sua morte. Se houve antes d'elle outros poetas bucolicos, e com effeito citam-se como anteriores, entre outros, Daphnis e Asclepiades, todos foram por elle eclipsados, e os seus nomes ficaram ignorados ou esquecidos. Vivêra por algum tempo na côrte de Hieron II; porém, não achando n'ella o favor a que se julgava com direito, passou para a de um dos primeiros Ptolemeus, onde effectivamento se fez mais justiça ao seu nobilissimo engenho. Theocrito é grande poeta ainda quando não canta os pastios, os gados e os zagaes. No numero dos trinta idyllios que têem o seu nome, apenas dez merecem propriamente o nome de eglogas no sentido em que tomâmos hoje este vocabulo. Alguns são magnificos trechos epicos; porém em todos elles, e designadamente n'aquelles em que se celebram as aventuras de Hercules, e os trabalhos dos Dioscuros, o vate syracusano sabe, para assim dizer, espalhar um colorido campestre que, sem prejuizo da energia do seu pincel, dá ás differentes pinturas uma graça inimitavel. O maior elogio que se póde fazer a Theocrito é recordar que Virgilio o tomou por modelo em suas eglogas, e que não conseguiu iguala-lo.

Temos de Theocrito, alem dos trinta idyllios, dez epigrammas ou inscripções, alguns d'estes não tão breves como o nome o parece indicar, e todos elles correspondentes á reputação do seu auctor. O dialecto em que escreveu Theocrito, e os demais bucolicos abaixo indicados, foi o dorico, que era o dominante na Sicilia, toda ella povoada de colonias doricas [1].

Bion distinguiu-se na mesma especie de poesia pastoril. Foi contemporaneo de Theocrito, e natural de Smyrna, porém passou a maior parte da sua vida na deliciosa Sicilia. Os poucos idyllios que d'elle nos restam não são propriamente bucolicos: assim o renome que logrou como tal, foi-lhe provavelmente grangeado por outras composições hoje perdidas. A obra prima de entre as poesias que d'elle temos é a pathetica lamentação sobre a morte de Adonis [2].

[1] Ed. Lipsiæ, 1855–1859, 2 vol. in-8.°

[2] Ed. Lipsiæ, 1840, in-8.°

Moscho. Foi syracusano e discipulo de Bion. Os seus idyllios abundam em descripções, umas vezes epicas, outras vezes elegiacas. A mais bella de todas é a mimosa narração do *rapto de Europa* [1].

Todos os juizes competentes em materia de poesia, louvam as graças desaffectadas, a amavel candura dos dois vates, Bion e Moscho; mas não concordam emquanto a determinar qual d'elles mereça a preferencia [2].

PROSA

GRAMMATICA

A populosa e opulenta cidade de Alexandria, capital do reino dos lagides, onde a munificencia dos monarchas amantes das letras, principalmente a de Ptolemeo Philadelpho, fundára a mais rica das bibliothecas da antiguidade, foi a séde de uma famosa escola de grammaticos que prestaram grandes serviços á sciencia philologica, se bem que pouco ou nenhum progresso imprimiram á eloquencia e ainda menos á poesia: em todo o caso porém, á critica alexandrina muito deveram, e ainda hoje devem os cultores da erudição classica. Aqui faremos sómente menção dos tres mais famigerados grammaticos d'esta escola, todos os quaes trabalharam activa e intelligentemente em colligir e elucidar as epopéas de Homero.

Zenodoto de Epheso, 280 annos A. C. foi o mais antigo conservador da bibliotheca de Alexandria [3]. Aristophanes de Byzancio, 200 annos A. C., foi tambem conservador da mesma bibliotheca: attribue-se-lhe a invenção dos accentos da lingua grega. Finalmente Aristarcho de Samothracia (170 annos A. C.) é considerado como o mais douto de todos os criticos antigos.

[1] O sr. A. F. de Castilho verteu para versos portuguezes, com a mestria e primores costumados, o idyllio *Rapto de Europa;* traducção que vem inserida a pag. 193 na collecção de algumas das suas poesias intitulada *O Outono.* Lisboa, 1863.

[2] Ed. Cantabrigiæ, 1821, in-8.°

[3] Ao fazer menção dos primeiros conservadores de tão famosa bibliotheca, o auctor d'este *Manual* compraz-se de pagar, pela sua parte, um (bem que tenue) tributo de gratidão a um seu collega, a quem os alumnos do Curso Superior de Letras e todos os estudiosos, são sobre maneira obrigados, pelo muito que elle se tem desvelado n'estes ultimos annos em proveito da instrucção, sem fallar nos serviços que já antes lhes prestára com seus eruditos e chistosos escriptos, modelos de vernaculidade e de atticismo.

Com effeito foi o sr. Silva Tullio quem nos fins do anno 1863, sob os auspicios do ex.mo Bibliothecario Mór, o sr. Conselheiro Mendes Leal, propoz, e obteve a reorganisação da Bibliotheca Nacional de Lisboa; reorganisação certamente de grande vantagem para o publico. Tambem principalmente ao zêlo, actividade e perseveran-

HISTORIA

A este periodo pertence um não pequeno numero de historiadores, da maior parte dos quaes apenas sabemos os nomes. Só quatro de entre elles têem verdadeira importancia; tres para as investigações da erudição historica, relativas á remota antiguidade, e um sob o aspecto, historico e litterario. Os tres importantes para a erudição são os que abaixo vão mencionados:

Evhemero, messenio ou agrigentino, vivia no seculo IV A. C. Escreveu uma historia que denominou *sagrada*, e que foi traduzida pelo poeta latino Ennio. Forcejou por explicar a mythologia pela historia, propondo-se, segundo parece, minar os alicerces da religião pagã, representando como meramente historicos e naturaes os acontecimentos vulgarmente considerados como sobrenaturaes e divinos. D'elle, bem como do egypcio Manneto (260 annos A. C.) e do babylonio Beroso, seu contemporaneo, só nos restam fragmentos, parte d'elles conservados por Josepho e por Eusebio, preciosos para a historia antiquissima do Egypto e da Chaldéa.

POLYBIO

Polybio nasceu em Megalopolis, cidade da Arcadia, no anno 204 A. C. O exercicio das altas magistraturas na sua patria, e a importante parte que tomou nos negocios politicos e militares da Grecia, sob a direcção do heroe da liga achaica Philopemen, o prepararam para escrever magistralmente uma historia solidamente instructiva. Durante uma estada de dezesete annos em Roma, onde fôra retido como refens, gosou da estima e intima amisade do famoso Scipião Emiliano, por cuja protecção lhe foram franqueados os archivos publicos, nos quaes, e nas viagens que fez pelas Gallias, pelas Hespanhas, pelo Egypto e por outros paizes, colheu preciosos documentos, de que se serviu para a composição de uma historia dos acontecimentos occorridos em cerca de seculo e meio,

tes esforços de s. s.ª se devem não só os muitos e consideraveis melhoramentos materiaes que n'ella observam os seus frequentadores, mas tambem a acquisição de muitos livros raros, e a de centenares de obras importantes, especialmente modernas, sobre todos os ramos dos conhecimentos humanos. Emquanto ás secções de manuscriptos, medalhas e antiguidades, antes e depois da reorganisação da nossa Bibliotheca, o Conservador respectivo, o sr. Francisco Martins de Andrade, tem procurado e conseguido enriquecer notavelmente com preciosidades novas o valioso deposito que lhe está confiado.

desde a segunda guerra punica até á derrota de Perseu, 218 a 168 annos A. C. Dos quarenta livros de que se compunha a sua historia, que denominou *universal*, hoje só existem os cinco primeiros livros completos, longos trechos do sexto até ao decimo setimo, e alguns fragmentos dos outros.

Polybio foi o creador do *pragmatismo didactico* [1], isto é, do modo de escrever a historia que, expondo as causas, occasiões, circumstancias e consequencias dos acontecimentos, subministra aos leitores uma importante instrucção politica e militar. O historiador megapolitano escreveu no dialecto alexandrino, e usou de muitos termos technicos e de muitas expressões poeticas. O seu estylo, aindaque não é constantemente puro e elegante, não deixa de ter uma certa amenidade [2].

MYTHOLOGIA

APOLLODORO

Apollodoro, natural de Athenas, nasceu no anno 146 A. C. Temos d'este auctor uma *Bibliotheca mythologica* em tres livros. Aindaque só chegou aos nossos dias com grandes lacunas, é de grande importancia para o estudo do polytheismo hellenico, e para a intelligencia dos antigos poetas, sendo a obra mais consideravel que nos ficou da antiguidade ácerca da historia fabulosa. Outro escripto de Apollodoro intitulado *Chronica*, propriamente historico, perdeu-se juntamente com innumeraveis outros de igual ou maior interesse archeologico [3].

PALEPHATO

D'este escriptor, cuja patria e data do nascimento não nos são conhecidas, possuimos um dos cinco livros que elle compozera *ácerca das cousas incriveis*. N'elle acham-se explicados alguns mythos, mas sem grande perspicacia philosophica, em estylo facil e simples [4].

[1] V. a *Historia abbreviada* de Ficker, traduzida por Theil, pag. 190.
[2] Edd. Berolini, 1844, 2 vol. in-8.°, e Lipsiæ, 1836, in-12.°
[3] Lipsiæ, 1854, in-8.°
[4] Lipsiæ, 1786, in-8.°

ELOQUENCIA

Dinarcho, natural de Corintho, pertence a este quarto periodo, porque a maior parte da sua vida foi posterior á morte de Alexandre. Na sua mocidade fôra um dos mais acirrados adversarios de Demosthenes. Temos d'elle tres discursos politicos, escriptos em estylo ornado e vehemente [1].

Demetrio Phalereo foi archonte em Athenas no anno 318 A. C. Havendo sido banido da Attica por Demetrio Poliorcetes (307), foi para o Egypto no reinado de Ptolemeo Soter, e contribuiu muito para o estabelecimento da celebre bibliotheca de Alexandria. Não temos d'elle uma unica producção oratoria, mas conservâmos um tratado *Sobre a elocução*, que lhe é attribuido, onde lemos algumas engenhosas observações sobre a belleza do estylo [2].

PHILOSOPHIA

ESCOLA PERIPATETICA

ARISTOTELES

A escola peripatetica [3] teve por fundador Aristoteles, nascido em Estagira, filho de Nicomacho, medico de Amyntas II, rei de Macedonia, de cujo neto veiu Aristoteles a ser preceptor.

A exposição das doutrinas do celeberrimo stagyrita, e a enumeração das suas muitas e variadissimas obras, pertencem á historia da philosophia. Aqui bastará indicar aquelles de seus escriptos, que têem por objecto as boas artes ou as sciencias moraes, politicas e economicas; e dar uma idéa do caracter do seu estylo predominante em suas valiosissimas obras [4]. As que d'elle existem pertencentes aos ramos acima indicados, todas ellas do mais subido merecimento pela importancia das doutrinas que encerram, são as seguintes:

[1] Berolini, 1842, in-8.°

[2] Lipsiæ, 1837, in-8.°

[3] Do verbo περιπατειν, que significa passeiar, porque o mestre costumava doutrinar os seus discipulos, passeiando.

[4] O catalogo de suas numerosissimas obras, e das que indevidamente lhe foram attribuidas, póde ler-se na *Bibliotheca grega* de J. A. Fabricio, tomo 3.°, pag. 388 a 408.

Litteratura

Tratado de *Rhetorica*, em tres livros; outro sobre o mesmo assumpto, para uso de Alexandre.

A *Poetica*, infelizmente incompleta, e talvez alterada em alguns pontos por copistas ou abreviadores.

Algumas poesias muito breves, mas substanciaes e conceituosas; entre outras um hymno *á virtude*.

Moral

Ethica a Nicomacho em dez livros.
Ethica a Eudemo, em sete livros.
Grande Ethica, em dois livros.
Sobre virtudes e vicios, fragmentos colligidos por Stoteo.

Politica

Politica, em oito livros.

Outra obra preciosa pertencente a esta secção, intitulada *Constituições*, em que Aristoteles descrevia as diversas organisações politicas de cento cincoenta e oito estados, tanto gregos como barbaros, perdeu-se infelizmente.

Economia

Tratado de *Economia* em dois livros.

Como o philosopho de Stagyra, compozera uma inteira encyclopedia dos conhecimentos humanos, taes como era possivel possui-los no seu tempo, a explicação de suas doutrinas era a principal e quasi exclusiva occupação dos seus sectarios, chamados *peripateticos*. Aristoteles exercitou uma influencia immensa nos dominios da sciencia: durante a idade media dominou em quasi todas as escolas, e depois da restauração das letras, conservou o seu predominio, apesar dos esforços de alguns enthusiastas das doutrinas platonicas, até que finalmente, Bacon de Verulamio em Inglaterra, e Descartes em França, sacudindo o jugo tantas vezes secular do *mestre dos mestres, del gran maestro di color che sanno*, como lhe chamava o poeta gibelino, lançaram os alicerces das novas escolas philosophicas. Mas se os seculos XVII e XVIII viram findar a quasi tyrannia do peripatetismo, o seu immortal auctor continuou a ser objecto de admiração, e a voz unanime de todos os que cultivam o vastissimo campo do saber o proclama um dos maiores genios que tem existido no nosso globo.

Emquanto ao seu estylo, fallando das obras que d'elle nos restam, re-

conhece-se facilmente que o auctor o subordinou completamente á gravidade dos assumptos, renunciando a toda e qualquer pretensão de adquirir por meio da bellezâ da fórma litteraria uma reputação a que tinha jus por principios de uma ordem mais elevada. Pelo menos, não quiz carear os elogios do vulgo dos litteratos. Platão encantava pela poesia do estylo; Aristoteles, sollicito em fazer chegar os seus discipulos e leitores ao ponto do seu destino o mais depressa possivel, tomava o caminho mais curto, embora menos florido. Assim o seu estylo é propriamente didactico, severo e conciso [1].

THEOPHRASTO

Tyrtame, cognominado Theophrasto, isto é, de divino eloquio, nascido em Ereso, na ilha de Lesbos, no anno 371 A. C., foi o mais sabio dos discipulos de Aristoteles, e o seu successor no lyceu.

De seus numerosos escriptos (perto de duzentos) os poucos que nos chegaram são os seguintes: Nove livros *sobre as plantas;* oito livros *sobre as causas da vegetação; Os Caracteres,* serie de pinturas de caracteres viciosos, que parecem ser um extracto de escriptos moraes de Theophrasto, feito muito tempo depois da sua morte. O preambulo ou prefacio, cheio de imperfeições, tem todos os visos de supposto, ou pelo menos de adulterado. O opusculo revela um observador perspicaz, e um profundo conhecedor do coração humano. O estylo é nobre e elegante [2].

ESCOLA ESTOICA

A escola estoica [3], a mais rigida de todas as escolas philosophicas em pontos de moral, e què levava a sua severidade até a sustentar que não havia outro bem que não fosse a virtude, nem outro mal que não fosse o vicio, dizendo que todas as demais cousas eram indifferentes, foi fundada por Zeno, nascido em Cittio, cidade da ilha de Chypre, no anno 358 A. C.,

[1] Ed. Berolini, 1831–1837, 4 tomos, in-4.° Lipsiæ, edit. stéreotyp. 16 vol. in-16.°

[2] Ed. Lipsiæ, 1818–1821, 5 vol. in 8.° As edições dos *Caracteres*, separadamente das outras obras, são em grande numero; é excellente a de Leipsick, 1859, em 8.° La Bruyère, que traduziu em francez o opusculo do famoso peripatetico, excedeu muito o seu modelo no quadro que traçou dos caracteres de seus contemporaneos. Paris 1688, em 8.°, obra de que se tem feito centenares de edições.

[3] O nome de *estoica*, veiu-lhe do vocabulo στοα, portico, porque Zeno ensinava a sua philosophia sob uma *arcada*.

discipulo do cynico Crates e do platonico Xenocrates. Das muitas obras que escrevêra, nenhuma conservâmos.

Zeno teve por discipulo e successor Cleanthes, natural de uma cidade da Troade, de cujos escriptos só restam pequenos fragmentos ou excerptos, o mais consideravel dos quaes é um hymno a Jupiter, que nos foi conservado por Stobeo.

As obras originaes dos primitivos estoicos Chrysippo, Panecio, Posidonio, não chegaram até nós. As suas doutrinas são-nos conhecidas, pelos escriptos de Cicero e de Seneca. Quando se tratar do 5.º periodo, serão mencionados alguns illustres seguidores d'esta escola, dos quaes possuimos escriptos muito apreciaveis.

PYRRHON

Pyrrhon, famigerado antesignano da seita sceptica, nascido em Elide no Peloponeso, pouco mais ou menos 380 annos A. C., pretendia demonstrar a incerteza de toda a sciencia humana. Não deixou escripto algum. Um de seus sectarios n'este periodo fôi Timon, de quem já se fallou em outro logar d'este *Manual*.

No periodo seguinte teve esta escola alguns escriptores de alguma importancia.

MATHEMATICOS

Dar conta dos mathematicos illustres e das obras que escreveram, pertence mais á historia da sciencia do que á historia litteraria. O mesmo se póde dizer dos medicos. Assim limitar-nos-hemos a pouco-mais que mencionar apenas os nomes de alguns dos benemeritos d'estas importantissimas sciencias entre os gregos, n'este periodo e nos restantes.

O philosopho platonico Euclides floresceu reinando no Egypto Ptolemeo Soter. O seu tratado de geometria é bem conhecido e serviu, por longo tempo, como texto para o ensino dos elementos d'esta sciencia.

Apollonio de Perga, nascido em uma cidade da Pamphylia, 250 annos A. C.

Archimedes, que viveu uns 200 annos A. C., foi quem, para assim dizer, organisou a mechanica como sciencia. É notoria a grande parte que teve na resistencia oppósta pelos habitantes de Syracusa ás armas e ataques dos romanos.

Heron, e **Ctesibio**, ambos naturaes de Alexandria e contemporaneos, viveram dois seculos e meio A. C., e foram muito distinctos mechanicos.

Eneas, o tactico, foi contemporaneo de Aristoteles.

Em astronomia adquiriram grande e merecida reputação, principalmente os seguintes:

Eratosthenes, de Cyrene, 272 annos A. C.

Aristarcho de Samos, que, segundo alguns auctores, foi o primeiro a ensinar que a terra gira em torno do sol; gloria que outros attribuem a Philolau.

Hipparcho, de Nicéa, na Bithynia, floresceu cerca de 150 annos A. C. É considerado como o mais douto dos astronomos antigos, e até alguns o denominam creador da sciencia astronomica.

Os sabios mais benemeritos da geographia historica n'este periodo foram:

Nearcho, celebre navegador, um dos generaes e amigos de Alexandre Grande, por cujo mandado explorou as costas maritimas desde a embocadura do Indo até ao Euphrates.

Infelizmente não temos o periplo que elle escreveu, mas apenas uma especie de extracto que nos foi conservado por Arriano, na segunda parte das suas narrações *Indicas*.

Agatharchides, de Gnido (146 annos A. C.), e Artemidoro de Epheso (120 annos A. C.).

Os professores da nobilissima arte de curar, que maiores serviços prestaram n'este periodo á medicina scientifica, foram:

Herophilo, de Chalcedonia, na Bithynia, e Eresistrato de Ceos, ambos fundadores de escolas, 280 annos, pouco mais ou menos, antes da nossa era.

QUINTO PERIODO

(De decadencia)

Desde a destruição de Corintho até Constantino Magno, 146 annos A. C. a 306 P. C.

A dissolução da liga achaica, de que haviam sido chefes os dois heroes Arato e Philopemen, e a tomada de Corintho por Lucio Mummio (146 annos A. C.) pozeram o derradeiro termo á independencia hellenica. A Grecia, aggregado de diversos estados, todos excellentes

> Nos costumes, engenhos e ousadia,
> Que crearam os peitos eloquentes
> E os juizos de alta phantasia,

com que havia chegado ao pinaculo da gloria,

> «E não menos por armas que por letras [1]»

a Grecia, dizemos, já cruelmente punida por ter favorecido Mithridates (como tambem o veiu a ser depois por ter seguido as partes de Antonio contra Octavio), foi totalmente subjugada, e perdida a ultima sombra da liberdade, viu-se reduzida á condição de provincia romana com a denominação de *achaica*. Alem da perda da independencia, teve tambem de chorar a perda de seus mais preciosos thesouros, as obras primas das artes bellas, de que foi quasi totalmente despojada pelos novos dominadores. Todavia, no meio de tantos desastres, alguma compensação lhe foi reservada pela Providencia. O povo vencido conquistou o povo vencedor. Confessa-o expressamente o poeta venusino [2], aliás tão incendido em enthusiasmo patriotico, o auctor do *Carmen sæculare*, o amigo de Mecenas, o protegido de Augusto.

Com effeito a superioridade dos gregos nas letras e nas sciencias, como tambem no exercicio das artes bellas, era tal em relação aos romanos como em relação a todos os outros povos, que o Lacio, bem

[1] *Lusiadas*, canto III, est. 13.ª

[2] Græcia capta ferum victorem cepit, et artes
Intulit agresti Latio.
HOR., Epist., lib. II, epist. I, v. 156.

a seu pezar, teve de reconhece-la, e o proprio rigidissimo censor Marco Porcio Catão, que na sua mocidade, e ainda na idade madura, lutára n'este ponto contra a opinião já tornada geral, quasi decrepito, tendo perto de oitenta annos de idade, cedendo da sua pertinaz resistencia, aprendeu a lingua grega, e estudou os principaes monumentos de uma litteratura com a qual a litteratura latina estava bem longe de poder entrar em competencia.

LINGUA

A lingua grega achava-se diffundida (como vimos no periodo precedente) pelas tres partes do mundo, em resultado, á uma, de suas numerosissimas colonias, á outra, em consequencia da immensa extensão do imperio de Alexandre, dividido depois em muitos e poderosos estados, em todos os quaes havia sido implantada a civilisação hellenica pelos generaes, successores e herdeiros do grande conquistador.

N'este periodo, o idioma do povo mais policiado de toda a antiguidade, e mestre de seus conquistadores, nada perdeu emquanto á sua diffusão nos differentes paizes, e foi a lingua commum dos sabios e de todos quantos se prezavam de ter tido uma educação liberal e esmerada, principalmente entre os romanos, alguns dos quaes (como o imperador Marco Aurelio Antonino) não se dedignaram de usar d'ella em seus escriptos, preferindo-a ao idioma nacional. Porém, mesmo em consequencia de tão vasta diffusão e de uma aliás tão honrosa preferencia, a lingua, para assim dizer, universal, foi cada vez perdendo mais a sua nativa pureza, e a correspondente litteratura experimentou não leve alteração em sua singeleza e gravidade de melhores eras. Todavia alguns escriptores de apurado gosto, taes como Luciano, Meleagro, Parthenio, fructuosamente forcejaram por imitar em vernaculidade e em desaffectada elegancia os modelos classicos pertencentes ao periodo aureo.

POESIA

EPIGRAMMAS

Epigramma [1] significou originariamente entre os gregos uma inscripção que se gravava nos templos, ou em monumentos profanos, em

[1] De επι, sobre, e γραμμα, letra, inscripção.

tumulos, etc.; era então synonymo de *epigraphe*, tambem no antigo significado d'este vocabulo. Designou, depois, uma pequena composição em verso, em que se enunciava um pensamento conceituoso, e cujo caracter principal era a brevidade e concisão. Muitas vezes n'esta especie de composição se exprimiam sentimentos de prazer, de admiração ou de melancolia. Finalmente os epigrammas foram muitas vezes inspirados pela mordacidade, e encerravam um motejo, um dito satyrico, mais ou menos pungente. Muitas pequenas peças d'este genero litterario, immensamente variado, foram producção de poetas dos periodos precedentes, principalmente desde Archilocho até Callimacho. Porém o primeiro que se lembrou de publicar uma collecção de taes poemetos, foi Meleagro, de Gadara na Syria (100 annos A. C.). Poz á sua *anthologia* ou *florilegio*, o titulo de *Corôa de epigrammas*, e n'elle incluiu producções de quarenta poetas, entre as quaes as do collector não são por certo as menos mimosas e elegantes.

Depois de Meleagro foram auctores e collectores de epigrammas durante este periodo Philippe de Thessalonica e Estrabão de Sardes.

As mais notaveis *anthologias* gregas posteriormente publicadas são a de Agathias (seculo V), a de Constantino Cephalas (seculo X) e a de Maximo Planudes, monge de Constantinopla (seculo XIV). Esta ultima é a base da nossa *Anthologia* actual, que, sob os dois aspectos philologico e archeologico, e tambem pela grande variedade e belleza de muitas das composições que encerra, é um precioso monumento da antiguidade grega [1].

POESIA DIDACTICA

Oppiano, de Coricio na Cilicia (200 annos P. C.), é reputado auctor de dois poemas didacticos, um sobre a caça *(Cynegetica)* em quatro livros, outro sobre a pesca *(Halieutica)* em cinco livros. Alguns criticos, notando no poema sobre a caça menos poesia que no outro sobre a pesca, attribuem o primeiro a outro Oppiano, natural de Apaméa, que vivia nos tempos do imperador Caracalla. Finalmente possuimos uma terceira producção didactica sobre a caça dos passaros ao reclamo *(Ixeutica)*, paraphrase em prosa por Eutechnio ou por Dionysio de Corax. Oppiano, diz o sr. Pier-

[1] Edd. Lipsiæ, 1813–1817, 4 vol. in-8.°; Ultrajecti, 1795–1822, 5 vol. in-4.° No livro do conde de Marcellus intitulado *Grecs anciens et grecs modernes*, já citado, vem uma excellente memoria sobre a *Anthologia* grega e, em seguida, a traducção franceza em prosa de cem epigrammas d'ella extrahidos, que o douto academico julgou os mais bellos de toda a collecção.

ron[1], é um poeta distincto, e depois dos vates philosophos, um dos mais recommendaveis que seguiram as pisadas do cantor das *Obras e dos Dias*.

Eis-aqui os nomes dos outros poetas didacticos de menos importancia:

Scymno, de Chios (80 annos A. C.) auctor de um poema geographico, em versos jambos, do qual nos restam os primeiros setecentos quarenta e um versos e alguns fragmentos.

Dionysio, cognominado *Periegeta*, que uns dizem ter vivido imperando Augusto, outros haver florescido no seculo IV da nossa era. Possuimos d'elle um poema geographico em versos hexametros muito harmoniosos, que é uma descripção do mundo então conhecido[2].

PROSA

HISTORIA

DIONYSIO DE HALICARNASSO

Dionysio de Halicarnasso, veiu a Roma quando Octaviano Augusto governava sem rival, depois da batalha de Accio. Após longas investigações e profundos estudos durante vinte annos, escreveu uma obra que intitulou *Archeologia romana*, isto é, historia de Roma antiga, em vinte livros, em que narra o acontecido desde a fundação da cidade até á primeira guerra punica; obra de que sómente nos restam os primeiros onze livros e fragmentos, alguns d'elles achados modernamente pelo doutissimo cardeal Angelo Mai.

Dionysio de Halicarnasso é mais rhetorico que philosopho na maneira de narrar os acontecimentos e de delinear os caracteres dos differentes personagens; porém, assim mesmo, a sua historia é para nós preciosa, principalmente a que diz respeito aos primordios da grande cidade que veiu a ser dominadora das nações.

Dionysio é tambem auctor das seguintes obras: *Sobre o arranjo ou collocação das palavras, Arte rhetorica, Juizo critico sobre os escriptores antigos, Commentarios sobre os oradores atticos, Cartas a diversos sobre materias de critica.*

[1] *Hist. da litteratura grega*, pag. 538. Ed. de Oppiano: Lipsiæ, 1813, in-8.°

[2] O que conservâmos de Scymno e de Dionysio *Periegeta* vem na collecção dos *Geographos menores*, já citada.

O estylo de todos os seus escriptos é correcto; mas não é nem nervoso nem apurado [1].

DIODORO SICULO

Diodoro, de Argyrio na Sicilia, d'onde lhe proveiu o cognome, floresceu nos tempos de Cesar e de Augusto. Depois de longas viagens pela Europa e pela Asia, escreveu uma *Bibliotheca universal*, isto é, uma historia universal em quarenta livros, desde os tempos mais remotos até á 80.ª olympiada (60 annos A. C.). D'ella só possuimos hoje quinze livros completos, não seguidos, e fragmentos, alguns extensos e importantes. A introducção ou preambulo contém uma excellente theoria do modo de escrever a historia: houve um critico que lhe chamou magnifica frontaria de um pouco magnifico edificio. A sua obra é mais uma collecção de memorias e documentos para se escrever uma historia do que uma historia bem ideada, e critica e philosophicamente composta. Emquanto ao estylo, o seu merecimento não excede a medida da mediocridade [2].

FLAVIO JOSEPHO

Flavio Josepho, judeu de nação, da seita dos phariseus, nasceu no anno 37 P. C. Militou na guerra de seus compatriotas contra os romanos e, sendo governador da Galiléa, foi feito prisioneiro por Vespasiano em Jotapata depois de uma vigorosa resistencia. Soube ganhar a estima de Vespasiano e de Tito, e vivendo em Roma depois da tomada de Jerusalem, escreveu, como testemunha ocular, a *Historia da guerra da Judéa* em sete livros. Dizem que originariamente a havia composto em syriaco, porém depois a traduzíra em grego. Escreveu tambem as *Antiguidades judaicas*, em vinte livros, isto é, uma historia do povo hebreu desde a creação do mundo até ao anno 12.º do reinado de Nero. N'esta obra, não ousando ir de encontro directamente com as opiniões e preconceitos dos povos polytheistas, não reproduziu com toda a fidelidade as tradições nacionaes, exaradas nos livros santos, e procurou disfarçar ou explicar de um modo natural a parte maravilhosa e sobrenatural das narrações biblicas, e fazer de algumas prophecias uma applicação lisonjeira e adulatoria aos principes seus amigos e bemfeitores. A authenticidade do celebre testemunho a respeito de Jesus Christo, que se lê no livro XX, cap. 8.º, tem sido posta em duvida por alguns criticos, e defendida por outros

[1] Ed. Lipsiæ, 1816, 6 vol. in-12.º

[2] Ed. Argentorati, 1793–1807, 11 vol. in-8.º; Lipsiæ, 1826, 2 vol. in-16.º

com rasões muito ponderosas[1]. Josepho compoz tambem outras obras de menor importancia. O seu estylo, exceptuando alguns hebraismos, é puro e correcto[2].

PLUTARCHO

Plutarcho, nascido em Cheronéa, 50 annos pouco mais ou menos P. C., foi philosopho eclectico, como abaixo se dirá. Depois de ter viajado muito para mais se instruir, veiu a Roma, imperando Trajano, e ali deu lições publicas de philosophia, a que assistiu a flor da população da grande capital, entrando n'esse numero, segundo alguns dizem, Adriano, futuro successor do imperador reinante. Gosou da protecção de Trajano, o qual, constando-lhe que se propunha escrever as vidas dos varões illustres, poz á sua disposição os archivos do Capitolio e todas as bibliothecas. Alem d'isso fez-lhe grandes honras e mercês. Depois Adriano, subindo ao throno, foi igualmente munificente galardoador dos merecimentos e serviços do sabio beocio. Este porém, sem se deslumbrar com o brilho da sua posição na metropole do mundo, quiz acabar os seus dias na sua cidade natal. Ali, em idade já provecta, concluiu as quarenta e seis biographias de homens celebres, o mais valioso dos titulos que elle tem á immortalidade de seu honrado e glorioso nome.

N'elles (exceptuando cinco) compára um personagem grego com um personagem romano, o que foi causa de serem denominadas *vidas parallelas*. Alem d'esta obra capital, monumento historico de subido preço e de solida instrucção para quasi toda a classe de leitores, compoz um grande numero de tratados sobre diversos e muito variados assumptos, em grande parte de natureza moral, dos quaes se fará menção no logar respectivo. É opinião quasi geral de discretos e entendidos, que de todos os escriptos que nos legou a antiguidade classica, os de Plutarcho são os que merecem ser preferidos sob o mais attendivel aspecto, o da instrucção moral.

Emquanto á fórma, isto é, emquanto á dicção e ao estylo, o historiador e philosopho de Cheronéa não merece louvor igual ao que lhe é devido pela importancia e utilidade de suas producções. A dicção nem sempre é vernacula, e o estylo é algum tanto desigual e nada esmerado. Dacier compara o estylo de Plutarcho a certos monumentos antigos, cujas pedras

[1] V. a este respeito a obra de Carlos Daubuz, publicada em Londres 1704, o *Diccionario theologico* de Bergier, no artigo *Josephe*, e a *Historia Ecclesiastica* de Rohrbacker, tom. 4.°, pag. 164.

[2] Edd. Lipsiæ, 1826-1827, 6 vol. in-12.°; Lipsiæ, 1856, 6 vol. in-12.°

sem serem brunidas, nem lustrosas, são comtudo bem assentes, e que têem mais solidez que elegancia[1].

FLAVIO ARRIANO

Flavio Arriano, nascido em Nicomedia, na Bithynia, 105 annos P. C. pouco mais ou menos, foi discipulo de Epicteto. Escreveu no dialecto attico uma historia da expedição de Alexandre, em sete livros, e uma relação dos acontecimentos da India, no dialecto jonico.

E considerado como o melhor dos historiadores do heroe macedonio. A sua dicção tem sufficiente pureza, attendendo á epocha, e o estylo é corrente e agradavel[2].

APPIANO

Appiano, nascido em Alexandria nos principios do II seculo P. C., foi jurisconsulto em Roma, e exerceu varios cargos publicos. Escreveu uma historia romana por povos e provincias, desde os tempos mais antigos até ao governo de Augusto, em vinte e quatro livros, de que só temos metade e alguns fragmentos. Alem da divisão acima apontada, por povos e provincias, algumas secções da sua historia têem o titulo de diversas guerras dos romanos, guerra *iberica, punica, mythridatica,* etc. Grande parte dos livros de que se compõe a sua obra, e que nós conservâmos, tem uma não pequena importancia para o conhecimento dos successos, e das pessoas que n'ella tiveram parte. O estylo é facil, mas tem poucos ou nenhuns attractivos[3].

DION CASSIO

Dion Cassio, chamado tambem Cocceio e Cocceiano, nascido na cidade de Nicéa, na Bithynia, senador em Roma e depois consul, escreveu uma historia romana em oitenta livros, desde a chegada de Enéas á Italia até ao reinado do imperador Alexandre Severo (anno 229 P. C.). Infelizmente dos trinta e cinco primeiros livros só possuimos poucos fragmentos. Os dezenove seguintes temo-los completos, á excepção de pequenas lacunas. Dos cinco seguintes temos um epitome muito succinto escripto por João Xiphilino, monge nascido em Trapezunte ou Trebisonda

[1] Ed. Parisiis. 1841-1855, 5 vol. in-4.°; Lipsiæ, 1858, 5 vol. in-8.°
[2] Ed. Parisiis, 1846, in-4.°
[3] Ed. Lipsiæ, 1853, 2 vol. 8.°

que vivia no seculo XI da nossa era. A obra de Dion Cassio, assim mesmo, mutilada como está, tem um grande valor historico; o seu valor propriamente litterario é muito menor. O estylo é mais florido que grave e nervoso. Merece particularmente a attenção dos estudiosos da historia e da politica a relação dos acontecimentos que dizem respeito a Octaviano Augusto [1].

HERODIANO

Herodiano, natural de Alexandria, floresceu no seculo III da era christã. Passou grande parte da sua vida em Roma, onde exerceu importantes cargos publicos. Escreveu, em oito livros e em estylo pouco apurado, uma historia dos imperadores romanos desde a morte de Marco Aurelio até aos começos do reinado de Gordiano III [2].

ELIANO

Claudio Eliano, nascido em Preneste na Italia (225 annos P. C.), escreveu uma *Historia varia,* isto é, uma collecção de anecdotas, em quatorze livros, e uma *Historia dos animaes,* em dezesete livros. Ambas estas obras são meras compilações; mas a segunda não deixa de merecer grande apreço, porque refere factos curiosos, de que aliás não teriamos conhecimento. O seu estylo é louvavelmente adaptado á natureza dos assumptos [3].

PHILOSTRATO

Philostrato, chamado o *velho,* sophista, natural de Lemnos, que vivia em Roma em meiado do III seculo P. C. Escreveu a *Vida de Apollonio de Tyanna,* em oito livros, obra cheia de erros geographicos e de anachronismos, e na qual, narrando factos maravilhosos, em glorificação do seu heroe, parece querer contrapo-lo ao divino fundador do christianismo; a *Vida dos sophistas;* cincoenta e nove *Vidas* em dois livros; *A descripção de uma galeria de sessenta e seis quadros existente em Napoles,* obra de alguma importancia para a historia da pintura; *Cartas,* um *epigramma* e um fragmento difficil de classificar.

O biographo de Apollonio teve um sobrinho tambem chamado Phi-

[1] Ed. Lipsiæ, 1849, 2 vol. 8.°
[2] Ed. Lipsiæ, 1821, 8.°
[3] Ed. Jenæ, 1832, 2 vol. in-8.°

lostrato, e cognominado o *Moço*, que tambem nos deixou uma similhante descripção de quadros, porém menos importante que a de seu tio [1].

DIOGENES LAERCIO

Diogenes, nascido em Laerte, na Cilicia, no anno 193 P. C., escreveu dez livros sobre a *Vida e as opiniões dos philosophos mais celebres*. A sua obra é mais uma compilação do que uma historia regular, e muito menos uma exposição methodica e exacta dos systemas das differentes escolas; todavia assim mesmo é para nós muito importante e contém anecdotas curiosas, e sentenças e ditos conceituosos muito instructivos. Alem d'isso, deu-nos conhecimento de um grande numero de producções dos sabios e amantes da sabedoria, das quaes aliás não teriamos noticia alguma. O estylo de Diogenes é não raras vezes ameno, se bem que ordinariamente cerrado e conciso [2].

EUSEBIO

Eusebio Pamphilo, nascido em Cesaréa de Palestina, no anno 264 P. C., foi bispo na sua patria, e tomou parte em importantes negocios depois que o imperador Constantino deu a paz á igreja.

As suas obras, cuja menção pertence a este logar, são as seguintes: Uma *Historia ecclesiastica* em dez livros, desde Jesus Christo até á derrota de Licinio, 306 P. C.; *Vida do imperador Constantino e Panegyrico* d'este principe; um celebre *Chronicon*, que memora os acontecimentos mais importantes occorridos desde o principio do mundo até ao vigesimo anno do reinado de Constantino. O original grego tinha-se perdido, mas conservâmos uma traducção latina feita por S. Jeronymo, que continuou o chronicon até ao anno 478 [3].

Alem dos historiadores de que fica dada uma succinta noticia, pertencem a este periodo alguns outros, que nos deixaram escriptos de menos importancia. Faremos aqui rapida menção de alguns; advertindo que entre elles alguns ha que, segundo a ordem chronologica, deveriam já ter sido nomeados anteriormente:

[1] Ed Lipsiæ, 1709, in-fol. Tiguri. 1853, in-4.°

[2] Ed. Parisiis, 1850, in-4.°

[3] Ed. Lipsiæ, 1828-29, 2 vol. in-8.° Pertence á historia ecclesiastica o fallar mais largamente dos padres e escriptores que illustraram a igreja com seus escriptos apologeticos, exegeticos e homileticos, alguns dos quaes não cederam em eloquencia aos oradores profanos mais famigerados. N'este opusculo só faremos menção de poucos entre os mais famosos.

Nicolau Damasceno ou de Damasco, philosopho peripatetico e orador, contemporaneo de Diodoro Siculo, escreveu uma *Historia universal* em cento quarenta e quatro livros, de que Stobeo nos conservou alguns fragmentos. (Lipsiæ, 1864, in-8.°)

Memnon, de Heracléa, contemporaneo de Nicolau Damasceno. Escrevêra uma historia dos tyrannos da sua patria, de que Phocio nos conservou alguns excerptos na sua *Bibliotheca*.

Parthenio, de Nicéa, escreveu nos tempos de Augusto uma obra sobre affectos eroticos, em que se lêem aventuras e peripecias que talvez tenham dado aos antigos a primeira idéa dos romances. (Ed. Lipsiæ, 1824, in-8.°)

Antonino Liberalis, que provavelmente viveu no II seculo P. C., escreveu uma pequena collecção de *Metamorphoses*. (Lipsiæ, 1832, in-8.°)

Artemidoro, de Epheso, contemporaneo do precedente, compoz um tratado *sobre a interpretação dos sonhos*. (Lipsiæ, 1805, 2 vol. in-12.°)

Heraclito ou Heraclide, escriptor de quem se ignora a patria e o tempo em que viveu. Attribuem-se-lhe duas obras, uma *Sobre as cousas incriveis*, na qual explica racionalmente antigas lendas; outra intitulada *Allegorias de Homero*, em que interpreta allegoricamente alguns mythos de Homero para o justificar da accusação de irreverencia para com os deuses. (Amstelodami, 1688, in-8.°)

SOPHISTAS

Durante o periodo de que se está tratando, o nome de *sophista* tomava-se como synonymo de litterato, dotado da faculdade de se exprimir em publico com facilidade, elegancia e facundia, ainda de improviso. O thema de taes discursos ou declamações era ordinariamente um ponto scientifico, as mais das vezes philosophico. Eis os nomes dos sophistas mais notaveis d'este periodo:

Lesbonax, que vivia no tempo de Tiberio, e de quem conservâmos duas declamações. (Lipsiæ, 1820, in-8.°)

Dion *Chrysostomo*, isto é *bôca de oiro*, de Prusa, na Bithynia, floresceu no primeiro seculo da nossa era. Foi dotado de um grande talento oratorio, e os seus discursos são ao mesmo tempo dignos de serem lidos pela importancia e moralidade de seus assumptos, e pela elegancia e até eloquencia que n'elles reinam. (Lipsiæ, 1784, 2 vol. in-8.°)

Antonio Polemon, de Laodicéa, viveu no seculo II P. C.

Temos d'elle duas orações funebres. (Lipsiæ, 1819, in-8.°)

Herodes Attico, contemporaneo do precedente, no tempo dos Antoninos era reputado o mais eloquente dos sophistas.

Elio Aristides, de Adrianopla, na Bithynia, viveu tambem no seculo II

da nossa era. Temos d'este auctor trinta e seis discursos, alguns d'elles realmente comparaveis em eloquencia aos grandes oradores do canon alexandrino. (Lipsiæ, 1829, 3 vol. in-8.°)

Maximo, de Tyro, sophista e philosopho platonico, viveu em Roma no tempo do imperador Commodo. Os quarenta e um discursos que d'elle conservâmos são um verdadeiro thesouro de philosophia e de facundia, senão chegam a sê-lo de verdadeira eloquencia. (Lipsiæ, 1774, 2 vol. in-8.°)

LUCIANO

Luciano, nascido em Samosata, cidade da Syria, viveu nos tempos de Trajano, de Adriano e dos Antoninos. Depois de haver exercido a profissão de advogado em Antiochia, e de haver ensinado rhetorica em Athenas, fez longas viagens, e entregou-se inteiramente ao estudo das letras, e á composição de seus numerosos e variados escriptos. De philosopho ecclectico que havia sido, tornou-se decididamente sceptico, e deixou do seu scepticismo frequentes provas em quasi todas as suas producções. A religião, a philosophia e a humanidade, em geral, foram quasi continuamente o alvo dos seus engraçados motejos. Não só declarou guerra ás crenças do polytheismo em que nascêra e fôra educado, mas tambem não poupou em seus indecentes gracejos a nova purissima religião, que então se propagava rapidamente, mediante celestes influxos e prodigios de virtude, e heroicos sacrificios de um grande numero de martyres e confessores da fé christã.

O zombeteiro samosatense adoptou na maior parte de seus escriptos a fórma dialogistica, e é mister confessar que, exceptuando o fundador da primeira academia, ninguem foi tão feliz como elle em tal especie de composição. Todavia, não se póde estabelecer entre os dois uma rasoavel comparação, se se attentar para a essencial differença entre o assumpto e o tom dos dialogos de Platão e os de Luciano, os primeiros todos sisudez e gravidade, os segundos todos frivolidade e facecias. Na vernaculidade da dicção, e nas desaffectadas galas do estylo, o sceptico syrio ou igualou o atticismo dos bons escriptores do terceiro periodo da litteratura de que foi um dos ornamentos, ou muito se lhes avizinhou.

As suas obras mais estimadas são: os *Dialogos dos mortos*, os *Dialogos dos deuses*, o *Timon*, o *Leilão dos philosophos*, o *Sonho*, a *Maneira de escrever a historia* [1].

[1] Edd. Paris. 1840, in-4.°; Lipsiæ, 1858, 3 vol. in-8.° O professor Custodio José de Oliveira verteu em portuguez o tratado sobre a *Maneira de escrever a historia*. Lisboa, 1771 em 8.°

ATHENEO

Atheneo, natural de Naucrate no Egypto, vivia no principio do seculo III da nossa era. Este grammatico e sophista tornou-se muito benemerito das letras, pela curiosissima obra ou compilação, que denominou *Banquete dos sophistas* ou conversação de sophistas, que discreteiam á mesa sobre mil assumptos diversos. Nos quinze livros em que se divide a obra, se trata, com mais ou menos extensão, de um sem numero de objectos archeologicos, historicos, philosophicos e de critica. Devemos-lhe a conservação de centenares e centenares de excerptos e de fragmentos de escriptos perdidos ha seculos, de muitos dos quaes nem suspeitavamos a existencia. O compilador pouco apparece, estando, como está, mergulhado, para assim dizer, n'um mar immenso de citações; mas quando falla em seu proprio nome, o seu estylo está longe de poder servir de modelo. Em todos os tempos se notou frequente divorcio entre uma vasta erudição e um apurado gosto [1].

LONGINO

Longino, nascido 213 annos P. C., talvez em Athenas, philosopho da escola eclectica de Alexandria, deu-se tambem ao estudo da grammatica, da critica e da eloquencia, e veiu a ser mestre e conselheiro da famosa Zenobia, rainha de Palmyra, cuja sorte correu. Foi decapitado por ordem do imperador Aureliano. De seus escriptos só nos ficou o aureo tratado *Sobre o sublime* ou sobre a elevação do estylo, opusculo digno de ser lido e meditado, cheio de observações sensatas, e que bem revela o apuradissimo gosto do seu auctor [2].

A este periodo pertence um grande numero de rhetoricos e de grammaticos; Abaixo damos os nomes dos mais distinctos entre elles. Na *Bibliotheca* de João Alberto Fabricio [3] se achará um extenso catalogo de todos, com a indicação do que se sabe a respeito de suas vidas, e a enumeração dos escriptos de cada um d'elles:

Hermogenes; Alexandre Numenio; Apsino; Minuciano; Ménandro; Apollonio o Sophista; Erociano; Timeo o Sophista; Hesychio; Julio Pollux, auctor de um *Onomastico* ou Lexicon, obra utilissima aos estudiosos de philologia; Apollonio Dyscolo; Hephestion; Arcadio.

[1] Ed. Lipsiæ, 1827, 3 vol. in-8.°

[2] Ed. Oxonii, 1820, in-8.° O tratado sobre o *Sublime* foi traduzido em portuguez por Custodio José de Oliveira. Lisboa 1794, em 8.°

[3] Tomo 7.° in initio.

PHILOSOPHIA

Na philosophia, cultivada principalmente em Alexandria, é sobre maneira notavel durante este periodo a tendencia para o syncretismo, isto é, para a fusão do espirito oriental com o espirito do occidente, a amalgamação de doutrinas originarias de diversas escolas. É verdade que quasi todas as antigas seitas tiveram adeptos; mas muitos d'elles modificaram as suas doutrinas. Na segunda parte do periodo de que estamos tratando, isto é, no segundo e terceiro seculo P. C., o polytheismo foi vigorosamente combatido, não sómente pela prégação dos evangelisadores, mas tambem pelos escriptos dos apologistas da fé, não menos illustrados que zelosos e activos. Os defensores das antigas crenças do mundo grego e romano, pertinazes no erro, vendo-as victoriosamente impugnadas, desacreditadas, ridicularisadas, procuraram justifica-las, depurando-as por meio de subtis explicações dos mythos mais grosseiros e mais immoraes. Travado o conflicto, em ambos os campos appareceram denodados campeões. A narração dos ataques e defeza em que se empenharam no decurso de tão renhida e importante luta, pertence mais ainda á historia da igreja e á apologetica do christianismo do que á historia da philosophia. Aqui só cabe apontar de relance os escriptores gregos mais distinctos, que trataram alguma materia philosophica antes do antagonismo das duas religiões, e os que, durando esse antagonismo, n'elle mais se assignalaram compondo escriptos importantes pela sua substancia e pelo seu estylo.

PLUTARCHO

Plutarcho, de quem já fizemos menção fallando dos historiadores, occupa tambem um logar distincto entre os philosophos, pelos noventa e dois escriptos que deixou, alem das biographias, aos quaes se costuma dar o titulo de *opusculos moraes*, titulo que só convem a uma parte d'elles, pois outros versam sobre pontos historicos; mas realmente todos podem ser intitulados philosophicos, pela sua tendencia e pelas profundas observações que contêem. Entre os mais importantes merecem ser indicados os seguintes: *Sobre a educação, Como se devem ler os poetas, Colloquios convivaes, Dilações na justiça de Deus, Maximas dos reis e dos capitães, Differença que ha entre um amigo e um adulador, Sobre o modo de refrear a ira, Ácerca da curiosidade.* Plutarcho foi eclectico, mas muito inclinado ao platonismo da antiga academia. O estylo das suas obras menores ou philosophicas abunda em similes e em imagens, mas

ás vezes, como tambem o das *Vidas*, é diffuso e algum tanto emmaranhado.

Philo, judeu de Alexandria, foi enviado a Roma pelos seus compatriotas e correligionarios, para advogar junto de Caligula os interesses da colonia hebrea. Foi sectario de Platão, cujas doutrinas procurou conciliar com as do judaismo. Compoz vinte e oito pequenos tratados, os mais importantes dos quaes são os dois seguintes:

Sobre a formação do mundo, e *Sobre a vida de Moysés*. (Lipsiæ, 1851-1853, 8 vol. in-16.°)

Anneo Cornuto, de Leptis, mestre do poeta Persio, banido de Roma por ordem de Nero, no anno 66 P. C., escreveu um livro *Sobre a natureza dos deuses*. (Gottingæ, 1844, in-8.°)

C. **Musonio Rufo**, cavalleiro romano, de Toscana, tambem desterrado por Nero. Restam-nos d'elle alguns apophthegmas e curtos fragmentos. (Amstælodami, 1783, in-8.°)

EPICTETO

Epicteto, nasceu em Hierapolis na Phrygia, no anno 90 P. C. Escravo e depois liberto, viveu em Roma até que, em consequencia da expulsão dos philosophos por um edicto de Domiciano (94 P. C.), sendo obrigado a sair da capital do imperio, se refugiou em Nicopolis do Epiro. Pelas doutrinas que ensinou, e pela pureza e austeridade de seus costumes, foi talvez o mais digno representante de escola estoica. Julga-se que nada escreveu; porém o seu discipulo Flavio Arriano colligiu os pontos substanciaes de suas instrucções oraes sobre assumptos de moral pratica, e os publicou com os titulos de *Manual* e de *Colloquios philosophicos*.

Estes dois tratados são um verdadeiro thesouro de doutrina moral. O seu estylo é tenue, mas ás vezes cheio de energia [1].

MARCO AURELIO ANTONINO

Este imperador philosopho, que subiu ao throno dos Cesares no anno 161 P. C., escreveu (provavelmente sem tenção alguma de os publicar) doze livros de *Colloquios comsigo mesmo*, especie de apontamentos ou reflexões moraes sobre a maneira de regular, segundo a norma dos principios philosophicos do portico, as acções todas da sua vida particular e da sua vida publica. Na obra d'este talvez o mais digno, sem duvida o mais illustre, de todos os sectarios de Zeno, transluzem a cada passo a candura do

[1] Ed. Lipsiæ, 1798, in-8.°

seu caracter e os principios de humanidade de que deu prova no governo politico do mundo romano. Pena é que nos fastos do seu imperio haja uma pagina negra. Marco Aurelio infelizmente entra na lista dos imperadores que perseguiram o christianismo; se bem que a perseguição auctorisada por elle, e que deve attribuir-se a antigos preconceitos e a malevolas e erradas informações, durou pouco tempo. O cardeal Mai achou em 1819 na bibliotheca vaticana uma parte consideravel da correspondencia d'este imperador. O estylo dos *Colloquios* é o mais singelo, e de uma concisão que, á força de encerrar profundos pensamentos em pouquissimas palavras, se torna ás vezes obscura [1].

SEXTO EMPIRICO

Sexto Empirico, medico e philosopho, natural de Mitylene, que vivia nos fins do seculo II da nossa era, pertencia á escola sceptica, cuja doutrina expoz largamente, e sustentou com tenacidade nas suas duas obras intituladas: *Hypotyposes dos pyrrhonios*, e *Refutação dos mathematicos*, isto é, dos partidarios de toda e qualquer sciencia; violenta diatribe contra o dogmatismo [2].

ALEXANDRE APHRODISIENSE

Alexandre, natural de Aphrodiséa na Caria (200 annos P. C.) ensinou em Athenas e em Alexandria as doutrinas peripateticas, e deixou escriptos diversos commentarios sobre as obras de Aristoteles [3].

NEO-PLATONISMO

A cidade de Alexandria, onde nos ultimos tres seculos antes da era christã tinham florescido os estudos philologicos, e todo o genero de erudição, desde os fins do seculo II da mesma era até aos fins do seculo IV, viu nascer e medrar em seu seio uma nova seita philosophica (para não fallar como de escola distincta no eclectismo, termo medio entre o scepticismo e o dogmatismo sectario e exclusivo), o neo-platonismo, isto è, uma mis-

[1] Ed. Parisiis, 1816, in-8.°; Lipsiæ, 1829, in-16.°
[2] Ed. Berolini, 1842, in-8.°
[3] Ed. Monaci, 1842, in-8.°, Berolini, 1847, in-8.°

tura das doutrinas de Platão com as de outras escolas, um systema de amalgamação de elementos diversos e ás vezes até oppostos, formando um conjuncto de philosophia nova, quasi toda ella de imaginação, de sentimento, impregnada de mysticismo oriental. A maioria dos neo-platonicos, muitos dos quaes aos delirios da theosophia ajuntavam as praticas da theurgia, rompeu violentissimas hostilidades contra o christianismo e, nos derradeiros tempos de tão encarniçada luta, teve poderoso auxiliar na pessoa de um imperador litterato e philosopho, Juliano o Apostata. Ficaram porém frustrados todos os seus esforços, e a victoria da nova religião foi estrondosa e definitiva.

A mesma cidade de Alexandria foi contemporaneamente séde de uma escola de philosophos christãos que, com grande apparato de sciencia e erudição sagrada e profana, expozeram e explicaram as verdades reveladas, e as sustentaram e defenderam com o maior vigor e fructuosamente, contra os ataques do já decadente, mas ainda furibundo polytheismo.

AMMONIO

O primeiro que misturou as doutrinas do lyceu ou do peripato com as da academia, e que n'essa doutrina já mixta introduziu o mysticismo oriental, fundando assim o eclectismo antigo, foi Ammonio, de Alexandria (220 P. C.), cognominado Saccas, porque a sua grande pobreza o obrigava a ganhar a subsistencia exercitando o infimo mister de mariola.

PLOTINO

Plotino, nascido em Lycopolis, cidade do Egypto, no anno 205 P. C., foi discipulo de Ammonio, cujo eclectismo adoptou, e póde ser considerado como verdadeiro fundador do neo-platonismo. Na idade de quarenta annos fixou o seu dominio em Roma, onde abriu uma escola de philosophia. Ás doutrinas de Platão, de Pythagoras e de outros pensadores, acrescentou alguns sonhos ou delirios da propria imaginação. Pretendia ter muitas vezes gosado da vista de Deus. Foi um verdadeiro theosopho ou illuminado.

As suas obras, cujo estylo é conceituoso, cerrado e ás vezes obscuro, foram publicadas, com o nome de *Enneades*, por seu discipulo Porphyrio [1].

[1] Ed. Parisiis, 1854, in-4.°

PORPHYRIO

Porphyrio, chamado originariamente Malcho, nascido em Batanea, na Syria, no anno 233 P. C., o mais celebre dos discipulos de Plotino, foi inimigo acerrimo do christianismo, contra o qual escreveu varias obras, que foram victoriosamente refutadas por alguns dos mais antigos padres da igreja. Cultivou quasi todos os ramos dos conhecimentos humanos. Dos muitos escriptos que compoz, merecem ser aqui mencionadas as suas *Questões homericas*, onde se explicam engenhosamente muitos logares do principe dos poetas [1].

JAMBLICHO

Jamblicho, natural de Chalcis, cidade da Celesyria, 300 annos P. C., foi discipulo de Porphyrio, e teve um grande numero de discipulos, entre os quaes Juliano, que depois cingiu o diadema imperial, e veiu a ser um dos mais terriveis perseguidores da igreja. As suas obras são um tecido de absurdas doutrinas theosophicas. N'ellas se falla continuamente de operações magicas e theurgicas [2].

PHILOSOPHOS CHRISTÃOS

S. Justino, nascido em Sichem na Palestina no anno 89 P. C. Depois de haver adoptado as doutrinas philosophicas de Platão, converteu-se ao christianismo aos trinta annos de idade, e veiu a Roma, onde propugnou com grande zêlo, e não menos sciencia, as verdades evangelicas. Sendo calumniosamente accusado pelo philosopho cynico Crescencio, padeceu o martyrio em 165, imperando Marco Aurelio. Foi o primeiro que procurou ligar a philosophia á religião revelada, como derivadas ambas da mesma origem, pois um só e o mesmo Deus é o dador da rasão e o auctor da revelação. (Jenæ, 1847–1849, 3 vol. in-8.°)

Athenagoras, de Athenas, auctor de um tratado sobre a resurreição futura, dirigiu ao imperador Marco Aurelio e a seu filho Commodo uma apologia a favor dos christãos, escripta com grande moderação, e em estylo elegante e por vezes eloquente. (Jenæ, 1857, in-8.°)

S. **Ireneu**, bispo de Lyon, nos fins do seculo II da igreja, alem de

[1] Ed. Parisiis, 1860, in-8.°; Ultrajecti, 1765, in-4.°

[2] Ed. Lipsiæ, 1815–1816, 2 vol. in-4.°

outras obras, escreveu cinco livros *Contra as heresias*. (Parisiis, 1857, in-8.º)

Hermias (190 P. C.) n'uma obra que escreveu, intitulada *Irrisão dos sophistas gentios*, tratou dos principios das cousas, da natureza da alma, da divindade e do destino do homem. (Parisiis, 1624, in-fol.)

T. Flavio Clemente, de Alexandria, floresceu nos começos do seculo III da igreja, e presidiu á celebre escola christã d'aquella metropole. Mostrando quanto as doutrinas christãs dogmaticas e moraes eram superiores ás da gentilidade, excedeu todos os escriptores ecclesiasticos que o haviam precedido. Alem de outras obras *(Discurso exhortatorio e o Pedagogo)* escreveu uma, a que poz o nome de *Stromas*, isto é, Miscellanea, que é um riquissimo thesouro de erudição sagrada e profana. (Lipsiæ, 1831–1834, 4 vol. in-12.º)

Origenes, discipulo do precedente e nascido no anno 185, foi o mais douto de todos os que até ao seu tempo tinham illustrado a celebre escola, de que foi mestre e oraculo. Alem dos seus commentarios á biblia, e das *Hexaplas*, edição da sagrada escriptura em 6 columnas, escreveu um grande numero de obras, cuja maior parte se perdeu. Em algumas d'ellas ensinou doutrinas pouco orthodoxas, mas sem intenção de ir de encontro ao que a igreja ensina. Todavia alguns de seus sequazes se tornaram hereges.

Entre os escriptos que conservâmos do celebre presbytero de Cesaréa, merece particular menção a sua *Defeza da religião christã contra Celso*. (Parisiis, 1857, 9 vol. in-4.º)

MATHEMATICA

Dos mathematicos mais afamados que floresceram n'este quinto periodo, daremos apenas os nomes. Quem desejar conhecer os de todos e saber que obras escreveram, póde consultar a *Bibliotheca* de João Alberto Fabricio [1]:

Nicomacho, de Gerasa, na Celesyria; Theon, de Smyrna; Menelao, de Alexandria; Heliodoro, de Larissa; Theodoro, de Tripoli, na Lydia.

Na astronomia distinguiram-se principalmente os seguintes:

Posidonio, de Apaméa; Gemino, de Rhodes; Sosigenes, egypcio; Hypsicles, de Alexandria; Claudio Ptolemeu, o mais famoso de todos os astronomos da antiguidade, de quem se fará menção como geographo; Cleomenes, cuja patria se ignora.

[1] Tom. 3.º, pag. 543 a 599.

Os escriptores mais notaveis que trataram da arte militar, são os seguintes:

Onosandro, 40 annos P. C., compoz um livro que intitulou: *Tratado estrategico*, isto é, sciencia de um chefe de exercito.

Claudio Eliano, compoz, reinando Trajano, um *Tratado de tactica*.

Polyeno, de Macedonia, que era advogado em Roma, no reinado de Marco Aurelio, escreveu oito livros sobre *Estratagemas*, ou ardis de guerra. O sexto e o setimo livros d'esta obra, que não é mais do que uma compilação, temo-los incompletos [1].

Escreveram sobre os principios e theoria da musica, Alypio, de Alexandria, Aristides Quintiliano e o astronomo e geographo Claudio Ptolemeu.

GEOGRAPHIA

ESTRABÃO

Estrabão, nascido em Amaséa, cidade da Cappadocia, trinta annos, pouco mais ou menos, A. C., foi o mais douto dos geographos antigos. Aproveitando-se de tudo quanto se havia escripto sobre geographia até ao seu tempo, e tendo commettido longas viagens para sobre ella mais se instruir, em resultado de suas leituras e proprias observações, escreveu o seu *Tratado geographico* em dezesete livros, que felizmente chegou aos nossos dias, aindaque com grandes lacunas pelo que respeita ao setimo livro, relativo á Thracia e á Macedonia. A obra é realmente interessantissima, e rica em noticias historicas e estatisticas. Elucida muitos pontos difficeis da archeologia, informa-nos largamente ácerca da religião e das instituições politicas de muitos povos. Oxalá que tambem se houvesse proposto instruir-nos sobre os productos naturaes dos differentes paizes perlustrados em suas viagens! Finalmente o seu estylo não deixa de ser agradavel, pelo menos, e apesar dos muitos nomes proprios e de minuciosas descripções de objectos pouco susceptiveis de ornatos, não é arido nem enfadonho. As *Memorias historicas* que Estrabão compozera, não as possuimos [2].

[1] Acaba de publicar-se em Paris, a expensas do governo imperial, uma collecção completa dos escriptores gregos que escreveram sobre assumptos militares, 1867, 4 vol. in-4.°

[2] Ed. Berolini, 1844-1852, 3 vol. in-8.°; Lipsiæ, 1852, 2 vol. in-12.°

PTOLEMEU

Claudio Ptolemeu florescia seculo e meio depois da nossa era. Como astronomo deu o seu nome ao systema que reinou por muitos seculos nas escolas, segundo o qual o sol, os planetas e os astros giram em torno da terra, que fica immovel; systema conforme ás apparencias, mas contrario á realidade, que foi refutado por Copernico e por Gallileu.

Considerado como geographo, Ptolemeu igualou, ou quasi igualou a fama de Estrabão. O seu *Tratado de geographia* em sete livros, gosou de uma immensa reputação durante muitos seculos e, sem embargo de se lhe notarem não poucas inexactidões, é obra de subido merecimento. Ainda hoje a sua leitura tem uma grande importancia archeologica. Emquanto á dicção e ao estylo, fica muito distante do merecimento de Estrabão. Alem da *Geographia* possuimos muitos outros escriptos de Ptolemeu, porém todos menos importantes que a sua obra capital, que é o principal fundamento da sua grande celebridade [1].

PAUSANIAS

Pausanias, natural de Cesaréa, da Cappadocia, passou a maior parte da sua vida em Roma, onde morreu no seculo II da nossa era.

Escreveu uma *Descripção da Grecia* em 10 livros, que costumam ser designados pelos nomes das regiões n'elles descriptas, e que são: A Attica, a Corinthia, a Laconia, a Messenia, a Elide, a Achaia, a Arcadia, a Beocia e a Phocide.

Esta obra é muito instructiva, e a sua leitura não sómente agradavel mas indispensavel a todos os que desejam conhecer as antiguidades gregas, as tradições patrioticas e as lendas religiosas dos diversos povos hellenicos. N'ella se acham mencionados, e ás vezes miudamente descriptos, os monumentos publicos sagrados e profanos de todas as cidades que o auctor visitára com o intuito de bem desempenhar a tarefa por elle emprehendida. Os amantes das artes acharão portanto na obra de Pausanias um thesouro de noticias com que satisfaçam a curiosidade e augmentem o cabedal da erudição adquirida no estudo de outros antigos escriptores.

Emquanto ao estylo, o do illustre periegeta está bem longe de poder servir de modelo; pecca umas vezes por desalinho, outras por nimia longura, outras finalmente por affectação [2].

[1] Ed. Lipsiæ, 1843–1845, 3 vol. in-16.°

[2] Ed. Lipsiæ, 1822–1828, 5 vol. in-8.°; Lipsiæ, 1819, 3 vol. in-12.°

MEDICINA

Á historia da sciencia pertence memorar o nascimento e progressos das differentes escolas de medicina que durante este periodo se afastaram mais ou menos do dogmatismo empirico de Hippocrates, das quaes as mais celebres foram a *methodica*, a *pneumatica* e a *eclectica*. Aos estudiosos da litteratura grega basta que lhes não sejam estranhos os nomes de dois ou tres insignes mestres da arte salutar que n'aquelles tempos floresceram, e que deixaram escriptas verdadeiramente magistraes admirados pelos contemporaneos e pela posteridade por uma longa successão de seculos; alguns d'elles ainda hoje havidos em preço pelos avaliadores competentes.

ARETEU

Areteu, nascido na Cappadocia, florescia nos fins do seculo I, ou no principio do II depois da era vulgar. É o mais famoso dos medicos gregos depois de Hippocrates e de Galeno.

A sua obra *Sobre as causas, signaes e tratamentos das doenças chronicas e agudas*, tem grande merecimento ainda emquanto á dicção e ao estylo [1].

GALENO

Claudio Galeno nasceu em Pergamo, no anno 131 P. C. Depois de se haver applicado á philosophia, principalmente á peripatetica, dedicou-se ao estudo da medicina em Alexandria, e passou a residir em Roma, onde a sua grande reputação lhe grangeou a honra e vantagem de ser medico dos imperadores Vero, Marco Aurelio e Commodo. Os seus escriptos medicos, importantissimos pela substancia do seu conteúdo, mas pouco recommendaveis sob o aspecto litterario, gosaram de uma immensa reputação desde o seu apparecimento até á epocha do renascimento das letras, e foram traduzidos em arabe e em hebraico antes de serem vertidos em latim; algumas traducções saíram a lume antes do texto [2].

[1] Ed. Lipsiæ, 1828, in-8.°
[2] Ed. Lipsiæ, 1821-1823, 20 vol. in-8.°

DIOSCORIDES

O medico Pedanio ou Pedacio Dioscorides, de Anazarbe, na Cilicia, nascido no anno 64 P. C., foi o mais illustre botanico da antiguidade. A sua obra mais importante é um *Tratado sobre a materia medica*, em 5 livros, fructo em parte de observações pessoaes, e em parte compilação de escriptos alheios sobre o mesmo assumpto ou sobre assumptos analogos. Quasi tudo o que na idade media se sabia em pontos de botanica, era aprendido na obra de Dioscorides, cuja leitura ainda hoje não deixa de ser util; pelo menos é digna de excitar a curiosidade dos estudiosos das sciencias naturaes. Emquanto ao estylo, nem a materia *(contenta doceri)* se prestava muito a primores, nem talvez o auctor fosse capaz de os introduzir em seus escriptos [1].

[1] Ed. Lipsiæ, 1829, 2 vol. in-8.º

SEXTO PERIODO

(Byzantino)

Desde Constantino Magno até á tomada de Constantinopla, 306 a 1453 P. C.

ESTADO POLITICO

A trasladação da capital do mundo romano para Byzancio trouxe comsigo importantissimas alterações nas condições politicas do imperio. Nos primeiros tempos todas as provincias de que elle se compunha dependeram da nova metropole, a que Constantino dera o seu nome. Não decorrêra um seculo, quando aquella grande aggregação de diversos povos deixou de formar um só corpo. O imperio, que já nos tempos de Diocleciano, e dos dois Valentinianos tivera dois chefes supremos, dividiu-se definitivamente em oriental e occidental. Por morte de Theodosio Magno, que deixou dois filhos, a um d'elles, Arcadio, coube o oriente, ao outro, Honorio, o occidente. O imperio do occidente, contra o qual os barbaros do norte, godos, alanos, vandalos, borguinhões, etc., dirigiram todos os seus esforços, invadindo-lhe successivamente as provincias, e atacando-o na propria séde do governo, succumbiu finalmente ao furor de tantos e tão vigorosos inimigos. Romulo Momyllo, cognominado *Augustulo* por zombaria, foi o ultimo dos imperadores do occidente (475) [1].

O imperio do oriente ainda durou perto de dez seculos, porém com varia e quasi sempre adversa fortuna. Mal dirigido por uma serie de soberanos, ou fracos, ou devassos, ou crueis, dilacerado por discordias entre facções politicas, e ainda mais por dissensões religiosas, tornou-se alvo dos ataques de um povo cheio de vigor e avido de conquistas (os turcos), que no seculo X veiu estabelecer-se na Persia e na Asia Menor. Este povo em tempos obscuros e remotos saído «*das silvestres covas dos Caspios montes* e *da Scythia fria* [2]», depois de tentativas renovadas durante mais de tres seculos, quasi sempre com algum prospero resultado, foi estrei-

[1] O imperio do occidente foi depois renovado no anno 800. Carlos Magno foi o primeiro imperador depois d'esta renovação.

[2] *Lusiadas*, canto VII, est. 12.ª

tando cada vez mais os limites do imperio do oriente, até que o sultão Mahomet II o destruiu completamente, assenhoreando-se de Constantinopla, cujos habitantes, estimulados pelo exemplo do seu soberano, lhe haviam opposto a mais heroica resistencia (1453). Por uma notavel coincidencia, assim como o ultimo imperador de Roma se chamava Romulo, nome do seu fundador, o derradeiro imperador de Constantinopla chamava-se Constantino, nome que fôra o do auctor da grandeza da rainha do Bosphoro, e fundador do imperio do oriente.

LINGUA

A lingua grega durante este periodo, e principalmente depois da morte do Imperador Juliano, foi perdendo mais e mais a sua pureza e esplendor, até a sua degeneração se tornar completa. Todavia, sem embargo de tão lamentavel corrupção do mais bello dos idiomas, as sciencias e as letras não deixaram de ter fervorosos cultores até ao tragico fim do ultimo soberano (Constantino Paleologo), alguns dos quaes depois da escravisação da patria, emigrando para diversas cidades (os mais d'elles para a Italia), contribuiram poderosamente para o renascimento das letras no occidente. Aqui é de justiça observar que a lingua grega n'este periodo deveu grandes obrigações á igreja oriental, a qual conservando sempre a lingua hellenistica no uso liturgico, e para assim dizer no uso official, servindo-se d'ella em seus synodos, e nos actos pastoraes de seus bispos, na catechese e na parenetica, foi talvez a causa de não ter inteiramente desapparecido. Ora esta mesma lingua hellenistico-ecclesiastica deu origem ao idioma *romaico* ou grego moderno, onde se introduziu um grande numero de vocubulos francezes, italianos e turcos, e que, hoje depois da regeneração da Grecia, se vae continua e rapidamente depurando, tendendo a voltar á primitiva perfeição.

POESIA

NONNO

Nonno, nascido em Panopolis, no centro da Thebaida, provincia do Egypto, floresceu nos fins do seculo IV ou nos principios do V. A obra

mais importante que nos deixou foi um poema heroico em quarenta e oito cantos, intitulado *Dionysiaca* ou *Dionysiacos,* no qual se contam as aventuras, conquistas e triumphos de *Dionyso,* isto é, de *Baccho,* e que por alguns é considerado como uma constante allegoria á origem e progressos da civilisação. N'este poema o auctor, mostrando profundos conhecimentos mythologicos, ostentou toda a pompa de uma versificação harmoniosa, e por isso foi proclamado pelos entendedores chefe da escola metrica contemporanea.

A segunda obra de Nonno é uma *Paraphrase do evangelho de S. João,* na qual tambem brilha a singular pericia metrica do cantor das proezas de Dionyso [1].

QUINTO SMYRNEO

Quinto de Smyrna, que floresceu em epocha incerta, pois uns o suppõem anterior a Virgilio, outros posterior ao seculo IV da nossa era, escreveu um poema, em quatorze livros, intitulado *Paralipomenos a Homero ou Post-Homericos,* que vem a ser uma continuação da Iliada até ao regresso dos capitães gregos á sua patria. Não póde ser classificado entre as epopéas por falta de unidade de acção, mas não deixa de ter merecimento emquanto á dicção, ao estylo e aos primores metricos, em todos os quaes pontos Quinto se avizinhou, quanto lhe foi possivel, ao seu grande modelo. O manuscripto dos *Paralipomenos* foi achado em meiados do seculo XV na livraria de um convento em Otranto, na Calabria, d'onde veio ao poeta o cognome de *Calabro* ou *Calabrez* [2].

Ainda menos poetas que os precedentes, e a elles tambem inferiores na metrificação, são os seguintes:

Colutho, natural de Lycopolis no Egypto (500 P. C.), escreveu um pequeno poema sobre o *Rapto de Helena.* (Lipsiæ, 1823, in-8.º)

Tryphiodoro, nascido no Egypto, mas não se sabe em que logar, no seculo V ou VI: das obras que escreveu só nos resta um poema mediocre em 691 versos, intitulado *Tomada de Troia.* (Lipsiæ, 1819, in-8.º)

Paulo Silenciario, que viveu nos tempos de Justiniano, alem de muitos epigrammas que vem nas *Anthologias,* compoz diversos pequenos poemas: as *Thermas pythicas,* a *Descripção da Igreja de Santa Sophia,* a *Descripção do Pulpito. (Analectos* de Brunck, tomo 3.º, e Lipsiæ, 1822, in-8.)

[1] Ed. Lipsiæ, 1819-1826, 2 vol. in-8.º A *Dyonisiaca* foi traduzida em prosa franceza pelo conde de Marcellus, que acompanhou de amplas e eruditas notas a sua excellente traducção. Paris 1856, 5 vol. in-8.º

[2] Ed. Lipsiæ, 1853, in-12.º

João Tzetzes, nascido em Constantinopla no seculo XII, grammatico muito erudito e mediocre versificador, foi auctor de uma vasta compilação intitulada: *Iliacos* ou *Ante-Homericos* e *Post-Homericos*. Compoz alem d'isso em versos politicos seis livros de *Historias varias*, divididas em *Chiliades*, *Scholios a Homero* e *Cartas*. (Berolini. 1816, in-8.°, Lipsiæ, 1826, in-8.°)

ROMANCE

N'este periodo da litteratura grega é que teve origem o *romance*, o qual se derivou do *conto* ou narração fabulosa, especie de composição antiquissima na India, na Persia e em outros paizes orientaes, e que tambem já existia entre os gregos havia muitos seculos, com o nome de contos *milesios*, *sybariticos*, *cyprios*, todos elles eroticos e muitos d'elles licenciosos. Vieram depois as relações de viagens fabulosas, como, por exemplo, a *Historia verdadeira* de Luciano, e finalmente as narrações das transformações de homens em brutos, por meio de artes magicas. A esta ultima especie pertence o *Asno de oiro* de Lucio de Patras, de Luciano e de Apuleio;[1] porém só no romance é que appareceu regularmente tratada uma acção possivel, muitas vezes acompanhada de interessantes episodios, e sempre com enredo e desenlace[2].

ACHILLES TACIO

Achilles Tacio ou Stacio, foi natural de Alexandria. Julga-se ter vivido no seculo III ou no IV. Era idolatra, mas já em idade madura abraçou o christianismo, e foi eleito bispo. Escrevêra, provavelmente antes da sua conversão, em estylo algum tanto declamatorio, um romance (licencioso em mais de um logar) que tem por titulo *Os amores de Clitophonte e de Leucippe*. N'elle usou e abusou largamente do talento que tinha para as descripções e para as narrações floridas. Tambem compoz um poema sobre a *Esphera*, para servir de introducção aos *Phenomenos* de Arato[3].

[1] *O Asno* ou *Burro de oiro*, de Apuleio, foi traduzido em portuguez, em estylo elegante, pelo ex.mo sr. Barão de Villa Nova da Foscôa. Lisboa, 1847, em 8.° V. o *Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio F. da Silva.

[2] V. *Traité de l'origine des romans*, par Huet. Paris, 1670, in-8.°

[3] Ed. Lipsiæ, 1786, in-8.°

HELIODORO

Heliodoro, nascido em Emesa, cidade da Phenicia, floresceu no reinado de Theodosio e no de seu filho Arcadio. Na sua mocidade, e antes de vir a ser bispo de Tricca, cidade de Thessalia, escreveu um romance intitulado *Ethiopica* ou *Os amores de Theogenes e Chariclea*. A sua dicção é pura, o seu estylo natural e, o que mais honra o auctor, em todo o romance reina uma recommendavel moralidade [1].

Alem d'estes dois romancistas, que são os mais celebres, merecem ser mencionados os seguintes:

Longo, cognominado o *Sophista*, que vivia provavelmente no seculo V, auctor do romance pastoril *Daphnis e Chloe*, em quatro livros. Emquanto á singeleza do estylo, não desdiz do genero pastoril a que pertence, mas tem trechos algum tanto licenciosos. (Lipsiæ, 1843, in-8.°)

Xenophonte, de Epheso. Julga-se ter vivido nos fins do seculo II ou começos do III. Compoz em estylo singelo e facil uma *Historia de Abrocome e de Anthia*, em cinco livros. (Vindobonæ, 1796, in-4.°)

Chariton, de Aphrodiséa, escreveu, em estylo tenue, um romance intitulado *Chereas e Callirrhoe*. (Lipsiæ, 1783, in-8.°)

Eustathio ou Eumathio, compoz o romance *Ismenias e Ismene*. (Lipsiæ, 1792, in-8.°)

Theodoro Prodromo, que viveu no seculo XII, é auctor do romance *Os amores de Rhodanthe e de Dosicles*. (Parisiis, 1625, in-8.°) [2]

Aos romancistas gregos podem acrescentar-se os epistolographos eroticos, porquanto as suas cartas só pelo nome é que pertencem ao genero epistolar; no mais são verdadeiros romances. Em algumas d'ellas predomina uma affectação de estylo, indicio e fructo da decadencia do gosto litterario.

Alciphron, sophista de epocha incerta, escreveu cento e dezeseis cartas de pura invenção, divididas em tres livros, em que soube pintar ao vivo, com pureza de dicção, e atticismo de estylo, caracteres, e modo de pensar e de viver de individuos de differentes condições, camponezes, pescadores, parasitas. (Lipsiæ, 1798, 2 vol. in-8.°)

Aristeneto, de Nicéa, sophista, escreveu tambem cartas eroticas, como mero exercicio de imaginação e de estylo; porém em ambos estes dois pontos ficou muito inferior a Alciphron. (Lutetiæ, 1822, in-8.°)

[1] Ed. Parisiis, 1804, 2 vol., in-8.°

[2] A collecção mais moderna de todos os poetas eroticos gregos é a de Paris, 1856, in-4.°

SOPHISTAS

JULIANO

Flavio Claudio Juliano, sobrinho de Constantino Magno, nasceu em Constantinopla no anno 331, e subiu ao throno imperial em 361. Ainda que pela sua apostasia e pela perseguição com que avexou os christãos seus antigos correligionarios, o seu nome se tornou perpetuamente infame e odioso, todavia não se deve negar haver sido dotado de distincto engenho, e ter tido qualidades apreciaveis como general, como estadista e como escriptor. Temos d'elle satyras, entre as quaes a mais notavel é contra os pretendidos philosophos, intitulada *Misopogon, discursos e cartas* [2].

LIBANIO

Libanio nasceu em Antiochia, no anno 314. Foi um dos mais famosos sophistas da antiguidade. Nas suas prelecções publicas brilhava não menos pela vastidão dos seus conhecimentos do que pela facundia.

Faz grande honra ao sabio antiocheno o seu espirito de tolerancia, pois, sendo pagão, muito aferrado ao polytheismo, e protegido e estimado do imperador Juliano, conservou sempre o mais cordial affecto a S. Basilio e a S. João Chrysostomo, que tinham sido seus discipulos; assim como tambem estes sempre prezaram e respeitaram muito o seu mestre das boas letras [1].

HIMERIO

Himerio nasceu no seculo IV em Prusa, cidade da Bithynia. Tendo estudado em Athenas, debaixo da direcção dos mais famigerados sophistas, perlustrou varias cidades, entre outras Corintho, Lacedemonia e Nicomedia, sendo em toda a parte objecto de admiração pelos seus grandes dotes oratorios. Voltou depois a Athenas, que era então considerada como a metropole litteraria do oriente. Ali regeu uma cadeira publica de eloquencia, e teve a honra de contar no numero de seus discipulos a Gregorio de Nazianzo, que depois veiu a ser um dos maiores luminares da igreja. Compoz mais de cincoenta discursos, de dezeseis dos

[1] Ed. Lipsiæ, 1696, 2 vol. in-fol.
[2] Ed. Amstælodami, 1738, in-fol.

quaes Phocio nos conservou extensos extractos. Estes extractos e, alem d'elles, trinta e quatro discursos (vinte e quatro na sua integra), foram colligidos por J. C. Wernsdorf, e impressos em Gottinga, 1790. O estylo de Himerio tem todos os defeitos do seu seculo, uma elevação mal cabida na prosa e apenas propria da poesia lyrica mais remontada.

THEMISTIO

Themistio floresceu na segunda metade do seculo IV. Muitas das grandes cidades do oriente já tinham admirado a sua eloquencia, quando elle foi estabelecer-se na nova capital do imperio romano, na qual por vinte annos, como philosopho e como orador, excitou grande enthusiasmo, e gosou da protecção dos principes; protecção de que se tornára digno, pois foi um dos homens que mais lustre deram á philosophia e á eloquencia nos ultimos tempos do paganismo. Um dos mais doutos padres da igreja, S. Gregorio Nazianzeno, não duvidou proclama-lo *rei da eloquencia.*

Alem da paraphrase de algumas obras de Aristoteles e de commentarios sobre Platão, compoz trinta e seis *discursos* (de que temos trinta e tres) vinte *panegyricos* e treze *declamações* pouco importantes [1].

ELOQUENCIA CHRISTÃ

O quinto periodo da litteratura grega conta com ufania entre os seus maiores ornamentos um consideravel numero de sabios, oradores e litteratos que professaram e defenderam o christianismo, e que illustraram a igreja com seus escriptos. Aqui só mencionaremos alguns dos mais abalisados pela sua erudição e eloquencia [2].

S. GREGORIO NAZIANZENO

S. Gregorio, nascido no anno 300, em Nazianzo, cidade da Cappadocia, não se tendo podido conservar na sé de Constantinopla em consequencia

[1] Parisiis, 1684, in-fol.

[2] A obra mais digna de ser consultada sobre este assumpto é a do douto benedictino Remigio Ceillier: *Histoire générale des auteurs sacrés et ecclésiastiques,* Paris, 1629–1663, 24 vol. in-4.°

da opposição que lhe fizeram outros bispos, retirou-se para a solidão, e compoz um grande numero de obras, todas de subido merecimento. Temos d'elle cincoenta *sermões* ou *praticas*, um grande numero de *cartas*, duzentos cincoenta e quatro *epigrammas* e cento cincoenta e oito *pequenos poemas*, entre elles um drama christão, intitulado *Paixão de Christo* [1].

S. BASILIO

S. Basilio, com rasão chamado Magno, nasceu em Cesaréa, da Cappadocia; no anno 329 veiu a ser bispo da sua cidade natal. Fundou o mais famoso e o mais seguido de todos os institutos monasticos do oriente. Escreveu um grande numero de *discursos*, *homilias*, *cartas* e *commentarios* á sagrada escriptura. A mais celebre de suas obras é o *Hexameron* ou discursos sobre os seis dias da creação [2].

S. JOÃO CHRYSOSTOMO

S. João, cognominado *Chrysostomo*, isto é, *bóca de oiro*, o mais eloquente dos padres da igreja grega, nasceu em Antiochia, no anno 354 P. C., e foi elevado á sé de Constantinopla, tendo quarenta e quatro annos de idade. São muito numerosas as suas obras, e todas, como era de esperar do seu auctor, não só excellentes pela substancia da doutrina que encerram, mas tambem summamente recommendaveis pela pureza da dicção, em que nenhum dos contemporaneos o igualou, e pela energia e belleza do estylo, o qual faz lembrar os melhores dias da litteratura grega. Entre os escriptos d'este doutor da Igreja, cuja maior parte consiste em *discursos*, *sermões*, *homilias* e *commentarios* sobre a biblia, os mais conhecidos e estimados são os tratados sobre a *Providencia*, e sobre o *Sacerdocio* [3].

SYNESIO

Synesio, nascido em Cyrene, no meiado do seculo IV, philosopho platonico, foi, muito a seu pezar, bispo de Ptolemaida na Africa. Em suas obras, que constam de *discursos*, *cartas* e *hymnos*, procurou conciliar

[1] Ed. Parisiis, 1842, 2 vol. in-fol.
[2] Ed. Parisiis, 1857, 4 vol. in-4.°
[3] Ed. Parisiis, 1858, sqq., 18 vol. 4.°

com o christianismo parte das doutrinas platonicas. O seu estylo é mais conciso do que ornado [1].

GRAMMATICA E ERUDIÇÃO VARIA

Entre os grammaticos e eruditos d'este periodo, os que mais nos interessam são os que se occuparam de elucidar os antigos escriptores, ou por meio de notas e commentarios ou por meio de diccionarios, e os que nos deixaram extractos de obras, que aliás não seriam de nós conhecidas. Recordaremos os nomes dos mais benemeritos em cada uma das classes supramencionadas.

Eustathio, de Constantinopla, bispo de Thessalonica em 1160, auctor do mais amplo de todos os commentarios aos dois poemas homericos. Tambem annotou a obra geographica de Dionysio Periegeta.

João Tzetzes (de quem já se fallou n'outro logar), contemporaneo do precedente, elucidou Hesiodo e Lycophron.

Maximo Planudes, monge do seculo XIV, collector da *Anthologia*, que tem o seu nome, e traductor dos *Distichos moraes* de Catão e das *Metamorphoses* de Ovidio, em grego.

Como lexicographos merecem menção distincta:

Valerio Carpocracion, de Alexandria, que se suppõe contemporaneo de Libanio.

Ammonio, tambem de Alexandria, 388 P. C.

Suidas, que vivia, provavelmente, nos fins do seculo XI. O seu *Lexicon* é realmente interessante, e d'elle se póde colher uma vasta e variada instrucção archeologica. O mesmo se póde dizer a respeito do *Etymologicum magnum*, ou *Grande diccionario etymologico*, cujo auctor nos é desconhecido.

Dos que n'este periodo nos deixaram extractos de auctores antigos, merece ser mencionado n'este ponto com especial louvor Phocio, patriarcha de Constantinopla, infelizmente auctor do scisma que ainda hoje separa da communhão catholica a maior parte da igrega oriental.

D'este mau bispo, mas varão doutissimo, temos uma *Bibliotheca*, que contém juizos criticos, extractos e fragmentos de duzentos e oitenta escriptos por elle lidos e analysados. Tambem conservâmos d'elle um *Lexicon*. (Berolini, 1824, 2 vol., in-4.° Cantabrigiæ, 1827–1832, 2 vol.)

[1] Ed. Parisiis, 1859, in-4.°

HISTORIA

Os historiadores d'este periodo são conhecidos pelo nome de *Byzantinos*. Referem, em parte como testemunhas oculares, muito circumstanciadamente, os acontecimentos occorridos no imperio romano do oriente. Todos os seus escriptos historicos, que formam diversas series, têem sido reunidos e formam collecções [1] realmente utilissimas, e até indispensaveis para os estudos historicos; mas que pouca importancia têem como monumentos de litteratura. Por isso nos limitaremos a indicar os nomes dos mais notaveis de taes historiadores:

João Zonaras, Nicetas Acominato, Nicephoro Gregoras, Laonico Chalcondylas, Zozimo, Procopio, Anna Comnena.

Entre os que escreveram no genero historico, mas que não pertencem á serie dos historiadores byzantinos, faremos menção dos seguintes:

Eunapio, de Sardes, contemporaneo de Juliano Apostata, escreveu em mau estylo as *Vidas dos philosophos e sophistas;* obra preciosa para a historia do neo-platonismo. (Amstælodami, 1822, 2 vol. in-8.°)

Marino, de Flavia Neapolis na Palestina, escreveu a vida de Proclo, de quem foi successor na escola platonica de Athenas. (Lipsiæ, 1814, in-8.°)

Hesychio, de Mileto, no seculo VI. Escreveu uma breve *Historia litteraria*. (Lipsiæ, 1820, in-8.°)

Theophylacto Simocatta, egypcio, escreveu, em estylo demasiadamente florido, a historia do reinado do imperador Mauricio (582–602) em oito livros. (Bonnæ, 1834, in-8.°)

S. Nicephoro, nascido em 758, patriarcha de Constantinopha, grande defensor do culto das imagens, escreveu, alem de outras obras, um *Epitome historico* desde 602 a 770. (Paris, 1860, in-4.°)

Constantino Porphyrogeneta, imperador de Constantinopla em 912, e envenenado por seu filho Romano, em 959, foi muito amante da litteratura classica e, alem de muitas outras obras, escreveu a *Vida do imperador Basilio I.* (Parisiis, 1685, in-fol.)

[1] Tem-se publicado mais de uma collecção dos historiadores byzantinos. As mais estimadas são a de Paris, 1648, 23 vol. in-fol.; e a de Veneza, 1729, tambem 23 vol. in-fol.

GEOGRAPHIA

Poucos progressos fez a geographia n'este periodo. Todavia merecem ser mencionados os escriptores seguintes:

Marciano, de Heraclèa, que floresceu nos principios do seculo V, escreveu um *Periplo*, ou viagem de circumnavegação, inserido na já citada collecção dos *Geographos menores*.

Estevão de Byzancio, que vivia na primeira metade do seculo VI, tinha composto um grande diccionario ao mesmo tempo grammatical e geographico, em que se havia proposto indicar a origem do nome dos povos, regiões, cidades, rios, etc., e a memorar as tradições locaes de differentes nações. De uma obra tão importante segundo o plano traçado, só temos um fragmento. Conservâmos porém um resumo feito pelo grammatico Hermolao, nos tempos de Justiniano. (Lipsiæ, 1825, 4 vol. in-8.°)

Cosmas Indicopleusta, negociante de Alexandria, na primeira metade do seculo VI, que tinha feito longas viagens, principalmente á India, d'onde lhe veiu o nome, escreveu uma *Cosmographia* em doze livros.

Nicephoro Blemmida, byzantino do seculo XIII. Temos d'elle, descobertos não ha muito tempo, dois pequenos tratados: uma *Geographia synoptica* e uma *Historia synoptica da terra*. (Lipsiæ, 1818, in-4.°)

MATHEMATICA

A mathematica teve n'este periodo alguns cultores de alguma nomeada. O mais celebre de todos foi:

Diophante, de Alexandria, que verosimilmente foi contemporaneo de Juliano Apostata. Commummente é reputado inventor da analyse algebrica, e entra no numero dos quatro grandes mathematicos da antiguidade. (Parisiis, 1821, in-fol.)

Pappo, de Alexandria, nos fins do seculo IV foi philosopho e mathematico destincto, e escreveu uma obra intitulada *Collecção mathematica* muito digna de apreço para a historia da sciencia (em latim. (Bononiæ). 1660, in-fol.)

Sobre tactica escreveram: Theron o Moço, 610 P. C., e os imperadores Mauricio, 590, Leão VI, 900, Constantino Porphyrogeneta, 950[1].

[1] As obras d'estes auctores acham-se na collecção dos escriptores gregos *de re militari*, de que já se fez menção.

PHILOSOPHIA

Nos começos d'este periodo continuou a predominar o neo-platonismo; porém o platonismo antigo teve tambem alguns adherentes.

Sallustio, consul no anno 363, professou a philosophia platonica. Compoz um tratado *sobre os deuses e sobre o universo*. (Romæ, 1638, in-8.°)

Syriano, de Alexandria, tambem platonico e rhetorico. Do seu *Commentario sobre a metaphysica de Aristoteles*, só temos uma traducção latina, impressa em Veneza em 1558, em 4.°

Proclo, de Constantinopla, cognominado *Diadocho*, foi o mais sabio e o mais celebre de todos os philosophos d'este periodo. O neo-platonismo deveu-lhe grandes serviços, e d'elle recebeu não pouco esplendor. Compoz numerosos commentarios sobre Platão e alem d'isso hymnos philosophico-religiosos, esmaltados de alta poesia, de que hoje temos sete, achados successivamente, com longos intervallos de tempo [1].

Marino, de Flavia Neapolis, discipulo de Proclo, a quem succedeu na cadeira de Athenas. Escreveu a vida do seu mestre. (Lipsiæ, 1820, in-8.°)

Damascio, o ultimo que ensinou a philosophia neo-platonica em Athenas. Escreveu as suas investigações sobre os *primeiros principios*. (Francofurti, 1826, in-8.°, Parisiis, 1861, in-8.°)

Hierocles, de 410 a 446, professou a philosophia neo-platonica em Athenas. Temos d'elle um *Commentario sobre os versos de oiro de Pythagoras* e um livro intitulado *Facecias*. (Londini, 1665–1673, 2 vol. in-8.°)

João Stobeo, de Stobios na Macedonia, 500 P. C., escolheu nas obras dos antigos escriptores, assim poetas como prosadores, as sentenças e pensamentos philosophicos, e os coordenou por ordem de materias em duas obras, ambas de grandissima utilidade e muito agradaveis pela sua immensa variedade: á primeira collecção poz o nome de *eclogas*, isto é, excerptos, á segunda o de *apophthegmas*.

A ambas as collecções cabe bem o titulo de *Florilegio*. (Lipsiæ, 1823–1824, 4 vol. in-8.°)

Antonio Melissa, monge que vivia em meiado do seculo VIII, fez tambem uma collecção de logares communs e de sentenças moraes, porém menos importante que a de Stobeo. (Figuri, 1446, in fol.)

S. **João**, natural de Damasco, e por isso cognominado *Damasceno*, que tambem floresceu em meiado do seculo VIII. Foi o primeiro auctor de

[1] Ed. Paris, 1858, in-4.° V. G. *Grecs anciens et grecs modernes*, pelo conde de Marcellus.

um systema methodico de theologia christã e, por assim dizer, o primeiro theologo escolastico no oriente, como Pedro Lombardo, seculos depois, o veiu a ser no occidente. Alem de suas obras theologicas, colligiu por ordem alphabetica antigas sentenças philosophicas. Foi um dos mais vigorosos e ardentes impugnadores da heresia dos iconomachos ou inimigos das sagradas imagens. (Parisiis, 1860, in-4.°)

O imperador Basilio, fallecido em 866, compoz para seu filho Leão uma obra em quarenta e seis secções, sobre a arte de reinar, em que se contêem principios de uma elevada philosophia. (Paris, 1584, in-4.°)

Simplicio, de Cilicia, 550 P. C. Foi excellente commentador do *Manual* de Epicteto e de algumas obras de Aristoteles. (O commentario a Epicteto acha-se nos *Monumentos de philosophia de Epicteto*, publicados em Leipsick, 1799–1800, 5 vol. in-8.°)

JURISPRUDENCIA

Muitos foram n'este periodo os collectores da legislação byzantina ou auctores de promptuarios de direito civil e canonico, taes como, Miguel Psello, Sabathio, Balsamon, etc., cuja recordação pertence á historia da jurisprudencia. Merece porém aqui uma honrosa menção o sabio jurisconsulto Theophilo, que foi collaborador de Triboniano na tarefa de colligir as leis, por ordem do imperador Justiniano, e que foi o auctor da paraphrase grega das *Institutas* d'este imperador. (Hagæ, 1751, in-4.°)

MEDICINA

A medicina nenhuns progressos deveu aos seus professores n'este periodo. Os poucos que se atreveram a escrever alguma cousa sobre a sciencia salutar, foram meros compiladores. Eis-aqui os nomes de alguns que deixaram de si alguma lembrança:

Oribaso, de Pergamo, 365 P. C.

Alexandre, de Tralles, 560.

Paulo de Egina, fallecido em 668.

Theophanes Nonno, que viveu nos fins do seculo X.

TRECHOS DE POESIA GREGA

EPICA, DRAMATICA E LYRICA

TRADUZIDOS EM VERSO

PROPOSIÇÃO E PRINCIPIO

DA

NARRAÇÃO DA ILIADA

Do filho de Peleu, do bravo Achilles,
Ó Musa, canta a colera funesta,
Causa de males mil ao povo achivo,
E que tantas de heroes inclytas almas
Para o Orco arrojou, seus corpos dando
Em pasto aos cães e ás aves de rapina
(O que a Jupiter prouve assim cumpriu-se)
Desde que, porfiando a vez primeira,
Em discordia fatal se separaram
O rei supremo Atride e o divo Achilles.
Quem á lide impelliu os dois guerreiros?
De Jupiter o filho e de Latona,
Que contra Agamemnón, em ira acceso,
Lethal morbo espalhou na grega armada:
Victimas d'elle, aos centos, succumbiam;
Porque o filho de Atreu desacatára
Ao sacerdote Chryses. Supplicante,
Este viera ás naus da frota argiva,
A filha a libertar, offerecendo
Riquissimo resgate. Um sceptro de ouro
Na mão trazendo, e as fachas consagradas
Do jaculante Apollo, aos gregos todos,
Mórmente aos dois Atrides, que das hostes
Eram summos caudilhos, dirigia
Taes rogos: «Ó de Atreu preclaros filhos,
E todos outros vós, guerreiros gregos,
Praza aos deuses, do Olympo habitadores,

Que possaes derribar de Troia os muros.
E incolumes volver aos patrios lares:
Mas entregae-me livre a cara filha,
E o resgate aceitae que vos eu trago,
Honrando em mim o longe jaculante,
Filho de Jove, poderoso Apollo.»
Que se honrasse de Phebo o sacerdote,
Que fosse aceito o esplendido resgate,
Com acorde murmurio o campo argivo,
Unanime, approvou; mas não approuve
Tal voto a Agamemnón, antes, iroso,
O antistite despede, acrescentando
Ao acto descortez acerbos ditos:
«Não aconteça, ó velho, que te encontre
Outra vez ante as naus... Sem mais demora,
Parte, e não voltes, pois de nada o sceptro
Te aproveitára, nem de Apollo as fachas.
Sabe que á tua filha, eu liberdade
Não quero dar, primeiro que envelheça
Longe do ninho seu, no solo argivo,
Occupada em tecer no nosso alcaçar,
E em preparar meu thalamo. Desejas
Salvo regresso? Parte, e não me irrites.»
Assim o rei fallou. Tremendo, logo
O velho obedeceu. Calado, a praia
Pisando foi do mar fluctisonante.
Depois, já longe, da gentil Latona
Ao filho, ao louro Apollo, estas envia
Fervidas preces: «Minha voz escuta,
Smíntheo nume, tu, que sempre armado
De arco d'argento, a Chrysa e a fertil Cilla
Te dignas proteger; tu que dominas,
Rei poderoso, em Tenedos soberba;
Se ao teu annoso templo eu puz outrora
Excelso tecto, se de grossos touros,
Se de rezes caprigenas, devoto,

Pingues coxas queimei nos teus altares,
Este voto me cumpre: as tuas settas
Façam caro pagar ao dánao povo
(Justa vingança) as lagrimas que chóro!
Chryses taes preces dirigiu ao nume:
Phebo Apollo as ouviu, e dos cabeços
Do Olympo descendeu, enfurecido,
Arco e aljava, de settas atochada,
Trazendo aos hombros: do irritado Apollo
Nas espaldas as settas retiniam
No rapido correr: eis se adianta,
Á noite similhante, envolto em trevas:
Longe das naus se assenta, e um dardo lança:
Dá horrido sonido o arco de argento:
O arremessão fatal feriu primeiro
Mulos e perros; alvo os homens logo
São das flechas lethiferas do nume.
Ardem aqui e ali no campo achivo
Funéreas pyras cem, com luz infausta:
Sobre elle dias nove as settas vôam
Do deus, que espalha assim terror e morte.
O bravo Achilles, no dezeno dia,
A congresso convoca o povo achivo,
Por influxos de Juno, a quem pesava
A desventura atroz da grega gente.
Logo que juntos são, ergue-se Achilles:
«Filho de Atreu, exclama, agora eu temo
Que errantes sobre o pelago, sem gloria
Hajamos de voltar aos nossos lares
(Se escaparmos da morte ao duro golpe),
Pois peste e guerra a um tempo nos flagellam.
Algum augur portanto, ou sacerdote,
Ou de sonhos interprete busquemos,
(Pois por sonhos tambem se exprime Jove)
Que a causa nos declare, a fatal causa,
De tamanho furor de Phebo Apollo:

Se um não cumprido voto o torna adverso,
Se lhe é devida esplendida hecatomba,
Ou se de pingues escolhidas rezes
Um sacrificio quer com que se applaque,
E para longe afaste a infanda peste.»

HOMERO, *Iliada*, *I*, v. 1 a 67.

A IDADE DE OIRO

Quando, na origem do universo mundo,
Os deuses e os mortaes gerados foram,
Prouve aos numes do Olympo habitadores,
A quem dictava as leis o grão Saturno,
Raça humana crear que deu o nome,
Por innocua e feliz, á idade de oiro.
Dos homens foi então, qual a dos numes,
Toda paz e prazer, ditosa a vida,
Sem trabalho, sem dor e sem cuidados.
Não succedia á leda juventude
Triste quadra senil: vigor, destreza,
Sempre iguaes, os seus membros conservavam,
Em delicias, banquetes e folguedos,
Livres de todo o mal. Emfim, benigna,
Qual brando somno, sobrevinha a morte.
Tudo viam medrar, sorrir-lhes tudo.
Produzia em seu prol, em copia immensa,
Seus fructos espontanea a madre terra.
Era entre elles dos campos a cultura
Um jocundo mister, e não fadiga;
Mas depois que ao sepulchro esta primeira
Humana geração baixado tinha,
Os finados, em genios bemfazejos,
Por decreto de Jove convertidos,
Dos terrestres mortaes guarda e defeza,
Por toda a terra sédulos discorrem,

Em veste aerea; notam, invisiveis,
As iniquas acções, as acções justas,
E folgam de espalhar entre os humanos,
Grato officio de reis, dons e thesouros.

HESIODO, *As obras e os dias.*

A AGESIDAMO

Uteis os ventos são, quando propicios
Impellem o baixel: uteis as chuvas,
Filhas da Nuvem, á campina, ao prado:
Do varão esforçado
Aos feitos peregrinos
São estimulo e premio os doces hymnos,
E ao exaltado heroe penhor seguro
De alto valor, de esplendido futuro.

E qual mais nobre e duradoura gloria
Que a do feliz athleta,
Que na Olympica areia
Rouba,ao rival a palma da victoria!

De tão claro certame aos vencedores
Consagro a minha lyra,
Por influxo de um deus, dador do engenho,
Que sublimes canções ao vate inspira.

Agora este meu carme, oh Agesidamo,
Digna prole de Archéstrato, recebe,
Em premio da recente
Cr'ôa por ti ganhada,
Pugil invicto, em luta porfiada.
N'ella a par do teu nome, os seus louvores
Achem os Locrios do Zephyrio cabo,

De tua patria illustres moradores.
Ali correi! oh Musas!
Soltae hymnos sonoros,
Misturai com os seus os vossos coros.

Eu vos fico que em Locros
Não achareis um povo
De inhospitos costumes;
Mas progenie gentil e bellicosa,
Que préza da sciencia os claros lumes.
Estaveis são os dons da natureza:
A sagace raposa
Não perde a ruiva côr, não perde as manhas:
Fero leão não perde
Os rugidos e a indomita braveza.

PINDARO, *Ode Olympica* XI.

FALLA DE IPHIGENIA

A SEU PAE AGAMEMNON

POUCO ANTES DE SER SACRIFICADA Á DEUSA DIANA

Ah! quem me dera agora, ó pae querido,
A doce voz de Orpheu, que as duras penhas
Arrastava apóz si! N'ella encontrára
Auxilio n'este trance! A só facundia
Que empregar posso é o pranto: elle me valha!
Eu não lanço a teus pés, dos supplicantes
O ramo implorador: lanço-me eu mesma...
Tua filha se lança... A minha vida
Ah não cortes em flor! Á prole humana
É tão jocunda a luz do Clario Nume!
Não me obrigues a ir ver, antes de tempo,
A subterranea lúgubre morada!
Eu a chamar-te pae fui a primeira;
Eu a primeira a quem chamaste filha:
Sobre os joelhos teus ligeiro peso,
Eu, primeira, logrei os teus carinhos,
E afagos infantis te volvi meiga.
Tu me dizias: «Filha, possa eu ver-te
«De opulento varão lograr nos lares,
«Ditosa esposa, prospero destino,
«Condigno ao teu natal!» No teu regaço,
O paterno semblante, carinhosa,
Com o meu apertando, eu te dizia:
«A dita ainda terei de agasalhar-te,
«Querido genitor, no meu alcaçar,
«Quando á quadra senil chegado fores?
«Então ao mimo, aos próvidos desvelos,

«Que á minha tenra idade consagraste,
«Ser-me ha dado mostrar-me agradecida?»
Eu d'estes nossos ditos me recordo;
Esquecestel-os tu: queres matar-me?
Ah! não, ah não! Por Pélops te imploro,
E por teu pae Atreu: por tua esposa,
Minha querida mãe, aqui presente.
De dor té ali por ella não provada
Nascendo lhe fui causa, e causa agora
De atroz dor lhe serei com minha morte...
De Páris e de Helena o enlace infausto
Que tem, senhor, commigo? Ah! não desvies
O teu rosto de mim. Volve-me os olhos...
Um osculo, meu pae... Ah se não posso
Evitar o morrer; se são baldados
Todos meus rogos, dá-me ao menos este
Derradeiro penhor do teu affecto.
Pouco auxilio achar posso em tua infancia [1],
Meu pequenino irmão; mas assim mesmo
N'este lance me acode. Implora, ó caro,
Implora o genitor: vê se o commoves
Com as lagrimas tuas: vê se salvas
Tua irmã desditosa. Em tenros annos
Visto se ha já piedoso sentimento,
Mui terna compaixão. No seu silencio
Em meu prol elle preces te dirige.
Tem piedade, ó pae, d'esta infelice.
Teu rosto augusto, supplices, tocâmos
Dois filhos teus, senhor, ambos queridos,
Elle infante, eu adulta. Uma repulsa
Haveremos de ti? Reflecte (e seja
Este o remate á pratica já longa,
Efficaz praza aos céus!) que entre os humanos
A vida é o bem mais doce; a morte objecto

[1] Voltando-se para Orestes, menino que então apenas tinha tres annos de idade.

De horror universal. Delira insano
Quem deseja morrer. Na desventura
Antes viver, que fulgido renome
Ganhar, á etherea luz cerrando os olhos.

OUTRA FALLA DE IPHIGENIA

JÁ RESIGNADA AO SEU DESTINO

DIRIGINDO-SE A CLYTEMNESTRA

Aos que ora vou soltar solemnes ditos
Ouvidos presta, ó mãe. De nada serve
Teu esposo irritar com vãos queixumes.
Um destino cruel quer minha perda.
Resistir-lhe não ha. Tu, generoso
Em prol de uma infeliz, salvar-me intentas...
Grata, Achilles, te sou; porém reflecte
Que em vão talvez assim co'a grega armada
Te podes malquistar, se te abalanças
Á minha defensão. Hei meditado
Sobre o caso fatal... Agora escuta,
Escuta, ó mãe, meu ultimo designio.
Morrer hei resolvido... Eu me offereço
Victima voluntaria ao golpe extremo.
Se me assusta da morte o negro aspecto,
Dá-me a gloria vigor. N'este momento
Em mim os olhos fita a Grecia inteira!
A saida da frota vingadora,
Do teucro povo o exicio, hoje dependem
De mim. A punição do trédo Páris,
A desaffronta da roubada Helena,
Consequencia hão de ser da minha morte.

Os barbaros, assim escarmentados,
Nunca mais ousarão filhas da Grecia,
Sacrilegos, roubar. Libertadora
Da patria me dirão. Tão grande gloria
Que dita para mim! E porque á vida
Tanto affinco hei de ter! Dêste-m'a, ó cara,
Não tão só para ti. Sobre ella a patria,
Se de mim ha mister, tem jus sagrado.
Innumeros varões, vestindo as armas,
Aos perigos do mar, de Marte ás lides,
Para a Grecia vingar, correm a expor-se,
Vão a morte arrostar com forte peito;
E eu só do sangue meu serei avara?
Fôra isto justo? Que dizer podéra,
Se tal vileza em rosto me lançassem?
Consentir posso emfim que o bravo Achilles,
Affrontando o furor da armada inteira,
Venha a vida a perder por causa minha?
Tem mais alto valor tal existencia
Que a de cem, que a de mil, do sexo imbelle.
E se Diana quer que em seus altares
Immolada lhe eu seja, a uma deidade
Por ventura, eu, mortal, resistir posso?
Debalde o tentaria. Em prol da Grecia
Minha vida consagro. O sacrificio
(Eis-me aqui) celebrae, sem mais tardança.
Os muros derribae da altiva Troia;
Este deixo após mim de minha fama
Perennal monumento: assim a falta
Compenso de hymeneu, de esposo e filhos.
Que os gregos sobre os barbaros imperem,
Não sobre a Grecia os barbaros, o exigem
A ordem, a rasão. São destinados
Á escravidão os barbaros; os gregos,
Dos Numes por decreto, á liberdade.

EURIPIDES. *Iphigenia em Aulide*, acto V.

MONOLOGO DE AJAX

ANTES DE SE DAR A MORTE

Ei-lo já prompto, acicalado ferro...
(É elle, eu não me engano) eis o instrumento
Da minha morte: eis a fatal espada
Que Heitor me deu—Heitor o mais terrivel
Caudilho outr'ora das troianas hostes,
E a quem mais odio eu tinha. Eil-a fixada
N'esta terra inimiga. Eu mesmo o gume
Ha pouco lhe agucei. Arma querida,
Dar-me-has bem cedo a desejada morte!
Nada mais resta. Mas primeiro, ó Jove,
Invocar-te me cumpre. As minhas preces
Te digna de escutar. Não será grande
A mercê que te implore. A Teucro envia
Um mensageiro que lhe leve a nova
D'este caso fatal, quando eu, ferido,
Houver soltado o derradeiro alento:
Não ha de permittir que o meu cadaver
Seja presa dos cães e dos abutres.
Isto te peço, ó Jove; e ao mesmo tempo
Mercurio invoco, subterraneo guia
Das leves sombras: elle os meus sentidos,
Assim que o ferro me varar, engolfe
No mais profundo somno, e sem demora
Ao Orco me conduza. Em minha ajuda
Tambem invoco as lúridas Erinnes,
As sempre virgens, que da humana prole

Todas vêem sempre os males, as desditas.
Venham e vejam que os irmãos Atrides
De tamanho infortunio a mim são causa:
Eu as conjuro que esses monstros punam
Com extremo rigor: se eu busco a morte
Por minha propria mão, elles a encontrem
Por mão de seus mais caros e conjunctos:
Ide velozes, vingadoras furias,
A sanha saciae na armada inteira.
E tu, ó sol, que pelo ethereo campo
Guias teu carro, quando a patria minha
Lá de cima avistares, por momentos
Retém as aureas redeas, e annuncia
A meu longevo pae meu fim funesto,
E a minha mãe, que ouvindo a nova infausta
Ha de encher (infeliz!) banhada em pranto,
De doloridos ais toda a cidade:
Porém que valem languidos queixumes!
É tempo, é tempo, de cumprir-se o fado.
Ó morte; ó morte vem, de mim te apossa.
Que digo? Sem tardar, irei eu mesmo
Em teus dominios habitar comtigo.
Ah! d'este dia, ó luz fulgente e bella,
E dos astros ó rei, celeste auriga,
Est'é a postrema vez que por vós chamo!
Ó luz, ó sacro salamineo solo,
Solo meu patrio, paternaes penates,
Illustre Athenas, cidadãos commigo
Da mesma inclyta gente, adeus, ó fontes,
Rios adeus, adeus ó campos teucros,
Caro pae, cara mãe, estes Ajace
D'aqui vos manda derradeiras vozes:
Dado só me será, d'ora em diante,
Fallar co'os mortos na mansão das trevas!

SOPHOCLES, *Ajax Furioso*, acto IV.

BREVIDADE DA VIDA

Não ha para os homens estavel ventura—
O bem pouco dura—vem prestes o mal.
«Das folhas das plantas semelha ao destino—
«O fado mofino—da raça mortal [1].»
Meonia sentença! Quão poucos humanos
Nos flóridos annos—se lembram de ti!
Sonhando delicias o moço descansa—
Que doce esperança—fagueira lhe ri.
Planeia, embebido na dita que gosa—
Na quadra viçosa—projectos aos mil:
E vem entretanto frustrar-lhe os intentos—
Com passos não lentos—a idade senil.
Em tal não cogita, são, válido e forte—
Não pensa na morte—não teme o porvir.
Ah! miseros, tanto fortuna inconstante—
Que brilha um instante—vos póde illudir!
Mortaes! Que aproveitam fadigas, desvelos!—
Os annos mais bellos—quão cedo se vão!—
Gosae: vem achaques, e a morte, não longe—
Ah! não vos lisonje—funesta ambição.

SIMONIDES.

[1] O poeta allude aqui á sentença que Homero põe na bôca de Glauco no VI canto da Iliada, versos 116-118.

LAMENTOS DE DANAE

Ouvindo a afflicta Danae.
Na arca fluctuante,
Do rijo vento o fremito,
Das ondas o fragor,
Banhado o rosto em lagrimas,
Disse afagando o filho:
« Ah! não ha dor tão vivida,
« Que iguale a minha dor!
« Perseu, Perseu, tão proximo
« Da vida ao fim, repousas,
« Immerso em somno languido,
« No gremio maternal!
« Em prisão ferrea, lobrega,
« Dormes, mimoso infante,
« Aonde de relampagos
« Só brilha a luz feral.
« Envolto em rica purpura,
« Das vagas e dos ventos
« Os riscos são-te incognitos,
« Cuidado te não dão!
« Se os conhecesses, misero,
« Por certo aos meus queixumes,
« A minhas vozes flebiles,
« Prestáras attenção!
« Ah! dorme, dorme, placido!
« Assim descanso houvessem

«Nossa desdita, e o pelago,
«Que brama tão feroz!
«Mas tu, supremo Jupiter,
«Acode á mãe e ao filho!
«É nimio audaz a supplica
«Que solta a minha voz?[1]
«Por ti de Acrysio frustrem-se
«Os planos e o furor...
«E eu inda n'este parvulo
«Encontre um vingador!

SIMONIDES.

[1] N'esta pergunta se contém uma disfarçada mas emphatica e maviosa queixa pois Jupiter, seductor de Danae, havia sido a causa do infortunio d'ella e do innocente filhinho.

VANTAGENS DA PAZ

As mores venturas que fausto destino
Do Olympo nos traz,
São fructo da paz.
A paz, de thesouros nos é dadivosa,
Ao vate, ao cantor
Dá premio e favor.
Na paz, os humanos, ditosos acatam
Antigos costumes:
Nas aras dos Numes
De touros e ovelhas, que immolam devotos,
A chamma reluz,
Com vívida luz.
Dos moços briosos, que aspiram á fama,
A força se adestra
Na nobre palestra:
Depois lhes é grato tanger doces flautas
Beber e vagar,
Com solto folgar.
No escudo se encontram de Arachne os lavores:
Com fios a mil
A teia subtil.
Consome a ferrugem, tornadas inuteis
Por nunca empunhadas,
As lanças e espadas.
Das éneas trombetas, que ás meigas donzellas
Infundem terror,
Não sôa o clangor.

Clarins não perturbam nas horas da noite
Ao pobre colono
O placido somno.
Festins se repetem, e dansam e cantam,
No oiteiro e no val,
Pastora e zagal.

BACCHYLIDES.

ODE A VENUS

Filha de Jove, enganadora Venus,
Tu cujo nume em templos mil se adora,
Com pezares crueis, ah não tormentes
Quem paz implora.

Sê-me propicia, como outr'ora, ó Diva,
Quando ao meu triste brado ouvidos déste,
E, deixando a estellifera paterna
Mansão celeste.

Ao teu carro jungiste as ternas aves:
Ellas, velozes, desde o summo polo
As azas desferindo, te desceram
Ao terreo solo.

Foram-se logo. Tu, sorrindo meiga,
E a mim volvendo o divinal teu rosto:
«Porque me invocas?» perguntaste, «Provas
«Grave desgosto?

«Amas, e temes que esse bem que adoras
«Os teus extremos de prezar não haja?
«Armas laços em vão? Sappho, responde:
«Alguem te ultraja?

«Ha de seguir-te, se te agora foge;
«Se rejeita os teus dons, ha de brindar-te;
«Se, amado, te não ama, ha de bem cedo,
«Malquisto, amar-te.»

Vale-me hoje tambem... De acerbas maguas
Por ti meu coração respire forro:
Cumpre meus votos, e tu mesma acode
Em meu soccorro!

SAPPHO.

OUTRA TRADUCÇÃO DA MESMA ODE

Filha de Jove, que tens altares—
Em cem logares—Diva fallaz,
Ah! poupa maguas a quem te adora—
A quem implora—favor e paz.

Tu já n'outrora piedosa ouviste—
O brado triste—da minha voz:
E da paterna mansão celeste—
A mim vieste—prompta e veloz.

Ao niveo carro jungido tinhas—
Das avesinhas—o meigo par.
Elle voando pelo ar sereno—
Em prado ameno—veiu pousar.

E tu, sorrindo, de mim diante—
Meigo o semblante—fallaste assim:
«Sappho, eu te vejo tão consternada—
«Porque maguada—chamas por mim?

«Paixão te opprime? Gemes, suspiras —
«Dize, a que aspiras — com tanto ardor?
«Alguem, ingrato, se te não rende?
«Ah! quem te offende — com tal rigor?

«Ha de rogar-te, se te ora engeita —
«Teus dons rejeita? — Dons te dará:
«Desquer-te amado? Por ti já 'squiva —
«Em chamma activa — se abrasará.»

Tambem agora, deusa benigna —
A mim te digna — dar protecção:
Auxiliadora n'este conflicto —
Vale ao afflicto — meu coração.

SAPPHO.

MONOLOGO DE MEDÉA

Já sobre a terra densas desparzia
Trevas a noite: o sédulo piloto
Da Ursa e de Orion para as estrellas
Attento olhava. O lasso caminhante,
Das portas da cidade o vigil guarda,
Anhelavam dormir. Se bem que afflicta,
Mãe que os filhos perdêra, suspendendo
Os gemidos, cedia ao brando somno:
Nem latido de cães, nem voz de povo
Na cidade se ouvia: em toda a parte
Reinavam, sem rivaes, silencio e trevas:
Só Medéa do somno os dons não logra;
Cerrar não póde os macerados olhos;
Ama o filho de Esão: cuidosa e triste,
Teme o vigor dos toiros indomados,
Que ao seu caro Jasão talvez dêem morte,
Por destino cruel, no marcio campo
Que lavrar lhe é forçoso. Anceiam crebros
Seu meigo coração ternos abalos.
Qual, ás vezes, do sol luzente raio
Em vaso de agua, a subitas reflexo,
Imagem forma que continuo move-se
Aqui e ali pelo aposento, em giro,
E sem descanso, tremulo, volteia;
Tal da donzella o coração palpita;
Pranto de compaixão lhe inunda as faces,

Fogo interno a devora, e até penetra
Os da cabeça mais sensiveis nervos,
Onde é mais viva a dor, quando os sentidos
Todos domina um prepotente affecto.
Ora quer a Jasão com seus encantos
Victoria dar contra a taurina furia,
Ora não quer; mas sim morrer com elle;
Já nem lhe apraz morrer, nem que triumphe,
Por seu magico auxilio, o varão grego;
Mas resolve soffrer tranquilla e forte,
O rigor do destino, e a magua acerba.
Depois se assenta, e diz irresoluta:
«Desditosa que sou! só vejo em torno
Negras imagens de pavor e luto.
Incerteza cruel! ah não existe
Remedio nem allivio ao meu tormento.
Quanto melhor me fôra, ó casta diva,
Ter antes succumbido ás settas tuas,
Que visse este estrangeiro, que buscassem
Os filhos de Chalciope a terra achiva!
Um deus por certo, ou antes uma furia,
Os aqui conduziu para meu damno.
Mas que digo? Jasão pereça embora
Na prova a que se expõe, se é tal seu fado.
A meus paes occultar eu poderia
O que lhe désse, em lance tão terrivel,
De magico poder favor e auxilio?
Que desculpa allegar de have-lo dado?
Ha meio acaso de o prestar? Furtiva
Ousarei eu fallar-lhe, e a sós com elle
Achar-me? Ah! infeliz, não, não espero
Ter conforto jamais, se elle succumbe.
D'elle a morte me fôra a mór desdita.
Longe pois o pudor, longe o decoro;
Mas quando o meu carinho o houver salvado,
Onde mais lhe aprouver seus passos volva:

Eu assim que a victoria elle consiga
A vida deixarei; ser-me-ha prestavel
Laço estreito, ou lethifero veneno...
Mas de torpe labéu, descendo ao Orco
Maculada será minha memoria...
Toda a cidade ha de fallar maligna
Da morte de Medéa: ella de Cholcos
Á turba feminina assumpto vasto
Aos motejos será. «Matou-se a louca
Por salvar um estranho, a quem votára
Um inconcesso amor; paes e familia
Deshonrou, succumbindo á paixão torpe!»
Que infamia para mim! Ah! desgraçada!
Sem mais detença, n'esta mesma noite
É melhor pôr um termo á minha vida.
Ignota ficará da morte a causa;
Evitarei suspeitas e dicterios,
E de acção que deslustre a minha fama
Culpada não serei...[1]

Apollonio Rhodio, *Argonautica*, canto III.

[1] Compare-se esta bella pintura dos delirios de uma paixão amorosa, com outra pintura similhante no IV canto da Eneida.

HYMNO A ROMA

ou

Á FORÇA E VALOR

Salve, filha do fero Mavorte
Romà augusta, potente rainha,
Que imperterrita encaras a morte,
Que no Olympo tens séde immortal.

Deu-te o fado perpetua victoria,
Mil conquistas, thesouros, imperio,
Quiz e quer que de fulgida gloria
No fastigio não tenhas igual.

Longo tempo no mundo não dura
Da Fortuna fagueiro sorriso;
Só comtigo constante, a Ventura
Te concede perenne favor.

Mas tu logras tal honra e tal dita,
Porque geras, continuo, e renovas
Marcia prole que, fèrvida e invicta,
Te conserva no antigo esplendor.

Tal loureja com cheias espigas
Sempre a mésse na quadra viçosa,
Quando Ceres premeia as fadigas
Do solerte feliz lavrador.

ERINNA, OU MELINNO.

HYMNO ÁS MUSAS

Cantemos em hymnos a luz que sublima
Á esphera dos astros a raça mortal:
As Musas, as filhas do nume supremo,
As nove dotadas de voz divinal.

Ás almas errantes da vida nos pégos
Seus livros infundem virtude e candor:
Seus ritos mitigam á humana linhagem
De innumeros males o acerbo rigor.

São ellas, as Musas, que ás almas ensinam
O rio do olvido sem medo a passar,
E (vôo sublime!) do proprio destino
Ao astro fulgente, já puras, voar.

Ao astro que nescias deixaram outr'ora,
No dia em que ás plagas de terrea mansão
Descer-lhes aprouve, da inerte materia,
De dita fallace, por louca paixão.

Por vós as procellas que agitam meu peito
Se acalmem, ó divas: qual forte licor
Doutrina saudavel, de sabios, de vates,
Me anime e vigore com sacro furor.

Da senda sagrada, brilhante e fecunda,
Os impios não façam meus passos torcer:
Do bando afastae-me profano e vagante,
Que as normas não sabe do recto viver.

Com ella, d'envolta, não erre minha alma,
Farol me fulgure de vivida luz:
Nos livros aprenda por vós inspirados
A doce facundia que gloria produz.

PROCLO.

APPENDICE

DISCURSO PROEMIAL

LIDO

PELO PROFESSOR DE LITTERATURA ANTIGA

DO

CURSO SUPERIOR DE LETRAS

ANTONIO JOSÉ VIALE

NO DIA DA ABERTURA DA SUA AULA

EM 15 DE JANEIRO DE 1861

Senhores:—Ao ter de fallar pela primeira vez em publico, e perante um auditorio tão conspicuo e tão illustrado, não pude resolver-me a confiar das contingencias da memoria a recitação, já não digo de um discurso inaugural e solemne, de que assentámos dever prescindir n'este anno, mas nem ainda a de um singelo preambulo sobre a importancia da litteratura dos dois povos mais illustres da antiguidade, acompanhado de uma exposição da traça que me proponho seguir, para d'esta cadeira, em que, pela benignidade do nosso augustissimo soberano tenho a honra de assentar-me, coadjuvar os esforços de uma escolhida porção da estudiosa mocidade no cultivo de um dos ramos mais amenos dos conhecimentos litterarios. N'este, para mim critico momento de preplexidade e receio, ao lamentar a minha inexperiencia e a minha infacundia, apropriando ao meu caso um hemistichio do vate de Sulmona, por elle empregado em bem differente proposito, exclamarei: «*Felices quibus usus adest!*»

Praza ao céu, que esta forçosa confissão do meu isocratico encolhimento, cem vezes mais justificado que o do auctor do Panegyrico e da Panathenaica, seja recebida com benevolencia, e não obste a que os meus humanissimos alumnos me prestem attenção no decurso d'estes exercicios, a que vamos dar começo; alentando assim, com a sua docilidade e deferencia, o quinquagenario professor, bisonho nas tarefas do magisterio publico, mas encanecido na leitura de algumas das obras primas da sapiencia grega e romana.

Dar uma resumida noticia dos mais distinctos escriptores das duas nações, hellenica e latina; enumerar as mais notaveis entre as suas obras, comparando, quando parecer opportuno, as de uma com as de outra: apontar algumas das bellezas que mais as abrilhantam; procurar infundir

nos animos juvenis, não uma esteril admiração, mas um louvavel desejo de formar ou de reformar o proprio gosto litterario; taes são as principaes obrigações que me são impostas para o desempenho das honrosas funcções do meu novo cargo na republica das letras.

Para que n'ellas me haja de estrear sob favoraveis auspicios, cumpre-me não omittir uma reverente invocação, e um cordeal agradecimento.

Primeiro que tudo invoco portanto as bençãos do Altissimo sobre estes nossos estudos. Poder-me-ia eu envergonhar, christão, perante um auditorio christão, de prestar aqui esta homenagem de absoluta submissão e de filial confiança ao Ser Supremo, que, em mysteriosa revelação ao apostolo exilado em Patmos, a si proprio chamou, usando de uma imagem tirada do alphabeto da mais bella das linguas, *Alpha e Omega*, principio e fim de todas as cousas? Pelo contrario, tendo eu de fallar d'aqui a pouco de Orpheo, de Arato, de Virgilio, ser-me ia desdouro, se agora me não recordasse do fragmento orphico tão celebrado nas antigas escolas philosophicas: «Jupiter é o ser primeiro, Jupiter o ultimo, Jupiter o medio; de Jupiter todas as cousas procedem, Jupiter é rei, Jupiter é o dominador universal»: se (substituindo o nome mythologico de *Jupiter* pelo sacrosanto de *Jehova*, o verdadeiro Deus uno e trino) não vos repetisse com o vate astronomo de Solos: Ex Διος αρχωμεθα, e com o principe dos poetas latinos: «Que primeiro a Mantua trouxe as palmas idumeas: *A Jove principium.... Jovis omnia plena*».

Com effeito aquelle espirito, increado e creador, que inspirou Moysés, o mais antigo dos historiadores, e o mais sabio dos legisladores; que temperou as cordas da harpa do propheta rei; que dictou paginas sublimes a Isaias e a Ezechiel, maviosos threnos a Jeremias; que pela penna de Salomão e de Jesus, filho de Sirach, aditou os filhos da synagoga, e ainda hoje os filhos da igreja, com uma preciosa collecção das mais puras e profundas maximas, moraes e religiosas, tambem, na ordem natural, é fonte de luz, dador do engenho, e em variadissimas proporções, segundo os arcanos da sua providencial economia, distribuidor de todos os dotes do entendimento, em summa, auctor de todo o bem, e eterno archetypo de tudo o que é bello, magestoso e sublime, inspirador e fautor de todas as tentativas uteis, e de todo o verdadeiro progresso.

Todos vós, senhores, que estaes presentes, assim como me havereis acompanhado no sentimento de religiosa piedade, exprimido nas poucas regras que acabo de ler, tambem commigo estaes sem duvida identificados emquanto ao sentimento de gratidão para com o augusto soberano, a cujo zêlo pelos progressos na cultura intellectual da mocidade portugueza se deveu o primitivo designio da creação d'este curso, e por cuja munificencia foram subministrados os meios necessarios para começar a realisar-se tão profícuo pensamento.

É verdade que muitas vezes se prodigalisa immerecido incenso aos grandes, e principalmente aos principes e aos monarchas. Mas deverá por isso condemnar-se, como filha da adulação, toda a publica manifestação de reconhecimento, ao receber-se de alguma de taes personagens um valioso e publico beneficio? O mais que se póde fazer para escapar a qualquer censura, é evitar as hyperboles, e as estudadas amplificações. No presente caso, em vez de quaesquer, aliás merecidos, encomios, devendo elevar até os degraus do throno do senhor D. Pedro V as homenagens da nossa gratidão e do nosso acatamento, contentar-nos-hemos com dirigir a Sua Magestade expressões tiradas da grande epopéa latina:

..... «*Grates persolvere dignas*
Non opis est nostrae,».....

e acrescentaremos, sem receio de sermos desmentidos pela posteridade:

«*Semper honos, Nomenque Tuum, laudesque manebunt.*»

Agora, estudiosos mancebos, releva dizer-vos alguma cousa (de relance, porque a vossa perspicacia supprirá a minha deficiencia) ácerca da vantagem que da frequencia d'este curso vos ha de resultar: por onde, melhor conhecida e ponderada a importancia do beneficio, hajaes de avivar em vós mesmos os ingenitos brios, empregando todos vossos esforços, para d'elle cabalmente vos aproveitardes; o que será sem duvida alguma o melhor modo de patentear o vosso reconhecimento a Sua Magestade o excelso, illustrado e zelosissimo promotor da publica instrucção em todos os graus e ramos em que ella costuma dividir-se, e augusto creador e patrono d'este curso superior, cujas aulas acabam de abrir-se em vosso proveito.

Nem ainda rapidamente encarecerei o subido interesse que achareis no estudo da historia geral, e particularmente da portugueza, nem a importancia e amenidade do estudo da litteratura moderna, especialmente da nacional, que são o objecto do ensino da primeira e da terceira cadeiras do nosso curso. Muito melhor se desempenhará d'esta, como de todas as outras suas tarefas, o sr. Luiz Augusto Rebello da Silva, professor proprietario da primeira das ditas cadeiras, e que, para não se retardar mais a abertura das aulas, com muito louvavel dedicação, se offereceu a substituir por algum tempo o nosso collega actualmente impedido de reger a terceira.

Sómente ácerca da litteratura classica antiga me proponho offerecer-vos, illustres e benevolos alumnos, algumas considerações, tendentes a mostrar-vos a sua utilidade; e para que ellas façam maior impressão no vosso animo, invocarei o testemunho de alguns sabios, cuja auctoridade em tal materia é acatada na Europa inteira. Anhelando anciosamente por

inspirar-vos um entranhavel affecto ao menos aos summos entre os grandes escriptores gregos e latinos, quasi não posso defender-me de um sentimento de inveja, mas inveja não filha de um vituperavel amor proprio, senão do vivo desejo que tenho de vos ser agradavel e proveitoso. N'esta mesma cadeira em que hoje me estaes vendo assentado, vistes hontem, vereis ámanhã, e successivamente, um sabio professor, um escriptor lido com tanto gosto, com tanta rasão applaudido. Ouvistes e ouvireis sair de seus labios um eloquio fluente, abundante, harmonioso. Docemente attrahidos pelo encanto da sua facundia, o ireis seguindo gostosos, ainda quando (o que elle de certo não fará, porque ha de de forrar-vos a quanta fadiga não vos haja de ser absolutamente necessaria), ainda quando, digo, houvesse de embrenhar-se nas mais difficeis investigações, e convidar-vos a penetrar nos escuros labyrinthos da critica para apurar a verdade ácerca de factos duvidosos ou mal avaliados. E commigo o que succederá?

«Il n'est point de serpent, ni de monstre odieux,
Qui, par l'art embelli, ne puisse plaire aux yeux.»

disse judiciosamente Boileau.

Em contraposição a esta sentença do legislador do Parnaso francez, bem poderia dizer-se que o assumpto mais ameno, tratado com desprimor e impericia, ha de produzir enfado e desplicencia. E este é o meu receio. Em tal descoroçoamento só me vigora uma consideração, e vem a ser, que o meu mister n'estes exercicios quasi se limita ao de um guia que se propõe conduzir-vos a contemplar de mais perto monumentos, de alguns dos quaes talvez só tenhaes uma vaga noticia, Bem quizera eu, para suavisar-vos a fadiga da viagem, conduzir-vos por caminhos planos e deleitosos; não me é dado esperal-o; mas fico-vos, que, se não desanimardes, chegados ao termo, dareis por bem empregados o tedio e incommodos da peregrinação.

Sim, bem empregado, mil vezes bem empregado é o trabalho a que temos de sujeitar-nos para travar conhecimento com aquelles genios immortaes, que têem sido o objecto de universal admiração, de concordes elogios, de geral applauso, durante milhares de annos, e a leitura de cujas obras ha sido estudo e delicias dos engenhos mais eminentes em todos os seculos e em todas as nações, apesar da mudança das crenças religiosas, e das instituições politicas, e sem embargo da diversidade dos costumes e usanças dos povos civilisados.

É verdade que, no meio do geral concerto de vozes em louvor dos auctores classicos, e em favor do seu estudo, como parte da publica e particular instrucção, quasi indispensavel para formar o bom gosto, e servir de seguro criterio nas questões de esthetica litteraria; é verdade,

digo, que algum brado se ergueu em contrario sentido, nos fins do seculo XVIII. Não é menos verdade, que ainda no actual se ouvem alguns echos d'esse brado, que eu não duvidarei chamar profano, e quasi sedicioso, no santuario de Minerva, e na republica das letras. Para não ser demasiadamente diffuso, nada direi dos poucos escriptores de alguma nomeada, que no seculo passado se alistaram em uma especie de gaziva contra o culto das musas classicas. Emquanto aos raros detractores d'ellas, contemporaneos nossos, folgo de repetir-vos em seguida as conceituosas expressões de um distincto litterato francez, o sr. A. Bignon:

«Em nossos dias a litteratura antiga foi atacada pelos ultras do *romantismo,* como demasiadamente *classica,* e pelos ultras do *catholicismo,* como demasiadamente *profana.* Se houveramos de lhes dar ouvidos, ella paralysaria a arte, corromperia a moral, mereceria que de toda a parte se lhe bradasse: *Anathema!* Porventura succumbiu ella? Pelo contrario, parece ter medrado. Os antigos auctores gregos e latinos, em resultado da feliz inhabilidade dos novos iconoclastas, viram crescer o numero de seus proselytos. Os criticos de atilado gosto, bem longe de os votarem aos deuses infernaes, continuaram a adoral-os com fervor, mas sem fanatismo. Os classicos gregos e latinos, objecto de um culto racional, carearam a estima de amigos intimos, e acharam interpretes mais concienciosos.» *(Journal des Débats* de 20 de novembro de 1860.)

Ouçamos quasi sobre identico assumpto uma voz, se é possivel, ainda mais auctorisada, o sr. Villemain:

«A melhor resposta aos escrupulos e aos sophismas que se hão suscitado em nossos dias contra a educação classica, e em parte contra o estudo das linguas grega e latina, seria sem duvida o robustecer este estudo e tornal-o tão completo quanto o permitta o emprego dos annos da mocidade. Se quereis que a nação franceza não decáia em ponto algum do alto logar que occupa entre as nações civilisadas; que nunca venha a ter uma religião menos illustrada, uma sociedade menos forte e menos culta, um corpo de magistratura menos elevado, profissões sabias menos acreditadas na Europa, não enfraqueçaes, nem por negligencia, nem por systema, aquella instrucção a que se dava o nome de estudo de letras e de humanidades. Não haveria cousa alguma que fosse capaz de substituir esta primeira cultura; o pretendido *progresso,* que a tem em menos preço, é uma verdadeira *decadencia.*» *(Journal des Savans,* de setembro de 1859.)

Que poderia eu, de propria lavra, acrescentar ao que sobre a importancia dos estudos classicos, disseram os citados a dois sabios francezes, que têem por seus escriptos grangeado uma distincta celebridade no mundo litterario? O douto, elegante, eloquente, professor Villemain, não menos acreditado como estadista e como polidissimo escriptor, exhorta calorosa-

mente aos seus nacionaes á cultura d'estes estudos, fazendo-lhes entrever que a negligencia n'esta parte da instrucção obscureceria algum tanto o brilho de um povo que a todos os respeitos campeia entre os mais policiados e illustres da sociedade moderna. O sr. Villemain, que pertence a uma nação, cuja litteratura, entre as opulentas opulentissima, é hoje a mais universalmente estudada, saboreada, preconisada, agouraria mal da duração de tamanha gloria, se entre os seus compatriotas, que o são de Corneille, de Racine, de Malherbe e Boileau de Bossuet e de Fénélon, de Lamartine e de Cousin, se entibiasse o até agora fervoroso culto consagrado aos semideuses litterarios da Grecia e de Roma, a Homero, a Pindaro, a Demosthenes, a Sophocles, a Platão, a Virgilio, a Horacio, a Cicero, a Sallustio, a Tacito!...

Que diremos nós os portuguezes? *Minor est nobis, sed bene cultus ager*. Proporcionadamente ao nosso territorio e á nossa população, tivemos, e temos, um consideravel numero de escriptores, poetas e prosadores, que se abalisaram e se abalisam em differentes especies de composições. Ora o periodo mais brilhante da nossa litteratura (como melhor se vos fará conhecer em outra, muito melhor regida cadeira d'este curso) foi justamente aquelle em que entre nós se prestou a maior attenção ao estudo das linguas sabias. Lembrarei sómente a escola da côrte do Senhor Rei D. Manuel, onde, como é notorio, recebiam a instrucção classica os mancebos nobres conjunctamente com os principes da real familia; escola de que saíu mais de um elegante escriptor, e signaladamente o immortal auctor das *Decadas da Asia*, cognominado Tito Livio Portuguez. N'aquelles bons tempos antigos até uma princeza, a Infanta D. Maria, roubando algum tempo aos delicados lavores do seu sexo, se deliciava na leitura de escolhidos auctores gregos e latinos, familiarisada com as linguas originaes, sob o magisterio da virtuosa e doutissima Luiza Sigêa.

Ninguem ignora os serviços prestados ao progresso intellectual de nossos maiores pelo sabio Ayres Barbosa, discipulo de Angelo Policiano, e professor, durante quatro lustros, na universidade de Salamanca; por Achiles Estaço; pelos conegos regrantes D. Heliodoro de Paiva e D. Pedro de Figueiró; e por outros varões consummados em erudição, alguns dos quaes, no collegio das artes em Coimbra, substituiram os sabios estrangeiros Gruchio, Buchanan, Patricio Scoto, Arnaldo Fabricio. Todos estes varões sapientissimos eram profundamente versados na classica erudição, e d'ella faziam a base da instrucção que ministravam a seus discipulos. E logo após elles, ou contemporaneamente com elles, enriquecidos pela sua doutrina, assiduos cultores da classica antiguidade, viram-se florescer os Bernardes, os Ferreiras, os Arraes, e um poeta que só vale por muitos ou por todos, Luiz de Camões, cujo estudo da Eneida transluz em todos os cantos dos Lusiadas, e que, em mais de um logar da mesma

epopéa, deixou indeleveis signaes de ter tambem revolvido com grande proveito os dois poemas do vate meonio. Por causas cujo exame não é proprio d'este logar, foi-se insensivelmente resfriando entre nós o ardor com que até então se tinham estudado os bons escriptores gregos e latinos. Qual foi o resultado d'esse esfriamento? A decadencia, contra a qual o sr. Villemain aconselha os seus compatriotas que forcejem por precaver-se, realisou-se entre nós. Verdade é, que alguns engenhos privilegiados sustentaram, e talvez ainda exalçaram mais a antiga gloria litteraria de Portugal. A quem não occorrem n'este momento os nomes de Fr. Luiz de Sousa, de D. Francisco Manuel de Mello, do padre Antonio Vieira, do padre Manuel Bernardes? Mas quem não descobre nos aureos escriptos d'estes grandes mestres de dicção vernacula, e de estylo nobre, elegante, facundo, irrefragaveis provas do muito tracto que tiveram com os classicos da antiga Roma?

Passemos em claro o periodo de notoria e lamentavel decadencia proximamente anterior á reforma da universidade de Coimbra, no ministerio do marquez de Pombal. Quem ignora, que ao novo impulso dado por aquelle illustre estadista aos estudos de humanidades, se deveu em grande parte o successivo apparecimento de algumas obras litterarias de notavel merecimento?

Dos eminentes escriptores de nossos ultimos tempos (um dos quaes nos foi roubado pela morte ha pouco mais de um lustro, e dos outros dilate o céu a vida por longos annos para instrucção nossa, e cada vez maior lustre da patria) não ousarei fallar; seus nomes vos são tão conhecidos, tão conhecidos de todos...não hão mistér de louvores, e muito menos dos meus. Só direi que, se nós muito lhes devemos, tambem todos elles muito deveram e devem á leitura dos antigos classicos.

Aqui tem cabimento occorrer a uma objecção, e desvanecer um escrupulo. Pois o estro poetico, dir-me-ha algum de vós, e o dom da eloquencia,não podem, e até não devem prescindir do estudo das regras, da imitação de modelos? Pelo que respeita á poesia não nos diz Pindaro, que o poeta nasce poeta, e vae, qual aguia, fitar os olhos no sol; que os que pretendem aprender arte tão divinal, não passarão de garrulos, ou antes de corvos grasnadores? *(Olymp.* II). Ha n'esta objecção alguma verdade. Porém os genios, que em poesia e em eloquencia não têem necessidade de cultura, são tão raros, que talvez não se apontem mais de dez ou doze em todas as litteraturas reunidas. Entrará Homero n'este numero. Entrará Pindaro. Demosthenes e Cicero certamente não; pois ambos, á custa de muito estudo, dirigiram pelas veredas da rasão

«O dom maior que a natureza outorga,
«Do humano affecto a despota eloquencia».
(Macedo, *Medit.)*

Dante, com rasão havido por tão original, candidamente confessa que aprimorára o seu estylo tomando por modelo o de Virgilio:

«Tu sé solo colui de cui io tolsi
«Lo bello stile che m'ha fatto onore.»
(Inf., Canto I.)

Shakespeare e Milton não se terão locupletado com oiro e pedras preciosas tiradas das minas da Grecia e do Lacio? Respondam os commentadores dos dois grandes poetas inglezes.

Demais, convem limitar as ambições litterarias, a de originalidade, por exemplo, como toda a sorte de ambições. Aliás expor-nos-hemos a quédas desastrosas. Esta maxima, aliás tão trivial, que nos dissuade de abalançar-nos a commettimentos superiores ás nossas forças, a mythologia hellenica no-la inculcou peregrinamente, contando-nos a tão conhecida fabula de Icaro. Não se toleram poetas mediocres...Mas para ser contado entre os bons, entre os optimos, é indispensavel a prerogativa de uma total originalidade? Virgilio não terá logar entre os optimos? E não estudou elle a Theocrito, a Hesiodo, a Homero, a Apolonio Rhodio? Não leu attentamente Ennio e Lucrecio? Não imitou todos elles? Não ha muitos hemistichios, e até versos inteiros, traduzidos ou copiados de todos aquelles auctores, nas Eglogas, nas Georgicas, na divina Eneida?

O escrupulo, a que alludi, liga-se estreitamente com a indicada objecção, ou antes com ella se confunde. Assim como cada nação (diz-se) tem sua indole e seus costumes e tendencias proprias, tambem cada litteratura deve ter um caracter proprio e nacional, analogo a esses costumes e tendencias. O estudo das duas litteraturas antigas não será um obstaculo ao livre desenvolvimento do engenho? não cerceará, para assim dizer, as azas ao genio: não suffocará a inspiração? O eximio critico francez, por mim acima citado (o sr. Villemain, *Histoire de la littérature du moyen âge)* declara infundado um tal escrupulo, e appella para os factos.

Com effeito, encontram-se na idade media engenhos que por si mesmos se desenvolveram, uns que se concentraram em si mesmos, outros que livremente divagaram pelo vasto campo da natureza, outros, finalmente, que só exprimiram affectos por elles proprios sentidos. Quantos entre os innumeraveis troveiros, e trovadores d'aquella epocha, merecem ainda hoje a nossa attenção? Entre tantos e tantos cujas poesias foram talvez ouvidas com enthusiasmo nos acastellados palacios de barões, condes e principes, amadores da *gaia sciencia,* qual se aponta que possa hombrear, ou ainda mesmo que possa comparar-se com Dante e com Petrarca? O mesmo podemos nós dizer de tantos e tantos trovistas portuguezes, cujos versos andam colligidos nos antigos cancioneiros, comparativamente com Camões. Ora Dante, Petrarca, Camões, como todos

sabem, conheceram os classicos antigos, estudaram as suas obras, e até se ufanaram de os imitar. Os que todos se embebem na leitura dos modernos escriptores estrangeiros, esses, muito mais do que os cultores das letras antigas, correm perigo de merecer a severa exclamação do grande satyrico latino: *O imitatores, servum pecus!* Porquanto a muito maior conformidade entre os costumes e usos das nações modernas, em relação umas ás outras, e a indole das linguas muito mais affins, facilitando a imitação, são uma quasi continua tentação, na qual frequentemente cáem os engenhos mediocres ou preguiçosos.

Não faça portanto impressão em vosso animo tal objecção, nem vos deixeis tomar de similhante escrupulo, ao correrdes em um estadio em que podeis ganhar muito viçosas palmas, estudiosos mancebos, a quem exclusivamente entendo dirigir-me, pondo mira em confirmar-vos no vosso proposito de vos adestrardes e robustecerdes nas nobres, proficuas e gloriosas lides de uma solida instrucção litteraria.

Segue-se agora circumscrever (para assim me explicar) a área que teremos de percorrer n'estes nossos exercicios. Os nossos estudos vão versar sobre a litteratura antiga. Esta designação em si mesma é tão ampla e tão vaga, que não deixará de ser conveniente limital-a e definil-a. Primeiro que tudo, é obvio que não teremos de occupar-nos nem da litteratura sanscrita, nem da persiana, nem da arabe, nem mesmo da hebraico-biblica, que aliás tão fundado e tão sagrado direito têem á nossa admiração e á nossa reverencia, mas que, como em logar mais proprio, deve ser ensinada, de um modo especial, nos seminarios, aos aspirantes ao sacerdocio.

Nem vós (segundo creio), nem eu, temos tempo para estudar, ainda mesmo nas versões inglezas ou francezas, os 18 livros, e 200:000 estancias, do *Mahabharata*[1], nem o *Reconhecimento de Sacontala*[2], nem o *Chdh-Nameh*, ou historia dos reis da Persia, em 120:000 versos[3].

Menos vasto, menos difficil, mas tambem mais agradavel, e certamente mais util, que o estudo d'essas litteraturas orientaes, é o estudo que vamos emprehender[4].

No estylo escolar chama-se particularmente *litteratura antiga* a litteratura *grega e a latina*, ás quaes tambem se applica, por excellencia,

[1] Grande epopéa indiana escripta por Vyasa, quinze ou dezeseis seculos antes de Jesus Christo, traduzida em inglez pela sociedade asiatica de Calcuttá.

[2] Composição dramatica de Kalidasa, vertida do sanscrito por Jones.

[3] Composta por Ferdoucy, dez seculos antes da nossa era, e trasladada em francez por mr. Julio Mohl.

[4] Por nenhuma maneira entendo negar a importancia das litteraturas orientaes, nem fazer pouco apreço dos serviços prestados ás letras pelos sabios francezes, inglezes e allemães, que cultivaram e cultivam taes estudos com tanto proveito e ap-

e denominação de *litteraturas classicas*. Condecoram-se com esta denominação (diz um erudito allemão, o sr. Schoell), porque as principaes obras, que ellas produziram têem o caracter da perfeição, e porque no restante das outras, pelo menos se observam constantes esforços para chegar a esse *desiderandum* do engenho humano. O estudo d'esta litteratura classica (continúa o mesmo auctor) é indispensavel para todo o individuo que quer poder avaliar o bello nas composições em prosa ou em verso: constitue a base de toda a educação litteraria, e sem ella é difficil fazer grandes progressos em qualquer ramo da sciencia.

O pouco tempo que d'esta vez (por circumstancias especiaes) tem de decorrer desde a abertura d'estas aulas até ao fim do anno lectivo, não me permittirá desempenhar completamente o programma da minha cadeira, por mim submettido á regia approvação pelo ministerio do reino, e publicado no Diario de Lisboa de 19 de outubro ultimo.

Uma das alterações, que me será forçoso fazer-lhe, é omittir uma parte das noticias biographicas relativas aos escriptores das duas nações. Essa lacuna porêm ficará supprida pela analyse de um livro de Homero, de alguns da Eneida, de algumas odes de Pindaro e de Horacio, de alguns trechos das orações de Demosthenes e de Cicero, se couber no possivel.

É tempo de concluir. Não acabarei porém este meu discurso, sem exprimir um voto saído do intimo do meu coração. Possa estreitar-se entre nós a tão natural, como proficua alliança entre os cultores das sciencias e os cultores das letras! Enganar-se-ia quem suppozesse que as sciencias só ministram fructos aos seus cultivadores, as letras sómente flores aos que lhes consagram os seus desvelos. Tanto as sciencias como as letras são dadivosas de fructos e de flores aos seus apaixonados; repartem-lhes, em proporção diversa, alimento solido e deleitoso recreio. Nas sciencias hoje vemos felizmente entre nós indisputavel progresso. A inclyta universidade de Coimbra, as escolas superiores de Lisboa e do Porto, estão, como á porfia, ganhando sagrado direito á gratidão publica, e conquistando palmas de immarcescivel gloria. Ouso dize-lo, porque n'isso sou apenas echo da geral opinião, e porque esta confissão nos ha de servir de efficaz incitamento. Iguaes progressos vejamos nas letras classicas! O estudo dos classicos gregos e latinos foi para Portugal,

plauso. Não quero entrar no numero, aliás bem crescido, dos que blasphemam d'aquillo que ignoram. Nem ainda mesmo me applicarei o —*non equidem invideo, miror magis*— do pastor virgiliano. Mas quem póde negar que as obras primas d'essas litteraturas, objecto de um restricto interesse, difficillimas de serem estudadas nas linguas originaes, nunca foram, nem poderão vir a ser materia de ensino escolar, como habilitação para as carreiras liberaes, ainda nos povos mais adiantados na civilisação?

quasi dissera, a aurora da sua civilisação; ella a foi acompanhando e promovendo até ao periodo em que a gloria nacional tocou o seu zenith.

Briosos mancebos, estes estudos, a que nos vamos dedicar, foram um dos mais estimados brasões de vossos maiores, contemporaneos dos varões assignalados que descobriram tantas novas terras, que ganharam tão estrondosas victorias, que conquistaram para a religião e para a patria tantas ilhas, tantas cidades, tantas provincias! Estes estudos decaíram, em parte, entre nós com as vicissitudes dos tempos. («Que em tudo a sorte dos mortaes é esta!») Revivam com mais vigor, reflorescam viçosos, e copiosamente fructifiquem, no reinado de um Principe magnanimo, igualmente prezador e cultor das sciencias e das letras.

ORAÇÃO

QUE

PERANTE SUAS MAGESTADES EL-REI O SENHOR D. LUIZ I E EL-REI O SENHOR D. FERNANDO II

POR OCCASIÃO DE SE INAUGURAR O RETRATO

DE

EL-REI O SENHOR D. PEDRO V

DE SAUDOSA MEMORIA

NA SALA DAS PRELECÇÕES DO CURSO SUPERIOR DE LETRAS

FOI LIDA

PELO PROFESSOR DA 2.ª CADEIRA DO MESMO CURSO

ANTONIO JOSÉ VIALE

Quum de humanioribus litteris, graecis potissimum et latinis, lectissimi juvenes, coram vobis disserendi munus mihi sit demandatum, eoque, pro viribus, proxime superiori anno functus, posthac denuo functurus sim, solemnis hodie mihi obtigit occasio pauca latino sermone dicendi in honorem Illius Optimi Principis, Quem nobis tam immature ereptum lugemus, et Cujus pictam Effigiem in hac bonarum artium ab Eo instituta palaestra, vestri grati animi testimonium, collocandam laudabiliter curavistis.

Sane, jam jamque Summi Viri, Regis omni gloriae genere cumulati facundissimum laudatorem[1] audietis, qui nihil eorum indictum paetermittet quae tam praeclara praesens opportunitas poscere videtur. Me tam magna moliri ingenii mediocritas non sinit. Idcirco latissimum dicendi campum illustri collegae percurrendum permittens, multo angustioribus finibus me continere in animo est. Nimirum, tot Augustissimi Regis et vix imitabilis Juvenis dotibus silentio omissis, Ejus tantum in politiore humanitate acerrimum studium, mihi propono, non dicam celebrare (quae enim laus a me tanto Principi tributa non frigida ac jejuna videretur?), sed recolere, vestraeque admirationi, et, quantum id quidem fieri possit, imi-

[1] O eximio professor da 1.ª cadeira do Curso Superior de Letras, o sr. Luiz Augusto Rebello da Silva que, finda a leitura da oração latina, pronunciou um discurso, no qual, com a sua costumada eloquencia, devidamente apreciada por todo o numeroso, intelligente e luzidissimo auditorio, teceu um admiravel panegyrico ao inclyto soberano, digno objecto d'aquella ao mesmo tempo triste e festiva solemnidade.

tationi, offerre. Hoc autem si assumo, videor id mihi quodam modo jure vindicare, nam de celsissimi Petri Quinti virtutibus christianis, civilibus, regalibus, alios plurimos loqui posse aptius, nedum multo disertius, libentissime fateor. Illius vero indolem egregiam, ac pene divinam, Illius ad omnes disciplinas mentem proclivem, Illius in studiis diligentiam, acumen, et nunquam defessam industriam, mihi, cum paucis aliis Ejusdem studiorum in infantia atque adolescentia moderatoribus, peculiari modo prope et penitius intueri contigit et attente observare.

Quod quidem attinet ad Illius in mathematicis, physicis, militaribus scientiis ingenii solertiam, inque graphide, musica, caeterisque nobilibus artibus atque exercitationibus peritiam et dexteritatem, earum rerum profanus, sileam. De Ejus vero in his studiis progressibus quae (ut ait ille incomparabilis latinae eloquentiae magister atque exemplar) *adolescentiam alant... secundas res ornant, adversis perfugium et solatium praebent*[1], pro re nata, paucissima loquar. His scilicet excolendis tanto animi ardore incubuit, in iisque tam velociter haud minus quam solide profecit, ut pro miraculo Ejus sagacitas et progressus merito haberentur ab omnibus qui quotannis, decembri mense exeunte, solemni intererant, coram Augustissimis Parentibus, institutae de annuo studiorum fructu periclitationi. Cujus equidem rei, reverenter petitâ veniâ, maximae auctoritatis Testem adhibere non dubitabo, Serenissimum Fratrem, nunc Regem nostrum Benignissimum, Cujus, ut etiam Augustissimi Patris Ferdinandi Regis, praesentia hodie laetamur pariter et honoramur, tunc autem in eodem stadio Cursorem, Qui Petrum fratrem, *haud longo proximus intervallo*, sequebatur.

Profecto, quum in facto versemur extra omnem dubitationem posito, praesertim quum exitus conatibus illis plenissime responderit, plura hîc congerere otiosum esset prorsus. Liceat mihi solum hoc in loco, honoris ergo, de duobus viris memorare quorum in tam liberali Principis institutionione dirigenda, auspicibus Augustissima Regina Maria II ac Celsissimo Rege Ferdinando, praecipue fuerunt partes, et quibus tam splendidi successus, ut maximae fuerunt voluptati, ita etiam numquam periturae erunt gloriae. Primo loco et potiore jure, nominandus venit vice-Comes de Carreria, vir genere, moribus, doctrina, nobilissimus, de que republica in regiis amplissimis legationibus optime meritus, amborum Principum Petri nempe ac Ludovici institutor at moderator—tum, Moreria silentio minime praetereundus, qui, vice comite auspice, Eorundem, (ut nunc caeterorum Princípum fratrum) educationi, diuque noctuque sedulo, impigre, peramanter, prospexit.

Cunctis igitur, Regius Adolescens Petrus, vere juventutis Princeps,

[1] Cicero. *Pro Archia poeta.*

patriae spes, ejusque mox florenti aetate Pater jure merito salutandus, bonarum artium praesidiis instructus, et qui vix decimum septimum aetatis annum agens, provectos homines, doctissimos judicatos, plurimos quidem doctrina ferme exaequaret, satis multos superaret, nihil mirum si, perlustratis potentissimis cultissimisque Europae regionibus, apud exteros principes, et apud viros consummatâ scientiâ celeberrimos, famam praestantissimi ingenii et omnigenae ferme eruditionis sit consequutus. Humanae quidem scientiae (res est omnibus nota) ager, ut ita dicam, latissime patet. Eum fere totum, plus minusve, quaquaversus, et *veri* et *boni* et *pulchri* studiosissimus Adolescens, pro virili colere indesinenter sategerat. Ex tam diligenti et impigra cultura, Ei, pulcherrimos flores carpere, et, quod in tam viridi aetate prodigium propemodum videbatur, uberrimos fructus percipere citissime contigit. Nullis tamen aliis disciplinarum generibus magis delectabatur (de mathematicis atque ad rem militarem pertinentibus mihi ἰδιωτῃ loqui religio est) quam litterariis sic proprie dictis, historicis, ac paedagogicis. In cunctis hisce utilissimis sapientiae provinciis versatus, etiam inter curas regni, haud poenitenda scriptitabat commentaria, quae utinam aliquando typis vulgata legamus! Ejusdem vero ad eruditionem promovendam munificentiae praeclara exstant monumenta (ut de pecunia ad exstruendam astronomicam speculam ab Eo elargita nihil dicam) duo, scilicet, Mafrensis et Alcantarensis ab Eo fundatae scholae, in quibus perliberaliter pueri litterarum elementa docentur, et hic litterarius ludus nobilissimus, ubi lectissimae juventutis amoeniori ac sublimiori doctrinâ animi imbuuntur, sive potius, ubi litterarum amatoribus iter monstratur, quo emenso, ad Musarum sacraria, tanquam earum sacerdotes, ac forsitan etiam antistites, aliquando admitti mereant.

Tanti beneficii, nobis vobisque, humanissimi adolescentes, imo patriae nostrae amatissimae, a Magno Rege Petro Quinto collati, injecta mentione, heic mihi fortasse esset subsistendum. Non enim (ut paulo ante declaravi) Eum pollicitus sum laudibus ornare Quem, Evagorâ ac Trajano multo meliorem, oratores facundissimi Isocrates et Plinius, si tam dignum praeconiorum suorum materiam fuissent nacti, dignis laudibus efferre vix potuissent. Meum hoc solum fuit consilium hanc tanti ac tam chari Principis Imaginem ab uno ex vobis, hispano juvene politissimo, Ludovico Bretonio et Vedra, vividis coloribus expressam et, coram Serenissimis Regibus Ludovico ac Ferdinando, hodie patefactam, nonnullis reverentibus (utinam etiam elegantibus licuisset!) verbis, meo vestro que omnium nomine, salutare. Haec igitur qualiacumque hactenus dicta, et nonnulla alia protinus dicenda, ad propositum assequendum sufficient, praesertim additâ collegae eloquentissimi oratione postmodum audienda. Caeterum, dum hac in aula bonarum artium studio operam dabitis, vobis (idem de iis affir-

mandum qui vos in eodem curriculo subsequuturi sunt) nunquam satis laudati, nunquam pro meritis satis laudandi Principis memoria saepissime occurret—Principis, inquam, qui praeceptoribus, discipulis, cunctisque omnino cujuscumque ordinis civibus, ut de Se magnum reliquit desiderium, sic etiam universis ac singulis clarissimarum virtutum exemplum dedit legavitque. Profecto, cum hic professores vestri historica vos imbuent, eaque philosophica, eruditione, quum de viris disserent qui omnium virtutum laude floruerunt, praeclarissimum juvenem et Principem Petrum Quintum in memoriam absque dubio revocabitis. Graecarum latinarumque litterarum monumenta haud minus frequenter Illius recordationem in vobis excitabunt. Quotiescumque in Iliade (III. v. 189) illud optimi principis praeconium legetis, uno versu enuntiatum (quod ab Alexandro Magno libentissime usurpatum fuisse accepimus) Αμφοτερον βασιλευς τ' αγαθος, κρατερος τ' αιχμητης,[1] Petrum Quintum descriptum credetis, cui bellicae virtutis ostendendae occasio tantum defuit, mirae fortitudinis in non minori bellicis periculis discrimine, pestilentiali nempe morbo, monstrandae, duplex occasio non defuit! Spectatissimam et omni aevo illustrem *senis* Nestoris in consiliis prudentiam, certe minus mirabimini, haud minorem in *juvene* Petro sapientiam fuisse recolentes. Quis laudem mente versans a Pindaro Hieroni tributam, in ipso Olympionicae primae odae initio, scilicet, eum *sub justis legibus sceptrum tenuisse, et omnes praestabiles exercuisse virtutes*... illam multo magis lusitano quam syracusano regi convenire non affirmaverit? A lacrymis certe vix temperabitis quum mantuani vatis epos legentibus elogium illud Marcelli juvenis obversabitur, et ad illos dulcissimos versus pervenietis « *Ostendent terris hunc fata, neque ultra—Esse sinent*[2] ». Quis de Petro non congitaverit quum in Camonii epico sublimi carmine tot lusitanorum regum, tot lusitanorum civium egregia facinora leget? Fierine potest ut qui hac in aede philosophicis disciplinis animum intenderit, in Eo, saltem interdum et paulisper, mentem non defigat, qui (ut Petrarchae itali poetae elegantissimi verbis utar) fuit et lingua et pectore philosophia plenus?[3] Procul dubio de morum doctrina qui hoc loco disserentes audiet professores, crebro oculos attollet ad istam Εικονα βασιλικην, pulcram venerandamque Regis Imaginem, non minus virtutis amore, prudentia, castimonia, modestia, insignis, quam ingenii dotibus, ac doctrina coaequalium juvenum nulli omnino secundi.

Faxit Deus Optimus Maximus, Cujus nutu cuncta reguntur, ut haec Imago cujus *tantum egregium decus enitet ore*, ardentiorem quotidie *veri, boni*

[1] Utrumque et bonus rex, et strenuus dux.

[2] Æneid VI, 869.

[3] « Pien di filosofia la lingua e il petto. » *Trionfo di Amore*, cap. I.

pulcri, et docentibus et discentibus inspiret amorem. Certe, id si evenerit, uti sperare fas est et juvat, Desideratissimi Principis hujus academiae Conditoris, votis respondebimus, et Tuo favore ac praesidio digni habebimur, Augustissime Rex Ludovice, Cui Regum Rex Ille Supremus multo longiores annos, multoque feliciores, quam Amatissimo Amabilissimo que Tuo Fratri concessit, largiatur!

EPITAPHIO

DE SUA MAGESTADE FIDELISSIMA O SENHOR D. PEDRO V

D. O. M.

HIC . SITUS . EST . REGALIUM . ET . CHRISTIANARUM . VIRTUTUM
VIX . IMITABILE . EXEMPLAR
PETRUS . QUINTUS
PORTUGALLIÆ . ET . ALGARBIORUM . REX . FIDELISSIMUS
FELICISSIMUM . QUO . EXCELLEBAT . INGENIUM
MIRO . A . TENERIS . EXCOLENS . AMORE
IN . LITTERIS . ET . OMNIGENIS . FERME . SCIENTIIS
MAXIME . IN . NATURALIS . HISTORIÆ . STUDIO
ITA . PROFECIT
UT . EXTERIS . QUOQUE . GENTIBUS . CONFITENTIBUS . AC . MIRANTIBUS
DOCTISSIMORUM . ÆTATE . ÆQUALIUM
PLURIMOS . SUPERARET . NULLI . ESSET . SECUNDUS .
NATUS . XVI . CAL. OCTOBRIS . A. S. MDCCCXXXVII.
IN . MATRIS . SUÆ . REGINÆ . MARIÆ II . LOCUM . SUCCESSIT
XVI . CAL. DECEMBRIS . MDCCCLIII.
IMPERII . HABENAS . SIBI . ANNUM . AGENTI . XVIII.UM
A SERENISSIMO . PATRE . REGE . FERDINANDO II . REGNI . PROCURATORE
XVI . CAL. OCT. MDCCCLV . R. S.
EX . LEGE . REGNI . TRADITAS
SAPIENTER . EST . MOLITUS.
PUBLICÆ . LIBERTATIS . ACERRIMUS . ADSERTOR ,
ÆQUI . SERVANTISSIMUS .
PIUS . CLEMENS . OPTIMARUM ARTIUM . PATRONUS. LIBERALIS . PERCOMIS.
PESTILENTI . MORBO . BIS . OLISIPONE . GRASSANTE
ANNO . POTISSMUM . MDCCCLVII
INCREDIBILI . ANIMI . FORTITUDINE . AC . SEDULITATE
PRO . CIVIUM . SALUTE . ATQUE . ÆGROTORUM . LEVAMENTO
SESE , DEVOVENS
ÆTERNAM . SIBI . MAGNANIMI . PRINCIPIS . PEPERIT . GLORIAM.
STEPHANIAM . REGINAM
SERENISSIMORUM . PRINCIPUM . DE HOHENZOLLERN SIGMARINGEN
FILIAM
QUAM . XV . CAL. JUNII A. S. MDCCCLVIII . IN . MATRIMONIUM DUXERAT
TANTO . ET . TALI . REGE . DIGNISSIMAM . CONJUGEM
INENARRABILI . CORDIS . SUI . DOLORE
INSEQUENTI . ANNO . XVI . CAL. AUGUSTI . MENSIS
AMISIT.
POST TRANSTAGANUM ITER
SEPTEMBRI . MENSE . EXEUNTE . SUSCEPTUM
LETHALI . MORBO . CORREPTUS
TERTIA . DIE . POST . DULCISSIMI . FRATRIS . FERDINANDI . FUNUS
III . IDUS . NOV . A. D. MDCCCLXI
ÆTATIS . SUÆ . XXIV.° REGNI . VIII.°
QUIETEM . MORTEM . OPPETIIT
AB . OMNIBUS . PARITER . REIPUBLICÆ ORDINIBUS
TAMQUAM . PATER . PATRIÆ . DEFLETUS

EPITAPHIO

DE SUA MAGESTADE A SENHORA RAINHA D. ESTEPHANIA

HIC . JACET

QUOD . MORTALE . FUIT

AUGUSTISSIMÆ

STEPHANIÆ . FREDERICÆ . GUILLELMINÆ . ANTONIÆ

PORTUGALLIÆ . ET . ALGARBIORUM . REGINÆ.

CELSISSIMORUM

CAROLI . ET . JOSEPHINÆ

HOHENZOLLERN . SIGMARINGEN . BORUSSIÆ PRINCIPUM

FILIÆ

NATÆ . SIGMARINGEN . IDIBUS . JULII . A. D. MDCCCXXXVII.

AUGUSTISSIMO

PETRO . QUINTO . PORTUGALIÆ . ET . ALGARBIORUM . REGI . FIDELISSIMO

NUPTÆ.

BEROLINI . TERTIO KALENDAS . APRILIS . A. D. MDCCCLVIII

QUÆ . NON . MINUS . EXIMIA . PIETATE . IN . DEUM

QUAM . SINGULARI . AMORE . ERGA . SPONSUM

ET . CHARITATE . ERGA . PAUPERES

PRÆDITA.

OBIIT . DIEM . SUPREMUM

DESIDERIUM . SUI . OMNIBUS . RELINQUENS

OLYSSIPONE XVI. KALENDAS . SEXTILIS . MENSIS . A. D. MDCCCLIX.

EPITAPHIO

DO SERENISSIMO SENHOR INFANTE D. JOÃO

HIC . CLAUDITUR . SERENISSIMUS . INFANS . JOANNES.
REGNI . COMESTABILIS
REI . MILITARIS . MAXIME . EQUESTRIS . STUDIOSISSIMUS
LANCEARIORUM . MILITUM . ACIEI . TRIBUNUS
MORUM . INNOCENTIA
INGENII . SUAVITATE
OMNIBUS . PERCLARUS.
LUSITANÆ . JUVENTUTIS . PRINCEPS
IN . PRIMÆVO . ÆTATIS . FLORE
MORTIFERO . MORBO . JACTATUS
DILECTISSIMORUM . FRATRUM . PETRI . REGIS . ET . FERDINANDI . INFANTIS
POST . PAUCORUM . DIERUM . INTERVALLUM
PERPETUO . IN . COELIS . CONTUBERNIO
UTI . CREDERE . FAS . EST.
REDDITUS
DE . HAC . VITA . MIGRAVIT
ÆTATIS . SUÆ . ANNO XX.° NONDUM . EXPLETO
NATUS . XVII . CAL. APRILIS . A. S. MDCCCXLIII
DEMORTUUS . A. D. MDCCCLXI . V.° CAL. JANUARII.

EPITAPHIO

DO SERENISSIMO SENHOR INFANTE D. FERNANDO

HIC . CONDITUR . CORPUS . SERENISSIMI . INFANTIS . FERDINANDI
MARIÆ II . AUGUSTISSIMÆ . PORTUGALLIÆ . REGINÆ
EJUSQUE . SPONSI . CELSISSIMI . REGIS . FERDINANDI II
FILII
NATUS . EST . DECIMO . CALENDAS . SEXTILIS . MENSIS
A. R. S. MDCCCXLVI
EGREGIA . INDOLE . JAM . A . PRIMA . ÆTATE . CONSPICUUS.
AUREIS . MORIBUS . SUAVISSIMA . COMITATE . ACRI INGENIO
OPTIMUS . ADOLESCENS
MAGNAM . DE . SE . FACIEBAT . EXSPECTATIONEM.
MATHEMATICARUM . DISCIPLINARUM . ELEMENTIS
ET . HUMANIORIBUS . LITTERIS . ALACRITER . ANIMUM . INTENDENS
REGIIS . SUIS . PROPINQUIS . AC . PATRIÆ . HEU ! IMMATURE . PRÆREPTUS
INGENTI . SUI . DESIDERIO . RELICTO
DIEM . OBIIT SUPREMUM . OCTAVO . IDUS . NOVEMBRIS
A. D. MDCCCLXI.
SALVE . PRINCEPS . DULCISSIME.
ÆTERNAM . TIBI . DEUS . REQUIEM . CONCEDAT.
ET . TU . INTER . COELITES . RECEPTUS
NOBIS . PIIS . PRECIBUS . FAVE [1].

[1] A composição dos quatro epitaphios que ficam transcriptos foi encarregada, por ordem superior, ao professor de litteratura do curso superior de letras, a quem tambem foi confiada a da inscripção ao busto do duque de Lafões.

INSCRIPÇÃO

Que, por determinação da academia real das sciencias, foi gravada no pedestal do busto do seu fundador o duque de Lafões, D. João Carlos de Bragança, collocado na sala das sessões da mesma academia

JOANNIS CAROLI A BRAGANTIA
ALAFONENSIS DUCIS
AVIS EDITI REGIBUS
ANNO SALUTIS MDCCXIX NATI
MDCCCVI DEMORTUI
BELLICA VIRTUTE
MILITARIBUS DISCIPLINIS
OMNIBUS ARTIBUS INGENUIS
DOMI ET APUD EXTERAS GENTES
CLARISSIMI
INGENIORUM FAUTORIS MUNIFICI
HANC EFFIGIEM
OLIM A JOACHIMO MACHADO DE CASTRO SCULPTAM
REGNANTE LUDOVICO I
REGE FERDINANDO II PRÆSIDE
REGIA SCIENTIARUM OLYSSIPONENSIS ACADEMIA
TANTI VIRI FUNDATORIS SUI
NON IMMEMOR
HEIC PONENDAM CURAVIT
ANNO MDCCCLXVI

ADDITAMENTOS

AO

MANUAL HELLENICO-LITTERARIO

ADDITAMENTO PRIMEIRO

Já depois de impressa a folha treze d'este livro, na qual, a pag. 208, se faz menção das poucas versões portuguezas que ha de alguns trechos da Iliada, um dos meus collegas na bibliotheca nacional, o sr. Goes, primeiro official da 3.ª repartição, communicou-me ter achado entre os manuscriptos em cujo exame e classificação se está occupando, uma traducção dos oito primeiros cantos do referido poema, em verso solto portuguez. Intelligente e muito instruido, como é, logo declarou não acreditar que a traducção fosse realmente obra do egregio escriptor a quem era attribuida.

Os cadernos em que ella se contém têem o seguinte titulo: *A Iliada do Divino Homero, passada em linguagem portuguez, por D. Hieronymo Osorio, bispo de Silves. Copia antiga e fiel de um ms. que existia no cartorio da mesma cidade. Anno de 1527.*

Basta ler com attenção alguns poucos versos de tal versão, para logo se conhecer que ella não póde ter sido feita pelo douto e eximio escriptor cujo nome se lê na primeira pagina da copia moderna do supposto ms. original antigo, copia, para dize-lo de passagem, cheia de erros grosseiros de transcripção e de orthographia.

Em prova d'este juizo critico do sr. Goes e meu, contentar-me-hei de transcrever os seguintes vinte e seis versos do 1.º canto. Teria preferido apresentar como especimen d'esta versão uma parte do episodio das despedidas de Heitor e Andromacha, como additamento ás differentes traducções do mesmo trecho que se transcrevem a pag. 141 a 145 da presente *Miscellanea*. Porém, infelizmente, no caderno do ms. em que vem o canto VI ha uma grande lacuna, findando a copia com o remate do episodio das aventuras de Bellerophonte.

Cantemos, Musa, com sonora lyra,
Do filho de Peleo a horrivel sanha,
Esta sanha nociva e formidavel
Que aos gregos motivou tantas desgraças,
E que lá de Plutão no escuro alvergue
Dos heroes sepeliu infindas almas,
Seus corpos entregando aos cães em preza,
E ás carniceiras aves de rapina,
Depois do fatal dia que a discordia
Levantou o aspecto tenebroso
Entre o filho de Atreo e o forte Achilles.
D'est'arte se cumpriram os decretos
De Jupiter, senhor do céu rotundo;
Mas qual dos deuses n'este cego abysmo
De cruas dissensões lançar os pôde?
De Jupiter o filho e de Latona,
Contra o rei irritado, é que espalhára
Cruel contagião por todo o campo
Que os innocentes povos contrastava
Por ter Achilles fero injustamente
O sacerdote Chryses maltractado.
Dos gregos aos baixeis Chryses subia,
Afim que sua filha resgatasse,
De infinitas riquezas carregado,
E tendo então nas mãos do grande Apollo
O sceptro de oiro, e os recamados cintos...[1]

[1] V. 1 a 26 da traducção, correspondendo a v. 1 a 15 do original. Ao transcrever estes versos corrigi os muitos e graves erros de orthographia que estão na copia de que são extrahidos.

ADDITAMENTO SEGUNDO

Á pagina 273 acrescente-se o seguinte:

Attribue-se aos dois grammaticos Aristophanes de Byzancio e Aristarcho o seguinte catalogo dos escriptores classicos, intitulado «*Canon alexandrino*».

Epicos

Homero, Hesiodo (este mais propriamente didactico), Pisandro, Panyasis, Antimacho.

Jambographos (satyricos)

Archilocho, Simonides, Hipponax.

Lyricos

Alcman, Alceo, Sappho, Stesichoro, Pindaro, Bacchylides, Ibyco, Anacreonte, Simonides.

Elegiacos

Callino, Mimnermo, Philetas, Callimacho.

Tragicos

Eschylo, Sophocles, Euripides, Ion, Acheo.

Comicos

Da antiga comedia: Epicharmo, Cratino, Aristophanes, Pherecrates, Platão.

Da media: Aristophanes e Alexis.

Da nova: Menandro, Philippides, Diphilo, Philemon, Apollodoro.

Historiadores

Herodoto, Thucydides, Xenophonte, Theopompo, Ephoro, Philisto, Anaximenes, Callisthenes, Clitarcho.

Oradores

Antiphonte, Andocydes, Lysias, Isocrates, Iseo, Lycurgo, Eschines, Demosthenes, Hyperides, Dinarcho.

Philosophos

Platão, Xenophonte, Eschines, Aristoteles, Theophrasto.

Grammaticos e eruditos posteriores a Aristophanes Byzantino e a Aristarcho, acrescentaram ao primitivo canon ou catalogo alexandrino outros poetas e prosadores; mas os comprehendidos no primeiro canon ficaram sempre considerados como os modelos mais seguros, como classicos da primeira ordem.

INDICE

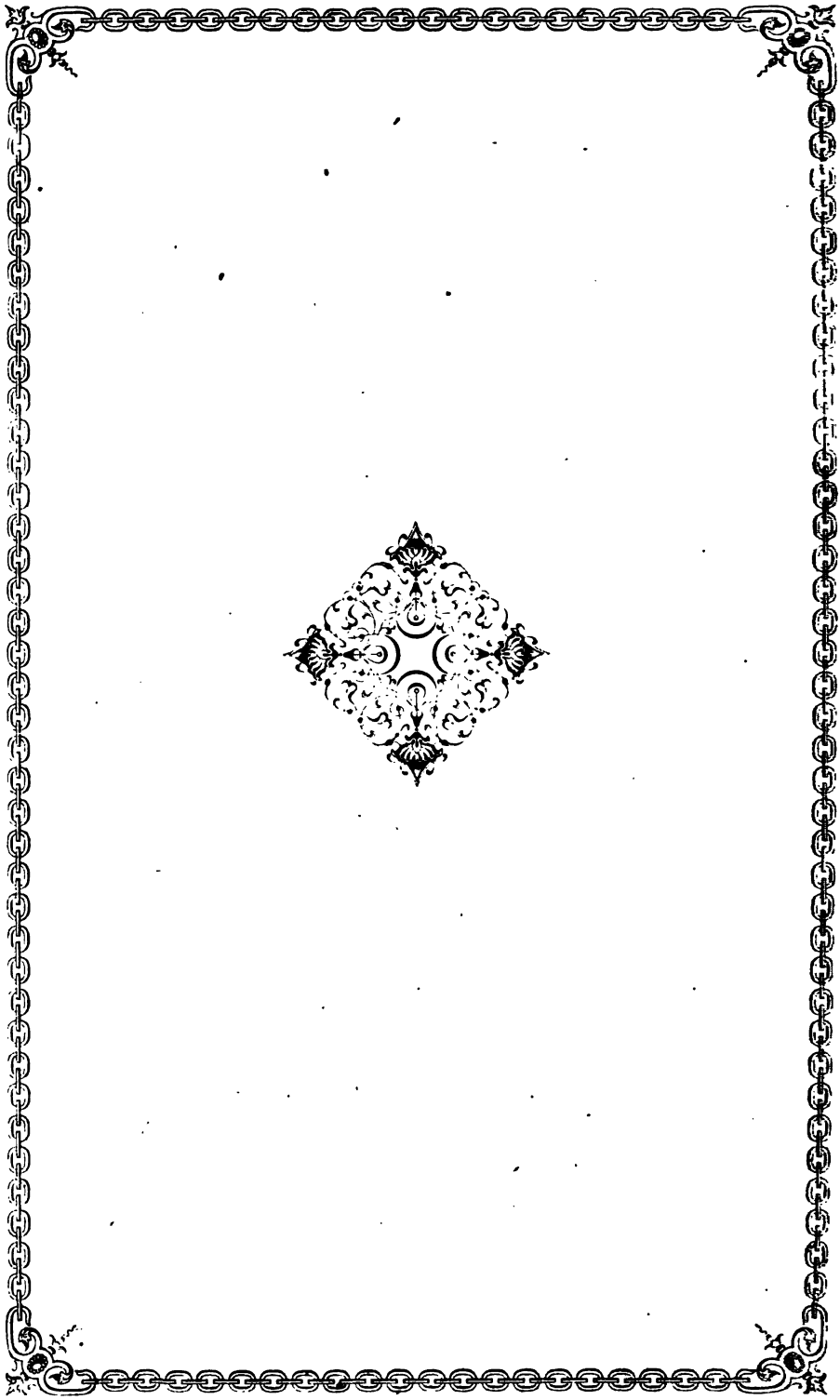
DO QUE SE CONTEM NA MISCELLANEA HELLENICO-LITTERARIA

Pag.

Breve preambulo á versão do canto VI da Iliada, e de alguns cantos do Inferno de Dante 1
Versão do canto VI da Iliada 11
Versão do canto I da Odysséa 37
Versão dos primeiros dois cantos do Inferno de Dante 57
Versão do canto III do Inferno 63
Versão do canto IV do Inferno 69
Versão do canto V do Inferno 75
Versão de um excerpto do canto XXXIII (episodio do conde Ugolino) 81
Breve analyse dos dois poemas homericos e summarios de cada um de seus cantos 87
Notas ao canto VI da Iliada 127
Notas ao canto I da Odysséa 149
Notas aos cinco primeiros cantos do Inferno 160
Notas ao excerpto do canto XXXIII 174
Manual historico da litteratura grega 177
Traducção dos primeiros sessenta e sete versos do primeiro canto da Iliada .. 319
A idade de oiro. Traduzida de Hesiodo 323
A Agesidamo. Traducção da 11.ª ode olympica de Pindaro 325
Falla de Iphigenia a seu pae Agamemnon. Traduzida da tragedia de Euripides «*Iphigenia em Aulide*» 327
Outra falla de Iphigenia. Traduzida da mesma tragedia 329
Monologo de Ajax, antes de se dar á morte. Traduzido da tragedia de Sophocles. «*Ajax Furioso*» 331
Brevidade da vida. Elegia traduzida de Simonides 333
Lamentos de Danae. Traduzidos de Simonides 335
Vantagens da paz. Ode traduzida de Bacchylides 337
Ode a Venus. Traduzida de Sappho 339
Outra traducção da mesma ode 340
Monologo de Médea. Traduzida da Argonautica de Apollinio Rhodio 343
Ode a Roma ou á força e valor marcial. Traduzida de Erinna ou de Melinno 347
Hymno ás Musas. Traduzido de Proclo 349
Discurso proemial lido na abertura da aula de litteratura antiga do curso superior de letras 353
Oração latina na inauguração do retrato de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro V na sala das prelecções do curso superior de letras 365
Epitaphio latino de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro V 371
Epitaphio latino de Sua Magestade a Senhora Rainha D. Estephania 373
Epitaphio latino de Sua Alteza o Senhor Infante D. João 375
Epitaphio latino de Sua Alteza o Senhor Infante D. Fernando 377
Inscripção latina no pedestal do busto do duque de Alafões, D. João Carlos de Bragança 379
Noticia ácerca de uma traducção portugueza inedita dos oito primeiros cantos da Iliada 383
Canon alexandrino dos escriptores classicos gregos 385

ERRATA

Pag.	Lin.	Erros	Emendas
36	24	conselho,	congresso,
45	33	antigas canções,	velhas canções,
157	4	a brandura de costume esta cortezia	a brandura de costumes e a cortezia
162	10	Camillo,	Camilla,
199	20	Montel.	Montbel.
230	16	Cœphoros;	Choephoros;
251	24	Claromena,	Clazomena,
266	32	não é só a qualidade	não é a unica virtude
267	22	aos estudiosos,	aos estudiosos
273	14	progresso	movimento
307	5	Theogenes	Theagenes
357	39	a dois sabios	dois sabios



This book should be returned to the Library on or before the last date stamped below.

A fine of five cents a day is incurred by retaining it beyond the specified time.

Please return promptly.